

SANT'ANNA, P. A. **Um Estudo dos Arquétipos nos Sonhos de Portadores do HIV.** São Paulo, 1996. 270 p. Dissertação (Mestrado)- Instituto Psicologia, Universidade de São Paulo.

RESUMO:

Este estudo discute a AIDS enquanto um fenômeno simbólico para indivíduos a partir da experiência clínica e do referencial teórico da psicologia analítica.

A técnica utilizada foi a análise de registros de sonhos. Durante 22 meses foram registrados 125 sonhos de 9 de pessoas infectadas pelo HIV, e os sintomas relacionados à AIDS. Destes foram selecionadas três séries oníricas totalizando 74 sonhos, segundo os critérios: idade, sexo, orientação sexual, escolaridade, nível sócio-econômico, período de infecção, período de coleta de dados, local de atendimento e número e qualidade dos sonhos registrados.

A análise foi realizada primeiro, a partir das associações e dos dados coletados durante as sessões, procurando verificar as relações entre os sonhos e o momento de vida do indivíduo. A seguir, identificou-se a constelação arquetípica mais presente em cada série, amplificando-a a nível arquetípico e relacionando-a com a situação psicológica do sujeito. Procurou-se também averiguar o movimento de compensação e/ou adaptação do inconsciente à experiência de vida marcada pela AIDS. E por último, analisou-se as três séries em conjunto procurando destacar os pontos relevantes para a compreensão do fenômeno da AIDS como um todo.

A análise dos dados indica que a AIDS, enquanto fenômeno simbólico, pode ser inserida em um movimento de reestruturação amplo da personalidade. A compensação parece dar-se dentro deste processo e não em relação ao evento da AIDS isoladamente. Porém, foram registradas constelações do Self durante os eventos somáticos mais graves, o que pode indicar um esforço compensatório frente a uma situação de ameaça à vida. Os sintomas menos graves foram acompanhados pela emersão de conteúdos da sombra com os quais parecem ter uma relação simbólica.

As várias referências ao mito de Dioniso ao longo das séries pode indicar, que a nível coletivo, a epidemia da AIDS faz parte de um movimento compensatório à cultura judaico-cristã-apolínea, que visa redimensionar a consciência, através da integração dos elementos instintivos da psique.

ABSTRACT

This study focuses on AIDS while a symbolic phenomenon in individuals, based on clinical experience supported by the analytical psychology theory.

The technique used in this work was dream analysis. In a period of 22 months it was registered 125 dreams of 9 people infected with HIV, as well as the symptoms related to AIDS. It was selected three series of dreams totaling 74 dreams according to: age, sex, sex orientation, scholarship, social-economic level, period of infection and data registration, counseling place and amount of registered dreams.

First, the analysis was made, from the associations and therapy sessions' data, in order to verify the relations between dreams and the individual situation. Next it was identified the archetypal constellation present in each series. This archetypal constellation was amplified at archetypal level and related to the psychological situation of the individual. It was also verified the compensation and the adaptation movement in relation to AIDS. Finally, the three series were analyzed all together and the significant aspects to the comprehension of AIDS phenomena were discussed.

The data analysis suggests that AIDS, while a symbolic phenomenon, can be understood as part of a great movement of personality change. The compensation movement seems to take place in this process and not in relation to AIDS. However, Self constellations were registered during the most serious somatic events, what can denote a compensation in face of a threatening life situation. Less serious somatic events were followed by the emergence of shadow contents, with which they seem to have a symbolic relation.

Many references to Dioniso myth can indicate at a collective level, a compensatory movement against the Judaic-Christian-Apolinean culture that aims the consciousness transformation by integrating the instinctive elements of the psyche.

I - INTRODUÇÃO:

É no ano de 1981, no centro de controle de doenças de Atlanta, Estados Unidos, que a comunidade científica é surpreendida com o relato de uma nova doença. Esta ocasiona no organismo uma reação no funcionamento do sistema imunológico, tornando-o indefeso ao ataque de bacilos, vírus, protozoários e bactérias que causam infecções ditas oportunistas.

Os primeiros casos da doença surgem no segundo semestre de 1979. Nesta época, a comunidade científica destaca o fato de que além de serem do sexo masculino, os portadores também eram homossexuais. Considera-se então, que esta doença restringia-se a este grupo.

A AIDS recebe diferentes denominações, primeiramente é chamada de "Sarcoma de Karposi e infecções oportunistas de homossexuais"; em seguida "Síndrome Gay" e posteriormente de "Imuno-deficiência relativa a homossexualidade". A identificação de outras populações sob risco: usuários de drogas injetáveis, hemofílicos e haitianos traz nova alteração na denominação da doença que passa a chamar-se "Acquired Immuno-Deficiency Syndrome", AIDS.

Nestes últimos quinze anos a AIDS tem colocado questões que parecem ter levado o homem a repensar e a reestruturar todo o seu campo de conhecimento, desde a religião até a ciência. Profundas transformações de valores, hábitos e conceitos estão sendo demandadas e cabe à ciência procurar entender este processo para que possa propor soluções, criticar e reavaliar posturas no intuito de instrumentalizar-se no combate e prevenção à esta doença. Muito já foi feito em termos de identificação e descrição da AIDS, porém surgem a cada dia, mais e mais questões que ainda não encontram respostas.

Como a princípio a AIDS é relacionada a determinados grupos: homossexuais, hemofílicos, usuários de drogas e haitianos, estes são alvo de grande parte da pesquisa inicial dando origem ao conceito de "grupos de risco". Porém, estudos epidemiológicos realizados para uma melhor compreensão da epidemia e das pessoas por ela acometidas indicam a invalidade deste conceito e uma mudança no perfil da doença. O conceito de "grupo de risco " cede lugar aos conceitos de fatores, situações e comportamentos de risco. A AIDS passa a ser uma ameaça a todo ser humano indicando que toda conotação sectarista, moralista e preconceituosa atribuída a ela, deve ser abandonada.

A descrição da doença vem sofrendo constantes modificações. No início a AIDS é considerada uma doença aguda, que uma vez manifesta leva o indivíduo à morte. O período de incubação é tido como no máximo de três a quatro anos, após o qual a síndrome propriamente dita se manifesta. Hoje a medicina já trabalha com a possibilidade da AIDS vir a ser uma doença crônica (que demanda cuidado contínuo e prolongado), pois os novos tratamentos prolongam cada vez mais o período de sobrevivência do portador. Também, já não é mais tido como certo que todo indivíduo infectado pelo HIV irá desenvolver a doença e que todos que venham a desenvolver a doença evoluirão para o óbito.

Inicialmente a sintomatologia da infecção pelo HIV é descrita em quatro fases¹: 1) Infecção aguda: período de aproximadamente duas a seis semanas após a contaminação onde podem aparecer sintomas como gânglios no pescoço e axilas, febre diária, perda de peso, dores musculares e nas articulações, dores de garganta e manchas vermelhas na pele; 2) Linfadenopatia ou Síndrome Linfadenopática: esta fase caracteriza-se pelo aumento dos gânglios do pescoço, axilas, fossas supraclaviculares, inguinais e internas, que indicam o aumento da produção de glóbulos brancos responsáveis pela produção de anticorpos; 3) ARC: (complexo relacionado a AIDS) momento de maior debilidade do

¹ No segundo capítulo encontra-se uma descrição mais atualizada da evolução dos sintomas

organismo onde o indivíduo apresenta emagrecimento com perda de mais ou menos 10% do peso corporal, diarreia prolongada por mais de um mês, febre persistente por mais de trinta dias, tosse seca e sem motivo aparente, sudorese noturna e fadiga permanente; 4) AIDS: caracteriza-se pelo enfraquecimento acentuado das defesas orgânicas e o aparecimento de doenças oportunistas que podem ser neurológicas (meningites e encefalites), cânceres (Sarcoma de Karposi) e infecções (candidíase, pneumonia por *Pneumocystis carinii*, tuberculose, toxoplasmose, herpes). Estas fases não ocorrem necessariamente nesta seqüência ou de forma irreversível. Certos indivíduos permanecem nas duas primeiras e não evoluem para as duas últimas. Outros saem da primeira diretamente para a última. E outros retrocedem da última para a terceira ou segunda fase. Portanto, os limites entre o sujeito sintomático e assintomático são muito incertos quando se trata de AIDS.

Fatores psicológicos ligados ao desenvolvimento ou não da doença, tem sido relatados: "As repercussões psíquicas e sociais de contaminação processam-se muito mais profundamente no inconsciente humano do que podemos observar no seu comportamento e discurso... e a ação devastadora das forças destruidoras internas, constituídas através de internalizações inconscientes e então liberadas no momento de infecção, desencadearão seu processo de morte" (VASCONCELOS, 1991, p.6-7).

A psicologia tem, portanto, o desafio de entender estes processos inconscientes e suas relações com a AIDS, tanto do ponto de vista psicossocial como do psicodinâmico. Enquanto a psicologia social caminhou muito no sentido de compreender, analisar e discutir a AIDS como fenômeno nas relações sociais, habilitando-se a propor condutas que visem amenizar as distorções decorrentes desta pandemia, a psicologia clínica pouco tem produzido, a nível de pesquisa, no sentido de uma melhor compreensão do indivíduo portador do HIV. Apesar de verificar-se na prática clínica trabalhos implantados e uma discussão acumulada sobre o

atendimento ao soropositivo os dados não vêm sendo tratados de maneira sistematizada.

É expressivo o número de pesquisas desenvolvidas tentando averiguar o que pessoas não portadoras pensam sobre a AIDS e sobre os portadores do HIV; o que a AIDS significa em termos sociais, políticos, econômicos e culturais; quais as relações de certos grupos sociais com a AIDS, quais as situações de risco e suas implicações em termos de educação e prevenção. Porém, é muito raro que se leia algo onde o próprio portador do HIV fale sobre a AIDS, de como ele reage à doença, quais os significados que atribui a ela, que tipos de fantasias e metáforas estão presentes nas suas representações da doença, como se processa a elaboração psíquica da transição de um estado de saúde para um estado de enfermidade, potencial ou manifesto, e a possibilidade de morte; em que extensão o equilíbrio psicológico pode ou não contribuir para um retardamento do desenvolvimento da síndrome propriamente dita, etc.

Um levantamento através da Base de Dados PSYCLIT da APA (American Psychology Association) para o período de 1982 a 1995, pode fornecer uma amostra de como a pesquisa sobre a AIDS tem sido desenvolvida no campo da psicologia. De seiscentos e trinta e oito artigos publicados:

-180 (28,21%) tratam de questões referentes ao comportamento sexual, educação sexual e da promoção da mudança de comportamento;

-147 (23,04%) tratam de questões referentes aos comportamentos e situações de risco, ao uso de drogas e álcool e formas de transmissão;

-141 (22,10%) tratam dos aspectos psicossociais da AIDS;

-87 (13,64%) tratam de questões referentes à prevenção, educação em saúde e produção de informação em DST/AIDS;

-33 (5,17%) tratam dos aspectos éticos da atuação do psicólogo na área da AIDS, sua formação, treinamento e pesquisa;

-16 (2,51%) tratam de questões referentes à psiquiatria, a neurologia e a neuropsiquiatria;

-15 (2,35%) tratam das questões referentes à psicoimunologia e à psiconeuroimunologia;

-9 (1,41%) tratam de questões referentes à psicodinâmica dos portadores do HIV;

-6 (0,94%) relatam estudo de coortes;

-3 (0,47%) tratam de propostas terapêuticas na área da terapia comportamental e da terapia cognitiva;

-1 (0,16%) trata sobre aspectos parapsicológicos.

Para melhor compreensão da AIDS e enriquecimento da prática clínica é preciso que nos lancemos à busca de conhecimento a partir do próprio indivíduo portador do HIV. Tem-se relatado com bastante freqüência as fases de elaboração consciente pelas quais passam as pessoas que se descobrem próximas da morte: primeiro há uma dificuldade de aceitação: "negação e isolamento", seguida pela revolta ("raiva"). A pessoa tem raiva de si e do mundo. Em seguida, ocorre um período de "barganha" onde ela crê que se fizer "isto ou aquilo" poderá escapar da morte. Segue-se a "depressão" e a impotência e, por último, acontece uma "aceitação", com a elaboração da morte podendo resultar até em uma vivência cósmico-religiosa. (KÜBLER-ROSS, 1969).

SONTAG (1989) discute em seu livro "AIDS e suas metáforas" o papel determinante que as metáforas evocadas a partir de uma doença podem assumir para aquele que a possui. A medicina moderna, ao descrever as doenças e seus tratamentos emprega termos como: "invasão das células", "combate" ou "luta" contra a epidemia, "destruição das defesas", etc, construindo assim metáforas militares. Estas predominam no discurso médico resultando numa imagem de doença particularmente temida, como um "outro alienígena", como um inimigo invasor. Esta transformação da doença em inimigo desencadeia a atribuição de culpa ao paciente, muito embora ele seja encarado como vítima. "A idéia de vítima sugere inocência. E inocência pela lógica inexorável que rege todos os termos relacionais sugere culpa" (SONTAG, 1989, p.16). Portanto, esta metáfora

contribui para a estigmatização de certas doenças e por extensão daqueles que estão doentes, influenciando tanto no tratamento quanto na relação do doente com sua doença.

Por ser uma doença desconhecida e extremamente resistente aos tratamentos e aos recursos da medicina atual, a AIDS constitui um campo fértil para a metaforização. A metáfora da "peste", percebida como castigo divino relacionado a certos comportamentos que fogem à norma, principalmente aqueles relacionados à sexualidade, contribui ainda mais para a culpabilização do portador do HIV.

A concepção de uma doença em fases conduz a outra metáfora, a metáfora botânica ou zoológica: o que é imaturo fatalmente se torna maturo, o que brota fatalmente desabrocha, quem tem HIV fatalmente evolui para AIDS e portanto para a morte.

A questão da AIDS colocada na perspectiva da medicina e da psicologia do consciente será sempre enfocada com relação à morte: a morte social, a morte física, a morte psíquica, etc. Mas se deslocarmos o enfoque para o inconsciente, certamente teremos que redimensionar a nossa compreensão sobre a AIDS.

VON FRANZ, em seu livro "On Dreams and Death" (1986) faz uma análise através do conteúdo de sonhos de pacientes terminais ou perto da morte e constata que a percepção do inconsciente com relação à morte é distinta daquela presente na psique consciente: "O inconsciente presta muito pouca atenção ao abrupto fim da vida do corpo e se comporta como se a vida psíquica do indivíduo, isto é, o processo de individuação, fosse simplesmente continuar" (p.VIII-IX). Se diante da morte, que para o ego significa pelo menos o fim da vida consciente, o inconsciente revela continuidade, o que este teria a revelar com relação a AIDS?

LEPARGNEUR (1987) sugere, que assim como a tuberculose está relacionada com a falta de energia e a alta sensibilidade, e o câncer à energia contida e aos sentimentos anestesiados, a AIDS estaria relacionada à energia desviada, (no sentido de uma sexualidade

descontrolada) e às relações e trocas íntimas entre as pessoas (referindo-se às formas de contágio). Sendo assim, não seria a AIDS uma doença que busca redimensionar a vida psíquica dos homens? Que está aí não para revelar a morte, mas sim uma vida psíquica que engloba também a interioridade, a profundidade dos sentimentos e das relações, e a intimidade de cada indivíduo?

As relações tanto internas como externas ao indivíduo são entendidas pela psicodinâmica como elementos de um processo psicodinâmico ("caráter processual", HEISS, 1949) onde impera uma tendência estruturadora ativa, que "se deve conceber como motivadora e auto-reguladora na evolução e mudança permanente" (ALLPORT apud WATER, 1978, p.218). A vida psíquica é posta e mantida em movimento, segundo a direção e a intensidade, por forças, impulsos e motivos.

Assim como Freud, Reich, Adler, Lacan, Klein e outros, Jung estrutura sua teoria em bases psicodinâmicas. Para ele a psique é um sistema de energia relativamente fechado que tende ao equilíbrio e é nesta constante tentativa de atingir o equilíbrio que se articulará toda sua dinâmica. As tensões entre inconsciente e consciente, entre masculino e feminino, entre o eu e o outro, entre matéria e espírito, etc, se processarão através da compensação e da oposição complementar presentes na atividade auto-reguladora da psique.

À tendência da personalidade no sentido de atingir uma unidade estável, Jung denomina **processo de individuação**. Este engloba todo o processo de evolução da personalidade individual, desde a completa identificação e indiferenciação com a totalidade (Self) na primeira infância, até a emersão de uma personalidade individualizada e diferenciada do todo, porém a este relacionada. A individuação é regida por princípios dinâmicos estruturais inatos à psique humana aos quais Jung denominou arquétipos. É portanto, em torno do processo de individuação e suas representações arquetípicas que tem sido desenvolvida a pesquisa no âmbito da psicologia junguiana. A questão básica é saber qual o significado de

determinadas experiências dentro deste processo. O que ela pode indicar, a que ponto ela pode conduzir, em qual estágio o indivíduo se encontra, etc.

Os estudos psicodinâmicos da personalidade tem adotado como método, possível e válido, para as pesquisas referentes aos processos inconscientes, a análise dos conteúdos e da dinâmica de sonhos isolados ou em séries oníricas. Este é inaugurado por FREUD (1900) em seu livro "Interpretação dos Sonhos", abrindo tanto para a psicologia como para a ciência um vasto campo de reflexão. Muitos desenvolvimentos seguiram a teoria dos sonhos de Freud, entre eles, a teoria da psicologia analítica (Jung), que atribui ao estudo dos processos oníricos papel central para a pesquisa em psicologia. Em oposição a Freud que em essência considera o sonho como "uma tentativa de realização de desejos", Jung, vê os sonhos como uma "auto-representação, em forma espontânea e simbólica, da situação atual do inconsciente" (JUNG, 1986A, p.201, §505).

Quanto à relevância dos sonhos no estudo das doenças físicas, Jung diz: "Não é raro que os sonhos revelem uma combinação simbólica íntima e singular entre uma enfermidade física inegável e um dado problema psíquico, de forma que a perturbação física parece como que a expressão mímica de uma situação psíquica. Parece-me, contudo, que existe, entre as perturbações físicas e psíquicas, uma correlação cujo significado, em geral, se deprecia, embora por outro lado, seja desmesuradamente exagerado por uma outra corrente de pensamento que quer ver no distúrbio físico tão-somente a expressão de uma perturbação psíquica... Os sonhos trazem informações ocasionais de grande interesse para a questão da cooperação funcional entre corpo e alma..." (JUNG, 1986A, p.199, §502)

Muitos estudos tem sido desenvolvidos usando a análise do conteúdo de sonhos como meio de investigação dos processos psíquicos relacionados a determinadas doenças físicas, dos quais pode-se citar como exemplo: POTAMINOU (1990) que trabalhou com os sonhos de um paciente diabético, LOCKHART (1989) com sonhos de pacientes

cancerosos, SPIGNESI (1985) com sonhos de pacientes anuréticos, BAUER (1982) com os de alcoólicos e mais recentemente, BOSNAK(1993) apresenta um brilhante estudo de caso a partir dos sonhos de um paciente com AIDS. Também trabalhou-se com sonhos relacionados a determinados momentos da vida marcados por fenômenos físicos, como por exemplo: TSU (1980) e GALLBACH (1990) no Brasil, que trabalharam com os sonhos de gestantes, e MANKOWITZ (1986) de mulheres durante a menopausa. FRANZ (1984) e PRINCE; HOFFMANN (1991) que trabalharam com sonhos de pacientes terminais e de pessoas próximas à morte. MEIER (1986) e MINDEL (1989, 1990) que abordaram as imagens dos sonhos em relação às sensações físicas e psicossomáticas.

Os estudos na abordagem junguiana adotam uma análise qualitativa dos conteúdos dos sonhos, procurando destacar os elementos arquetípicos e amplificá-los a partir de uma análise comparada dos mesmos padrões sequenciais presentes nos sonhos e nos mitos, contos e todo material simbólico de caráter universal (HILLMAN, 1981). A importância dada aos arquétipos deve-se à sua manifestação ocorrer com maior intensidade durante as fases críticas da vida (primeira infância, puberdade, metanóia e perto da morte) como uma compensação do inconsciente coletivo a uma adaptação precária da consciência. Sonhos arquetípicos ocorrem em momentos em que uma nova orientação e uma readaptação são necessárias: o arquétipo constelado é sempre a imagem primordial da necessidade do momento (JUNG, 1986A).

Este trabalho propõe-se a averiguar nos sonhos de portadores do HIV:

1) Se existem relações simbólicas entre as imagens oníricas e seus significados, com os eventos somáticos da infecção pelo HIV/AIDS.

2) Se os arquétipos constelados no inconsciente e os seus significados constituem:

-expressão simbólica de um possível conflito psíquico subjacente à experiência de vida marcada pela infecção pelo HIV/AIDS,

-um esforço adaptativo do inconsciente ao HIV/AIDS numa tentativa de reorganização da personalidade diante da doença.

3) Se há relação entre a capacidade do indivíduo de integrar os conteúdos emergentes nos temas oníricos e o desenvolvimento ou não de sintomas físicos do HIV/AIDS.

E por último averiguar em que medida as constelações arquetípicas podem estar implícitas na construção de significados coletivos e individuais para a AIDS e refletir sobre a natureza da AIDS segundo a perspectiva das imagens oníricas do portador do HIV.

Os capítulos do texto estão estruturados da seguinte forma: Dando seqüência a este capítulo (I) que procura introduzir o tema e levantar as questões a serem estudadas, o capítulo II, é uma revisão dos principais conceitos da psicologia analítica utilizados na definição da metodologia e na análise dos dados. O capítulo III, oferece dados sobre os aspectos clínicos da AIDS que serão referidos durante a análise dos casos, e uma discussão dos possíveis significados simbólicos da epidemia do HIV/AIDS, sob a ótica da psicologia analítica. O capítulo IV trata da metodologia, iniciando por uma discussão sobre a pesquisa no contexto clínico, seguida por uma descrição do processo de viabilização do projeto e da delimitação dos sujeitos e do instrumento. O capítulo V, traz uma discussão sobre a interpretação de sonhos dentro da perspectiva da psicologia analítica e define o modelo de análise dos dados utilizado neste estudo. O capítulo VI é constituído da análise das três séries oníricas selecionadas, em três etapas: a) descrição do sujeito, b) relato dos sonhos e amplificação a nível pessoal e, c) amplificação arquetípica. O último capítulo, traz uma reflexão baseada na análise dos dados e nas questões discutidas ao longo do texto, sobre os aspectos simbólicos da AIDS, procurando averiguar a validade das hipóteses iniciais.

II-REVISÃO DOS PRINCIPAIS CONCEITOS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA:

Para a realização da revisão dos principais conceitos da psicologia analítica (complexo, arquétipo, inconsciente coletivo e símbolo), tomo como base o livro "Complexo, Arquétipo e Símbolo na Psicologia de C.G.Jung" de Jolande Jacobi, pois este é considerado pelo próprio Jung, a mais completa revisão teórica de seus conceitos ao longo de sua obra.

É a constatação empírica de que no inconsciente existem núcleos de idéias agrupados por cargas emocionais (complexos), que leva Freud e Jung a se encontrarem em 1906 (STRACHEY, J. apud FREUD, 1906). O eixo do interesse mútuo é o conceito de complexo com o qual os dois vinham trabalhando. Porém, é devido a divergências sobre este mesmo conceito, que em 1913 interrompe-se um período de grande cooperação levando Jung a desenvolver sua própria teoria.

Através do processo associativo Jung chega à conclusão que não são os sonhos a "via régia para o inconsciente", como afirmou Freud, mas sim os complexos. Portanto, pode-se dizer que o conceito de complexo é o berço da psicologia analítica, pois é a partir dele que os principais conceitos junguianos relativos ao inconsciente são derivados.

Nos experimentos associativos de Jung é possível detectar sinais, que além de indicarem a existência de uma esfera psíquica inconsciente, podem também, esclarecer pontos que são sentidos como ocultos e determinar a sua carga emocional. Os complexos que se apresentam como "pertubações", estão situados fora da vontade objetiva do consciente e só manifestam-se na esfera consciente quando há um enfraquecimento da atenção ("abaissement du niveau mental"-JANET).

FREUD (1906), no artigo "A Psicanálise e a Determinação dos Fatos nos Processos Jurídicos" ao comentar os experimentos de Jung, trata do conceito de complexo dentro do contexto psicanalítico: "O campo que tenho em

mente é, na verdade, muito diverso deste dos senhores. Refiro-me à terapia empregada em certas 'doenças nervosas' - conhecidas como psiconeuroses - das quais são exemplo a histeria e as idéias obsessivas. O método denomina-se 'psicanálise', foi por mim desenvolvido a partir do método 'cartártico' de terapia, empregado pela primeira vez por Josef Breuer em Viena. Diante do espanto dos senhores, devo estabelecer primeiramente uma analogia entre o criminoso e o histérico. Em ambos defrontamos com um segredo, alguma coisa oculta. Para não incorrer num paradoxo, devo em seguida apontar a diferença. O criminoso conhece e oculta esse segredo, enquanto que o histérico não conhece esse segredo, que está oculto para ele mesmo. Como é possível tal coisa? Ora, através de laboriosas pesquisas, sabemos que todas essas enfermidades resultam do êxito obtido pelo paciente na repressão de certas idéias e lembranças fortemente catexizadas com afeto, assim como dos desejos que delas se originam, de tal modo que não representam qualquer papel em seu pensamento, isto é, não penetram em sua consciência permanecendo assim desconhecidos para ele. É desse material psíquico reprimido (desses 'complexos') que derivam os sintomas somáticos e psíquicos que atormentam o paciente, da mesma forma que uma consciência culpada." (FREUD, 1906, p. 109-110).

Portanto, para FREUD, os complexos enquanto conteúdos reprimidos, estão na origem das doenças psíquicas o que irá determinar sua importância para a compreensão e tratamento das patologias. "O propósito da psicanálise é absolutamente uniforme em todos os casos: é preciso trazer à tona os complexos reprimidos por causa de sentimentos de desprazer e que produzem sinais de resistência ante as tentativas de levá-los à consciência." (FREUD, 1906, p.113-114)

Para JUNG os complexos não têm necessariamente um caráter negativo ou patológico, pois querem: "dizer apenas que existe algo incompatível, não assimilado, conflitante ou talvez algum impedimento, mas também um estímulo para esforços maiores e, dessa forma, talvez até uma nova oportunidade para o sucesso" (JUNG apud JACOBI, 1986,

p.29). Esboça-se aqui um sentido prospectivo que irá caracterizar o complexo como um componente da psique, que além de refletir conflitos passados, se projeta para o futuro em busca do desenvolvimento psíquico.

Apesar de inicialmente concordar com Freud quanto à origem dos complexos, Jung, afirma mais tarde, que dependendo da sua natureza e da disposição do "eu", determinados complexos são criados exclusivamente dentro de uma situação atual. As diferenças entre Freud e Jung acentuam-se quando este afirma: "Certos complexos só estão separados da consciência, porque esta preferiu destacar-se deles mediante a repressão. Mas outros complexos que nunca estiveram na consciência e, por isso, nunca foram reprimidos voluntariamente, brotam do inconsciente e invadem a consciência com suas convicções e seus impulsos estranhos e imutáveis" (JUNG, 1980, p.9, @ 22).

Percebe-se nesta afirmação a presença do conceito de inconsciente coletivo. Jung constata que o núcleo do complexo obedece à leis universalmente válidas que constituem uma estrutura dinâmica presente em todo o ser humano. Esta estrutura é preenchida por conteúdos da vida de cada sujeito, que dá a ela, diferentes roupagens para a mesma experiência básica. Por exemplo, o complexo materno envolve uma série de experiências que são comuns à relação mãe/filho: a nutrição, a proteção, o acolhimento, a geração, etc. Porém, a forma como ele é constelado depende de cada sujeito e sua relação individual com sua mãe. Para uns, será constelado de forma positiva e para outros de forma negativa, para uns com pouca intensidade e para outros com muita intensidade, etc.

"Cada complexo é constituído, segundo definição de Jung, primeiro de um 'elemento nuclear' ou 'portador de significado', estando fora do alcance da vontade consciente, ele é inconsciente e não-dirigível; em segundo lugar, o complexo é constituído de uma série de associações ligadas ao primeiro e oriundas, em parte, da disposição original da pessoa e em parte, das vivências ambientalmente condicionadas do indivíduo" (JACOBI, 1986, p.18). Porém, só

é possível falar de complexo quando o choque entre a realidade (situação externa) e a disposição sensibilizada (situação interna) do indivíduo "converter o elemento nuclear de apenas potencialmente perturbador numa característica ativa através de carga emocional intensificada. Postos em ação e, dessa forma, atualizados, os complexos tornam-se posteriormente capazes de fazer aberta oposição às intenções do "eu" consciente, de romper sua unidade, de se separar e se comportar como se fosse um corpo estranho,....., na esfera do consciente". (JACOBI, 1986, p.18)

Estas estruturas dinâmicas ou elementos nucleares, não podem ser despontencializados através da conscientização pois são partes estruturais da psique, que assim como os órgãos do corpo, são vitais para o funcionamento da mesma. A esta dimensão estrutural da psique Jung denomina de "inconsciente coletivo" e às diversas estruturas dinâmicas nele presente, de "arquétipos".

Neste sentido, "o complexo é nada menos que a representação do fenômeno característico da vida da psique, que constitui a sua estrutura e que, portanto, é em si um componente sadio da psique. O que provém do inconsciente coletivo jamais é material 'doente', doentio só pode ser o que vem do inconsciente pessoal e nele sofre uma transformação e recebe uma coloração específica, resultante da sua inclusão numa esfera do conflito individual" (JACOBI, 1986, p.32).

Ao despojar o complexo de seus enredos pessoais, o seu núcleo é descoberto revelando a sua base coletiva. Neste sentido, os problemas que antes eram só do indivíduo se diluem, pois são expressão de um conflito cujo sofrimento e solução é, desde a eternidade, a tarefa da humanidade. Uma explicação demasiado realista não conseguirá um resultado libertador pois sempre se prenderá ao conteúdo pessoal que causou o adoecimento. "Só uma interpretação a nível simbólico poderá libertar o núcleo da sua envoltura patológica e livrá-lo da roupagem personalista bloqueadora" (JACOBI, 1986, p.33).

O complexo que permanece no inconsciente coletivo sem ser aumentado ou sufocado pelos conteúdos pessoais em excesso, não é prejudicial e sim célula doadora de energia e parte estrutural do funcionamento psíquico. Porém, quando carregado até o ponto de se tornar autônomo e irromper na consciência pode gerar várias formas de neuroses e psicoses. Neste caso, é o estado de consciência, a maior ou menor firmeza da estrutura do "eu", que decide o papel dinâmico do complexo. Trata-se de saber até que ponto a consciência é capaz de compreendê-lo, digeri-lo e integrá-lo, de forma a repelir seus efeitos perniciosos. Caso contrário, o consciente sucumbe vítima do complexo, que o devora em maior ou menor parte.

Portanto, a diferença entre psicose e neurose está na capacidade de resistência da consciência do "eu" para impedir a invasão dos conteúdos inconscientes. A diferença se resume, a uma transição e a um prognóstico menos ou mais favorável. Um está ao lado do outro mesmo que temporariamente como nos sonhos, erros, visões, fantasias, êxtases e alucinações.

O grau de autonomia dos complexos varia desde aqueles que permanecem ocultos na estrutura geral do inconsciente até os que são os grandes perturbadores da dinâmica psíquica. Apesar do complexo do "eu" formar o centro característico de nossa psique, ele é apenas um entre os vários complexos, com o qual se comunica em maior ou menor grau. É necessário uma constelação adequada para um complexo emergir na esfera consciente em toda sua plenitude energética. Portanto, o mero reconhecimento intelectual da existência do complexo não significa a integração deste. Qualquer conhecimento referente à sua existência será vão sem o devido reconhecimento emocional que promova a sua "descarga" e a redistribuição da enorme energia psíquica que lhe é inerente. "Do ponto de vista funcional, pode-se dizer que a dissolução de um complexo e a sua digestão emocional, isto é, a sua conscientização, apresenta sempre, como conseqüência, uma redistribuição da energia psíquica. É que sua energia, até então aprisionada no complexo, pode,

em seguida, fluir e ocupar novos conteúdos e dessa forma, produzir uma situação nova e mais útil ao equilíbrio psicológico" (JACOBI, 1986, p.20-21)

Todo complexo de que tem-se conhecimento consciente é mais facilmente integrável do que aqueles que não percebe-se a existência. Uma vez inconscientes, os complexos podem enriquecer-se com associações e ganhar uma expressão cada vez maior no inconsciente, adquirindo um caráter arcaico-mitológico e com isso uma crescente numinosidade. A este nível está completamente fora do alcance do arbítrio consciente levando o indivíduo a comoção e a devoção inerte.

Porém, quando trazidos a consciência, os complexos se despojam deste caráter mitológico e assumem formas mais personalizadas, possibilitando uma relação dialética com eles. Esta capacidade dos complexos de apresentarem-se de forma personificada, observa-se nos sonhos, nas visões, alucinações, quimeras e em manifestações mediúnicas onde aparecem como se fossem personalidades autônomas, ou melhor, como uma psique pequena contida em uma psique grande, cujo caráter é absolutamente pessoal. Assim, podemos dizer que os complexos são prova da divisibilidade psíquica e da autonomia destas partes, que uma vez desmembradas em todas as suas variantes podem levar a uma completa desintegração da psique. (JACOBI, 1986)

Pela natureza inconsciente dos complexos eles são percebidos como não pertencentes ao "eu", ou seja, são projetados em pessoas e objetos. "As idéias de perseguição ou a crença nos 'espíritos' baseadas em tais projeções, assim como os fenômenos medievais de obsessão" (JACOBI, 1986, pg22) devem ser tomados como manifestações direta dos complexos.

Resumindo, os complexos podem apresentar-se em diversos níveis em relação à consciência:

a)Complexo inconsciente, mas ainda pouco carregado energeticamente conservando uma certa coesão com a totalidade da estrutura psíquica. É perceptível nas pequenas gafes, lapsos, etc.

b)Complexo inconsciente que está incorporado e autônomo, atua como um segundo "eu" em oposição ao "eu" consciente. O indivíduo é colocado entre duas verdades ou dois fluxos de vontade própria. É o caso das neuroses coercitivas.

c)O "eu" do complexo irrompe como uma personalidade autônoma caracterizando um quadro de dupla ou múltipla personalidade.

d) Identificação, parcial ou completa, do "eu" consciente com o complexo. Quando o complexo está fortemente carregado drenando a energia do "eu" consciente. Perceptível em opiniões que tem caráter estranho ao "eu". Pode variar de perturbações de adaptação à realidade a estados graves de inflação, como na identificação com Deus ou Demônio.

e)O complexo é fortemente projetado em pessoas ou objetos externos. Estes assumem caráter ameaçador manifestando-se em idéias de perseguição e paranóia. Quando os objetos ou pessoas não fazem parte do mundo externo caracteriza-se uma alucinação oriunda da psique: percepção ou visão de espíritos, de ruídos, de animais, de figuras internas, etc.

f)O ego tem consciência do complexo, mas de forma meramente intelectual. Este continua atuando com sua força original através da compulsão.

A incapacidade de distinguir os conteúdos que pertencem aos complexos inconscientes impede a adaptação do indivíduo a sua realidade interna e externa, bloqueando sua capacidade de julgamento e criando um fenômeno de "participação". Quanto mais forte a tendência a "participação", ou seja, quanto mais fraca a capacidade de auto-afirmação, mais estará o sujeito a mercê de influências psíquicas internas e externas (contaminação coletiva). "Ser adulto significa reconhecer as diferentes partes da psique como tais e saber relacioná-las entre si de maneira justa" (JACOBI, 1986, p.25). Para isso, é preciso antes de tudo saber distingui-las e delimitá-las. O

discernimento é a condição prévia para a existência do "eu pessoal" como para qualquer cultura superior.

Das quatro possibilidades de comportamento do "eu" em face ao complexo: a) a total inconsciência de sua existência, b) a identificação, c) a projeção e d) a confrontação, somente a última pode levar à integração do complexo.

Porém, não há nada que o neurótico tema mais do que confrontar-se com sua realidade interna e externa, assim ele prefere pensar a vida em lugar de vivenciá-la. Permanece agarrado aos complexos, mesmo que aparentemente sofra e empenhe-se para livrar-se deles pois, para confrontar-se com o conflito que subjaz um complexo é necessário muita coragem, força psíquica e capacidade do "eu" para sofrer, o que em geral, ele não tem. Abrir mão de fixações infantis e adaptar-se ao ser adulto é uma dura experiência que a maioria não espera encontrar em uma análise. "É que, quando um complexo é conscientizado, revela-se o conflito até então inconsciente, com os seus dois pólos hostis, cuja incompatibilidade havia levado ao complexo. Porque, justamente para escapar da incompatibilidade dessas contradições conflitantes, um dos dois pólos foi reprimido, de modo mais ou menos consciente, parecendo, assim, ter-se liberado dele. É verdade que isso evita ter que sofrer por causa do próprio conflito, mas, em compensação ganha-se o sofrimento de um problema impróprio, que é sofrer de várias perturbações e sintomas neuróticos. Desse modo, o conflito moral ou ético que representava a raiz do complexo aparentemente já não existe mais, foi-lhe dado um sumiço ou, dito de maneira mais acertada, foi transferido para uma esfera onde passa como 'inocente', como, por exemplo, numa transferência para o nível corporal. É que uma das causas mais freqüentes dele é o 'conflito moral' ou a aparente incapacidade de afirmar o total do próprio ser" (JACOBI, 1986, p.26).

Quando trata-se dos complexos do inconsciente pessoal não há grandes problemas, pois a dinâmica explosiva de seu núcleo está envolvida por experiências pessoais e

coordenadas pelo ambiente, que acabam servindo como proteção. Já, no caso dos complexos do inconsciente coletivo o medo cresce, pois a "carga explosiva" atua como um terremoto capaz de destruir tudo ao seu redor. Apesar do perigo esta pode ser uma chance de transformação e reconstrução criativa.

Como referido anteriormente, os complexos do inconsciente coletivo são denominados por Jung de arquétipos. "Arque" significa início, origem, causa e princípio assim como líder de um governo e "Tipo" significa batida, cunhar moedas, figura, imagem, retrato, prefiguração, modelo, ordem básica, etc, o que resulta em "estrutura primária" ou "imagem primordial". Estas formam a base dinâmico-estrutural da psique humana e se manifestam nas mais diversas esferas: biológica, psíquica, espiritual, histórica, etc. Ao contrário de Freud, que vê a psique da criança recém-nascida como uma tabula rasa onde as experiências, conscientes e inconscientes, são registradas sem nenhum fator pré-determinado, que lhes dê forma, Jung, postula a existência de uma matriz psíquica composta de estruturas dinâmicas potenciais, relativas a todo o desenvolvimento psíquico do indivíduo:

"É um grande erro supor que a alma da criança seria uma *tabula rasa* no sentido de que nada houvesse dentro dela. Do mesmo modo que a criança vem ao mundo com um cérebro diferenciado, predeterminado pela hereditariedade e, em consequência também individualizado, do mesmo modo ela também enfrenta os estímulos sensoriais do mundo exterior, não com quaisquer prontidões, mas com prontidões específicas... Estas são comprovadamente instintos e pré-formações herdadas. São as condições *a priori*, formais e baseadas nos instintos, da apercepção. Todos os fatores essenciais aos nossos ancestrais mais próximos ou mais longínquos serão também essenciais a nós, porque correspondem ao sistema orgânico herdado" (JUNG apud JACOBI, 1986, p.48).

Pode-se comparar a psique com o corpo do bebê, que guarda em si todas as potencialidades necessárias para o

seu pleno desenvolvimento biológico: crescer, andar, falar, pensar, se reproduzir, envelhecer, etc. Estas, durante a vida podem ou não ser desenvolvidas de acordo com as necessidades apresentadas pelo meio ou pelo sujeito. Se um bebê é bem estimulado, bem nutrido e bem protegido contra doenças, tenderá a desenvolver melhor as suas potencialidades genéticas. Mas, se for menos nutrido ou estimulado, as mesmas potencialidades podem não se desenvolver. É a conjunção de fatores genéticos da família, com fatores biológicos característicos de todo homem e com as exigências do meio, que determinam as diferenças individuais. Portanto, o que era quase o mesmo para todo bebê, enquanto potencial biológico, vai tornando-se individual durante o processo de desenvolvimento.

No caso da psique observa-se um processo análogo. Todo homem nasce com certos potenciais psíquicos, com certas tendências que são comuns a toda a humanidade. São prontidões psíquicas que em determinadas circunstâncias de vida são ativadas e impulsionam o indivíduo a um objetivo específico. Por exemplo, a primeira fase da vida é caracterizada pela luta no sentido da construção do Ego. Para tal, é necessária uma série de fatores como uma certa dose de agressividade, de coragem, de impulsividade, etc. Em determinadas famílias ou culturas este processo vai ser facilitado, mas em outras pode ser completamente paralisado. As diferentes possibilidades de desenvolvimento irão transformar o que era potencialmente comum a todo homem em personalidades diferentes. Embora este processo assuma características muito específicas para cada indivíduo, a sua estrutura dinâmica e o seu colorido emocional permanecem basicamente os mesmos.

Os arquétipos são portanto potenciais psíquicos herdados que estão relacionados às experiências universais da humanidade: nascimento, passagem da infância para adolescência, da adolescência para a vida adulta, maternidade, paternidade, alteridade, espiritualidade, morte, etc. São estruturas dinâmicas que dão forma e significado a estas experiências possibilitando a adaptação

psicológica necessária. São "prontidões vivas, formas que, embora inconscientes, não são, por isso, menos ativas, e que moldam de antemão e instintivamente influenciam seu pensar, sentir e atuar." (JUNG apud JACOBI, 1886, p.41) Portanto, uma mãe, seja ela da raça que for, do meio sócio-cultural que for, da idade que for, reagirá a seu filho como mãe correspondendo a certos padrões afetivos e comportamentais que são inerentes a esta condição.

O arquétipo enquanto potencial psíquico não ativado, dormente no inconsciente coletivo é chamado por Jung de "arquétipo em si". Nesta condição ele ainda não pertence à esfera psíquica do indivíduo, mas sim a esfera psicóide ou semelhante à psique. Uma vez ativado, o arquétipo em si emerge na consciência como "imagem arquetípica", transformando-se assim em conteúdo da esfera psíquica, que é composto pela estrutura dinâmica do arquétipo revestida por material psíquico individual.

Para ilustrar melhor a diferença entre "arquétipo em si" e "imagem arquetípica" pode-se comparar o primeiro com a energia elétrica que em si é algo imperceptível, sem forma e a segunda com a luz ou com o movimento de um motor, que é a forma concreta que esta energia assume. Porém, nem a luz nem o movimento do motor são a energia elétrica em toda a sua complexidade, mas sim uma possibilidade de manifestação da mesma. O mesmo ocorre entre o "arquétipo em si" e a "imagem arquetípica", sendo esta última, somente uma possibilidade de manifestação de algo que é em si indefinível e inesgotável pela consciência. "O arquétipo (arquétipo em si) é essencialmente um conteúdo inconsciente que é alterado ao tornar-se consciente e perceptível, tomando sua coloração da consciência individual na qual aparece" (JUNG, 1968, p.5, @6).

O arquétipo em si pode manifestar-se tanto para "cima" no mundo das imagens e idéias, como para "baixo" nos processos biológicos da natureza, nos instintos. O impulso "apresenta dois aspectos: por um lado, é vivenciado como dinâmica fisiológica e, por outro, as suas múltiplas formas entram como imagens no inconsciente e desenvolvem efeitos

numinosos, que estão na mais estrita oposição ao impulso fisiológico ou parecem estar... O arquétipo, como imagem do impulso, é, do ponto de vista fisiológico, um objetivo espiritual para o qual o homem é impelido pela sua natureza." (JUNG apud JACOBI, 1986, p.42).

A nível biológico o arquétipo apresenta-se como padrões de comportamento ("patterns of behavior") que são perceptíveis tanto nos homens como nos animais. A construção de um ninho, a dança ritual das abelhas, a defesa assustada da lula, o desdobramento do leque do pavão, são processos arquetípicos. "Esta organização do íntimo do animal é dominado por aquele elemento formativo, cuja maneira de atuar se encontra, na psicologia humana, no arquétipo. Todo o ritual dos animais superiores é dotado, em alto grau, desse caráter arquetípico. Ele surge aos olhos do biólogo como uma considerável organização da vida instintiva, que garante o convívio para-individual dos companheiros da espécie, harmoniza a disposição dos parceiros e impede, pela regulação das lutas competitivas, o aniquilamento dos rivais, pernicioso à conservação da espécie" (PORTMANN apud JACOBI, 1986, p.45).

Tanto para os animais quanto para os homens estes padrões de comportamento representam arranjos fixos de ação e reação que restringem a liberdade. São formas ritualísticas que garantem uma certa segurança. Abandoná-las representa medo e insegurança. "Devido à relativa liberdade do seu consciente, o homem pode sair voluntariamente delas, por isso, ele está sujeito ao duplo risco da hibridez ou do isolamento, porque, ao livrar-se da sua ordem arquetípica original, ele se desvincula também de suas raízes condicionadas históricas e genéricas." (JACOBI, 1986, p.46).

Quanto mais inconsciente for o homem mais ele agirá de acordo com os padrões coletivos de sua comunidade, e menos possibilidade terá de tornar-se diferenciado ou consciente de si mesmo. Neste caso, as formas arquetípicas expressas nas leis, nos mitos, nos costumes e lendas de um povo, trazem os modelos básicos de ação e reação para as

situações típicas da vida. Enquanto o modelo de comportamento coletivo atender às necessidades psicológicas do indivíduo, não há conflito, o que garante a sua efetividade. Porém, quando este modelo não atende mais às necessidades da consciência ou da situação de vida, o conflito se instaura levando o indivíduo a buscar respostas pessoais para a sua existência.

Na esfera espiritual o arquétipo manifesta-se através de imagens numinosas que emergem tanto na consciência individual (alucinações, sonhos, fantasias, expressões artísticas, etc) como na consciência coletiva (religiões, mitos, lendas, acontecimentos e personagens históricos). Devido a sua intensa carga energética penetra a consciência de forma imperativa, mobilizando em torno de si grande parte da energia psíquica. Diante das imagens arquetípicas o ego reage com uma inexplicável reverência e temor.

Quando projetado em um conjunto de idéias mítico-religiosas o arquétipo é a base psicológica da fé (JUNG, 1986A, p.220-221). Ele evoca no indivíduo uma ligação com uma esfera de ordem cósmica, transcendente, cuja natureza ultrapassa os limites de compreensão do eu. Já, quando projetado em sistemas de idéias intelectuais ou em pessoas, pode levar a movimentos sociais e a relações desastrosas. Neste caso ele é a base do fanatismo, da cegueira política, da idolatria, da discriminação, violência social e de todos os "ismos" (socialismo, nazismo, cientificismo, etc).

Ao emergir na consciência individual enquanto resultado do movimento compensatório do inconsciente, o arquétipo indica novas possibilidades de desenvolvimento e adaptação da psique. Geralmente, são as situações de grande dificuldade ou perigo na vida do indivíduo que promovem uma constelação arquetípica, seja através de sonhos, de encontros e de vivências que despertam o inconsciente. A este respeito Jung diz:

"As mudanças que ocorrem no homem não são de variedade infinita, mas representam variações de certos tipos de

acontecimento. O número desses tipos é limitado. Quando sobrevém uma situação de calamidade, um tipo correspondente a esta emergência constela-se no inconsciente. Como este é numinoso, isto é, possui energia específica, atrai os conteúdos do consciente, quer dizer, as apresentações conscientes, graças aos quais se torna perceptível e, dessa forma, capaz de consciência. Quando ele passa para o consciente, é sentido então como uma inspiração e revelação ou como uma idéia salvadora salvadora." (JUNG, 1986A, p.286, @450).

O arquétipo constelado apresenta à consciência uma nova direção, que enquanto inconsciente manifesta-se em atos compulsivos, autômatos onde a influência do "eu" é praticamente inexistente. O indivíduo vê-se possuído por um impulso irracional que o impele a uma determinada direção. Esta situação é motivo de grandes distúrbios pois o sujeito não sabe a razão de sua conduta. Quando atrás do comportamento revela-se um padrão dinâmico, ou melhor, um mitologema que é representável por uma imagem, este mesmo impulso pode ser transferido para a esfera psíquica e ser vivido neste plano. Tome-se o exemplo do arquétipo materno. No momento da maternidade a mulher é compelida a adotar uma série de comportamentos com relação a seu filho. Primeiro com relação à gestação, depois à nutrição, proteção, acolhimento, etc. Enquanto a criança é pequena estes padrões estão presentes a nível do comportamento e reações biológicas e correspondem às necessidades deste momento. Com o crescimento a criança vai tornando-se biologicamente cada vez mais independente exigindo uma transferência deste padrão de relacionamento para uma esfera espiritual. Surgem os conflitos que levarão às correções necessárias e à redistribuição da energia contida neste arquétipo para outras esferas da psique. Assim a "mãe biológica" tem o desafio de tornar-se uma "mãe espiritual" e viver a gestação, a nutrição, a receptividade como qualidades psíquicas que independem da relação dela com o seu filho.

O arquétipo, como tudo que é psicologicamente vivo, é caracterizado pela bipolaridade. O físico e o psíquico, o

bem e o mal, o criativo e o destrutivo, "o que é" e "o que será", o material e o espiritual, etc, são expressões polarizadas de uma mesma realidade. Portanto, ele evoca a experiência unitária onde tempo e espaço não existem, exigindo um outro modelo de explicação que não o da causalidade. Jung propõe a existência de um outro princípio natural, o da sincronicidade, que se apresenta sob determinadas condições psíquicas unindo-se como o quarto elemento da tríade tempo, espaço e causalidade. Com este princípio quer designar a coincidência no tempo de dois ou mais eventos não relacionados entre si de modo causal e que encerram um sentido parecido. O que rege estes eventos é "a disposição ordenada sem causa" ou "a disposição psíquica ordenada a priori" ou ainda a "dimensão arquetípica da psique".

Neste sentido, a manifestação de um arquétipo é perceptível tanto a nível subjetivo, através das imagens arquetípicas, sintomas psíquicos, etc como a nível objetivo, através de situações de vida, relacionamentos, doenças físicas, etc. A partir do conceito de sincronicidade Jung lança uma nova luz sobre a questão do paralelismo psicofísico. Considerando o físico e o psíquico como dois aspectos de uma mesma realidade, o indivíduo, podemos dizer que eles estão dispostos em paralelismo pleno de sentido, se sobrepondo de forma sincrônica e sua cooperação não pode ser entendida de forma causal. Assim, as manifestações físicas assumem uma dimensão psíquica pois são embuídas de significado e as manifestações psíquicas recebem uma corporalidade que concretiza o significado.

A experiência da totalidade é também chamada por Jung de experiência unitária. Nela, os pares de opostos presentes no pensamento lógico-dedutivo diluem-se propiciando à consciência a percepção de uma outra ordem, onde as polaridades inexistem. Estas experiências são geralmente relatadas como experiências de ordem religiosa ou iluminação, onde os símbolos cósmicos e transpessoais impõem-se, tentando trazer à luz uma nova forma de consciência. Neste caso, há a constelação de um arquétipo

que em seu movimento compensatório tenta gerar uma nova unidade, através da união dos opostos.

À tendência da psique de agregar e ordenar as suas diversas partes em um todo e de buscar a realização consciente destas partes através da constante transformação do ego, Jung denomina de arquétipo do "Self", do "si mesmo" ou da "totalidade". Este é um fator que regula toda a dinâmica intrapsíquica, procurando sempre corrigir e compensar a unilateralidade do ego e atingir cada vez mais a realização dos potenciais, que, apesar de constituírem a totalidade psíquica do indivíduo, ainda encontram-se de forma latente no inconsciente. A este respeito ele diz:

"Enquanto o ego for apenas o centro do meu campo consciente, ele não é idêntico à totalidade da minha psique, é apenas um complexo entre outros complexos. Por isso eu discrimino entre o ego e o Self, já que o ego é apenas o sujeito da minha consciência, enquanto o Self é o sujeito da minha totalidade; por isso ele também inclui a psique inconsciente. Nesse sentido, o Self seria uma grandeza (ideal) que encerraria dentro dele o ego. Na fantasia inconsciente, o Self frequentemente aparece como uma personalidade ideal ou supraordenada" (JUNG, 1991, p.406, @796).

A nível da imagem este arquétipo aparece em figuras que englobam as polaridades como o hermafrodita ou andrógino, o casamento sagrado (sol/lua, céu/terra, rei/rainha), o círculo por ser a figura que tudo agrega em torno de um centro), as mandalas e o quadrado (como variações do círculo), o quatro e seus múltiplos (quatro estações, quadro elementos, quatro pontos cardeais, etc), a cruz, Cristo, Buda (divino/humano), idéias cósmicas, Deuses, etc. (JUNG, 1986a).

A totalidade psíquica é percebida pelo ego de forma fragmentária, pois este é caracterizado pela predominância do pensamento lógico-dedutivo, que segmenta a realidade, comparando, agrupando e estabelecendo relações entre as várias partes e categorias. Além dos limites desta forma de pensamento que não possibilita a percepção do todo, o ego

sofre durante a sua constituição uma outra influência limitadora: a pressão do meio. O meio sócio-cultural dita suas normas reforçando certos valores, que estarão mais próximos da consciência e identificados com a consciência coletiva, excluindo outros que permanecerão inconscientes.

Devido a esta limitação do ego, uma grande parte das potencialidades psíquicas fica inconsciente, constituindo o que Jung denominou de Sombra, ou seja, aquela dimensão da psique que está na escuridão, sem a luz da consciência. Os conteúdos da Sombra são de extrema importância para a economia energética da psique, pois guardam um enorme potencial que é necessário para o pleno desenvolvimento da personalidade.

"A existência ou a necessidade de uma sombra é um fato arquetípico humano geral, já que o processo de formação do ego - o choque entre a coletividade e a individualidade- é um padrão humano geral. A sombra é projetada de duas maneiras: individualmente, na forma das pessoas a quem atribuímos todo o mal; e coletivamente, em sua forma mais geral, como o Inimigo, a personificação do mal. Suas representações mitológicas são o demônio, o arquiinimigo, o tentador, o maligno ou o duplo; ou, de dois irmãos ou irmãs, aquele que é moreno ou mau." (WHITMONT, 1990, p.147).

Também pode aparecer como: figuras escuras, primitivas, mal formadas, ameaçadoras, de raça ou religiões diferentes, como animais violentos e escuros, ou como representação daqueles valores que se contrapõem ao ego. Neste caso, em uma pessoa cujo ego é fundado em valores obscuros, como certos criminosos ou delinquentes, a sombra pode ser representada de forma muito numinosa e salvadora.

Quando a sombra emerge na consciência frequentemente toma a forma de um outro "eu" através de figuras do mesmo sexo: o irmão, o companheiro desconhecido, o criado, etc. Um belo exemplo deste fenômeno é a estória de R.L. Stevenson "O médico e o monstro", onde um médico que é exemplo de virtude e bom caráter, é possuído por uma outra

dimensão, completamente oposta, de sua personalidade consciente.

Da Sombra destacam-se elementos que representam a contraparte sexual do indivíduo. No caso do homem os elementos femininos de sua personalidade e no caso da mulher os elementos masculinos. Estes permanecem inconsciente devido a identificação do ego com o papel bio-social do sujeito. Às potencialidades e tendências femininas na psique do homem, Jung denomina de arquétipo da Anima e às potencialidades e tendências masculinas na psique da mulher, de arquétipo do Animus. É deste par de arquétipos que derivam todos os outros arquétipos, que são, nada mais que variações das polaridades básicas da natureza: masculino e feminino, Yang e Yin, seco e úmido, etc.

"A anima e o animus são arquétipos daquilo que, em cada sexo, é o *inteiramente outro*. Cada um representa um mundo que, à primeira vista, é incompreensível ao seu oposto, um mundo que nunca pode ser conhecido diretamente. Embora tenhamos, dentro de nós, elementos do sexo oposto, seu campo de expressão é precisamente aquela área que é mais obscura, estranha, irracional e amedrontadora; na melhor das hipóteses, ela pode ser intuída e 'sentida', mas nunca completamente compreendida. Esses arquétipos, portanto, são contrassexuais por expressarem o fato de que não há nada tão totalmente 'outro' como o sexo oposto." (WHITMONT, 1990, p.165).

A anima é no homem o impulso para o envolvimento, para a conexão instintiva com outras pessoas e a comunidade, para a atitude espontânea, para a relação com a vida como um fenômeno natural não premeditado. A nível emocional consiste nos anseios inconscientes do homem: seus estados de espírito, seus humores, suas aspirações emocionais (a ansiedade, o medo, a inflação, a depressão) e no seu potencial para expressar as emoções e construir relacionamentos.

A tipologia do feminino proposta por Toni Wolff descreve quatro padrões de adaptação ligados ao feminino:

1)O padrão Mãe: representa a orientação coletiva no sentido das pessoas, a atitude protetora, doméstica e acolhedora. Em seu aspecto mal adaptado expressa-se negativamente como possessividade, superproteção e intromissão desnecessária, interferindo na independência e no desenvolvimento da personalidade do indivíduo. Apresenta a expectativa de que os outros devem reagir segundo as funções coletivas sociais e não como indivíduos. Pai tem que agir como pai, filho como filho, mãe como mãe, etc. É representada pelas várias imagens da Grande Mãe tanto em seu aspecto nutriente quanto em seu aspecto devorador.

2)O padrão Hetaira: também retratada como a eterna filha ou irmã, ou como a *puella aeterna*, é a orientação instintiva no sentido do indivíduo sem considerar os valores sociais. Manifesta-se na busca e na preocupação pelo aspecto subjetivo individual, em si e no outro. Tende a considerar a sombra enquanto possibilidade de realização do indivíduo, em oposição a Mãe que tende a negá-la em nome dos valores sociais. Representa o aspecto afrodítico do arquétipo feminino, pois orienta-se para o amor e para a interação pessoal como um fim em si mesmo e não como subordinação e contenção às formas sociais e familiares. Em seu aspecto negativo pode resultar na dificuldade de estabelecer relações estáveis e em uma vida marcada pela provisoriedade emocional, devido a recusa de assumir qualquer compromisso concreto. Expressa-se por imagens de divindades do amor, hieródulas e sacerdotisas dedicadas ao serviço do amor, das sedutoras, das ninfas, das belas feiticeiras e também das prostitutas que exprimem seu aspecto inadaptado.

3)O padrão Amazona: é a orientação não-pessoal, objetiva, que não tem nada a ver com o envolvimento pessoal, mas sim com os valores culturais objetivos e o desempenho exterior do indivíduo. Expressa-se na tendência à reserva, à independência e ao desenvolvimento individual. A atitude predominante é de camaradagem ou competição em oposição a da esposa ou amante. Em seu aspecto negativo expressa-se pela compulsão à eficiência e a realização

profissional e pela insensibilidade às necessidades do relacionamento e aos valores emocionais. Encontra forma em imagens como Artemis, Palas Atenas, as Valquírias e as Amazonas.

4)O padrão Medium: é a orientação não-pessoal, que está relacionada com a experiência subjetiva da atmosfera psíquica coletiva. Expressa-se pela tendência a viver aquilo que está constelado no inconsciente. Como tal, pode ser fonte de inspiração, revelação e aprofundamento psíquico, como também de desorientação, de ilusão e perda de contato com a realidade e com as limitações das pessoas e das coisas. Aparece representada nas imagens de profetisas, feiticeiras, videntes, mães de santo, sábias, Sibila e Norm, Sofia e Hécate.

Como imagem do feminino eterno, a alma pode aparecer representada por qualquer dos quatro aspectos e suas combinações e variações (Mãe, Hetaira, Amazona e Medium ou Sofia). "Ela aparece como a deusa da natureza, *Dea Natura*, e a Grande Deusa da Lua e da Terra que é mãe, irmã, amada, destruidora, bela feiticeira, bruxa feia, vida e morte, tudo em uma só pessoa ou de figuras femininas encantadoras, assustadoras, amigáveis, úteis ou perigosas, ou até mesmo em figuras de animais, como já vimos - principalmente como gato, cobra, cavalo, vaca, pomba, coruja-, que a mitologia atribui certas divindades femininas. Ela aparece como sedutora, prostituta, ninfa, musa, santa, mártir, donzela aflita, cigana, camponesa, a vizinha do lado, ou como a Rainha do Paraíso, a Santa Virgem, para mencionar alguns exemplos. Estas são algumas das muitas facetas nas quais a natureza feminina, o elemento Yin, sempre foi vivenciado pelo homem" (WHITMONT, 1990, p.168)

Na mulher o animus é o seu ímpeto de ação, sua capacidade de julgamento e discriminação e sua relação com o mundo espiritual. Apresenta-se como pensamentos, insinuações, idéias, noções e expectativas preconcebidas, por julgamentos acerca de si mesma e do mundo e, como potencial para o discernimento, reflexão, deliberação e autoconhecimento.

Enquanto permanece inconsciente, o animus "provoca mal-entendidos e interpretações inoportunas no âmbito da família e dos amigos, porque é constituído de *opiniões* em vez de reflexões. Refiro-me a suposições apriorísticas acompanhadas de pretensões, por assim dizer, a verdades absolutas.... Como o animus tem tendência a argumentar, é nas discussões obstinadas em que mais se faz notar a sua presença." (JUNG, 1990, p.12-13, @29)

Por outro lado: "Do mesmo modo que a anima, também o animus tem um aspecto positivo. Sob a forma do pai, expressam-se não somente opiniões tradicionais como também aquilo que se chama 'espírito' e de modo particular idéias filosóficas e religiosas universais, ou seja, aquela atitude que resulta de tais convicções. Assim o animus é também um 'psychopompos', isto é, um intermediário entre a consciência e o inconsciente, e uma personificação do inconsciente. Da mesma forma que a anima se transforma em um Eros da consciência, mediante a integração, assim também o animus se transforma em um Logos; e da mesma forma que a anima imprime uma relação e uma polaridade na consciência do homem, assim também o animus confere um carácter meditativo, uma capacidade de reflexão e conhecimento à consciência feminina." (JUNG, 1990, p.14, @33).

Analogamente ao feminino, o masculino também expressa-se por meio de quatro padrões básicos de adaptação:

1) Padrão Pai: é a forma coletiva de funcionamento pessoal que representa o Logos, a estrutura e a ordem cultural. Enquanto líder e voz da autoridade coletiva é a preocupação com a ordem social hierárquica, seja enquanto protetor, Lorde, Rei ou em seu aspecto negativo como tirano, ditador, divindade destruidora, etc. No segundo caso não há espaço para o individual e o diferenciado. Expressa-se por imagens de governantes, legisladores, reis, assim como de deuses pais: Kronos, Uranus, Zeus, Odin, Nosso Pai que está nos Céus, etc.

2) Padrão Filho: também chamado de *puer aeternus*, companheiro ou irmão é a forma oposta do padrão Pai. É a

busca incessante por um caminho individual, por relacionamentos individuais, pela própria individualidade, pelo tesouro interior, sem a preocupação com a autoridade e a permanência. Em seu aspecto negativo pode levar a um estado de inflação constante, resultando na falta de contato e compromisso com as pessoas e a realidade. Aparece em imagens de jovens divinos Adônis, Attis, Ícaro ou Peter Pan; também como o eterno amigo, o irmão claro e o irmão escuro, o cavaleiro errante, etc.

3) Padrão Herói: é o impulso dinâmico orientado para os valores objetivos coletivos. É a tendência de realizar uma ação no sistema coletivo de referência sem a preocupação de governar e preservar (pai), nem de procurar valores pessoais (filho), como também de ser sábio e receptivo (sábio). Está profundamente relacionado ao processo de estruturação do Ego, pois este envolve o estabelecimento de um lugar para a pessoa na sociedade, a focalização de sua vontade pessoal ou do esforço do poder, na afirmação de si mesmo. É representado pelas várias figuras de lutadores, soldados e heróis. Na mitologia como Aquiles, Hércules, Siegfried, etc assim como nas infinitas figuras heróicas dos contos de fadas, lendas e estórias populares.

4) Padrão Sábio: também chamado de mana, é a orientação no sentido das idéias e não da pessoa. Relaciona-se de maneira subjetiva com o aspecto significativo de Logos. Revela-se na atitude de escuta, de receptividade, de reflexão, de percepção e entendimento em oposição a ação e a luta. Aparece em imagens de professores, eruditos, videntes, gurus, filósofos, sacerdotes, como por exemplo: Tirésias, Mimir, Moisés, Sócrates, etc.

Do mesmo modo que a anima, o animus pode apresentar-se através de uma grande variedade de imagens que representam os quatro padrões de adaptação masculinos: Pai, Filho ou Puer, Herói e Sábio. " As variações do Pai são figuras autoritárias de todo tipo, que variam do pai ao avô real até reis, presidentes do país, do banco local ou do clube de campo, padres, ministros, bispos, etc, ou até Zeus, Odin ou Deus Pai, ou apenas o 'marido ideal' como *pater*

famílias. A figura do filho, amigo, amante e parceiro ideal, o vizinho, o amante desconhecido, o cavalheiro, o caçador, o sedutor ou até mesmo um vagabundo, ou qualquer figura mitológica ou de contos de fadas - Adônis, Príncipe Encantado- que incorpora esta imagem. O Herói pode ser um soldado, cavalheiro ou até mesmo um treinador de esportes, motorista, forte lutador de box ou luta livre, Aquiles, Sir Lancelot ou o presidente Kennedy, um bruto simplório, estrupador ou destruidor, ou simplesmente o ascensorista de olhos azuis excitante e fascinante. O sábio pode aparecer como o grande professor, o guru, o homem prudente, o mágico, o profeta, o guardião do tesouro ou como o professor do ginásio, ou simplesmente como o senhor X que afirma saber todas as respostas, ou o analista que presumivelmente sabe todas as respostas. Ele também inclui os aspectos da natureza: o fauno e o sátiro, o touro, o bode, o dragão, o cachorro ou outro animal macho, e animais que são associados com divindades masculinas, ou simplesmente representações fálicas." (WHITMONT, 1990, p.184).

As "imagens arquetípicas" através das quais o "arquetipo em si" se torna perceptível e acessível à consciência são definidas por Jung como símbolos ou imagens simbólicas. Para ele a compreensão simbólica de um fato faz parte da natureza do homem do mesmo modo do que a percepção transmitida pelos órgãos sensoriais. "Ela representa uma tendência natural e espontânea, que adiciona à âncora biológica do homem uma âncora paralela e equivalente ao espiritual e enriquece assim a vida com uma dimensão a mais, que constitui especificamente o ser humano. Ela é a raiz de tudo que é criador e não se nutre de repressões (como a psicanálise acreditava), mas da força criadora, inicialmente não perceptível, dos arquétipos que atuam desde o fundo da psique e criam o espiritual. Assim, por exemplo, o mito do herói solar é uma 'tradução' do percurso do sol, feita espontaneamente pela psique, uma conscientização dos processos psíquicos que acompanham os processos físicos, 'porque o arquétipo não é algo que nasça

de fatos físicos, mas algo que descreve como a psique vivencia o fato físico', isto é, como através dele o físico é traduzido para o psíquico. " (JACOBI, 1986, p.50).

A palavra símbolo do grego "symballo" (amontoar, agregar) sempre admitiu as mais variadas interpretações, porém todas concordam que ela quer indicar algo que está por trás do sentido objetivo e visível, ou seja, um sentido invisível e profundo. Representa aquilo que complementa formando uma unidade de sentido. Jung enfatizou exaustivamente em sua obra o significado que ele dava ao termo símbolo, pois via na má interpretação deste, a fonte de muitos erros e preconceitos entre as teorias psicológicas. "Toda concepção que explica a expressão simbólica como uma analogia ou designação abreviada de algo conhecido é semiótica. Uma concepção que explica a expressão simbólica como a melhor formulação possível, de algo relativamente desconhecido, não podendo, por isso mesmo, ser mais clara ou característica, é simbólica. Uma concepção que explica a expressão simbólica como paráfrase ou transformação intencional de algo conhecido é alegórica" (JUNG, 1991, p.444, @904). A alegoria é sempre um simples signo e nunca é um símbolo. Por isso, é inteiramente impossível criar um símbolo vivo e carregado de sentido a partir de relações conhecidas.

Portanto, o símbolo só existe enquanto a melhor expressão de algo inconsciente ainda não encontrou uma expressão mais adequada na consciência. A partir do momento que um sentido é alcançado, ou seja, que uma expressão que formula melhor o que é procurado, esperado ou intuído é encontrada, o símbolo está morto e passa a ser um mero signo convencional.

Esta concepção levou Jung a afirmar que o que Freud chama de "atuações simbólicas" não passam de "atuações sintomáticas", pois para este, esses fenômenos não são símbolos no sentido acima exposto, mas sim, sinais sintomáticos de um determinado e já conhecido processo fundamental. Ao se entender algo como causalmente condicionado é melhor falar de sintomas e não de símbolos.

"Apesar da sua 'densificação' e 'superdeterminação', os 'símbolos' de Freud são sempre explicáveis causalmente e, nesse sentido, são inequívocos e unipolares. Mas tal como o compreende Jung, o símbolo é um fator psíquico que não é causalmente solucionável nem compreensível e tampouco predeterminável, mas sempre tem sentido múltiplo e bipolar." (JACOBI, 1986, p.84).

É por englobar em si uma pluralidade de significados, que o símbolo é a melhor expressão da experiência unitária e exerce a função mediadora entre consciente e inconsciente, entre o oculto e o revelado. Essa qualidade mediadora do símbolo pode ser considerada como o mecanismo mais perfeito da dinâmica psíquica. Isto por ser o único mecanismo que contrapõe-se à constante ameaça do caráter fracionário da psique. Ao anular os antagonismos, unindo-os dentro de si e ao mesmo tempo permitir novamente que separem-se, o símbolo mantém a vida psíquica em constante fluxo e a leva adiante no sentido do seu objetivo último. A esta função mediadora dos conteúdos simbólicos da psique Jung denominou "função transcendente". (JUNG, 1986A)

III- Considerações sobre a AIDS:

1.Descrição Clínica:

Por tratar-se de questões muito específicas do campo da medicina, com as quais tenho pouca intimidade, os dados e a estrutura deste capítulo basearam-se na apostila de treinamento do Grupo Pela VIDDA-SP, de autoria do Dr.Euclides Falcone e posteriormente foram revisados pelo mesmo.

1.1)Conceito:

O termo AIDS é uma sigla em inglês para Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Acquired Immuno Deficiency Syndrome). Uma síndrome não é uma doença, mas sim um conjunto de sinais e sintomas que se desenvolvem conjuntamente e que caracterizam uma doença. No caso, estes sintomas são decorrência de uma deficiência do sistema imunológico que foi adquirida devida a infecção pelo HIV (Human Immunodeficiency Virus). Faz-se esta diferenciação porque existem outras formas de deficiência imunológica que são hereditárias e não adquiridas.

Assim pode-se definir a AIDS como: uma síndrome caracterizada por um conjunto de doenças oportunistas que são causadas pela perda gradativa da imunidade natural em decorrência da infecção pelo HIV, vírus que destrói os mecanismos de defesa do corpo humano.

1.2) O vírus HIV:

Os vírus são seres vivos rudimentares constituídos por um ácido nucléico - DNA (ácido desoxirribonucléico) ou por RNA (ácido ribonucleico)- envolvido por uma capa protéica.

O vírus HIV tem seu material nucleico composto por RNA e é classificado como um retrovírus por ter a capacidade de formar seu DNA a partir do RNA. Isto dá-se através de uma enzima chamada transcriptase reversa dentro da célula hospedeira. Uma vez formado o DNA viral, ele incorpora-se ao material genético da célula hospedeira e vai utilizá-la para sua reprodução.

Existem pelo menos dois tipos de vírus HIV que são chamados de HIV-1 e HIV-2. O HIV-1 foi descrito em 1983 e parece ter origem na África Central. Ele é o responsável pela grande maioria dos casos de AIDS no mundo. Já o HIV-2, foi descrito em 1985 e parece ter origem na África Ocidental, sendo mais raro de ser encontrado no Ocidente.

Tanto o HIV-1 como o HIV-2 podem ser encontrados associados ou isoladamente. Ambos causam as mesmas alterações imunológicas e padrões de doença semelhantes. Porém o HIV-2 não pode ser detectado pelo mesmo teste usado para o HIV-1 pois produz anticorpos diferentes.

1.3) Imunologia:

Microorganismos e proteínas estranhas ao penetrarem o organismo são capturados por células de defesa, chamadas de macrófagos ou monócitos. Estas são capazes de quebrar proteínas estranhas em pequenos pedaços que serão apresentados aos linfócitos na primeira etapa da resposta imune.

Os linfócitos são divididos em:

a) Linfócitos T (imunidade celular²), que são divididos em dois tipos:

-T4 (helper), que expressa o AG (antígeno) CD4 na superfície e é responsável pela ativação e regulação da resposta imune. Apresenta dois subgrupos: CD4-1 ou TH-1 e CD4-2 ou TH-2

²Resposta do sistema imunitário que depende da atividade dos linfócitos

-T8 (supressor), que expressa o AG CD8 e é responsável pela supressão da resposta imune.

A proporção de T4 e T8 é de 2:1.

b) Linfócitos B (imunidade humoral³), que são os responsáveis pela produção de anticorpos.

c) Linfócitos chamados de "natural Killer" (NK): assim como os LT8, atacam as células infectadas e as destroem.

São os LT4 que coordenam a resposta imunitária, tanto na resposta celular (CD4-1) como na resposta humoral (CD4-2). Esta organização dá-se através de duas substâncias chamadas interleucina-2 e gama-interferon, que vão agir: a) sobre os LB, estimulando a produção de anticorpos; b) sobre os macrófagos, estimulando o ataque aos vírus e células infectadas, e c) sobre os NK e LT8, estimulando o ataque às células infectadas.

O HIV ao penetrar o organismo infecta predominantemente as células que apresentam a molécula CD4 em sua superfície ou seja os LT4, os macrófagos e algumas células do SNC. Para penetrar na célula o HIV usa a proteína gp120 que adere ao CD4 da célula.

Segundo alguns autores, uma vez infectada a célula pode permanecer intacta, com o vírus latente ou com baixo nível de produção viral por períodos longos e variáveis. Quando um estímulo apropriado ativa a célula infectada, há uma intensa produção viral. Isto ocorrendo nos LT4 irá levar a sua inativação e morte, ocasionando uma diminuição gradual dos LT4 (principalmente dos CD4-1) além de produzir um defeito funcional nas células remanescentes. Porém, outros pesquisadores acreditam que esta multiplicação é intensa desde o início da infecção.

Com a diminuição dos LT4 há uma diminuição da produção de interleucina-2 e do gama-interferon. Com isso deixa de haver estímulo adequado sobre as outras células do sistema imune a saber:

a) Os LT8 tem seus níveis aumentados em decorrência da infecção pelo HIV, possivelmente na tentativa de suprimir a

³ Resposta do sistema imunitário em que participam os anticorpos

replicação do vírus. Sem o estímulo dos LT4 passa a apresentar deficiências tanto na função de supressão da resposta imune, como na destruição das células infectadas.

b)As células NK ficam incapazes de desempenhar sua função de distribuição das células infectadas pelo vírus.

c)Os macrófagos, além de terem sua função afetada pela diminuição da ação de LT4, vão desempenhar um papel crítico na infecção pelo HIV. Eles também são infectados diretamente pelo HIV porém, ainda não sabe-se por que, não ocorre uma diminuição significativa destas células e estas tornam-se reservatórios do vírus e meio pelo qual o HIV irá chegar a outros pontos do organismo, principalmente o SNC e pulmão.

d)Os LB vão apresentar uma atividade desordenada devido a perda de regulação de LT4, aumentando a produção de praticamente todos os tipos de AC (anticorpo). Além disso, a resposta dos LB passa a ser inadequada frente a outras infecções e imunizações, com uma pequena produção de AC específicos para esses antígenos.

e)As células precursoras da medula óssea também são invadidas ocasionando a diminuição global dos glóbulos brancos, anemia e diminuição de plaquetas. Assim como nos macrófagos, a medula óssea pode servir como reservatório de HIV no organismo.

O resultado dessas alterações do sistema imunológico é a perda progressiva da capacidade de reação do organismo frente à entrada de qualquer antígeno, desencadeando o aparecimento das doenças oportunistas. Este quadro evolui até a falência total do sistema imunológico onde há uma ausência completa de reação tanto celular quanto humoral.

1.4) Formas de transmissão:

A AIDS é uma doença infecto contagiosa portanto, transmissível de uma pessoa para outra. Porém, o HIV por necessitar de veículos específicos para a contaminação é um vírus pouco contagioso.

As principais vias de transmissão são o sangue e o esperma, pois é nestes líquidos corporais que se concentram as maiores quantidades de vírus. Também são vias de transmissão as secreções vaginais e o leite materno. Estas são menos contagiosas por apresentarem menor concentração do vírus.

No sangue, no esperma, no leite materno e nas secreções vaginais, o vírus é transmitido em forma livre ou através de linfócitos e macrófagos infectados presentes nestes líquidos.

O HIV já foi encontrado em outros meios como: saliva, lágrimas, fezes e urina, porém não há na literatura nenhum caso comprovado de transmissão por estes meios. Acredita-se que isto ocorre devido a baixa quantidade e qualidade de vírus presentes nestes líquidos.

Via sexual:

A via sexual é ainda a maior responsável pelos casos de infecção pelo HIV. Isto porque, na relação sexual, geralmente ocorre o contato entre os dois meios mais ricos em vírus: o sangue e o esperma. Esse contato dá-se através de lesões na pele e/ou mucosas da região genital que ocorrem durante o ato sexual. Estas podem variar de lesões microscópicas, invisíveis a olho nu. a lesões maiores, dependendo do tipo de prática sexual e dos cuidados tomados durante essa prática, como por exemplo, o uso ou não de lubrificação artificial. É por meio destas lesões que o vírus pode ter acesso direto à corrente sanguínea.

Outro fator importante no contágio via sexual é a presença de outras DSTs (doenças sexualmente transmissíveis) principalmente aquelas que causam ulcerações genitais como a herpes simples, sífilis primária e cancroíde. Estas doenças aumentam o risco de infecção pelo HIV pois abrem uma via de acesso, através de lesões, à corrente sanguínea.

O tempo de contato da secreção que contém o vírus com a mucosa é outro fator a ser considerado. Tanto na vagina (sexo vaginal) como no reto (sexo anal passivo), o esperma

fica em contato prolongado com as mucosas, aumentando as chances de penetração do vírus. Atualmente considera-se também que os homens não circuncidados tem maior risco de contaminação. Além de aumentar a chance de traumatismos, o excesso de prepúcio representa um aumento da superfície mucosa do pênis, o que favorece um contato maior com secreções infectadas, principalmente a secreção vaginal.

A prática sexual que oferece maior risco de infecção é o sexo anal, seja entre dois homens ou entre um homem e uma mulher, principalmente quando ocorrer ejaculação. As chances de contaminação diferem segundo a posição do parceiro sexual, como "ativo" ou como "passivo".

O "passivo" é aquele que no ato sexual é penetrado pelo parceiro. Neste caso, o risco é maior pois a mucosa do reto além de ter uma capacidade acentuada de absorção, podendo absorver o esperma com HIV, é muito frágil e o atrito resultante da penetração pode ocasionar ferimentos. Estes ferimentos constituem portas de entrada e de saída para o HIV.

Já para o "ativo", aquele que penetra, o risco de contaminação é menor. Porém, a infecção pode ocorrer através de ferimentos no pênis decorrentes do atrito durante a penetração.

No sexo vaginal as possibilidades de contaminação teoricamente diferem para o homem e para a mulher:

Para a mulher, embora a mucosa vaginal seja mais resistente e tenha menor capacidade de absorção que a mucosa anal, também podem ocorrer ferimentos resultantes do atrito durante a penetração, que funcionam como porta de entrada ou saída para o vírus. O risco aumenta se houver ejaculação, pois o contato com o esperma é mais prolongado aumentando as chances de absorção. Mas, mesmo sem ejaculação, existe algum risco de contaminação pelo HIV presente, embora em menor quantidade, no líquido lubrificante eliminado pelo pênis antes da ejaculação.

Para o homem o risco de infecção é menor do que para a mulher, pois a secreção vaginal apresenta menor quantidade de vírus. Mas, como no caso do sexo anal, os ferimentos

resultantes do atrito durante a penetração são portas de entradas para o vírus presente no sangue e secreção vaginal. A possibilidade de contaminação parece ser maior durante o período menstrual.

No sexo oral a transmissão também é possível, uma vez que a mucosa oral e o tubo digestivo podem apresentar ferimentos por onde os vírus podem penetrar. O risco aumenta se houver ejaculação, porém, mesmo sem ejaculação existe risco devido ao líquido lubrificante e no caso do sexo oro-vaginal devido ao contato com as secreções vaginais.

Via transfusão de sangue e derivados:

Esta já foi uma forma importante de transmissão, principalmente no início da epidemia, afetando particularmente os hemofílicos. Após a introdução de testagem obrigatória no sangue doado e transfundido, os casos de contaminação por esta via vêm diminuindo acentuadamente.

O HIV pode viver durante muitos anos no sangue, em condições ideais de temperatura e acondicionamento, para manutenção da vida deste sangue. É o caso do sangue estocado para transfusões assim como em hemoderivados como plasma e fatores de coagulação. Embora seja testado para o HIV, há ainda uma possibilidade mínima de que o sangue tido como negativo, esteja na verdade positivo. Ocorre que a triagem, feita com o sangue nos laboratórios, utiliza técnicas de identificação dos anticorpos produzidos pelo organismo em reação ao HIV, e não o próprio vírus. O organismo leva de duas semanas a seis meses para produzir estes anticorpos, período este chamado de "janela imunológica". Desta forma, pode acontecer que alguém doe sangue poucas semanas após a contaminação e seu corpo não tenha produzido anticorpos suficientes para serem reconhecidos pelo teste.

Via materiais infectados:

Atualmente esta é uma forma de infecção de grande peso pois acontece principalmente entre os usuários de drogas. O principal fator para esse tipo de contágio é o costume de usuários de compartilharem agulhas, seringas e outros apetrechos utilizados na ministração da droga. O custo deste equipamento e o constrangimento a que muitos usuários são submetidos no momento de sua compra são fatores importantes, levando muitos a utilizarem apetrechos alheios.

Na excitação do ritual comunitário da injeção, as considerações sobre a prevenção à AIDS e outros riscos a saúde como a infecção pela hepatite, a danificação de veias e a toxidade das substâncias injetadas, são ignoradas. Muitas vezes os próprios riscos são percebidos como atraentes desafios à morte por certas personalidades fascinadas pela onipotência e a transgressão.

Via mãe para filho:

Durante a gravidez, a mulher pode transmitir o HIV para a criança através das trocas placentárias que realiza com o bebê, ou ainda no momento do parto onde podem ocorrer ferimentos na criança que possibilitam o contato com o sangue da mãe infectada. O risco de contaminação de um filho de uma mãe soropositiva varia de 25% a 50%, dependendo da infectividade do HIV materno, que aumenta com a progressão da doença e da carga viral.

Após o nascimento a contaminação pode ocorrer pelo aleitamento, mas essa via é menos freqüente que as acima citadas, tendo uma probabilidade de risco variando de 11 a 14%. Na maior parte dos casos de transmissão através do leite, a mãe havia contraído o vírus por transfusão de sangue ou contato sexual após o parto, havendo no período de amamentação uma grande carga viral associada à infecção primária.

Quase todas as crianças nascidas de mães soropositivas apresentam anticorpos contra o vírus, portanto são soropositivas para o HIV. Isso pode ocorrer devido a

passagem de anticorpos maternos para o feto durante a gestação, porém, sem que tenha havido contaminação do mesmo. Assim, o resultado do teste destas crianças pode permanecer positivo por até 18 meses após o parto, período em que desaparecem os anticorpos maternos e que irão produzir seus próprios anticorpos.

1.5) Manifestações Clínicas:

A maioria das pessoas que contraem o HIV permanece assintomática e pode permanecer assim durante anos. Este período é chamado de período de incubação do vírus.

A infecção pelo HIV é caracterizada por uma velocidade lenta de progressão da doença onde a AIDS é a última etapa dessa infecção. Assim, hoje é sabido que 0 a 2% das pessoas infectadas irão evoluir para a AIDS dentro dos dois primeiros anos após a soroconversão; 6 a 8%, após o terceiro ano e 50%, dentro de dez anos de infecção pelo HIV. E acredita-se também que algumas pessoas possam permanecer assintomáticas indefinidamente.

Porém, ainda permanecem questões importantes: porque algumas pessoas evoluem mais rapidamente para a doença do que outras? Porque alguns indivíduos não tornam-se imunodeficientes ou evoluem para a AIDS? Pressupõe-se que outros fatores além da exposição e aquisição do vírus sejam necessários para o desenvolvimento da doença.

Portanto, a duração do período de incubação, maior ou menor, parece depender de fatores como:

a) A variabilidade da patogenicidade do vírus,

b) O tipo de célula infectada. As pessoas que permanecem assintomáticas por mais tempo parecem ser aquelas que mantêm um nível satisfatório de células CD4-1 ativas, responsáveis pela boa resposta celular contra o vírus,

c) E dos cofatores. Um cofator pode ser definido como o parâmetro, que uma vez presente, pode alterar o curso natural de progressão da doença. Os cofatores podem estar

associados diretamente à aquisição do HIV, ao aumento da possibilidade de infecção durante à exposição ao HIV e coma progressão da doença nas pessoas infectadas. Os principais cofatores são:

c.1) Quantidade de vírus recebida ou carga viral.

Quanto maior a quantidade de vírus que penetra no organismo, mais rápida parece ser a progressão para a doença. A quantidade de vírus recebida pela pessoa depende de:

-Via de aquisição do vírus. Pessoas que são contaminadas através de sangue e derivados recebem uma carga muito grande de vírus diretamente na corrente sanguínea e nas relações anais o parceiro "passivo" fica exposto por mais tempo ao sêmem, rico em vírus, além da grande possibilidade de ferimentos que são uma via de acesso a corrente sanguínea.

-Quantidade de exposições ao vírus. Pessoas com múltiplos parceiros sexuais que não adotam práticas de sexo seguras, tem maior chance de contato com pessoas contaminadas com o vírus. Também os usuários de drogas que compartilham agulhas e seringas com várias pessoas, ou ainda, pessoas que têm vários contatos sexuais com um mesmo parceiro infectado.

c.2) Fatores Infecciosos. Se o sistema imune é continuamente superestimulado por uma alta carga antigênica, em associação com várias infecções crônicas, essa superestimulação pode interferir na capacidade do hospedeiro de eliminar agentes infecciosos. Um histórico de múltiplas doenças infecciosas, como sífilis, giardiase, gonorréia cancróide, doenças parasitárias, etc, tem sido sugerida como cofator predisponente para a infecção pelo HIV.

Outro cofator infeccioso que parece desempenhar papel importante na evolução do estágio assintomático para a AIDS é a imunodepressão causada por outros vírus, que ocorrendo simultaneamente ao HIV acabam por facilitar sua progressão. Entre as viroses que desempenham este papel estão as infecções por CMV (Citomegalovírus), EBV (Vírus Epstein-

Baar), vírus da hepatite B, herpesvírus e vírus da varicella zoster.

c.3) Idade: A progressão das doenças ocorre de maneira mais rápida em crianças, que apresentam um sistema imunológico ainda não completamente desenvolvido e em adultos idosos, que apresentam diminuição da resistência natural.

c.4) Nutrição: A má nutrição ou desnutrição afetam a imunidade, tanto a nível celular como humoral, podendo levar a uma progressão mais rápida para a AIDS.

c.5) Substâncias Imunodepressoras: O álcool, o tabaco, a maconha e as drogas injetáveis (heroína, cocaína e morfina) são apontados como possíveis fatores de imunossupressão, principalmente a nível celular.

c.6) Stress: O stress físico e emocional tem sido apontado como um fator que leva a imunodepressão. Alguns estudos indicam que a depressão e o isolamento social são fatores que levariam mais rapidamente a AIDS. Porém, outros indicam não haver nenhuma relação entre stress e o desenvolvimento da doença.

c.7) Sexo: Estudos sugerem que a velocidade de progressão da AIDS não diferem entre homens e mulheres heterossexuais. Porém, uma vez instalada a síndrome, o tempo de sobrevivência das mulheres é menor do que o dos homens.

c.8) Fatores Genéticos: Estuda-se a hipótese de que certas pessoas teriam mais predisposição genética para o desenvolvimento da AIDS e outras não. Porém, não há nada de certo a este respeito.

1.6) Classificação:

A seguinte classificação é estabelecida pelo Centro de Controle de Doenças (CDC) dos EUA em 1986. Esta é considerada incompleta e é criticada por considerar somente as manifestações clínicas sem estabelecer relações com as alterações imunológicas como também, por sugerir um caráter

evolutivo que não ocorre na realidade. Porém, ainda é a mais conhecida e utilizada.

- GRUPO I-** Infecção Aguda
- GRUPO II-** Infecção Assintomática
- GRUPO III-** Linfadenopatia Generalizada Persistente

GRUPO IV - Outras doenças:

- Subgrupo A- Doença constitucional
- Subgrupo B- Doença neurológica
- Subgrupo C- Doenças infec. secundárias
 - C.1- Infecções oportunistas
 - C.2- Outras doenças infecciosas
- Subgrupo D- Neoplasias secundárias
- Subgrupo E- Outras enfermidades

GRUPO I- Infecção Aguda:

No período de aproximadamente duas a seis semanas após a contaminação, a pessoa infectada pelo HIV pode, durante um período variável até quinze dias, desenvolver os seguintes sintomas:

- aparecimento de gânglios no pescoço e axilas (linfadenopatia)
- febre diária (38° ou 38,5° C)
- perda de peso
- dores musculares e nas articulações
- dores na garganta
- manchas vermelhas na pele
- sintomas neurológicos

Esses sintomas desaparecerem espontaneamente, seguindo-se da soroconversão.

GRUPO II- Infecção Assintomática:

Caracteriza-se pela sorologia positiva com ausência de sinais ou sintomas clínicos.

GRUPO III- Linfadenopatia Generalizada Persistente:

Esta fase caracteriza-se pela presença de linfadenomegalia (gânglios maiores que 1 cm), envolvendo duas ou mais regiões extra-inguinais, com a duração mínima de 3 meses, desde que sejam excluídas outras doenças ou drogas que possam causar aumento dos gânglios linfáticos. Neste período também não há presença de outros sintomas e a linfadenopatia regride espontaneamente.

GRUPO IV- Outras doenças:**Subgrupo A- Doença constitucional:**

Caracteriza-se pela presença de um ou mais dos seguintes sinais e sintomas desde de que não haja outros agentes causadores além do HIV:

- febre persistente por mais de 1 mês;
- perda de peso involuntária acima de 10% do peso corporal;
- diarréia com duração de mais de 1 mês;

Subgrupo B- Doença neurológica:**-Demência:**

Demência é um distúrbio mental orgânico que causa perda das habilidades intelectuais, interferindo nas atividades ocupacionais e sociais do indivíduo. O Complexo de Demência Relacionado à AIDS (CDA) é uma síndrome complicada, com sintomas mentais e neurológicos, encontrada muitas vezes em pessoas infectadas pelo HIV. A frequência do CDA tende a aumentar com o avanço do quadro da AIDS.

O CDA consiste de muitas afecções progressistas, que podem ser confundidas com problemas como depressão,

efeitos colaterais de certas drogas ou com doenças oportunistas que afetam o cérebro como a toxoplasmose e o linfoma. Entre outros sintomas incluem-se falta de concentração, esquecimento, perda da memória recente ou passada, recolhimento social, lentidão do pensamento, períodos curtos de atenção, irritabilidade, apatia, fraqueza, coordenação prejudicada, julgamentos deficientes e mudança de personalidade.

Ainda não está claro como o HIV relaciona-se com a demência. Geralmente, estas desordens mentais e do SNC, como descritas acima, são causadas pela morte de células nervosas. Se por um lado está demonstrado que o HIV não infecta diretamente as células nervosas, acredita-se que ele as mate indiretamente. (Cadernos Pela VIDDA, 1992, n°5)

-Mielopatia:

São afecções que atingem a medula espinhal causando distúrbios sensitivos e motores.

-Neuropatia periférica:

A neuropatia periférica pode ser resultado da infecção pelo HIV ou pelo CMV, como também pode ser um dos efeitos colaterais do uso do DDI e do DDC. Apresenta-se na forma de perda de sensibilidade, adormecimento e/ou fisgadas nos dedos, mãos, braços e pés.

Subgrupo C- Doenças infecciosas secundárias:

C1- Infecções oportunistas:

-PPC:

Pneumonia por pneumocistis carinii (protozoário) é caracterizada por febre, tosse seca não produtiva, dificuldade respiratória, perda de peso, suor noturno e fadiga.

-Criptosporidiose:

São infecções intestinais.

-Toxoplasmose:

Em pessoas com AIDS a manifestação mais importante ocorre no SNC promovendo distúrbios motores e psíquicos. O quadro mais comum é a encefalite: estado mental alterado (letargia, confusão, comportamento desiludido), paralisia em um lado do corpo, convulsões, dores de cabeça fortes que não respondem aos analgésicos, febre, coma. Pode também, causar sintomas fora do SNC notadamente no pulmão e coração.

-Candidiase (esofagiana ou bronquica):

Infecção por fungo que afeta o trato digestivo e pulmonar.

-Infecção por CMV:

A infecção pelo citomegalovírus pode causar:
 a)retinite: vista embaçada que leva à cegueira,
 b)ulcerações no esôfago: dor e dificuldade de engolir,
 c)colite: febre, diarreia, dor abdominal, depauperação; e
 em casos raros, d) pneumonia.

-Infecção pelo MAI (M. avium-intracelular) ou M. Kansseli:

A infecção pelo MAI pode atingir o trato gastrointestinal, fígado, baço, linfonodos, pulmão, medula óssea, SNC e rins.

C2-Outras doenças infecciosas:**-Tuberculose pulmonar e extrapulmonar⁴:**

A tuberculose (TB) é causada por um de três tipos de microbactérias. A infecção ocorre por via alimentar ou respiratória, e não é necessariamente acompanhada por sinais clínicos ou desenvolvimento da

⁴ A TB geralmente localiza-se no pulmão. Com menor frequência pode ocorrer a TB óssea, ganglionar e renal, entre outras. (Cadernos P. VIDDA, 1992, n°6, pg.12)

doença. Quando penetra no organismo, a bactéria ocasiona a infecção primária, que provoca uma lesão, denominada granuloma tuberculoso. Na maioria das pessoas, o granuloma se calcifica e cura. No entanto, se a virulência for alta e/ou a resistência do hospedeiro for baixa, a doença pode disseminar-se e tornar-se fatal. Podem ocorrer os seguintes sintomas: tosse, catarro, hemoptises, dispnéia e dor pleural, além de cansaço, emagrecimento, perda de apetite, anemia e febre. (Cadernos Pela VIDDA, 1991, nº3)

-Leucoplasia pilosa oral:

Causada pelo vírus Epstein-Barr a leucoplasia pilosa manifesta-se como uma placa branca na mucosa lateral da língua, acompanhadas de gosto ruim e sensação aveludada na língua. As lesões podem aparecer, sumir e voltar. (Cadernos Pela VIDDA, 1991, nº2)

-Herpes zoster multidermal:

O vírus varicela zóster, também da família dos vírus do herpes, causa varicela como infecção inicial, e depois fica latente; quando reativado causa uma infecção chamada herpes zóster. (Cadernos Pela VIDDA, 1991, nº2)

-Candidiase oral:

A mais comum das infecções fúngicas é causada pelo fungo *Candida albicans*. Apresenta os seguintes sintomas: ardência e intolerância a certos alimentos, gosto metálico, placas brancas removíveis em qualquer região da boca, rachaduras e dores no canto da boca.

-Salmonelose recorrente:

É uma infecção bacteriana que afeta primariamente o intestino, podendo evoluir para uma infecção generalizada.

Subgrupo D- Neuroplasias secundárias:

-Sarcoma de Kaposi:

A lesão clássica do SK aparece freqüentemente como placa ou nódulo de aspecto pigmentado, nas pernas e pés. O tumor pode ser único, multicêntrico, e cresce vagarosamente. As lesões são indolores, mas podem ulcerar-se e infectar-se, produzindo dor local. O SK que desenvolve-se em aproximadamente 30% dos pacientes de AIDS, demonstra uma combinação de nódulos, máculas, papulas (róseo, vermelho ou arroxeados) e linfadenopatia. As lesões podem aparecer em vários locais e são ocasionalmente simétricas. O tempo de progressão varia, sendo que a minoria das pessoas tem tumores indolentes por muitos anos enquanto que para a maioria os tumores progridem rapidamente, com o envolvimento de vários órgãos.

O tratamento é feito com radioterapia ou infiltração quimioterápica local. O tumor é muito radiosensível. Em pacientes com disseminação maior da doença ou com localização invasiva, a quimioterapia endovenosa é mais efetiva. (Cadernos Pela VIDDA, N° 2, 1991)

-Linfoma não-Hodgkin:

Tumor do sistema linfático freqüentemente localizado nos gânglios.

-Linfoma primário do SNC:

Tumor linfático localizado no SNC.

Subgrupo E- Outras enfermidades:

Todos os outros quadros clínicos ou doenças que não estão classificados nos outros grupos, mas que são atribuídos à infecção pelo HIV ou resultantes da imunodepressão como por exemplo: a pneumotite crônica intersticial e a trombocitopenia.

Uma nova classificação proposta pelo CDC em 1992 inclui além dos aspectos clínicos dados laboratoriais. A esta nova versão foi acrescentada a tuberculose pulmonar, as pneumonias recorrentes e o câncer cervical invasivo (quadro 1); como também a contagem de linfócitos CD4+ (quadro 2). (Jornal Brasileiro de Medicina, 1994, p.94-97).

Quadro 1

Categorias clínicas da infecção pelo HIV

A. Uma ou mais das condições abaixo em adultos ou adolescentes (> ou = 13 anos) com infecção por HIV documentada (não devem ter ocorrido manifestações do grupo "C" anteriores):

- Assintomáticos
- Linfadenopatia generalizada persistente
- História de infecção ou infecção clínica aguda pelo HIV.

B. Condições sintomáticas em portadores não-incluídos na categoria "C" ou em que:

- As condições atribuídas à infecção são indicativas de diminuição das defesas celulares
- Condições que podem ter evolução ou necessitem manuseio que possa complicar na infecção pelo HIV.

Os exemplos abaixo não excluem outras situações:

- Angiomatose bacilar
- Candidiase orofaríngea
- Candidiase vulvovaginal persistente, ou que responde mal à terapêutica.

-Displasia cervical (moderada e severa) e carcinoma cervical *in situ*.

-Sintomas constitucionais: febre ou diarreia com mais de um mês de duração.

-Leucoplasia pilosa oral

-Herpes zóster envolvendo mais de um dermatomo ou dois episódios distintos.

-Púrpura trombocitopênica idiopática.

-Listeriose.

-Doença inflamatória pélvica, principalmente complicada com abscesso tubo-ovariano.

-Neuropatia periférica.

C. Define AIDS com as seguintes doenças:

-Candidiase de brônquios, traquéia, pulmão ou esôfago.

-Câncer cervical invasivo

-Coccidioidomicose disseminada ou extrapulmonar

-Criptococose extrapulmonar

-Criptosporidiose crônica intestinal (mais de um mês de duração).

-Doença de inclusão citomegálica que não no fígado, baço ou linfonodo.

-Retinite por citomegalovirus com perda da visão.

-Encefalopatia associada ao HIV.

-Herpes simples: úlceras orais crônicas (mais de um mês), bronquite, pneumonite ou esofagite.

-Histoplasmose disseminada ou extrapulmonar.

-Isoporiose crônica intestinal (mais de um mês).

-Sarcoma de Kaposi

-Linfoma Burkitt ou equivalente.

-Linfoma imunoblástico ou equivalente.

-Linfoma no SNC.

-Tuberculose em qualquer sítio (por *M. tuberculosis*).

-Tuberculose extrapulmonar ou disseminada (por microbactérias atípicas).

-Pneumonia por *P. carini*.

-Pneumonias recorrentes

-Leucoencefalopatia progressiva multifocal.

- Sepse recorrente por salmonelose.
- Toxoplasmose no SNC.
- Síndrome consumptiva pelo HIV.

Quadro 2

Categorias de contagem de linfócitos:

- Categoria 1: > ou = 500 céls./microlitro (> ou = 29%)
- Categoria 2: 200 a 499 céls./microlitro (14% a 28%)
- Categoria 3: < 200 céls./microlitro (< 14%)

Quadro 3

Sistema de classificação da infecção pelo HIV.

Contagem de células CD4+	Categorias Clínicas		
	Assintomáticos com infecção aguda LGP*	Sintomáticos exceto A e C	Indicadores de AIDS
>ou= 500/ μ l	A1	B1	C1
200-499/ μ l	A2	B2	C2
<200/ μ l Indic. de AIDS	A3	B3	C3

*LGP: Linfadenopatia generalizada persistente.

1.7) ARC- (AIDS Related Complex) Complexo Relacionado à AIDS:

O termo ARC foi criado para descrever um grupo de sintomas. É aplicado quando uma pessoa infectada pelo HIV tem pelo menos dois sintomas bem nítidos de imunodeficiência, com pelo menos duas alterações laboratoriais. O termo é usado para descrever um quadro clínico que não preenche os critérios para a AIDS segundo o

CCD, mas que esta seguramente relacionado à infecção pelo HIV.

Os sintomas conhecidos como ARC são: febre, suores noturnos, perda de peso, fadiga, candidíase oral e linfadenopatia, na ausência de infecções oportunistas ou sarcoma de Kaposi.

Por não apresentar muita utilidade tanto do ponto de vista clínico como o da saúde pública, este termo tende a ser abandonado.

1.8) Marcadores Imunológicos:

-Células T4 ou CD4: A contagem destas células é importante para determinar a saúde do sistema imune, tratando-se do marcador mais conhecido e usado. Em pessoas HIV negativas a quantidade normal de T4 varia de 500 a 1800 cél./ mm³. Um rápido decréscimo das células T4 (mais de 10%) aumenta o risco de surgimento de graves doenças oportunistas. Estudos têm revelado que contagens de T4 abaixo de 200 estão associados a um prognóstico menos favorável.

A quantidade de T4 varia muito, conforme o dia, hora e laboratório. Por esta razão é indicado que os exames sejam feitos sempre no mesmo laboratório e no mesmo horário. Esta flutuação e o fato de abranger tanto células saudáveis como as danificadas, faz da contagem de T4 um teste limitado.

Conforme o procedimento adotado para a medição os níveis de T4 podem ser indicados por: a) número absoluto de células t4/mm³ de sangue, b) percentual de células T4 comparado ao total de linfócitos e c) proporção de T4/T8. A proporção de T4/T8 considerada normal é igual a 2:1. Na progressão da infecção pelo HIV as células T4 diminuem e as T8 permanecem normais ou aumentam alterando essa proporção, podendo chegar a uma completa inversão, o que é sinal de um mau prognóstico.

-Beta-2 Microglobulina: É uma partícula protéica presente na superfície de muitas células e que é liberada para o sangue quando estas morrem. Portanto, a infecção pelo HIV e CMV, entre outras, pode levar a um aumento do nível de beta-2. No caso de pessoas HIV positivas pode ser um indicador de que o vírus está se reproduzindo e destruindo células T4.

A taxa normal de beta-2 é inferior a 3mg/litro. Níveis superiores a 3mg/litro indicam risco maior e acima de 5mg/litro, risco muito elevado. Estudos têm demonstrado que o alto nível de beta-2 pode ser um indicador isolado mais eficaz na avaliação da progressão da doença quando comparado a contagem de T4. E que a combinação destes dois exames pode levar a formulação de prognósticos mais confiáveis.

-Neopterinina: É uma proteína produzida por macrófatos que atuam como reservatórios para o HIV. Níveis elevados de neopterinina indicam presença de infecção viral pois, para defender-se da infecção o corpo aumenta a produção de macrófatos. O aumento dos níveis de neopterinina é um indicador de avanço da infecção pelo HIV.

-Hemoglobina: É a proteína responsável pelo transporte de oxigênio do corpo humano. A taxa normal de hemoglobina é de 13,5 g/dl. Uma queda dos níveis de hemoglobina em soropositivos pode indicar que o vírus está destruindo as hemácias que se formam na medula óssea. Como esses níveis variam também por razões não relacionadas à infecção pelo HIV, este exame não deve ser tomado como parâmetro isoladamente.

-AC p24: Este exame mede a quantidade de AC (anticorpos) contra o AG (antígeno) p24 do HIV. Normalmente, pessoas soropositivas assintomáticas têm altos níveis de AC p24, o que pode ser indicativo de que o sistema imunológico controla o vírus com sucesso. Uma diminuição dos níveis do AC p24 indica uma diminuição das

defesas do organismo ou um aumento significativo do AG p24, o que demonstra uma progressão da doença. Em alguns casos o teste de AG p24 só fica positivo após a queda do AC p24. Assim, o teste de AC p24 pode detectar a progressão da infecção mais cedo que o teste de AG p24.

1.9) Marcadores Virais:

-AC p24: A presença do AG p24 está diretamente relacionada à reprodução do HIV. Seu aumento, quando há diminuição do AC p24, indica progressão da doença. Alguns estudos indicam que a presença persistente de AG p24 está associada a um diagnóstico pior e ao aumento da infectividade. É mais usado no período de janela imunológica na detecção do vírus.

A maioria das pessoas soropositivas assintomáticas testa negativo para o AG p24, talvez por um controle efetivo dos AC p24. Este exame não tem sido considerado um marcador prático da doença, especialmente em pessoas recém infectadas, mas pode ser útil no monitoramento dos efeitos de drogas experimentais anti-HIV.

-PCR (Reação de Polimerase em Cadeia): Este exame tem grande sensibilidade para detectar partículas virais. Este método é capaz de detectar o DNA e RNA do HIV, mesmo em pequenas quantidades, sendo, portanto, confirmatório da presença ou ausência do HIV. É de grande ajuda no diagnóstico precoce de infecção em crianças nascidas de mães HIV positivas.

1.10) Tratamento:

O tratamento da AIDS inclui drogas que atuam especificamente contra o vírus, que são da família dos antivirais, juntamente com drogas que são usadas para o tratamento das doenças oportunistas.

Entre os antivirais, os mais pesquisados e difundidos atualmente são o AZT, o DDI e o DDC. Estas drogas fazem

parte da família dos análogos de nucleotídeos (um componente de estrutura genética), tendo as três têm ação semelhante. Ao penetrarem a célula humana, são incorporadas ao seu DNA e bloqueiam a ação da enzima transcriptase reversa, inibindo assim a replicação viral.

-AZT (Zidovudine, Retrovir): É o mais antigo dos retrovirais disponíveis contra o HIV, tendo seu uso aprovado nos EUA em 1987. Através de diversos estudos, o AZT demonstrou ser eficaz retardando a progressão da doença, aumentando a sobrevivência e diminuindo a frequência de doenças relacionadas ao HIV.

Sua ação pode ser observada no aumento rápido e significativo de células T4. Apesar dos benefícios evidentes do AZT no tratamento de pessoas infectadas pelo HIV, tratamentos monoterápicos prolongados podem levar a uma diminuição da inibição do HIV após aproximadamente um ano de tratamento. São várias as possíveis causas para esse fenômeno: desenvolvimento de vírus resistente, toxicidade celular, refratariedade de vírus resistentes, toxicidade celular, refratariedade aos antivirais, aumento considerável da carga viral.

A resistência ao AZT afeta um número crescente de pacientes de AIDS. A probabilidade de resistência aumenta com a quantidade de vírus no organismo, o tempo de infecção e o grau de imunodepressão. Estudos têm mostrado que:

- pacientes em estágios avançados da infecção desenvolvem resistência ao AZT mais rapidamente do que pacientes em estágios iniciais da infecção,
- a contagem baixa de células T4 está fortemente associada com a resistência maior à droga.
- em pessoas que recebem doses mais altas de AZT a resistência se desenvolve um pouco mais cedo do que naqueles que recebem doses menores.

A resposta ao problema da resistência ao AZT parece ser a adoção de terapias combinadas ou a substituição do AZT por ddI ou ddC após um ano de tratamento.

O AZT apresenta efeitos colaterais, que são mais comuns quando o tratamento é iniciado em fases tardias da infecção e que podem ser amenizados com a diminuição da dose. Os mais importantes e freqüentes são: náuseas, vômitos, dores musculares e dores de cabeça. Em tratamentos prolongados pode haver toxicidade para a medula óssea, resultando em anemia e diminuição de glóbulos brancos.

Os benefícios do tratamento precoce com AZT têm sido bastante discutidos. Estudos sobre o assunto têm mostrado resultados diferentes. Um estudo europeu (Concorde), ao contrário de estudos norte-americanos, sugere que o uso de AZT precoce em pacientes soropositivos assintomáticos, não reduz de modo significativo o avanço da infecção pelo HIV.

Pesquisas norte-americanas apresentadas na Conferência do Instituto Nacional de Alergias e Doenças Infecciosas em junho de 1995, recomendam a adoção antecipada do AZT no tratamento de adultos soropositivos e a menor rigidez na terapia com drogas que podem ser alternadas em soropositivos assintomáticos.

-ddI (dideoxiinosine): Foi liberado nos EUA em 1991, sendo indicado para pacientes com intolerância ao AZT ou que tiveram progressão clínica da doença ou piora do estado imunológico durante o tratamento com AZT.

As vantagens do ddI são: uma duração mais prolongada dentro da célula, menor toxicidade para a medula óssea e não apresentar resistência cruzada com o AZT. Como desvantagem apresenta menor absorção em meios ácidos, sendo necessário associá-lo a anti-ácidos para que seja bem absorvido por via oral.

Apresenta efeitos colaterais importantes que podem estar associados com doses mais elevadas: pancreatite (potencialmente fatal), neuropatia periférica, hepatite, diarréia, excitação mental, aumento de ácido úrico.

Pode haver desenvolvimento de resistência ao ddI, principalmente quando usado como droga única, o que reforça a vantagem do uso associado ao AZT.

-ddC (dideoxycitidine): Embora estudos tenham sido realizados sobre o uso do ddC para o tratamento da infecção pelo HIV, tanto isoladamente como em combinação com o AZT, a monoterapia com ddC ainda não foi aprovada nos EUA.

Apresenta efeitos colaterais, sendo os mais freqüentes: neuropatia periférica, pancreatite, úlceras esofágicas, estomatite, erupções cutâneas, artrite e febre.

Assim como o AZT e ddI, pode haver desenvolvimento de resistência ao ddC.

-Inibidores de Protease: A protease é uma enzima que participa do processo de replicação viral. As drogas mais recentes e mais promissoras são as que atuam inibindo sua atividade. As que estão sendo estudadas são associadas com outros antiretrovirais (AZT, DDI).

-Terapia combinada: Consiste no uso de várias drogas que têm o mesmo mecanismo de ação contra o HIV, no caso, a inibição da enzima transcriptase reversa. Tem como objetivo: a)melhorar a eficácia global do tratamento em qualquer estágio da doença, b) prolongar a duração da eficácia além da obtida em uma terapia simples, c)diminuir ou eliminar o desenvolvimento de cepas resistentes ao vírus, d)reduzir os efeitos colaterais de qualquer droga, e) proporcionar maior flexibilidade de antivirais aos pacientes.

2. Aspectos simbólicos da AIDS sob a perspectiva da Psicologia Analítica:

Este capítulo não discute a "AIDS" enquanto conceito médico e nosológico. Enquanto pandemia alarmante que amedronta a todos com os seus avanços estatísticos. Trata não da AIDS "científica" impregnada de metáforas alienígenas e desumanizantes, nem da AIDS sociológica cheia de conceitos estigmatizantes. Discute sim a AIDS em

indivíduos. A AIDS enquanto um fato significativo e individual na vida da pessoa. A AIDS enquanto um símbolo dentro do processo de desenvolvimento e transformação da consciência coletiva e individual.

Como posicionar-se diante da AIDS sem perder de vista o ser que a sofre? Como despojar-se dos medos e preconceitos que vêm sendo tão sistematicamente alimentados por uma mídia cruel e desumana? Como enxergar através da doença e revelar os seus aspectos criativos e positivos?

Como foi dito anteriormente, tratando-se de uma doença ainda não inteiramente conhecida, além de extremamente resistente aos tratamentos existentes, a AIDS proporciona uma excelente oportunidade de metaforização. Tal como a sífilis e outras doenças, esta é uma doença concebida como um mal que afeta um grupo perigoso de pessoas "diferentes" e por elas é transmitido (SONTAG, 1989).

A AIDS enquanto o espaço do medo, da morte, da sexualidade proibida, do vício interdito, daquilo que está no outro, é portanto, um receptáculo perfeito para a projeção da sombra coletiva e individual. Como diz SONTAG (1989), toda doença infecciosa cuja principal forma de transmissão é a sexual, expõe muito mais ao perigo àqueles que são sexualmente ativos, levando a encará-la como um castigo dirigido a esta atividade.

A AIDS surge de forma alarmante, revelando, trazendo à luz e à discussão aquilo que antes era vivido no escuro de nossa clandestinidade: a sexualidade, a irracionalidade e a morte. Ela é antes de tudo uma doença que amedronta por revelar. Por revelar comportamentos e opções que são socialmente e individualmente condenados e portanto vividos na sombra; deixando em descoberto conflitos muitas vezes inaceitáveis.

Na história da humanidade, outras doenças cumpriram o mesmo papel que a AIDS. A lepra, a sífilis, o cólera, a tuberculose, o câncer, entre outras, em diferentes épocas, serviram de receptáculo para as projeções coletivas do "Mal", gerando contra aqueles que a possuem uma atitude de exclusão e punição.

Carl Simonton, pioneiro na abordagem psicossomática do câncer, sugere que todas as doenças são em um certo sentido "solucionadoras de problemas", pois muitas vezes estas são usadas, consciente ou inconscientemente, para se evitar o confronto com os verdadeiros problemas. Ao mesmo tempo que podem trazer a tona o conflito, elas podem servir de escudo para uma atitude consciente cristalizada, impermeável às transformações. Continuando, Simonton diz que se o conflito inconsciente não é integrado o sintoma pode desaparecer, mas freqüentemente reaparecerá em outro lugar. Referindo-se ao câncer ele comenta: "A psique substituiria o câncer por alguma outra doença. Se analisarmos a história da configuração das doenças, veremos que foi isso o que sempre fizemos através da história. Quer se trate da peste bubônica, da tuberculose ou da poliomielite - não importa a doença -, tão logo dominamos uma passamos para outra." (SIMONTON apud CAPRA,1988).

A lepra no final da Idade Média, revelou a patologia na carne. A carne que apodrece como resultado da purgação divina. Após séculos de domínio de uma atitude religiosa coletiva, onde os olhares se distanciaram da dimensão humana, da encarnação da alma, a lepra recoloca esta dimensão de forma dramática. O homem é forçado a voltar-se para o seu próprio corpo através da patologia, a reconhecê-lo e reintegrá-lo à consciência.

A seguir, a sífilis irá dar a este corpo uma "sexualidade" e uma "irracionalidade". Tanto os leprosos, como os sífilíticos foram excluídos e punidos, pois revelavam através de suas patologias algo que a consciência coletiva não estava disposta a enxergar.

Este fenômeno fez parte de um processo de transformação muito mais amplo e profundo. No início da era moderna, o homem foi forçado a reconhecer e a ocupar o seu lugar na criação. Dá-se o Renascimento. O poder sobre si mesmo, a valorização do livre arbítrio e a racionalidade Iluminista foram resultado de mudanças profundas na consciência coletiva, que sem dúvida se efetivaram a partir

da reintegração daquilo que estava na sombra há tanto tempo: a dimensão humana.

Esta reflexão histórica pode auxiliar na reflexão sobre os possíveis significados que a AIDS tem para a nossa época e sua consciência coletiva. Segundo Jung, toda patologia é uma tentativa de cura da alma. Esta afirmação leva à inúmeras questões como: Qual o sentido simbólico para a alma do homem moderno do aparecimento de tal moléstia? Quais as mudanças na consciência coletiva que o advento da AIDS pode estar indicando? A humanidade está atenta o bastante ou mesmo instrumentalizada para atingir o seu verdadeiro significado?

Questões como estas levarão ainda muito tempo para poderem ser respondidas, pois é preciso um certo distanciamento histórico para que se possa compreender os verdadeiros significados da erupção de conteúdos do inconsciente coletivo na esfera da consciência. Porém, assim como em tantos outros fenômenos psíquicos, sociais, políticos e culturais presentes hoje em dia, não pode-se deixar de especular sobre quais são as possíveis implicações da AIDS, para o evidente processo de transformação da consciência coletiva em curso atualmente. Para tal, as imagens relacionadas à AIDS podem servir de fio condutor para os significados desta doença.

Como descrito no tópico anterior, a infecção pelo HIV dá-se na troca de fluidos corporais, através do ato sexual, da transfusão de sangue ou da amamentação. Este instala-se nas células de defesa, destruindo-as e deixando o organismo exposto ao ataque de outros agentes infecciosos. É portanto na troca e na relação entre substâncias internas de um indivíduo para o outro que surge a patologia. Esta instala-se na intimidade das pessoas, revelando-as, patologizando-as e possivelmente transformando-as.

Desta forma, é na esfera das relações humanas, tanto a nível objetivo quanto a nível subjetivo, que parecem estar os possíveis significados para a AIDS e seu papel na atual mudança da consciência coletiva.

Neste século têm ocorrido profundas transformações psíquicas, sociais e culturais. A industrialização maciça do planeta, o desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação, os avanços da medicina, a despotencialização dos dogmas religiosos e tantos outros fenômenos, impuseram ao homem um estilo de vida completamente dissociado de seus ritmos e vivências pessoais. Experiências que sempre fizeram parte da humanidade como: nascimento, sofrimento, doença, morte, relacionamento, etc, foram aprisionadas e despersonalizadas pelo "saber" científico.

KÜBLER-ROSS (1969) ao discutir sobre o espaço da morte na atualidade levanta questões da maior importância: "Examinando nossa sociedade, perguntamos-nos logo sobre o que acontece com os homens numa sociedade propensa a ignorar ou a evitar a morte. Quais os fatores, se é que existem, que contribuem para a crescente ansiedade diante da morte? O que acontece num campo da medicina em evolução em que nos perguntamos se ela continuará sendo uma profissão humanitária e respeitada ou uma nova, mas despersonalizada ciência, cuja finalidade é prolongar a vida em vez de mitigar o sofrimento humano? Um campo da medicina em que os estudantes têm possibilidade de escolha entre dezenas de trabalhos sobre RNA e DNA mas nenhuma experiência no simples relacionamento médico-paciente, antiga cartilha de todo médico de família bem sucedido? O que acontece em uma sociedade que valoriza o QI e os padrões de classe mais do que a simples questão do tato, da sensibilidade, da percepção, do bom senso no contato com os que sofrem? O que acontece numa sociedade profissionalizante onde o jovem estudante de medicina é admirado pelas pesquisas que faz e pelo desempenho no laboratório nos primeiros anos de faculdade, mas não sabe responder uma simples pergunta que lhe faz um paciente? Se déssemos ao relacionamento humano e interpessoal a ênfase que dispensamos ao ensino dos novos avanços técnicos e científicos, não há dúvida de que faríamos progresso, mas não se este novo conhecimento for ministrado ao estudante à custa de um contato interpessoal cada vez menor. O que será

de uma sociedade que concentra mais seu valor nos números e nas massas do que no indivíduo? Uma sociedade em que a tendência é reduzir o contato entre professor e aluno, substituindo-o pelo ensino de circuito fechado de televisão, pelas gravações, pelos filmes, instrumentos todos que atingem um maior número de estudantes mas de um modo bem despersonalizado?" (KÜBLER-ROSS, 1969, p.23-24).

A situação da medicina reflete a situação do homem moderno, que cada vez menos, tem espaço para sua própria individualidade. Vítima da massificação torna-se objeto de consumo, e acaba sendo consumido por uma estrutura coletiva baseada em valores racional-materialistas. O resultado são indivíduos pensantes, isolados e onipotentes, que vivem a fantasia de uma suposta liberdade e auto suficiência, mantendo-se emocionalmente distanciados da vida.

Vive-se o auge, ou talvez, o ponto de virada de uma cultura massificante, caracterizada por uma consciência de mundo patriarcal. Segundo CAPRA (1988) o modelo mecanicista está esgotado e assim como a ciência, toda a humanidade busca um novo modelo que dê conta não só das relações causais entre os fenômenos, mas também da interdependência destes fenômenos. Em outras palavras, a ciência caminha para um novo modelo onde as relações entre vários fenômenos constituem um sistema dinâmico que deve ser apreendido.

Pode-se dizer que o surgimento de um novo paradigma que prioriza os conceitos sistêmicos e relacionais, faz parte de um contexto maior de transformações que ocorrem na consciência coletiva.

Em contraponto com os últimos milênios de polarização no mito masculino, caracterizado pela cultura judaico-cristã, destaca-se através de muitos fenômenos, a emersão do arquétipo do feminino. Este é perceptível, em seu aspecto positivo, em fenômenos como:

-A Ascensão de Maria e a inclusão da dimensão feminina da divindade no mito cristão.

-O movimento feminista na medida que possibilitou o reconhecimento dos direitos individuais e sociais da mulher.

-A descoberta da pílula que possibilitou a mulher uma vivência de sua sexualidade fora do contexto da reprodução.

-Os movimentos ecológicos e o desenvolvimento das teorias sistêmicas como alternativa ao pensamento causal.

-A crescente ênfase na qualidade em detrimento da quantidade.

-A busca de uma vida com mais espaço para o prazer, diversão e beleza.

-O movimento de integração global onde as fronteiras e divergências podem ser minimizadas a partir de relações mais conscientes.

E porque não dizer, a própria psicologia analítica que tanto tem contribuído para a reintegração do mundo feminino na psicologia.

Em seus aspectos negativos são percebidos:

-No crescente número de dependentes de drogas e álcool.

-Na proliferação de seitas místicas que levam ao fanatismo e a inconsciência.

-Nos distúrbios de saúde da mulher moderna, como: ciclo menstrual irregular, diminuição dos nascimentos por parto natural, grande número de tumores nos seios e nos ovários, infertilidade, etc.

-Na grande incidência de câncer nas suas mais diversas formas.

-No aumento dos distúrbios psíquicos como depressão, fobias e esquizofrenia.

-Nas violentas reações da natureza à sistemática destruição do homem: enchentes, mudanças climáticas, secas, etc.

-E porque não incluir o surgimento da AIDS?

O princípio feminino encerra os mistérios da formação, da preservação, da nutrição e da transformação. É no arquétipo da Grande Mãe que encontramos a polaridade vida e morte. É ela quem gera, quem nutre, quem protege e promove a vida, mas é ela também que se nutre do filho que morre, que o chama e o acolhe em seu ventre terra. É ela, como lua, que regula as marés das emoções e de tudo que é fluido

no organismo. A serviço de Eros, propicia a atração erótica entre os indivíduos, procurando estabelecer relações, ligações e a perpetuação do ciclo da vida. No corpo, é ela que rege todos os mecanismos de manutenção e preservação: a regeneração das células, a respiração e oxigenação, a circulação, o sistema imunológico, etc.

É no reino feminino do inconsciente, que se dá a ligação e a relação emocional entre o eu e o mundo. Aquilo que ainda está inconsciente no indivíduo é o que o mantém ligado emocionalmente ao outro, via projeção (*participation mystique*). O inconsciente é que promove os encontros e desencontros, as atrações e repulsões irracionais. Este poder de ligação, Eros, busca o outro para através dele gerar uma nova unidade e neste sentido ele é um elemento transformador.

Como tudo que pertence à esfera do arquétipo feminino: a geração, a transformação, a nutrição, a preservação, a inspiração, etc são "mistérios" e exigem uma maneira própria de aproximação e entendimento. A questão é, de que forma fazê-lo sem destruir sua natureza? Ainda se quer penetrar e entender o mundo feminino com instrumentos muito inapropriados, como a lógica dedutiva da ciência tradicional.

Nas discussões sobre AIDS observa-se uma grande preocupação em garantir às pessoas as mesmas possibilidades de relacionamento sem a preocupação de pensá-los em termos qualitativos e significativos. " Use a camisinha" e aí a ciência autoriza a fazer o que se quer com o corpo, com a sexualidade e as relações de modo geral. Não há nenhum questionamento ético, moral ou pessoal.

Mais uma vez a visão causalista distancia-se do significado. Ater-se às causas não nos libertará daquilo que a AIDS representa em seu sentido mais profundo. Porém, percebe-se que não há por parte da ciência, da igreja, da psicologia ou da sociedade como um todo, nenhuma preocupação em atender o apelo que esta doença traz. Apelo que não é só racionalista, positivista, próprio do saber

masculino, mas também um apelo simbólico, emocional, irracional típico dos mistérios femininos.

Do ponto de vista da alma, ou seja, do princípio feminino só há realidade quando se é tocado emocionalmente por algum evento. Para tal, é necessário estar intimamente ligado à vida, às pessoas e a si mesmo. Trazer esta questão à consciência coletiva parece ser um dos desafios que a AIDS coloca. Não se pode mais negligenciar a importância da alma na construção da consciência, pois sem ela caminha-se cada vez mais para um mundo de patologias, catástrofes, violência e desumanização.

Segundo PAIVA, até há pouco tempo atrás, eram as imagens da bomba atômica, de guerras, de perseguições ou do câncer que apareciam nos sonhos como "símbolos mais comuns de situações de transformação pessoal, de morte e renascimento psíquico. São símbolos coletivos que sinalizam a sensação de perigo de fazer o *outro lado* emergir como significativo para o *eu*. O *outro* que pode ser uma nova pessoa em nossa vida, ou os outros lados não vividos do nosso próprio *self*. Depois de 1985,..., a AIDS passou a ser o grande *hit* simbólico que aparece nos sonhos de todos os tipos de pessoas que acompanhamos nos consultórios de psicoterapia. AIDS é o novo nome do inominável" (PAIVA, 1992, p.55).

Tanto do ponto de vista do desenvolvimento da consciência coletiva quanto do desenvolvimento da consciência individual a AIDS parece constelar conteúdos do mundo feminino que se encontram na sombra e que precisam ser conscientizados e integrados. Quando a AIDS aparece, seja de forma concreta ou seja de forma simbólica, é preciso vê-la sempre do ponto de vista da individuação. Qual o sentido que ela assume para os diversos indivíduos em determinado momento de suas vidas? O que ela tem a dizer para o desenvolvimento psíquico daquela pessoa?

Para o portador do HIV a busca de um significado individual é vital, pois as conotações coletivas esvaziam e inviabilizam qualquer processo de desenvolvimento pessoal, resultando em culpa, auto punição, aceitação passiva e

agravamento dos sintomas. Nesta condição, a pessoa mantém-se inconsciente, submissa ao seu trágico destino.

Sabe-se que o contato do ego com o Self, a totalidade, sempre é um processo acompanhado de muito sofrimento. Este pode ser desencadeado das mais diversas formas: a morte de um ente querido, um acidente, a perda de um emprego ou falência, um surto psicótico, uma experiência mística ou por uma doença grave. E é diante do sofrimento que surgem os conflitos: "O que isto significa? Porque tenho que continuar vivendo? Neste caso o sofrimento se torna intenso, terrível e constitui um problema religioso. Pode-se dizer, portanto, que o homem é mais vulnerável ao sofrimento intenso e real e isso tem a ver com o fato de que há algo em nós que acha que isso não deveria estar acontecendo; mas se é uma parte de minha vida e é inevitável, então devo saber o seu significado. Se eu souber isso, consigo aceitar o sofrimento, mas se não, tal aceitação torna-se impossível... Temos que seguir o caminho de nosso processo de individuação para descobrir a razão de tal sofrimento, pois essa razão é única e diferente em cada indivíduo, portanto a pessoa deve achar aquele significado único. É por isso que ao procurar o significado de seu sofrimento você procura o significado de sua vida" (FRANZ, 1992, p.132).

IV - METODOLOGIA.

1. Considerações gerais:

A pesquisa em psicologia clínica envolve questões metodológicas que precisam ser melhor discutidas. Das possibilidades existentes: a pesquisa teórica (discussão teórica sobre um tema), a pesquisa com instrumentos definidos (testes, entrevistas abertas ou fechadas, técnicas projetivas ou expressivas, etc) e a pesquisa no contexto psicoterápico (estudo de casos, relatos sobre sessões, estudo do discurso, estudo da relação transferencial e contratransferencial, estudo de material coletado durante as sessões, etc); é a última que suscita mais questões.

Como construir um modelo de pesquisa em um contexto tão singular como o do setting terapêutico? Como garantir que a subjetividade da relação terapêutica (transferência e contratransferência) não interfiram nos resultados? Como sair da especificidade do contexto individual do estudo de caso para a construção de um conhecimento mais genérico? Como lidar com variáveis como: tempo, caracterização do sujeito, quantidade e qualidade do material, entre outras, em um contexto clínico onde estes fatores são determinados sobretudo pelo processo de cada sujeito?

Estas são questões que não pretende-se responder, pois fugiria a amplitude deste trabalho, mas sim discuti-las à luz dos problemas confrontados na construção do modelo metodológico aqui proposto.

A primeira preocupação ao planejar a presente pesquisa foi que esta refletisse ao máximo a prática clínica, ou mais especificamente, o contexto psicoterápico em sua complexidade e limitações.

Algumas questões foram mais facilmente contornadas como: a viabilização e a escolha do local para a coleta de dados (vide- **Viabilização do Projeto**), a delimitação de um setting terapêutico adequado (vide - **Instrumento**), escolha da abordagem teórica, definição dos dados a serem

pesquisados (relatos de sonhos, associações, sintomas, etc) e a construção de um instrumento de registro destes dados. Porém questões mais complexas impuseram-se quando foi preciso definir os sujeitos, o número de sessões e quantidade de material, a qualidade e a pertinência do material coletado, etc.

Como definir os sujeitos em uma estrutura de atendimento onde ainda não se sabe que tipo de pessoas irão comparecer? Ao propor um serviço de atendimento psicológico para pessoas com HIV/AIDS (vide instrumento) o único fator que pode ser delimitado de antemão foi a vivência da soropositividade. A impossibilidade de prever quem comparece ao consultório ou a um serviço de atendimento psicológico é uma característica da prática clínica que deve ser levada em conta na pesquisa em psicologia clínica a não ser que o material e os sujeitos já estejam disponíveis a priori.

Apesar de muitas vezes não ser possível a definição mais exata dos sujeitos no início da pesquisa, esta pode ser feita em um segundo momento a partir do material empírico registrado. Neste caso, a maior flexibilidade para a coleta e registro dos dados não implica em falta de critérios para a organização e sistematização dos mesmos e reflete melhor a realidade da pesquisa no contexto clínico.

A caracterização dos sujeitos é permeada por outras questões que vão além do sexo, idade, orientação sexual, escolaridade, etc. Por exemplo, a determinação de um tempo ideal ou necessário para o registro de dados de cada sujeito ou de um grupo de sujeitos. Como definir um tempo cronológico ideal se na prática psicoterápica percebe-se que o tempo é determinado pelo processo de cada indivíduo? Como fazê-lo sem destruir o contexto psicoterápico? Há alguns modelos teóricos como o da terapia breve ou focal que poderiam favorecer a delimitação de um tempo ideal para o processo, mas quando a abordagem teórica é outra a questão se complica.

Se for entendido que junto com o tempo cronológico devemos considerar a intensidade e a capacidade de cada indivíduo de vivenciar os eventos psicológicos evocados pela relação terapêutica, chega-se a um tempo interior e individual. Portanto, para algumas pessoas uma ou poucas sessões tem efeito terapêutico devido a intensidade com que foram vividas. Para outras, meses ou anos serão necessários para que alguma mudança significativa ocorra. Considerar como válido o período em que o sujeito participou efetivamente de um processo terapêutico e o seu desenvolvimento neste período reflete muito mais a realidade e o interesse clínico do que procurar estabelecer tempos cronológicos alheios ao sujeito.

A questão do tempo de cada indivíduo evoca ainda outras questões como a quantidade e a qualidade do material coletado neste período. Este tempo (tempo do sujeito) é o ideal para a obtenção dos dados, quantitativa e qualitativamente? Um período de tempo maior para a coleta de dados aumentaria a probabilidade de se conseguir material mais significativo? Se o tempo do sujeito não é válido, como fixar um tempo ideal para o registro de dados significativos para uma pesquisa realizada no contexto psicoterápico? É difícil afirmar que a quantidade de material garante a qualidade, no sentido de seu significado. Ou seja, não posso afirmar a priori que o conteúdo de cinquenta sonhos diz mais que o de dez sonhos, nem tão pouco, que o registro de sonhos obtidos em um determinado período de tempo, seja mais relevante do que o registro dos sonhos que foram obtidos em um período de tempo menor. Portanto, estas questões (tempo, quantidade e qualidade) só podem ser definidas a partir do contexto analítico de cada sujeito, na medida que é na relação terapeuta-paciente que emergem os significados, interpretações (hipóteses) e constatações (assimilação, mudanças) que determinam assim a qualidade e a validade do material coletado.

Porém, o fato de se levar em conta o tempo de cada sujeito, não impede que no momento da organização do

material procure-se uma uniformização da amostra. Por exemplo, de um grupo de 20 sujeitos pode-se selecionar um subgrupo que compareceu às sessões por um período de tempo similar possibilitando o registro de uma média de dados significativos para a pesquisa e que atendam a outras características como sexo, orientação sexual, escolaridade, faixa etária, etc.

A possibilidade de se organizar o material em um momento posterior parece não prejudicar a sua validade. Ao contrário, pode-se apontar algumas vantagens para a pesquisa no contexto clínico: 1) Abre-se uma vasta gama de possibilidades para o pesquisador-clínico, 2) Reflete melhor a realidade do contexto psicoterápico e suas especificidades e 3) Possibilita uma maior sistematização dos dados que são obtidos no contexto clínico, que em grande parte ficam sem uma reflexão mais profunda e objetiva.

2. Viabilização do projeto:

No intuito de viabilizar a coleta de dados para este trabalho, foi realizado um levantamento dos órgãos públicos envolvidos com a questão da AIDS e dos grupos de apoio de caráter não governamental (ONGS). Foram feitas visitas com a participação de reuniões rotineiras das diversas organizações, onde pode-se observar as características e os objetivos de cada uma. Logo de início foram abandonadas as instituições governamentais; estas, devido ao seu caráter burocrático e político, apresentam muita dificuldade de acesso ao público alvo. Já as organizações não governamentais são estruturas menores, com objetivos mais específicos e em sua maioria composta por pessoas portadoras do HIV e portanto diretamente ligadas ao problema da AIDS.

Foi possível observar que os grupos de apoio articulam-se em torno das mais diversas necessidades e objetivos: o assistencialismo, a identidade do portador e auto-ajuda, a mudança radical na forma de vida, o

revigoração da vida moral-religiosa, a prevenção e informação, a militância política, etc. A dinâmica destes grupos também varia muito, indo de estruturas mais centralizadas e autoritárias a outras totalmente abertas e participativas.

Após os contatos iniciais optou-se pelo grupo Pela VIDDA (Valorização, Integridade e Dignidade dos Doentes de AIDS), organização não governamental de apoio e prevenção a AIDS, que é constituído por pessoas portadoras e não portadoras do HIV e que se propõe aos seguintes objetivos gerais: 1) divulgar informações científicas sobre o tratamento da AIDS através de publicações trimestrais do próprio grupo (Cadernos Pela VIDDA), 2) exercer militância política junto à sociedade civil e aos órgãos governamentais no intuito de garantir os direitos à cidadania do portador do HIV, 3) fomentar o debate em torno de questões relativas à AIDS através de grupos de estudos, palestras, reuniões abertas e participação do Núcleo de Estudos da USP (NEPAIDS), 4) desenvolver e estimular estratégias de prevenção primária e secundária à AIDS através de Oficinas de Sexo Seguro⁵ e de projetos de intervenção comportamental em comunidades específicas e 5) propiciar espaço onde o portador do HIV possa trazer e discutir as questões referentes a seu convívio com a AIDS.

3. Sujeitos:

De início, foram considerados como possíveis sujeitos para esta pesquisa toda pessoa infectada pelo HIV, em qualquer fase da doença. Não foram determinados grupos específicos (homossexuais, heterossexuais, usuários de drogas, hemofílicos, classe social, raça, sexo, sintomatologia, etc) procurando abrir ao máximo o leque de possibilidades. O único eixo considerado foi a vivência da soropositividade. Porém, as pessoas atendidas no grupo Pela

⁵ Oficina de Sexo Seguro é uma dinâmica composta por uma série de exercícios e discussões em grupo, visando a conscientização de práticas sexuais seguras do ponto de vista da prevenção.

Vidda e no consultório em sua grande maioria são homens de práticas homossexuais o que acaba caracterizando um corte entre as várias especificidades da população alvo (soropositivos).

Foi discutida a possibilidade de se trabalhar com duas categorias, sintomáticos e assintomáticos, que permitissem fazer alguma relação do desenvolvimento da doença com as imagens dos sonhos. Porém, esta possibilidade foi abandonada pelas seguintes razões:

1) Os portadores do HIV em sua grande maioria apresentam sintomas relacionados a baixa imunidade (ARC) que de forma isolada não são considerados a síndrome em si (AIDS). Na prática, as fases da doença muitas vezes não podem ser delimitadas segundo esta classificação. Há indivíduos que passam um período assintomáticos, entram em crise desenvolvendo sintomas, e voltam ser assintomáticos. Portanto, foram registradas as ocorrências de sintomas físicos, isolados ou não, independentemente da classificação genérica de fases entre sintomático e assintomático. O registro do aparecimento dos sintomas mesmo em fases anteriores à síndrome possibilita estabelecer relações válidas para as dimensões deste estudo.

2) Quando todos os sintomas da doença estão presentes e o indivíduo desenvolve a síndrome em si, é extremamente difícil manter o acompanhamento psicológico devido ao grande número de internações e à debilitação física do sujeito. Das pessoas acompanhadas, aquelas que desenvolveram a síndrome não tiveram condições de continuar comparecendo às sessões; portanto, não foi possível coletar sonhos desta fase da doença. Porém, os sonhos que precederam crises ou mesmo o desenvolvimento da AIDS são bastante sugestivos permitindo estabelecer relações entre as manifestações da doença e as imagens oníricas.

Os sujeitos foram engajados na pesquisa através do atendimento psicológico no grupo Pela Vidda-SP e em meu consultório. A partir do interesse dos pacientes em relatar seus sonhos durante as sessões, foram consultados sobre a

possibilidade de contribuir com este trabalho através do registro sistemático dos mesmos. Todas as pessoas consultadas concordaram em participar porém nem sempre trouxeram os registros por escrito (vide instrumento). Sendo assim parte do material foi registrado a partir do relato oral dos sonhos e associações durante as sessões.

No período de agosto de 1992 a junho de 1994 foram registrados sonhos de nove pessoas segundo tabela abaixo:

Suj.	Ida.	Sexo	Orie. Sexual	Escol.	Nível Soc. Econ.	Período Infec.	Local Atend.	Per. de Coleta	Num. de Sonho
1	29	M	Homo	Univ.	B	4 anos	P.V.	10 m.	24
2	44	M	Homo	Univ.	B	7 anos	P.V.	7 m.	17
3	29	M	Homo	2.Grau	A	4 anos	P.V.	1 m.	1
4	27	M	Hetero	2.Grau	C	5 anos	P.V.	3 m.	11
5	31	M	Homo	Univ.	B	3 anos	P.V.	10 m.	33
6	40	M	Hetero	2°Grau	C	3 anos	P.V.	3 m.	5
7	24	M	Homo	2°Grau	C	1 ano	Cons.	2 anos	27
8	33	M	Bis.	Univ.	A	1 ano	Cons.	7 m.	5
9	29	M	Homo	2°Grau	A	2 anos	Cons.	3 m.	2
TOT.	125

Observações:

-Sujeitos: foram identificados com números por questão de sigilo.

-Idade: foi registrada a idade que os sujeitos tinham no início do acompanhamento psicoterápico.

-Escolaridade: foram considerados três níveis 1° Grau, 2° Grau e universitário, mesmo que incompletos.

-Nível Sócio-Econômico: foram considerados três níveis A, B e C. Esta classificação não seguiu nenhum critério rigoroso de avaliação além dos dados colhidos durante as sessões no

tocante a situação econômico familiar, salário, condições de moradia, etc.

-Período de infecção: foi considerado a data a partir da qual os sujeitos se consideraram contaminados pelo HIV no início do atendimento psicológico.

-Local de Atendimento: foram considerados dois contextos de atendimento: o do Grupo Pela Vidada (P.V) e o de consultório (Cons.).

-Período de coleta: foi considerado o período em que o sujeito freqüentou o atendimento psicológico.

Do material coletado selecionei três séries oníricas, dos sujeitos 1, 2 e 5, segundo os seguintes critérios:

1)Sexo e orientação sexual dos sujeitos: as três séries oníricas são de homens de orientação homossexual. A tentativa de homogenização visa eliminar outros fatores relacionados às diferentes orientações sexuais que poderiam de alguma forma interferir na análise dos dados. Além do que o material registrado de homens de orientação heterossexual (sujeitos 4 e 6) não foi suficiente nem significativo para a formação de um segundo grupo.

2)Contexto de coleta: visando neutralizar as possíveis influências do setting terapêutico sobre a qualidade do material coletado escolhi três séries que foram registradas em um mesmo contexto - Aconselhamento psicológico do grupo Pela Vidada.

3)Grau de instrução: os três sujeitos tem nível universitário o que de alguma forma pode determinar uma certa uniformidade quanto ao grau de elaboração.

4)Faixa etária: os sujeitos 1 e 5 tem a mesma faixa etária, 29 e 31 anos respectivamente. O sujeito 2 tem 44 anos. Apesar desta diferença podemos afirmar que os três sujeitos estão na fase adulta caracterizada por experiências de vida semelhantes.

5)Nível sócio econômico: os três sujeitos são de classe média (B) o que pode caracterizar uma certa

uniformidade no tocante ao tipo de educação recebida, valores, relações sociais, etc.

6)Ocorrência de sintomas físicos da doença: os três sujeitos apresentaram sintomas isolados da AIDS durante o período de registro dos sonhos.

7)Registro dos sonhos: considerei os seguintes aspectos:

7.1)Tempo de coleta: os três sujeitos compareceram às sessões por um período suficiente para o conhecimento da situação psicológica dos mesmos e para o registro de sonhos e eventos somáticos da doença.(Sujeito 1- 10 meses, sujeito 2- 7 meses e sujeito 5- 10 meses),

7.2)Número de sonhos registrados: os três sujeitos relataram número de sonhos e associações que representam material significativo para o tipo de análise proposta. (Sujeito 1- 24 sonhos, sujeito 2- 17 sonhos e sujeito 5- 33 sonhos. Total 74 sonhos),

7.3)Qualidade dos registros: os três sujeitos apresentaram certa homogeneidade quanto a: forma de descrição dos sonhos, capacidade de fazer associações com as imagens oníricas, constância dos registros e registro de sintomas físicos da doença.

8)Período de infecção pelo HIV: os três sujeitos estavam infectados pelo HIV por mais de três anos o que caracteriza um estágio de convivência com a infecção diferente daquele inicial, caracterizado por grande impacto emocional (raiva, desespero, apatia, etc) ou mesmo do estágio final onde a presença da doença se faz mais dramática (Sujeito 1- 4 anos, sujeito 2- 7 anos e sujeito 5- 3 anos).

Com a escolha das três séries procurou-se construir uma amostra homogênea quanto às diversas variáveis obtidas no conjunto total dos sujeitos, garantindo ao mesmo tempo o grau de relevância do material para o presente estudo.

4. Instrumento:

A coleta de dados foi feita através de:

- A) Registro dos sonhos e associações
- B) Sessões de aconselhamento psicológico

A) Registro dos sonhos e Associações:

Os sujeitos foram instruídos a registrar seus sonhos e as associações que puderam estabelecer com as imagens oníricas, em um formulário que foi devolvido e complementado durante as sessões. Os sonhos e associações relatados oralmente foram registrados logo após as sessões.

Modelo do Formulário:

I	Dados do Sujeito (Iniciais) e Data:
II	Estados de Saúde (Ocorrência de sintomas, realização de exames, uso de medicação, etc):
III	Registro dos Sonhos:
IV	Associações e Comentários:

O formulário é composto de quatro campos: I) Dados do Sujeito (nome ou iniciais) e data do registro do sonho; II-Estado de Saúde (Desenvolvimento do quadro clínico, sintomas, exames, medicamentos, etc), III - Registro do Sonho e IV - Associações (feitas pelo próprio sonhador e as coletadas durante a sessão) e comentários sobre a sessão.

Os sujeitos foram instruídos a:

a) Transcrever os sonhos o mais precisamente possível ao acordar ou durante a manhã, para que a memória destes não sofresse alterações ou fossem esquecidos durante o dia;

b) Apontar as imagens do sonho que mais chamaram sua atenção e registrar quais os sentimentos, sensações ou associações que tem em relação a elas;

c) Descrever o seu estado geral de saúde, o aparecimento de sintomas, se houve alterações na contagem de linfócitos, se houve remissão de algum sintoma, se mudou de medicação, etc.

O campo IV foi complementado após as sessões com:

a) as associações obtidas durante a entrevista,

b) alguma alteração percebida no estado físico e psíquico do sujeito,

c) acontecimentos significativos relatados durante a sessão.

B) Sessões de Aconselhamento Psicológico:

Quando contactado, o grupo Pela Vidda vivia um momento de expansão. Este saía de uma sala para uma casa com seis cômodos. A nova sede refletia a expectativa de seus membros de ampliar suas atividades, atendendo assim às diversas demandas que o grupo apresentava. A primeira delas foi a implantação de uma reunião de convívio, batizada de "Chá Positivo", que visava ser um espaço alternativo às reuniões de trabalho e onde fosse possível a troca de experiências sobre a soropositividade em um contexto informal.

Com a nova sede e as novas atividades, uma outra questão tornou-se cada vez mais presente: a necessidade de um espaço individual para a discussão, informação e expressão de sentimentos frente a AIDS. As pessoas chegavam ao grupo pela primeira vez ou com um nível de ansiedade muito grande, ou muito fragilizadas ou ainda com questões muito específicas que o grupo não tinha condições de abarcar. Ocorriam então, situações muito constrangedoras tanto para o grupo como para aquele que se apresentava. É neste contexto que é proposta a implementação de um espaço individualizado caracterizada como aconselhamento psicológico.

Terapia de apoio, atendimento psicológico, terapia focal e muitos outros referenciais que poderiam ser adotados, mas por que aconselhamento? Esta definição, ou melhor, esta delimitação passa por várias questões que vão desde as propostas teóricas do aconselhamento psicológico até às questões políticas que envolvem o campo de atuação de uma ONG.

A questão que se colocam as ONGs é qual é o seu papel frente aos serviços de saúde e assistência deste país. Suprir as falhas do serviço público, criando espaços alternativos de atendimento ou lutar pela qualidade e pelo cumprimento do papel do estado na área da saúde? Enquanto entidade que milita pelos direitos daqueles que foram atingidos pela AIDS, o Grupo Pela Vida posiciona-se na segunda alternativa, ou seja, a de cobrar do governo, através de denúncia e outros atos políticos, o cumprimento de suas obrigações no tocante ao sistema de saúde. Desta forma, qualquer serviço oferecido pelo grupo não pode suprir ou mesmo competir com o que deve ser oferecido pelo estado.

Entende-se que o acompanhamento psicológico daquele que tem o vírus do HIV assim como dos que possuem qualquer outra doença, cujo impacto emocional seja fator determinante no desenvolvimento da mesma, é parte fundamental de qualquer tratamento, seja a nível hospitalar, ambulatorial ou de consultório. Portanto, cabe

ao estado garantir o acesso a este serviço, contratando e capacitando profissionais para trabalharem nesta área.

Como se justifica o acompanhamento psicológico dentro de um grupo de apoio como o Pela Vidda? Quais são os seus objetivos e características? Para que o grupo se torne um espaço continente e eficaz para a troca de experiências e reflexão sobre a AIDS é preciso que haja por parte dos participantes uma atitude grupal, onde o problema de um não é mais importante ou urgente que o do outro. É fundamental que as pessoas possam ouvir e trocar e, para isto, é preciso que estejam mais tranqüilas com suas próprias questões. Portanto, o objetivo central do aconselhamento psicológico é atender às pessoas que tem demandas muito específicas e que por esta razão não podem ser atendidas pelas atividades grupais, pois impossibilitam o bom andamento das mesmas.

Quais são estas demandas? A mais comum é a das pessoas que necessitam falar sobre si mesmas e de sua soropositividade, mas não querem ou não podem ouvir. Falam muito, monopolizando a discussão grupal em torno de si. Trazem formulações teóricas muito rígidas, que revelam dúvidas e temores capazes de por em cheque qualquer conceito existente, ou então apresentam rebentos emocionais que acabam desestruturando o grupo. Precisam despejar tudo o que estão sentindo e vivendo, muitas vezes por estarem muito sozinhas com sua soropositividade. A reação grupal a este tipo de pessoas é bastante negativa resultando primeiro numa tentativa frustrada de apoiar e ajudar o outro, seguida por uma atitude de exclusão ou de pouca receptividade. Sabemos, porém, que em muitos casos esta é uma etapa passageira que tende a diminuir com a elaboração do conflito. Portanto, o espaço individual do aconselhamento pode ser o lugar de escuta que estes indivíduos necessitam para poder elaborar melhor sua situação, e então, se beneficiar do trabalho grupal.

Outra demanda que dificilmente é atendida pelo grupo é daqueles que não conseguem de forma alguma falar de si perante as outras pessoas. Chegam até a participar do

grupo, mas sempre se colocam a parte, não conseguindo estabelecer relações grupais. Estas pessoas precisam criar laços afetivos mais seguros para se abrirem, ou mesmo, para sanarem alguma dúvida que os toca intimamente. Geram nos outros participantes um sentimento de desconfiança e desconforto e acabam sendo excluídos ou se afastam. Neste caso, geralmente o aconselhamento psicológico é solicitado. Ao poder falar sobre suas dúvidas e inquietações em um contexto mais seguro, podem se tornar mais confiantes para participarem das atividades do grupo ou para reconhecerem uma maneira individual de inserção grupal.

Há também aqueles que não frequentam o grupo. Chegam com uma dúvida que os angústia profundamente e que não pode ser respondida pelos meios de informação existentes: livros, folhetos, palestras, etc. Querem alguém para conversar em particular. O que pretendem sobretudo é fazer uma confissão que possibilite um alívio da sua angústia e a recuperação da esperança perdida. Trazem questões das mais ingênuas, como o uso incorreto do preservativo numa relação, às mais complexas, como a possibilidade e as implicações de terem infectado uma outra pessoa. Neste momento, o aconselhamento é um espaço de informação que leva em conta o contexto emocional e específico do cliente. A informação sai do genérico assumindo tonalidades pessoais, o que geralmente implica em questões éticas que exigem um posicionamento mais consciente do indivíduo.

Outro grupo é o dos parentes, companheiros ou amigos de portadores do HIV. Querem saber o que fazer para ajudar o ente amado que está doente ou é portador do vírus. Que tipo de informações e cuidados precisam ter. Em geral essas pessoas têm vergonha de se expor ao julgamento e opiniões dos outros. Chegam ao grupo muito temerosos. Não pronunciam a palavra AIDS, referindo-se a esta como "aquele problema" ou "o problema". Mais uma vez as informações precisam ser passadas levando em conta o contexto específico que se apresenta. Como fazer alguém ajudar uma pessoa infectada pelo HIV, se esta têm ainda muitos preconceitos com relação

a AIDS, ou mesmo, com relação as formas de contaminação que usualmente estão relacionadas a comportamentos socialmente interditos? É preciso primeiro levar a pessoa a reconhecer e a transpor estas limitações para que então possa ser capaz de ajudar o outro. Neste sentido o espaço do aconselhamento é indicado.

Por último, é preciso citar aqueles que estão muito fragilizados emocionalmente. Estes precisam ser preservados do grupo, que muitas vezes, no intuito e ansiedade de ajudar acaba invadindo ou sufocando a pessoa. Neste sentido os facilitadores de atividades ⁶ devem estar sempre atentos para que estes casos possam ter uma atenção mais individualizada seja no aconselhamento ou pelo próprio facilitador. Foram as pessoas deste grupo que mais colaboraram para este trabalho.

Observa-se, nos casos citados três objetivos básicos que justificam o acompanhamento psicológico dentro de uma ONG. Primeiro: facilitar e garantir o bom funcionamento das atividades grupais. Segundo: garantir um espaço de informação reflexão e expressão de sentimentos frente a AIDS adequado e seguro para aqueles, que temporariamente ou não, estejam impossibilitados de obtê-lo através do grupo. Terceiro: respeitar as dificuldades e demandas específicas no que se refere a vivência das questões relativas ao HIV/AIDS.

Delineados os objetivos passemos agora a discussão da estrutura do aconselhamento psicológico adotada no grupo Pela Vidda. Diante das mais diversas demandas e das limitações da estrutura física e operacional do grupo não é possível pensar em um tipo de atendimento que adote um referencial teórico caracterizado por pressupostos rígidos. Questões como número e duração das sessões, relação neutra com paciente, setting terapêutico fechado, relação transferencial, objetivos pré-determinados, diretividade do terapeuta, entre outras, são impraticáveis a nível

⁶As atividades do grupo Pela Vidda são coordenadas por facilitadores. No caso do Chá Positivo há uma equipe de quatro facilitadores que conduzem a dinâmica grupal.

institucional. Como pensar em neutralidade ou em um setting bem delimitado se as pessoas que são atendidas no aconselhamento freqüentam o grupo e interagem com o terapeuta em outros momentos? Como delimitar objetivos ou tarefas se o cotidiano destas pessoas são marcados pelos imprevistos da doença ou das conseqüências sociais e psicossociais desta? Como estimular uma relação transferencial com seu caráter regressivo em pessoas já muito fragilizadas pela experiência que as trazem ao grupo? (CÂMARA, in PAIVA, 1992). Neste contexto o aconselhamento psicológico centrado no cliente (ROSEMBERG, 1987) parece oferecer algumas respostas.

Este, por estar centrado nos conteúdos e demandas trazidas pelo cliente, que podem variar de questões momentâneas a duradouras, de repetitivas a diversificadas, de superficiais a profundas e de conscientes a inconscientes, possibilita a abertura necessária para o tipo de atendimento em questão.

A atitude do terapeuta-conselheiro como descrita por Rogers, demonstrou ser de extrema valia para os atendimentos institucionais. Ao se colocar como uma pessoa diante do cliente e não como "aquele que sabe" ou "aquele que dirige", o conselheiro possibilita o rápido estabelecimento de uma relação de empatia e confiança extremamente importantes para a discussão de questões difíceis como sexualidade, AIDS, comportamentos discriminados, morte, etc. A escuta empática é, portanto, um elemento facilitador no processo de auto-exploração e mudança. Segundo Schmidt: "Neste contexto o fato de um atendimento se constituir como orientação ou psicoterapia vai depender da maneira como o cliente configura, para si e diante do conselheiro, o seu pedido de ajuda." (SCHIMIDT, 1987, p.17).

Esta postura possibilita também uma maior flexibilidade com relação ao tempo: tempo de duração das sessões, tempo do processo terapêutico como também tempo entre uma sessão e outra. Porém, por questões de ordem

estruturais de uma instituição, a duração e a frequência das sessões precisam ser melhor definidas.

No atendimento psicológico do grupo Pela Vida trabalhou-se com sessões semanais de sessenta minutos de duração, o que muitas vezes por força das circunstâncias, teve que ser alterado. Quanto ao tempo do processo terapêutico, este foi delimitado pelo processo de cada paciente.

Dentro deste contexto, há outras demandas que não foram atendidas: 1) o atendimento hospitalar aos pacientes que foram internados devido às dificuldades operacionais que se apresentam como: horários restritos de visita, dificuldades impostas pelos hospitais para profissionais de outras instituições e limitações de tempo do trabalho voluntariado; 2) o atendimento à pacientes com distúrbios psiquiátricos agudos, comum em pessoas com HIV, que devido às limitações da estrutura de atendimento do grupo foram encaminhados para a rede pública de saúde mental.

Foi neste contexto de atendimento que foi realizada a coleta dos relatos de sonhos para este estudo. Durante as sessões procurou-se garantir que:

a) Todo material registrado pelo sujeito fosse revisado, através da discussão dos relatos e estímulo à associações com os conteúdos dos sonhos,

b) As dúvidas (do terapeuta e do sujeito) referentes ao preenchimento do formulário ou às imagens dos sonhos e associações decorrentes fossem esclarecidas.

V- Proposta de Tratamento de Dados

1) Considerações Gerais Sobre a Interpretação de Sonhos:

A decomposição do objeto em seus elementos, tem-se mostrado método inadequado à análise do conteúdo dos sonhos. Este método apesar de possibilitar uma visão estatística e a delimitação de padrões segundo critérios específicos, não conduz ao significado dos sonhos.

"Ainda que estudos dessa natureza possibilitem a obtenção de médias estatísticas dos elementos presentes nos sonhos, e mesmo fornecer um modelo estatístico para esses elementos, tais estudos não nos levam a uma maior compreensão dos sonhos e de sua dinâmica. Muito pouco podem nos dizer a respeito do que mais desejamos saber: o que significa o sonho num sentido interpretativo. Por exemplo, é muito mais raro encontrarmos num sonho, um avestruz do que um cavalo. A avestruz terá um significado estatístico mais alto, no sentido da raridade e da anormalidade. Mas o significado do cavalo não diminui de modo algum por ser comum e regular. Além do que, a frequência não nos diz nada a respeito do que significam avestruz e cavalo no sonho e para aquele que sonha" (HILLMAN, 1981, p.225-226).

A passagem de fenômenos particulares para agrupamentos maiores, para que possam ser ordenados, é procedimento necessário no método das ciências naturais. Mas na análise das imagens dos sonhos, este procedimento poderá distorcer a realidade fundamental do sonho. Por ser o sonho tão idiosincrático pode-se até dizer que é impossível qualquer sistema nomotético de pesquisa comparativa.

Jung adverte que na análise do material onírico é necessário abandonar qualquer teoria pré-concebida. "Não possuímos uma teoria geral dos sonhos que nos capacite a usar um método dedutivo impunemente, assim como não possuímos uma teoria geral do consciente da qual podemos

extrair conclusões dedutivas.... No caso das expressões conscientes estamos na posição afortunada de ser endereçado e apresentado diretamente a um conteúdo cuja finalidade podemos reconhecer; mas com as manifestações 'inconscientes' não há nenhuma linguagem direta ou adaptada. No sentido da palavra - há meramente um fenômeno psíquico que poderia parecer ter somente uma frágil conexão com conteúdos conscientes. Se as expressões da mente consciente são incompreensíveis podemos sempre perguntar o que elas significam. Mas a psique objetiva é algo estranho até para a consciência através da qual ela se expressa. Somos assim, obrigados a usar o método que usaríamos para decifrar um texto fragmentário ou uma palavra desconhecida: o exame do contexto. O significado de uma palavra desconhecida pode se tornar evidente quando comparamos com uma série de passagens na qual ocorre" (JUNG, 1974, p.118, @48)

Assim, a classificação baseada nos elementos pode fornecer tanto uma análise quantitativa como também qualitativa desde que inseridos em um contexto psicológico (séries oníricas, série de imagens da fantasia, série alucinações ou sintomas, etc). É possível observar em um grupo de elementos da mesma categoria, presentes em um ou vários contextos psicológicos, como um determinado símbolo evolui indicando transformações qualitativas. "Além dos paralelos que podem ser estabelecidos ao processo de individuação, apontados por Jung e seus colaboradores, a literatura junguiana sugere outras analogias, ou modelos para a avaliação do progresso através do conteúdo dos sonhos, tais como: (modelo matemático) de multiplicação indefinida a mínimo primário; (modelo biológico) de animal primitivo a ser humano; (modelo social) de coletivo a individual; (modelo metafísico) de desordem a ordem, de simples a complexo e de novo a simples". (HILLMAN, 1981, p.227).

Ainda sobre a importância do contexto psicológico para a análise dos sonhos Jung diz: "O contexto psicológico dos conteúdos oníricos consiste em uma rede de associações na

qual o sonho está naturalmente emaranhado. Teoricamente nunca podemos saber nada de antemão sobre esta rede, mas na prática, graças a experiência algumas vezes isso é possível. Mesmo assim, a análise cuidadosa nunca irá se apoiar muito em regras técnicas; o risco de decepção e sugestão é muito grande. Na análise de sonhos isolados, sobretudo, este tipo de saber antecipado e de fazer afirmações com base na expectativa prática ou nas probabilidades gerais é positivamente errada. Deveria-se assim, ser regra absoluta assumir que cada sonho e cada parte de um sonho é desconhecido em princípio, e arriscar uma interpretação somente após o estudo cuidadoso do contexto. Podemos então, aplicar o significado que tivermos descoberto para o texto do sonho e ver até que ponto ele produz uma leitura fluente, ou melhor até que ponto significados satisfatórios emergem." (JUNG, 1974, p.118, @48).

Assim, a pesquisa estruturada na divisão dos sonhos em seus elementos que insiste em entendê-los de forma isolada do contexto dinâmico no qual se apresentam, tem sérias limitações. Este modelo é fundamentalmente inadequado para os sonhos, que assim como outros processos mentais são meras associações de componentes psíquicos, são Gestalts, totalidades significativas intencionais, são antes de tudo seqüências padronizadas. Os sonhos são representações dramáticas e como um drama estão sempre em ação. Neste sentido o método deve se adaptar ao objeto, e se o objeto é um processo, o método deverá ser capaz de delinear seqüências e abarcar processos.

As seqüências de ação devem ser entendidas como mitologemas, que são fragmentos ou segmentos padronizados de seqüência de ações, análogos a estruturas presentes em outras produções da imaginação humana. (mitos, lendas, contos de fada, produção artística, etc). O reconhecimento destes motivos nos sonhos e a comparação entre vários sonhadores em diferentes análises, ou em sonhos da mesma pessoa durante um certo período de tempo, verificando a existência de uma ordem seqüencial ou de processo de

desenvolvimento, relacionando-os com idade do sonhador, sexo, nível de cultura psicológica, sintomatologia, etc, constitui método mais adequado ao estudo dos sonhos.

"Os trabalhos de Von Franz e Von Beit sobre os contos de fadas, e de Propp sobre contos folclóricos utilizam-se do mesmo método. Algo semelhante a antropologia estruturalista de Lévi-Strauss e a religião comparada de Eliade e sua escola. Nestes diferentes campos, o método pretende dar conta de seqüência de ação. Procura-se chegar ao significado do material pondo-se a descoberto os padrões funcionais ou estruturais, os motivos típicos. Esses motivos podem ser considerados como a linguagem primordial da mente inconsciente, determinando não apenas os sonhos, mas também os padrões de comportamento da vontade consciente" (HILLMAN, 1981, p. 230). Resumindo, este método consiste em apreender fenomenologicamente a seqüência de ação e conceituá-la como um mitologema, isto implica num reconhecimento da natureza arquetípica do sonho, que poderá ser melhor revelada a partir da amplificação do conteúdo onírico (mitologema).

A interpretação dos sonhos feita durante a sessão difere daquela feita a posteriori. A primeira centra-se mais em uma impressão intuitiva do significado do sonho que vai nascendo das associações e da relação dialética que se estabelece com as imagens oníricas. Já, a segunda, preocupa-se mais com as amplificações das imagens no intuito de destacar as bases arquetípicas das mesmas e seus significados psicológicos. Quando a interpretação sai do individual amplificando-se para os conteúdos arquetípicos além de revelar significados para a pessoa que sonhou, traz também significados de relevância coletiva.

A este respeito Mattoon diz:

"... um analista se baseia principalmente em uma impressão intuitiva do significado do sonho, outro, concentra-se em obter amplificações detalhadas. Sempre, entretanto, as condições da situação terapêutica imediata determinam o modo de complementar o procedimento e cada interpretação." (MATTOON, 1980, p.71).

Na pesquisa científica baseada na análise de sonhos não é aconselhável restringir-se às impressões e significações que emergiram na sessão psicoterápica, pois estes tendem a assumir as dimensões específicas de cada sujeito. A análise feita durante a sessão deve ser o ponto de partida e de referência que irá nortear as análises subsequentes, oferecendo dados sobre o contexto psicológico no qual se deram aquelas imagens. A partir do contexto individual deve-se procurar um grau mínimo de generalização que garanta a aplicação das conclusões obtidas para outros indivíduos. Neste sentido, a metodologia junguiana, ao procurar através da amplificação arquetípica revelar as estruturas inconscientes coletivas comuns a toda humanidade, parece possibilitar uma maior abrangência de seus resultados.

2.)O Método Junguiano de Interpretação dos Sonhos:

O método junguiano de interpretação dos sonhos pode ser descrito nas seguintes etapas:

2.1)Revisão das atitudes apropriadas para a interpretação dos sonhos:

Antes de iniciar a elaboração de uma interpretação é preciso lembrar que:

a)Não há nada pré-estabelecido quanto ao significado das imagens dos sonhos. Qualquer sentido só terá valor se tiver emergido do próprio sonhador.

b)O sonho não é um disfarce mas sim uma série de fatos psíquicos.

c)Provavelmente o sonho não diz ao sujeito o que deve fazer e sim sugere uma direção ou movimento que deve ser tomado em consideração pela consciência.

d)As características da personalidade do sujeito que sonha e do intérprete devem ser consideradas na interpretação.

2.2) Descrição do texto do sonho em termos de estrutura:

Os sonhos podem variar de simples imagens à extensas narrações detalhadas, como um "drama desenvolvido no próprio cenário individual"(JUNG). Estes apresentam uma estrutura que revela-se num único sonho ou numa seqüência de sonhos. O reconhecimento desta estrutura é importante para a compreensão do desenvolvimento do argumento dramático, o que, em alguns casos, possibilita a detecção dos elementos que faltam.

A estrutura do sonho pode dividir-se em:

a) Exposição:

- Especificação do lugar ou ambiente onde se dá o sonho,
- Descrição dos protagonistas ou *dramatis personae* que aparecem no sonho,
- Situação inicial do sujeito,
- Pode incluir dados sobre o tempo, luminosidade, momento do dia ou do ano onde se dá o sonho.

b) Desenvolvimento do argumento

- Desenvolvimento dinâmico da situação inicial.

c) Culminação (*peripetéia*):

- Momento de maior tensão dramática, onde acontece algo decisivo ou uma mudança radical.

d) Resolução (*lysis*):

- Situação onde a tensão ou conflito do sonho se resolve.

Há casos em que os sonhos vão somente até a segunda ou terceira fase, não apresentando o conflito ou a sua resolução. Neste caso, deve-se averiguar na série se o sonho ou sonhos seguintes não apresentam uma elaboração do tema em termos de sua estrutura e portanto, da resolução do conflito. (JUNG, 1986a, p.234 e 235)

2.3) Reconstituição do contexto do sonho ou Amplificação:

Não pode-se compreender o sonho por si próprio, as imagens devem ser amplificadas já que "um sonho somente nos dá indícios muito tênues para entendê-lo. É preciso enriquecê-lo com o material de associações e analogias, de maneira a amplificá-lo até torná-lo inteligível" (JUNG, 1980, p.289 @ 403)

Apesar das imagens geralmente poderem ser amplificadas a partir de paralelos arquetípicos, estas devem ser primeiro relacionadas com as próprias experiências do sujeito, aos fatos referentes a seu meio e a outros sonhos. As imagens oníricas são acima de tudo idiossincrasias.

O processo de amplificação deve seguir as seguintes etapas:

a) Levantamento das associações pessoais ou amplificação pessoal:

Ao relatar-se o sonho, podem ocorrer contaminações de imagens que surgem ao se despertar ou outras que são agregadas no decorrer do dia, o que dificulta a distinção entre o que foi realmente sonhado e o que foi posteriormente adicionado. Neste sentido, a transcrição do sonho logo pela manhã pode garantir maior fidelidade ao texto do sonho.

Comparando-se o registro com o relato muitas vezes é possível identificar o que foi agregado ao sonho, o que constitui uma primeira amplificação do conteúdo onírico.

Ao fazer associações com o conteúdo do sonho, a pessoa amplifica este conteúdo. A importância das associações pessoais é que o significado do sonho pode emergir do próprio sonhador (JUNG, 1986a).

Inicialmente, Jung adota a metodologia da associação livre proposta por Freud. Esta permite que as associações sejam feitas *ad finitum*, quase sempre, resultando na perda das conexões originais com as imagens do sonho. Segundo Jung, este método conduz somente a uma identificação dos complexos do sujeito que podem ou não estar relacionados com o sonho. "Mediante a associação livre se chega aos pensamentos secretos de índole crítica, não importando de onde se parta, seja de sintomas, sonhos, fantasias, caracteres cirílicos ou exemplos de arte moderna. De todos os modos, isto não prova nada com relação aos sonhos e seu significado real: demonstra somente a existência de material associável que flutua ao redor" (JUNG apud MATTOON, 1980, p.79-80)

As restrições de Jung ao método de associação livre freudiano podem ser resumidas em três pontos. Primeiro, este não aproveita a capacidade singular dos sonhos de revelar informações sobre o inconsciente, igualando a análise de sonhos a qualquer outro método para se atingir os complexos. Segundo, a associação livre pode levar a complexos que não são correspondentes ao sonho. E em terceiro lugar, e o mais importante, é que a associação livre não revela o que está dizendo o sonho sobre determinado complexo ou complexos, e a mensagem onírica pode então passar completamente despercebida. (MATTOON, 1980)

No lugar da associação livre, Jung utiliza a **associação direta**. Esta pode vir espontaneamente ou pode ser solicitada e estimulada pelo analista, guardando porém, sempre uma conexão direta com as imagens oníricas. Segundo o método junguiano, segue-se associando às imagens e elaborando estas associações até a identificação do significado de cada elemento do sonho. Mas, o intérprete deve frear o sujeito para que não se distancie do texto do

sonho e faça associações além das necessárias para o entendimento da imagem onírica.

"Um modo útil de entender o método de associação direta de Jung e distingui-lo da associação livre, reside na circunvolução da imagem (idéia que também se aplica a outros tipos de amplificação junguiana). A associação livre avança em 'zigzag' afastando-se da imagem onírica; a circunvolução permite contemplar a imagem desde todos os lados, e descreve um círculo metafórico, cujo conteúdo sugere o significado desta imagem. Por exemplo, no caso de uma figura humana as associações pertinentes incluiriam sua percepção como masculina ou feminina, seu nome, sua ocupação, seus interesses e características de personalidade, seu papel na vida do sujeito, e qualquer das experiências específicas deste, em que esta figura cumpriu um papel. As elaborações poderiam incluir figuras de pessoas conhecidas do sujeito que tenham o mesmo nome, as atitudes deste com relação a qualquer dos fatos ou características percebidas que associou à figura, e o significado que para ele revestem-se as experiências que relatou." (MATTOON, 1980, p.81)

É indispensável que o sujeito faça associações exclusivamente com as imagens com que sonhou. Porém, muitas vezes ocorrem introduções de fatos aparentemente sem conexão. Ao prestar atenção a estes fatos, pode-se frequentemente atingir uma área problemática e, em muitos casos, estabelecer relações com o sonho em um momento posterior.

Jung menciona a possibilidade de que o sujeito se sinta "perplexo", que tenha resistências ou que as emoções o impeçam de fazer associações. Neste caso, ele recomenda que se respeitem as resistências pois os conteúdos dos sonhos e as associações possíveis podem estar excitando as emoções referentes ao complexo sobre o qual o sonho faz comentários. O sujeito pode sentir-se demasiado angustiado ou incapaz de tomar consciência de suas associações e comparti-las com o analista. Em tal caso, é muito provável que ele volte ao tema deste sonho posteriormente, seja

retomando o próprio sonho, ou a partir de um outro sonho referente ao mesmo tema que lhe pareça menos ameaçador. A dificuldade em associar pode perceber-se quando o sujeito: faz descrições teóricas, nomeia fatos coincidentes ou coexistentes, generaliza em excesso, tem colapso da memória, foge do tema do sonho, etc.

b) Levantamento de dados sobre o ambiente do sujeito:

Há informações que vão além das associações pessoais do indivíduo que são necessárias para a interpretação dos sonhos; são fatos que o afetam, mas dos quais ele pode não ter consciência:

-dados sobre a situação social na qual o sujeito está inserido (classe social, grau de instrução, relação empregatícia, estado civil, etc)

-dados que são esquecidos momentaneamente e que podem ampliar o sentido do sonho;

-dados que pertencem ao conjunto de conhecimentos gerais do grupo do qual o sujeito faz parte. (superstições, costumes, crenças, religiões, etc)

-dados da cultura específica do sujeito (coloquialismos, metáforas, etc)

c) Levantamento sobre a situação consciente do sujeito, imediata e a longo prazo.

Mesmo que sejam provenientes do inconsciente os conteúdos oníricos são influenciados pela situação consciente do indivíduo (fatos do cotidiano, emoções, pensamentos, temores, esperanças, conflitos, etc), como afirma Jung nesta passagem: "Por se tratar de conteúdos do inconsciente e porque o sonho é resultante de processos inconscientes, ele oferece-nos justamente uma representação dos conteúdos inconscientes, não de todos, mas apenas de alguns, daqueles que foram reunidos e selecionados

associativamente em função do estado momentâneo da consciência." (JUNG, 1986a, p.186, @477)

A situação consciente⁷ geralmente é uma experiência que toca um complexo ou um problema e sobre a qual o sujeito pode emitir um juízo errôneo ou inadequado desencadeando um movimento compensatório do inconsciente. Este juízo pode ocorrer sob a forma de uma decisão, uma atitude com relação a outra pessoa ou uma auto-avaliação (MATTOON, 1980).

O fato de sonhos muito parecidos terem significados muito diferentes para duas pessoas indica a importância do conhecimento da situação consciente do sujeito para a interpretação. Mesmo os sonhos arquetípicos não tem sentido se não tiverem alguma relação com a situação presente do sujeito. Neste sentido "é praticamente impossível, e não desejável, por certo, interpretar os sonhos sem conhecer pessoalmente o sujeito" (JUNG, 1988, p.107, @187).

Segundo Jung, os sonhos arquetípicos já "não se referem as experiências pessoais, mas às idéias gerais" (JUNG, 1986a, p.231, @555) e aos problemas das pessoas em geral, como também acrescenta à consciência um sentido de continuidade histórica. Entretanto, o arquétipo não pode ser explicado de qualquer modo, a não ser, segundo o que ele indica no contexto de um indivíduo em particular. Constituem exceção os sonhos para os quais a situação consciente é a situação coletiva de um grupo de pessoas, uma nação ou uma tribo por exemplo.

Em suma, mesmo referindo-se à questões coletivas os conteúdos arquetípicos situam-se ou constelam-se em uma situação individual específica. Os sonhos tendem a retratar a forma como o indivíduo se posiciona conscientemente frente a estas situações universais, indicando ou deixando em aberto possibilidades (também coletivas) de superar ou de compensar esta situação.

Para identificar a situação consciente é necessário averiguar as experiências e as preocupações mentais que

⁷Jung usou os termos situação consciente e atitude consciente de modo interrelacionado.

ocuparam o sujeito nos dias precedentes e refletir sobre o efeito emocional dos mesmos. A emoção pode manifestar-se diretamente na ansiedade, na alegria ou na tristeza, ou indiretamente na resistência em seguir discutindo o assunto ou em menosprezar o fato.

d) Identificação da série de sonhos em que se dá um sonho específico:

Jung considera, que numa seqüência de sonhos, os sonhos precedentes a um determinado sonho, faz parte da sua amplificação e que os posteriores constituem possibilidades de verificação da sua interpretação. Um sonho juntamente com os sonhos anteriores e posteriores, constituem uma série onírica desde que guardem entre si alguma relação. Através de uma série onírica pode-se identificar temas importantes que se apresentam como variações e desenvolvimento deste tema. No volume XVII das obras completas, Jung sugere que um sonho "não é mais que um fragmento... de continuidade psíquica que se torna visível por um momento". Através desta continuidade o processo de individuação revela-se, mesmo que as vezes obscurecido pelo aspecto compensatório dos sonhos. (JUNG, 1988)

Identifica-se uma série onírica não pelo número de sonhos, que pode variar de poucos a centenas, mas sim, pelo reconhecimento de um tema específico que está sendo comentado tanto em sonhos diversos como em sonhos repetitivos.

Quando os temas se repetem parece que o objetivo principal desta repetição é a ênfase sobre o tema. É como se este precisasse ser reafirmado e esclarecido pela repetição. Uma série onírica com tema repetido pode estar recomendando ou prognosticando uma mudança de atitude ou de uma característica de personalidade que o ego tem dificuldade de integrar. (MATTOON, 1980)

Muitos analistas consideram que os sonhos de uma mesma noite se centram em torno de um tema único constituindo assim uma pequena série. Um importante estudo (FOULKES, 1970) indica que praticamente todo sonho possui elementos em comum com um ou mais sonhos de uma mesma noite. Os elementos comuns podem ir de detalhes triviais a semelhanças de argumento.

No caso dos sonhos repetidos a série é determinada por um sonho que se repete com pequenas alterações. Estes sonhos impressionam o indivíduo por sua vivacidade e frequência. Jung lhes atribui três finalidades: 1) compensação: compensa um fato que é constante na atitude consciente, 2) assimilação do trauma: traz para a consciência uma situação traumática vivida pelo indivíduo que não foi assimilada e 3) antecipação: antecipa um desenvolvimento importante na vida do sujeito.

Outro critério que pode caracterizar uma série onírica é o conjunto de sonhos que ocorrem em determinados momentos da vida do sujeito. Neste caso, o elo é estabelecido pela situação de vida pela qual o indivíduo está passando e o modo como está reagindo conscientemente a ela.

A ordem de uma série onírica não é necessariamente cronológico-sequencial, ela pode movimentar-se de forma circular abordando um determinado tema sob diferentes ângulos. O centro do círculo, é então, o tema em questão. (MATTOON, 1980, p.107) Porém, a utilização prática da série de sonhos consiste em levar em conta os sonhos dentro de um sentido histórico para o indivíduo.

O estudo de séries oníricas apresenta limitações como: a) casos em que o sujeito se lembra de muito poucos sonhos, b) a impossibilidade de se analisar todos os sonhos durante as sessões e c) a dificuldade de se recuperar todos os sonhos analisados durante uma terapia. Por outro lado, uma série de sonhos pode oferecer elementos e ampliações suficientes para se interpretar sonhos de pessoas mesmo que desconhecidas, o que se torna um valioso instrumento para a pesquisa com sonhos.

Freqüentemente, sonhos isolados de uma série onírica apresentam-se de forma incompreensível, sendo possível obter algum sentido somente dentro do contexto de vários sonhos. Neste caso a série proporciona uma amplificação, os sonhos amplificam-se um ao outro, assim como os mitos amplificam um sonho. " *A série é o contexto que o próprio sonhador oferece.* É como se vários textos se apresentassem a nós jogando luz desde todos os lados sobre os termos desconhecidos, de maneira que uma leitura de todos os textos fosse suficiente para elucidar as passagens difíceis de cada um deles "(JUNG, 1974, p.120, @50).

Em uma série prolongada é comum que um tema substitua a outro, neste caso ambos devem ser considerados na amplificação da mesma. Através de uma série onírica observa-se melhor o processo de desenvolvimento psíquico, o que em caso de séries longas pode fundir-se ao processo de individuação.

Em uma série de sonhos também é possível a ocorrência de sonhos que não se encaixem, tanto do ponto de vista dos temas e sonhos repetidos, como dos problemas por eles comentados. Neste caso, o sonho pode estar comentando uma situação objetiva, ou seja, algo que não diz respeito ao movimento subjetivo do sonhador. Além de estranhos, estes sonhos são facilmente relacionados a uma pessoa ou situação na qual o sujeito está profundamente e emocionalmente envolvido no momento do sonho. Ao fazer a interpretação, ela se encaixa mais à situação objetiva do que à situação subjetiva do sonhador, como se fosse o "sonho do outro".

e) Identificação dos paralelos arquetípicos ou amplificação arquetípica:

No contexto analítico, somente após esgotarem-se todas as possibilidades de associações individuais é que se deve passar às associações arquetípicas, pois, estas podem levar o indivíduo ao distanciamento do verdadeiro sentido do sonho, ou melhor, do significado mais aplicável ao presente

do sujeito. Algumas pessoas usam de ampliações brilhantes para evitar o contato com conteúdos que se contrapõem às concepções egóicas. Mantém-se assim, em uma situação de inflação de ego estabelecendo muito pouco contato com o conteúdo emocional do sonho.

Por outro lado, as ampliações arquetípicas tem um valor terapêutico, pois desviam a atenção do indivíduo para aspectos de sua vida que muitas vezes não seriam trazidos para a análise ou mesmos submetidos a uma reflexão individual. Neste sentido, os temas arquetípicos servem somente como condutores para certas questões que jazem no inconsciente, dispensando muitas vezes uma interpretação mais detalhada.

Ao ampliar várias imagens de um ou mais sonhos podem se destacar temas que se interrelacionam. Estes merecem atenção pois podem situar quais conteúdos encontram-se constelados no inconsciente.

Os sonhos puramente arquetípicos são raros. Em geral os sonhos trazem imagens individuais e imagens arquetípicas. Na prática o que se chama de sonhos arquetípicos são sonhos que possuem uma ou mais imagens ou temas que precisam ser amplificados também a nível arquetípico. Estes, ao contrário dos sonhos comuns que enfocam a situação presente do indivíduo, parecem indicar questões de longo alcance, um certo direcionamento para o futuro, algo parecido com um sentimento de destino. A impressão que se tem é que o sonho emerge de um nível diferente do inconsciente (JUNG, 1988). São sonhos que embora não compreendidos podem exercer influência (atração) durante anos.

Diante de sonhos arquetípicos podem surgir duas atitudes: primeiro, a de ocultá-los, pois há um sentimento de que eles guardam segredos espirituais. Segundo, um impulso para relatá-los, pois estes trazem um significado geral, refletindo ou compensando problemas humanos eternos que se apresentam sem parar e não meras perturbações de ordem pessoal. (JUNG, 1986a).

Os problemas colocados por estes sonhos são os mesmos colocados pela mitologia em contato com a vida psíquica do indivíduo (JUNG,1980). "A mitologia se origina nos problemas universais da humanidade: busca de alimento, casamento, procriação, iniciação cultural, relações entre pais e filhos e suas responsabilidades, a relação do indivíduo com o universo, e o medo da guerra, a doença, a morte e as catástrofes naturais. Deste modo, em contraste com um sonho comum (o que é válido somente para uma pessoa em particular e em um momento específico), os conteúdos arquetípicos de um sonho são significativos para a vida de muitas pessoas, ao longo de um amplo aspecto temporal. Portanto, compartilhar um sonho arquetípico pode brindar ajuda a todos aqueles seres que enfrentam um problema similar ao do sujeito que o sonhou" (MATTOON, 1980, p.90).

O que Jung chama de sonhos arquetípicos é conhecido pelos povos primitivos como "Grande Sonhos". Estes tendem a ocorrer em determinadas situações de vida, onde um esforço adaptativo ou transformador é exigido, por exemplo: na primeira infância entre o terceiro e sexto ano de vida, na puberdade, no começo da vida adulta, no princípio da segunda metade da vida entre os 35 e 40 anos, na velhice, na proximidade da morte e em outros momentos de crise. Como os sonhos tendem a ser compensatórios "quanto mais geral e impessoal for a condição que desencadeia a reação inconsciente, mais significativa, extraordinária e supracorretiva será a manifestação compensatória."(JUNG, CW7, 1953, @278)

Outro exemplo de situação onde podem ocorrer sonhos arquetípicos é quando um processo terapêutico se estanca devido a falta de determinação do cliente em adotar alguma postura que seu inconsciente demanda. Aí podem aparecer sonhos arquetípicos que sugiram o modo de avançar em certa direção.

Estes sonhos podem também ocorrer como prelúdios de crises psicóticas ou de neuroses graves. Em outro extremo, são comuns os sonhos arquetípicos em indivíduos que tenham integrado grande parte dos conteúdos do inconsciente

pessoal de forma que estes passam a refletir questões de ordem transcendente e coletiva, questões religiosas e filosóficas, questões objetivas e do mundo em geral.

A hipótese de Jung de que sonhos arquetípicos ocorrem somente em condições específicas pode ser corroborada pelo estudo de KLUGER (1975). Este indica também, que os sonhos "vividíssimos" (que deixam uma impressão vívida no sujeito) apresentam muito mais conteúdos arquetípicos do que os sonhos cotidianos.

As imagens arquetípicas podem apresentar certa qualidade cósmica como: infinito temporal ou espacial, movimento em velocidades estratosféricas percorrendo distâncias enormes, associações astrológicas, mudanças na proporção do corpo, crer que se é a terra ou outro planeta, ser insolitamente alto ou pequeno, chegar a um lugar desconhecido, ser um estranho para si mesmo, loucura, sensação de desorientação, vertigem ou euforia. O que também pode determinar o caráter arquetípico da imagem é a frequência com que aparece nos sonhos e o modo como se insere no contexto onírico.

Para Jung o processo de individuação é marcado por figuras arquetípicas como a sombra, a criança, a mãe, a anima e o animus, o velho sábio, o ladrão, a mandala, entre outras, que indicam as diferentes etapas deste processo (JUNG, 1968).

Imagens que aparentemente não apresentam características arquetípicas mas com as quais o sonhador não pode fazer nenhuma relação devem ser investigadas pois podem ter paralelos arquetípicos. ADLER(1961); HARDING(1965); HILLMAN (1975) e NEUMANN (1964) formularam a hipótese de que todos os produtos da psique humana emanam de bases arquetípicas, portanto, todas as imagens oníricas teriam sua origem nos arquétipos.

O método de amplificação parte do pressuposto que imagens universais, arquetípicas encontram paralelos na história, na mitologia, na alquimia, na história das

religiões, ou em todos os ramos das ciências humanísticas válidos para os sonhos de qualquer pessoa. Os paralelos arquetípicos devem ter o mesmo "significado funcional" (JUNG, 1968), ou seja, as imagens devem estar dentro de um mesmo contexto e desenvolver uma dinâmica similar.

Jung considera o método de amplificação como uma "anatomia comparada da psique" (JUNG, 1986A) que busca revelar a estrutura subjacente dos diversos eventos psíquicos. "O processo pode resultar em uma rica série de amplificações. Como ocorre com qualquer amplificação do material histórico ou empírico, o método não funciona automaticamente; é necessária a habilidade do investigador para revelar e examinar os paralelos arquetípicos buscando sua relação com a situação consciente do indivíduo e comparando-os com as imagens oníricas" (MATTOON, 1980, p.95).

Um sonho arquetípico pode exercer fascínio, mas não necessariamente promover uma transformação. Neste caso, o fato fica fora do sujeito como uma ação ritual executada por outros. Deve distinguir-se esta forma **estética** das que promovem uma modificação da própria natureza.

A análise de um sonho arquetípico pode ter efeitos terapêuticos mais intensos do que a dos outros sonhos. Primeiro, por levar o indivíduo a reconhecer que sua condição psíquica não é única, afasta-o do isolamento e da vergonha que possa experimentar devido ao seu transtorno psíquico. "Toda dificuldade subjetiva pode ser examinada, por assim dizer, sob o prisma da situação geral da humanidade" (JUNG, 1993, p.145, @323). O reconhecimento da dimensão suprapessoal do sofrimento possibilita uma cura por "simpatia". E segundo, por acentuar a totalidade ou a integridade do sujeito que sonha, favorece que sua consciência entre em harmonia com a lei natural de seu próprio ser (JUNG, 1987).

2.4) Interpretação:

Após destacar a estrutura e realizar a reconstrução do contexto do sonho através das amplificações, o próximo passo é inferir significados através do processo de interpretação. Neste o intérprete deve evitar toda atitude tendenciosa partindo do pressuposto que o sonho é uma fonte de "informação sobre condições de natureza desconhecida, a respeito das quais tem tanto a aprender quanto o paciente" (JUNG, 1987, p.18, @317).

Uma interpretação nunca deve procurar ajustar o sonho a uma determinada teoria da personalidade. "Qualquer suposição sobre o sentido de um sonho é conteúdo consciente; impô-lo ao sonho implica limitar a indagação de seu significado à mensagens que já se encontram na mente consciente do sujeito ou do intérprete." (MATTOON, 1980, p.120). Estar aberto à todas as possibilidades é algo mais que uma questão estética, ela é necessária para tomar-se consciência da validade e do valor terapêutico de uma interpretação. Diante de um sonho a atitude correta é: "eu nada sei". A presença de pressupostos fixos geralmente origina uma certa monotonia na interpretação. Jung aponta esta monotonia na interpretação freudiana que, segundo ele, limita-se a buscar o conteúdo instintivo atrás do conteúdo manifesto.

Apesar das extensas amplificações, presentes principalmente em seus últimos trabalhos, Jung sempre começa sua análise empiricamente, partindo dos fatos oníricos e, voltando a estes para concluir sua interpretação.

Como já foi discutido no capítulo II deste trabalho, tanto Jung como Freud referem-se às imagens oníricas como símbolos, porém aplicavam o termo de maneira diferente. O sentido dado por Freud aproxima-se mais ao signo com seus significados fixos. E para Jung, o símbolo é a melhor formulação de fatos psíquicos ainda inconscientes não podendo ser reduzido a nenhum significado fixo. Ele

considerava a interpretação através de paralelos arquetípicos como o único método científico possível para a investigação do simbolismo.

Quando interpretados como signos (significados fixos) os conteúdos inconscientes são reprimidos ainda mais perpetuando assim a dissociação entre consciente e inconsciente. No processo terapêutico, a imagem onírica entendida como signo é considerada como sintoma neurótico, portanto indesejável. Já quando vista como símbolo a imagem onírica oferece possibilidades de desenvolvimento psicológico e facilita a transição de uma atitude a outra (função transcendente).

Ao se interpretar as imagens oníricas como símbolos faz-se jus a sua complexidade. Um mesmo símbolo pode assumir significados diferentes para diferentes pessoas ou para a mesma pessoa em momentos diferentes de sua vida. Estes são facetas da mesma verdade central que possibilitam contemplá-la desde perspectivas diferentes. O fato de uma imagem transmitir mais de uma mensagem reflete a característica predominante da economia do inconsciente.

Em oposição a afirmação de Freud de que o sonho é um disfarce que visa preservar o sujeito de conteúdos indesejáveis, Jung afirma que o sonho é perfeitamente capaz de designar as coisas mais dolorosas e desagradáveis sem a menor consideração com os sentimentos do sujeito. Segundo ele, os sonhos "não empregam artifícios para encobrir qualquer coisa, mas dizem aquilo que constitui o seu conteúdo, de modo tão claro quanto possível, de acordo com seu modo especial de ser." (JUNG, 1988, p.108, @189). Quando se depara com uma figura desconhecida no sonho, Jung a toma como tal não procurando descobrir a "verdadeira" pessoa que pode estar representando. Esta atitude diante a imagem onírica faz lembrar o Talmud: "O sonho é sua própria interpretação".

Para Jung as imagens do sonho são fatos psíquicos que podem ser comparados a fatos fisiológicos. Como o açúcar na urina ou o batimento cardíaco acelerado, são difíceis de serem entendidos isoladamente pois podem levar a

diagnósticos parciais. Portanto, ao tratar do material do sonho as imagens devem ser consideradas em conjunto e a interpretação deve se ater a estas.

É preciso salientar que a interpretação feita durante a sessão terapêutica, dá-se a partir do confronto das imagens oníricas no contexto de duas personalidades, a do analisando e a do analista. Portanto, constitui um processo dialético de construção de significado. Este processo deve ainda cumprir as seguintes etapas:

a) Identificação dos temas que interrelacionam as ampliações:

No momento da elaboração da interpretação de um sonho é preciso estar atento aos temas que se destacaram no processo de amplificação. No emaranhado de imagens e associações certos motivos vão se agrupando e formando pequenas unidades de sentido. Para que a interpretação continue é fundamental que se encontre uma linha condutora que permitirá o estabelecimento de relações significativas e de uma elaboração sobre a mensagem do sonho.

Em uma série onírica percebem-se com maior nitidez os temas que estão sendo comentados pelos sonhos. Através destes pode-se identificar os complexos que estão presentes em uma determinada situação psicológica ou mesmo qual é a constelação arquetípica daquele momento.

Durante o processo terapêutico os temas parecem ir e vir formando um movimento cíclico, onde a cada retorno ao ponto inicial, avança-se em direção ao centro. Jung sugeria a imagem de um espiral para descrever o processo de tomada de consciência. Os diversos aspectos de nossa vida psíquica precisam ser vistos e revistos sob os mais diversos ângulos e sob as diferentes óticas que são características dos vários períodos da vida.

Ao longo do tempo é possível identificar o que Jung denominou de processo de individuação.

b.) Caracterização das imagens oníricas como objetivas ou subjetivas:

Ao abordar-se as imagens oníricas é preciso caracterizá-las como objetivas, quando se referirem a pessoas ou fatos externos ao sujeito, ou como subjetivas, quando se referirem a fatores e eventos subjetivos do sujeito.

Jung acentua que em grande maioria os sonhos referem-se a questões subjetivas, fatores psicológicos do qual o sujeito não tem consciência. Portanto, antes de considerar as imagens oníricas como objetivas deve-se primeiro explorar todas as possibilidades de uma interpretação subjetiva. Sabe-se que as imagens dos sonhos são resultado de projeções, através das quais, conteúdos inconscientes encontram forma e expressão (JUNG, 1986). A remoção das projeções, ou melhor, a integração dos conteúdos que foram colocados no outro é a base de todo o processo analítico. Portanto, reconhecer o texto do sonho como relativo a uma situação subjetiva possibilita o processo de ampliação da consciência e da cura da personalidade.

Porém, alguns sonhos referem-se claramente a situações e pessoas externas. São comentários do inconsciente que procuram ampliar ou compensar a idéia consciente que o sujeito tem sobre determinado assunto, experiência de vida ou pessoa. Neste caso, a interpretação deve propiciar uma ampliação do entendimento de uma situação objetiva.

c.) Avaliação sobre a função compensatória dos sonhos:

a) Identificar o problema ou complexo ao qual se refere o sonho,

b) Avaliar a situação consciente correspondente ao sujeito que sonha,

c) Considerar se as imagens oníricas e a evolução psíquica do sujeito requerem uma caracterização redutiva ou construtiva,

d) Considerar se o sonho resulta compensatório ao opor-se, modificar ou confirmar a correspondente situação consciente do sujeito,

e) Se o sonho não é compensatório averiguar se é: antecipatório, traumático, telepático ou profético." (MATTOON

e) Elaboração da interpretação:

Uma vez de posse de todos os dados complementares, que foram levantados e discutidos até o momento, o analista pode esboçar algumas interpretações, onde, o emaranhado de informações possa ir se agrupando para formar uma rede significativa para a sujeito. O processo de construção de um novo texto, que é a interpretação, é lento e cuidadoso, devendo ser checado e reavaliado a cada passo em conjunto com o analisando. Nunca a interpretação deve ser uma afirmação categórica e fechada, mas sim uma indicação que deve permanecer constantemente ativa na consciência do indivíduo.

Por outro lado, a interpretação feita em um estudo tem a preocupação de chegar a uma forma mais fechada, onde, os fatos psíquicos apresentados pelo sonho e suas amplificações possam ser descritos e relacionados à teoria. Contudo, é preciso ter cuidado para que a interpretação não reduza o sonho a uma mera ilustração do que já era teoricamente conhecido. A interpretação deve propiciar reflexões e relacionar de forma dinâmica os aspectos individuais e coletivos de uma determinada situação psicológica.

Em termos matemáticos pode-se dizer que uma interpretação ideal nunca deveria ter a fórmula de uma equação do tipo $a+b=c$ e sim de um modelo (matemático) que dê conta de relações como a matriz S usada pela física *bootstrap*.⁸

⁸ "De acordo com a hipótese *bootstrap*, a natureza não pode ser reduzida a entidades fundamentais _semelhantes a 'blocos de construção' da

f) Verificar a interpretação:

A interpretação pode ser avaliada dentro de uma série onírica ou durante o processo analítico. Ao se postular uma interpretação para um sonho o inconsciente tende a reagir indicando nos sonhos subsequentes, através da evolução das imagens, se o caminho escolhido foi o mais correto ou não.

A persistência em uma determinada imagem pode indicar que o conflito em questão não está sendo conscientizado através das análises oníricas. Isto pode ocorrer devido a uma incapacidade do ego em integrar tal conteúdo ou de uma incapacidade do analista em tocar o complexo constelado no sonho. No segundo caso, o terapeuta precisa rever sua abordagem com relação as questões trazidas pelas imagens persistentes e reformular assim a sua interpretação.

Outras vezes o inconsciente reage de forma a se contrapor frontalmente a tudo aquilo que vem sendo discutido nas sessões. As imagens indicam uma posição completamente diferente. Neste caso também, deve-se considerar o movimento compensatório dos sonhos e reavaliar as interpretações oníricas sob a ótica proposta.

Em geral uma interpretação pode ser considerada válida sempre que acrescentar algo à situação consciente do sonhador produzindo assim a alteração da mesma. Quando um conteúdo psíquico é integrado à consciência via processo analítico este desencadeia mudanças que podem ser facilmente reconhecidas e avaliadas.

Em seu livro "Psicologia e Alquimia", JUNG (1980) faz uma análise de uma série onírica de 355 sonhos. O fato

matéria Ψ , mas deve ser entendida por completo com base na autoconsistência. As coisas existem em virtude de suas relações mutuamente consistentes, e toda a física deve desenvolver-se de maneira exclusiva a partir da exigência de os seus componentes serem coerentes entre si e consigo mesmos. A base matemática da física *bootstrap* é conhecida como 'teoria da matriz S'. Essa teoria basei-se no conceito de matriz S, ou 'matriz espelhamento', 'scattering matrix', proposta a princípio por Heisenberg nos anos 40 e elaborada, durante as duas ultimas décadas, até constituir-se numa complexa estrutura matemática, idealmente adequada para combinar os princípios da mecânica quântica e da teoria da relatividade" (CAPRA, 1991, pg.41)

destes sonhos terem sido coletados fora do contexto da análise indica que o processo de desenvolvimento psicológico (individuação) tem um movimento próprio que independe do processo analítico. Porém, dentro do processo de análise, a interpretação de um sonho pode interferir nos sonhos subsequentes na medida que este altera o nível de consciência sobre determinado conteúdo psíquico. "As obras de Jung sugerem que ele reconhecia o efeito da interpretação sobre os sonhos subsequentes, entretanto não apresentou dados a respeito e nem analisou suas implicações." (MATTOON, 1980, p.117).

3)Etapas de análise adotadas neste estudo:

A análise dos conteúdos dos sonhos deste estudo atenderá as seguintes etapas:

3.1)Seleção de três séries oníricas:

Seleção de três séries oníricas das nove coletadas segundo os seguintes critérios descritos no capítulo IV:

1)Série de relatos de sonhos ocorridos em um determinado momento de vida marcado pela soropositividade, no qual os vários sujeitos (três) estavam frequentando sessões de aconselhamento psicológico oferecido no grupo Pela Vidada, em busca de apoio emocional e de melhor entendimento desta situação; 2) qualidade dos registros dos sonhos no tocante à continuidade, associações e relações estabelecidas e dados sobre a evolução da doença ou de sintomas obtidos; 3) diversidade e riqueza de imagens, 4)nível de interesse que o exame do material indicou para a discussão dos aspectos psicológicos relacionados à AIDS, 5) homogeneidade dos sujeitos.

3.2)Apresentação dos registros e relatos dos sonhos:

Transcrição dos sonhos da forma como foram registrados pelos sujeitos, ou aqueles, cujo o registro não foi feito pelo sujeito, da forma como foram relatados em sessão. Serão apresentados em ordem cronológica.

3.3) Reconstituição do contexto do sonho ou amplificação pessoal:

Discussão inicial a partir das amplificações pessoais: associações com as imagens oníricas, relação com os fatos discutidos nas sessões (situação consciente e informações sobre o ambiente do sujeito) e observações clínicas, destacando a evolução das imagens e suas significações de acordo com o momento vivido pelo sonhador.

3.3) Amplificação arquetípica:

Identificação de uma ordem sequencial ou do processo de desenvolvimento subjacente à série onírica e definição de um corte temático que possibilite um direcionamento da análise. Destaque e amplificação dos símbolos e mitologemas mais significativos, procurando revelar a base arquetípica subjacente e seus significados.

Verificação do quanto estes arquétipos estão presentes na relação do sujeito com a doença e nas manifestações desta, indicando possíveis reações adaptativas do inconsciente diante da AIDS.

É necessário observar que o corte temático é uma possibilidade entre outras e não esgota o material em toda a sua amplitude. Outros direcionamentos são possíveis e válidos, como também outras leituras. Porém, a delimitação do material é imperativa, para que sua organização e análise sejam viáveis.

3.4) Relação entre séries e Conclusão:

Relação entre as imagens e os arquétipos mais presentes nas três séries oníricas, procurando averiguar as

semelhanças ou as incongruências e destacando os significados presentes e sua validade tanto a nível individual quanto coletivo.

Relação entre todos os dados procurando averiguar as hipóteses levantadas anteriormente:

a) Se existem relações simbólicas entre as imagens oníricas e seus significados com os eventos somáticos da infecção pelo HIV/AIDS.

b) Se os arquétipos constelados no inconsciente e seus significados constituem:

-expressão simbólica de um possível conflito psíquico subjacente à experiência de vida marcada pela infecção pelo HIV/AIDS,

-um esforço adaptativo do inconsciente ao HIV/AIDS numa tentativa de reorganização da personalidade diante da doença.

c) Se há relação entre a capacidade do indivíduo de integrar os conteúdos emergentes nos temas oníricos e o desenvolvimento ou não de sintomas físicos do HIV/AIDS.

E por último, averiguar em que medida as constelações arquetípicas podem estar implícitas na construção de significados coletivos e individuais para a AIDS, e refletir sobre a natureza da AIDS segundo a perspectiva das imagens oníricas do portador do HIV.

VI- Relato e Análise das Séries Oníricas:

1) Sujeito 1:

1.1) Dados sobre o sujeito:

C.H, 29 anos, homossexual, portador do vírus HIV há 4 anos (janeiro/93). No momento em que me procurou não apresentava sintomas além de muito cansaço e gripe constante. Já tinha estado internado várias vezes, uma delas por pneumonia onde chegou a entrar em coma.

De origem egípcio-judaica por parte de mãe e de nordestinos, católicos por parte de pai. Nasceu gêmeo com um outro menino (já falecido), sendo estes, os primeiros filhos legítimos da família. Acima deles há duas irmãs adotivas e abaixo mais dois casais sendo que um deles gêmeos, ambos falecidos. Com a irmã mais velha tem pouco relacionamento e com a segunda, embora à distância (ela mora em Boston/Ing.), tem uma relação muito boa. Com a S., irmã de sangue, diz que a relação mudou muito depois que ela soube que ele é homossexual e com o F., irmão caçula, tem um relacionamento difícil pois diz não haver nada em comum entre eles.

Sente muita falta da mãe sua "melhor amiga e confidente" que faleceu há 4 anos. O pai casou-se outra vez com a antiga amante com a qual tem um relacionamento difícil.

Trabalha no serviço de capelania de um hospital atendendo a pacientes de AIDS. Segue a formação religiosa judaica e está se preparando para ser um "razam".

Sua queixa inicial é não estar conseguindo "segurar a barra" depois da perda de dois amigos, em dezembro de 1992, devido a AIDS. Estava deprimido, e dizendo ser muito difícil assumir que também precisava de ajuda.

Faleceu em outubro 1994 devido a doenças pulmonares.

1.2) Relatos de Sonhos e Amplificações:

No primeiro encontro disse nunca lembrar-se de sonhos e riu muito quando sugeri que ele prestasse atenção nos seus sonhos. Não relatou nenhum sonho de infância ou sonhos recorrentes.

Na segunda sessão trouxe o seguinte sonho:

Sonho 1:

"Na última semana sonhei, mas pareceu-me real, com o velório de minha mãe, o modo como a preparei no caixão, e neste mesmo sonho deparei com o visual fúnebre de dois amigos, acontecido neste último mês. Neste sonho também morri e foi incrível que quando me colocaram no caixão percebi que o meu rosto não estava totalmente à vista do visor daquela urna lacrada, pedi para que me arrumassem dentro daquele caixote mais não me ouviram.

Quando a urna foi aberta no local do velório, eu senti a dificuldade que as pessoas tinham em me ver, pedi que me arrumassem e parece que me ouviram, tiraram o lacre e arrumaram o meu corpo e o rosto ficou no local fácil das pessoas poderem me ver e reconhecer que ali 'está' eu mesmo"

Ao comentar o sonho começou dizendo: "Acho incrível este tipo de sonho pois penso em tantas coisas positivas e acabo sonhando com estas coisas. Até cheguei a pensar que isto é influência do local de trabalho, mas deixei este pensamento de lado, pois eu quero é mesmo viver e aproveitar tudo que a vida possa me oferecer"

Continuou descrevendo num tom bastante mórbido a forma como cuidou do corpo da sua mãe antes do velório, chegando a uma certa frieza nos detalhes. Havia um estranho prazer no seu relato. Disse que pintou e arrumou a sua mãe e que a sua expressão era de muita paz. Depois acrescentou que este ritual é contra os costumes religiosos judaicos.

Falou que fica muito impressionado com o lacre dos caixões, que geralmente estes não permitem uma visão da expressão do morto. Disse que estes dois amigos pareciam ter sofrido muito e que ele não queria passar a idéia de sofrimento quando morresse.

Perguntei se ele gostava de aparecer, de se mostrar. Disse que agora sim, pois tinha aprendido a se gostar. Acha-se atraente, gosta de ser notado mas tudo isso ele tenta reprimir dentro de si, pois tem AIDS e sua religião não lhe permite ter esse comportamento a seu respeito. Tudo isso também está ligado a sua homossexualidade que não é aceita pela comunidade religiosa. Vieram várias fantasias sobre ser notado e sobre sua sexualidade. Falamos um pouco sobre o seu trabalho e a possibilidade de estar sendo muito pesado para ele o contato contínuo com doentes de AIDS. Levantou a hipótese de se permitir mais lazer e mais prazer, reduzindo seu horário de trabalho.

O sonho parece indicar que ele está aprisionado numa situação de morte. A morte da mãe, a morte dos amigos e a sua morte. É perceptível em seu discurso uma certa atração pela morte e até um certo culto à ela. Esta visão estética pode indicar a sua dificuldade de entrar em contato com as emoções que este tema suscita. O conflito revela-se quando ele diz "só penso em coisas boas" contrapondo às imagens do sonho. Parece haver uma dissociação entre a atitude consciente e a reação do inconsciente.

A situação apresentada pelo sonho é de aprisionamento em oposição a um movimento de conquista de visibilidade, de reconhecimento. Mostrar o rosto tem a ver com revelar-se, mostrar uma identidade que parece estar aprisionada, sufocada, sem possibilidades de desenvolvimento.

Quando fala da "expressão de paz" de sua mãe e depois que não quer "passar imagem de sofrimento", parece indicar um grau de identificação com a mãe, onde, até o seu modo de morrer é determinado pelo modelo materno. É interessante notar que o período que ele diz estar infectado pelo HIV, quatro anos, é correspondente ao da morte da mãe.

No sonho há também a imagem do funeral de dois amigos, que estão com AIDS e são homossexuais. Por serem figuras muito próximas de sua realidade pode-se dizer que são aspectos da sua personalidade que estão relacionados com o ego. Estes foram marcados pelo sofrimento, o que em termos psicológicos significa que passaram pela experiência humana, neste caso marcada pela dor da doença e pela morte.

O conflito está presente entre a sua sexualidade e o prazer, por um lado, e os deveres e dogmas religiosos por outro. Sente que é difícil estar trabalhando com o sofrimento e a morte, mas ao mesmo tempo encara isto como uma obrigação religiosa, como um ato de penitência que pode livrá-lo de sua culpa com relação ao prazer e à sexualidade.

Sendo este, o primeiro sonho de uma série pode-se especular sobre o seu significado prognóstico. As imagens parecem indicar que há um movimento no sentido de uma diferenciação do ego e da emergência da individualidade em detrimento da identificação mórbida com o complexo materno.

Sonho 2:

"Sonhei que transava com o meu pai..." (8/2/93)

Houve muita dificuldade em falar sobre este sonho. Primeiro não queria me contar, depois contou com muita vergonha entre muitas risadas e comentários defensivos. Trouxe primeiro a história de um tio, irmão do pai que parece ser atraente (mas seu pai não), com cuja esposa ele teve um envolvimento sexual. O tempo todo procurava justificar o sonho. Disse: "Já falei para o meu pai quando me enterrar, enterrar junto a minha caixa preta".

Exploramos a imagem "caixa preta". A referência é clara, trata-se das caixas pretas dos aviões que trazem todas as informações necessárias para descobrir-se as causas de acidentes aéreos. Elas guardam o segredo e a verdade com relação às falhas ocorridas. Portanto, estão associadas ao que está errado, ao que não funciona

adequadamente. Perguntei a ele o que estaria em sua caixa preta ao que ele atribuiu uma conotação de pecado, dizendo ser sua "sexualidade proibida", suas fantasias eróticas, e "tudo aquilo que não pode e não deve ser revelado".

O sonho parece indicar a necessidade do elemento erótico entre ele e o seu pai. Do ponto de vista objetivo, a relação com o seu pai precisa ser erotizada, tornada mais atraente, mais dinâmica e profunda. Quando se refere ao pai é sempre de forma negativa ou desinteressante em contraponto à imagem idealizada da mãe. Do ponto de vista subjetivo, parece haver um movimento de atração e ativação do complexo paterno. Em relação ao sonho anterior pode-se dizer que para o estabelecimento de sua identidade talvez seja necessário o reconhecimento da imago paterna.

Sonho 3:

"Retornando a morar com minha família, senti-me como um estranho. Certo dia minha mãe resolveu dar uma festa para alguns amigos com a finalidade de me entrosar novamente. Fiquei responsável pela arrumação e preparativos. Momentos antes do início da festa enquanto arrumava as bandejas com os salgados, acabei deixando cair uma no chão. Neste momento minha mãe entrou e começou a falar. Não pensei duas vezes, peguei aqueles salgados no chão e esfreguei-os na cabeça dela." (15-3-93)

Ao relatar este sonho havia uma certa excitação, como se ele estivesse fazendo uma grande arte ou vingança. Disse que sempre se encarregava dos preparativos das festas da família. Desde o menu até a decoração eram de sua responsabilidade, no que procurava sempre seguir os gostos da mãe. Tudo tinha que estar do jeito dela, mesmo depois de sua morte.

No sonho ela faz críticas e o repreende na frente de todos. Ele se sente ridicularizado, diminuído e com muita raiva. É como se ela estivesse tratando com uma criança.

Ele estava muito contente por ter reagido daquela maneira pois nunca tinha conseguido fazê-lo de fato.

O sonho começa com um sentimento de estranhamento por estar de volta com a família o que indica um certo grau de distanciamento e diferenciação. Porém, parece haver uma tendência (representada pela mãe), à preservação forçando-o a permanecer no mundo familiar, seguindo costumes, preservando os valores coletivos acima de seus próprios valores. Esta não lhe permite cometer erros prendendo-o a um ideal de perfeição insuportável. O desfecho do sonho se dá no momento do conflito emocional. A possibilidade de confronto revela sentimentos negativos e pode facilitar a desmitificação da imago materna e uma conseqüente humanização do próprio destino.

Sonho 4:

"No quintal de minha casa existe um espaço onde desejamos fazer um galpão. Mas sonhei que o mesmo já estava coberto e embaixo daquela cobertura havia um ninho de pombos assim como muita sujeira deles. Quando resolvi espantar aqueles pombos com uma vara, um deles voou em minha direção, sendo que este me picou na mão, mas não era um pombo e sim um papagaio." (18/3/93)

Explicou que nos fundos de sua casa mora uma prima que é costureira. Que entre o quarto dela e a garagem há um vão onde iam construir um lugar para guardar coisas mas não construíram.

Durante a semana arrumou um monte de coisas antigas. Guardou as fotos da família que tinha expostas no seu quarto. Por outro lado acha que está conseguindo mostrar mais a sua desorganização. Ao papagaio associa uma tia com quem tem muita intimidade. O marido dela é muito repressivo e conservador, cobra muito dele. O papagaio é o pássaro que repete tudo o que os outros falam, não tem fala própria. Quanto aos pombos, representam sujeira, ele odeia pombos.

A ação do sonho se dá nos fundos de sua casa, ou seja naquele lugar onde as coisas não estão acessíveis para o social, onde estão guardadas as coisas velhas, coisas íntimas, os lixos e as sujeiras. Aí mora uma prima costureira o que remete à ação de coser, tecer que se desenrola por traz.

O sonho ocorre em uma semana na qual ele está ocupado com velhos objetos familiares, fotos, roupas, cartas, etc o que certamente evocou lembranças remexendo em velhas feridas. Surgem aí muitas idéias desagradáveis (pombos) que precisam ser espantadas para não trazerem à tona mais sujeira (fezes). Mexer em sua história parece exigir uma certa capacidade de lidar com aquilo que ficou guardado por trás da fachada familiar. Com os conteúdos pertencentes à Sombra que incomodam e causam repugnância ao Ego, mas que se mantém ativos (costureira) no pano de fundo da vida psíquica.

O desfecho se dá com um ferimento causado pela picada de um papagaio em sua mão. A mão representa a capacidade de ação, de realização e de produção. Esta parece estar sendo prejudicada pela dificuldade de ter uma "fala própria" ou seja de poder se auto-afirmar, de agir a partir de seus próprios valores, ficando à mercê da tirania familiar.

Sonho 5:

"Sonhei que casava com minha irmã. Tudo era muito simples e mal organizado. Nada do jeito como eu faria se fosse casar."

A irmã que aparece no sonho é a caçula com a qual mora. Disse que ela é o seu oposto. Mais espontânea, estoura com facilidade e diz o que pensa. É muito desorganizada e eles discutem muito, competindo sempre pela razão.

Durante a semana teve muita febre e numa noite chegou a "delirar". Nesta noite sua irmã estava no seu quarto e ele desconfia que "disse muita coisa que não devia dizer a

ela". Expressou sua mágoa por ela não aceitá-lo enquanto homossexual e por ela ter apoiado o seu ex-namorado na ocasião de sua separação.

A febre alta foi devido a uma infecção urinária. Tanto a febre quanto a infecção podem ser formas concretas de explodir, de reagir, de purgar, de colocar para fora aquilo que ele não consegue naturalmente, porque parece filtrar demais seus sentimentos.

Falou muito de sua necessidade de organização e limpeza. Disse estar melhorando pois tirou muitas coisas do quarto e não se preocupou em organizá-las. Pela primeira vez em sua vida foi à sinagoga de agasalho e tênis o que antes era impossível. Brigou com a prima que mora no quintal porque está cansado dela.

Mais uma vez o sonho traz um conteúdo de ligação erótica com um elemento da família o que pode indicar que sua energia psíquica ainda se encontra no âmbito familiar, no mundo indiferenciado do Uroboros. Neste caso a sua irmã pode representar algum aspecto do seu mundo feminino, anima, que ainda está muito próximo ou seja indiferenciado. Sua atitude irritadiça, sua desorganização, seus sentimentos negativos e a própria infecção urinária parecem indicar uma constelação deste aspecto.

A possibilidade de integração dos elementos femininos representados pela irmã parece passar por uma aceitação do ego de que as coisas "não são do jeito como eu faria". Os seus sentimentos, a sua espontaneidade não podem ser filtrados pela sua necessidade de organização. Excesso de limpeza e de organização podem indicar que a pessoa está tentando compensar uma desorganização interior, acreditando que tem controle sobre tudo que lhe pertence. A Anima se apresenta à consciência masculina sobretudo como conteúdos irracionais que fogem ao seu controle.

Sonho 6:

"Estava com uma marreta destruindo a fachada da sinagoga para transformá-la em algo diferente, mais moderno" (5/4/93)

Ele ficou muito surpreso com este sonho e pode pela primeira vez expressar o descontentamento com as posturas religiosas a que vinha se submetendo. Acha que sua atitude diante da religião começa a mudar pois está pensando em não se ordenar como "razam" para poder viver sua homossexualidade.

É a fachada da sinagoga que está sendo destruída, portanto aquilo que está voltado para fora, para a superfície e para o social. Isto parece indicar que é sua atitude religiosa dogmática presa às formalidades e às regras que precisa ser demolida para dar espaço a algo mais "moderno", a um tipo de experiência religiosa mais individual, mais psicológica, que englobe até a sua homossexualidade.

Sonho 7:

"Meus irmãos deram uma festa em nossa casa. Durante esta eu fui até a sala e enrolei o tapete da mesma. No dia seguinte tudo estava arrumado como antes até mesmo as coisas de uma estante que eu não gostava e que já não estava mais em casa." (7/4/93)

Este sonho lhe faz pensar em sua atitude repressora com os irmãos. Desde que a mãe morreu ele assumiu o controle da casa tentando manter tudo do jeito como ela gostava. Quando os irmãos convidam os amigos ele fica de olho para que nada saia do lugar ou se estrague exatamente como aparece no sonho. Ao falar disso dá gargalhadas nervosas o que pode indicar que esta imagem traz conteúdos relacionados a complexos inconscientes. Começa a reconhecer o quanto vive em função dos desejos maternos e se sente um

pouco ridículo por isso, ao mesmo tempo, diz ser quase impossível agir de outra maneira.

A necessidade de organização e limpeza associada aos desejos maternos se repete mais uma vez indicando que este tema continua em elaboração.

Sonho 8:

"Estava em passeio por Machupichu, e andando pela cidade encontrei senhoras vestidas tipicamente e uma delas me parou e com um frasco de vidro tirou de uma veia minha uma pequena quantidade de sangue." (19/4/93)

O relato deste sonho foi feito de forma fria sem nenhuma manifestação de sentimento. Perguntei-lhe por associações e as únicas que conseguiu fazer foram com sangue que para ele representa vida. O fato de estarem retirando seu sangue dava-lhe uma sensação de "alívio" pois "a vida é um peso". Disse também que as mulheres de alguma forma lembravam sua mãe.

A sua indiferença diante de tal imagem foi me causando espanto e acabei por perguntar-lhe de forma bastante emocional se ele não iria fazer nada a respeito. Estavam lhe tirando a vida e ele não reagia. Tal reação de minha parte despertou nele um outro posicionamento diante do sonho.

Falou com muita raiva de sua mãe, do quanto ela o anulara fazendo-o "de seu boneco", manipulando os seus sentimentos e atitudes e que certamente ela estaria desejando sua morte.

Ele não fez nenhuma relação pessoal com Machupichu, um lugar desconhecido, envolto por um certo misticismo, portanto, pode estar indicando uma situação inconsciente. Ali figuras maternas lhe sugam a vida, tiram-lhe a vitalidade, fazendo-lhe encarar a vida como um peso algo de que tem que se livrar. A indiferença inicial parece indicar sua impotência diante desta tendência auto-destrutiva, ela o deixa sem reação, paralisado.

Sonho 9:

"Estava muito doente e a infecção era tão contagiosa que o único modo de me isolar era colocar-me dentro de um caixão lacrado. Relutei tanto que consegui me livrar desta tentativa. Acordei tão assustado!" (21-4-93)

Este sonho traz muitos elementos do sonho anterior e do primeiro sonho da série. Aqui há também duas mulheres que tentam colocá-lo no caixão uma das quais ele associa a sua mãe. O que difere é sua atitude que passa a ser de completa indiferença e passividade para uma atitude reativa.

Ficou assustado com o fato de um amigo seu morrer no dia seguinte ao sonho. Este tinha uma mãe que o sufocava, ficava o tempo todo atrás dele e depois da morte do filho vinha transferindo para ele os cuidados e exigências que tinha com o filho.

Sonho 10:

"Sonhei que conheci uma pessoa muito educada, não tão bonita mas a sua gentileza era tudo. No segundo encontro saímos para jantar. Após o jantar ele quis me levar para passear, topei. Quando já estava amanhecendo ele disse que precisava ir, despediu-se e me deu a chave do carro e foi embora" (29/4/93)

Ao homem que aparece no sonho ele associou o tipo executivo, bem vestido, com um certo status, do jeito que ele gosta. Porém, ele (o homem do sonho) era feio e não havia muita atração física entre eles.

Contou que conheceu um rapaz pelo qual ficou muito atraído, mas não conseguiu falar abertamente com ele sobre isto. Ficou tão ansioso que teve diarreia durante dois dias.

Falou do tempo em que trabalhava em uma empresa e que começou a sair com executivos por dinheiro. Nesta época

consumia drogas (maconha, cocaína) e o que ganhava não dava para se manter. Quando não encontrava ninguém no trabalho pegava homens na rua. O modo como me contou isto mais uma vez me intrigou. Não havia nenhum acento emocional em seu discurso. Perguntei por quanto tempo havia se drogado e ele me disse que de seis meses a um ano. Portanto, um período muito curto e isolado do resto de sua vida. Falou também que nesta época sentia-se sem apoio por parte dos pais, que além de não lhe darem o que precisava para viver o consideravam culpado pelo final de seu relacionamento⁹. Apesar de fazer relações claras entre seu comportamento nesta época com a situação emocional pela qual passava, o seu discurso seco parecia indicar um certo julgamento interior, um auto-sentenciamento. Possivelmente resultante da dissociação entre sua experiência pessoal e os valores morais de seu meio. Desta forma a impressão que me passou era de estar pintando o diabo mais feio do que ele era. O seu relato era moralista e me parecia estar falseando de alguma forma a realidade.

Voltando ao sonho, temos representada uma situação de atração. Embora nas associações tenha ficado realçado o aspecto da atração pelo que é externo, no sonho fica claro que é a gentileza, ou seja, a atitude interna que o atrai. Entre ele e o rapaz há alimento, saem para jantar e se divertir, o que configura a presença de uma dimensão espiritual que vai além da mera atração física ou do mero interesse econômico. O fato de estar amanhecendo pode indicar que esta dimensão está emergindo na consciência, tornando-se mais clara, mais perceptível. O sonho termina com a partida do rapaz que lhe deixa a chave do carro, ou seja a possibilidade de utilizar um novo meio de locomoção, uma outra forma de se movimentar na vida. Esta certamente está ligada a sua atitude interior ligada ao mundo masculino.

⁹ C.H. referia-se a um relacionamento que tivera com um rapaz por um período de seis anos e que contava com uma certa dose de tolerância da família, principalmente da mãe.

Sonho 11:

"Sonhei que me encontrava com muitas pessoas e que havia um clima erótico entre nós"(5/5/93)

Contou que durante a semana paquerou no trem e no ponto de ônibus. Sentiu muito "tesão", mas ao mesmo tempo muita culpa e o sentimento de ser uma pessoa especial. Quanto a este sentimento, disse sempre estar presente quando começa a se interessar por alguém, é como se ele fosse superior ou diferente dos outros, em suma muito especial para poder se misturar com os outros.

O sentimento de "ser especial" pode indicar uma inflação de ego que tem origem no complexo materno. Certas mães fazem que o filho se sinta eternamente especial e melhor em relação ao resto do mundo. Este passa a viver um destino divino, sem contato com a dimensão humana. (FRANZ, 1992)

O clima erótico presente no sonho não se dá entre ele e uma pessoa e sim entre várias pessoas. Pelas associações isto se dá em lugares públicos (trem, ponto de ônibus) onde ele se mistura com outras pessoas sem nenhuma diferenciação. O erotismo, eros, pode indicar uma necessidade de ligação, de intimidade com o outro, que no caso está direcionado a várias pessoas ou seja com o homem de forma genérica. O sonho e as fantasias eróticas parecem compensar o seu sentimento de superioridade estabelecendo uma relação mais humana entre ele e o mundo.

Sonho 12:

"Estou arrumando o meu quarto. Vou mudar o guarda-roupa de lugar e saem dois ratos. Um some quando eu bato com a vassoura. O outro bato com o cabo e consigo matar"(5/5/93)

No domingo pensou em mudar o quarto e teve este sonho. Era dia das mães e ele disse que pela primeira vez não se sentiu vítima por não ter mãe. Falou do sentimento de solidão e que não tem amigos. No sábado ficou em casa sozinho por não ter com quem sair. Sobre o menino de quem que está gostando disse: "Deixa pra lá". Não quer enfrentar as tensões que os relacionamentos trazem. Falamos sobre as tensões que envolvem a vida, como crescer, se relacionar, se conhecer e mudar de trabalho.

Tem muito nojo de ratos porque são sujos. No sonho ao remover seu guarda-roupas de lugar eles aparecem. O guarda-roupa é o lugar onde estão as roupas, as diversas formas de se apresentar socialmente, portanto é onde se encontram nossas personas. Quando ele mexe com isto surgem os ratos, uma dimensão instintiva que está em contato com a sujeira, com o subterrâneo, portanto, com a sombra. Estes conteúdos causam medo e ameaçam o ego, que tenta reprimi-los ou destruí-los.

O sentimento de solidão pode corresponder ao reconhecimento da necessidade de mudança de atitude com relação ao mundo. Tudo aquilo que tinha um certo valor precisa ser relativizado e redinamizado o que passa por uma perda de identidades anteriormente estabelecidas. Aí o sentimento de solidão. Estar só consigo mesmo pode indicar uma falta de contato com o mundo interior, com aquilo que está por debaixo da roupa.

O tema da persona e do relacionamento com o outro parece estar presente nos dois últimos sonhos, indicando uma mudança na esfera da persona e do reconhecimento de sua vida instintiva. O estado de ânimo depressivo aponta para um movimento contrário à inflação, sugerindo a constelação de uma compensação do inconsciente.

Sonho 13:

"Estou no sul num festival de vinho. Experimento vários tipos de vinho. Estou muito alegre. Fui até lá com um carro que não é meu. Quando vou voltar roubam o painel.

Acho gozado terem roubado justamente o controle do carro. Volto com ele assim mesmo. Na estrada há várias árvores de caqui e tenho muita vontade de comê-los mas não tenho coragem de parar o carro e de pegar um. Vejo um outro carro parando onde todos estão comendo caqui. Tomo coragem, desço e como caqui com muita vontade." (31/5/93)

Caqui lhe faz lembrar a Argentina onde morou até os 8 anos de idade. Ele pulava o muro para roubar caqui do vizinho. Quando comia caqui se lambuzava todo o que lhe dava muito prazer. Era a sua grande transgressão e tinha muito prazer nisto. Na casa vizinha morava um garoto mais velho que se masturbava em sua frente e dizia que tinha um vidrinho com água e vaselina que promovia a ereção. Foram suas primeiras experiências sexuais.

Quanto ao vinho disse que não toma porque não pode e porque não deve, pois perde o controle de si mesmo. Mas gosta da sensação de tonteira.

Lembrou-se de quando voltou a morar no Brasil e foi viver com a avó. Passou a ser um bonequinho, bem educado e disciplinado, que não tinha liberdade para nada, nem para escolher as próprias roupas. Esta situação se prolongou até os seus 17 anos.

Chegou à sessão meio desanimado, completamente travado. Conseguiu um emprego e vai sair do hospital. Mais uma vez falou do peso de estar trabalhando lá, sente-se sugado, invejado e culpabilizado. Falou do namorado, tiveram uma discussão por causa de uma festa que foram e ele queria que o L. se vestisse bem. Estava muito irritado com o esculacho do namorado e se sentiu bem por poder expressar o seu desagrado. Voltamos a discutir a questão do menino bonzinho que precisava agradar a avó e a mãe e o quanto sua necessidade de organização parecia bloquear sua espontaneidade.

No sonho ele está em um festival de vinho, ocasião onde as pessoas bebem e perdem o controle sobre si mesmas. Ou seja, abaixam o nível da censura possibilitando a emersão de uma atitude mais espontânea. O fato deste

festival ocorrer no sul do país e dele encontrar caquis o remete de volta a Argentina, onde viveu momentos de sua infância com mais liberdade e espontaneidade. O carro em que está é emprestado e o seu painel de controle foi roubado. Portanto, a possibilidade de se locomover espontaneamente parece ser ainda percebida como algo alheio a si mesmo.

O conflito entre prazer e culpa fica evidente tanto no sonho como nas associações. O fato de estar se afastando do hospital e se permitir uma vida mais prazerosa distante do sofrimento e da AIDS parece desencadear muita culpa. É como se tivesse traído um compromisso interno de estar o tempo todo exposto ao sofrimento em um ato de auto-penitenciamento. Neste sentido, o sonho pode indicar uma outra forma de relacionamento com a vida e de vivência espiritual.

Sonho 14:

"Durante a internação tive muitos sonhos com uma voluntária do hospital e com a morte"(2/8/93)

Este sonho e o seguinte, foram relatados em uma sessão após dois meses de ausência. Neste período esteve internado com tuberculose durante 13 dias.

Disse que esta voluntária é uma figura maternal, mas que atrás da doçura dela há muita voracidade. Que ela o sufocava de cuidados e que ele tinha a nítida sensação de que ela queria a sua morte. Pensou o quanto ela se parecia com sua mãe querendo destruí-lo.

Sonho 15:

"Está discutindo com a irmã. A mãe chega e toma as dores dela e a defende. Ele pega uma faca e fura as duas com muita raiva."(2/8/93)

Disse que está tendo muitos conflitos com a irmã mais nova na medida em que procura encontrar seu espaço na casa. Está mexendo nos pertences da mãe e rebatendo os comentários moralistas de sua irmã.

Depois da última sessão conseguiu brigar com o namorado delimitando melhor o seu espaço. Disse que está conseguindo dizer aquilo que não gosta sem se preocupar em ser bonzinho. Também tem brigado muito com a família. Quer mais respeito com relação a sua sexualidade. Devido à internação perdeu o emprego o que o deixou aparentemente desmoralizado.

A imagem do sonho é bastante clara: ele parece ter que reagir drasticamente à imago materna. A quantidade de energia que está represada em sua raiva contida pode tornar-se disponível ao ego, ajudando-o a se posicionar melhor no mundo. O fato de estar brigando com as pessoas, cavando seu espaço e respeitando mais seus próprios valores pode indicar um confronto com o mundo materno que o enclausurou na imagem de "menino bonzinho".

Ao contrário de sua aparência habitual desvitalizada, ele apresentava muita vitalidade, falando com firmeza e entusiasmo.

Sonho 16:

"Está na casa do tio (irmão da mãe) onde há várias escadas em espiral que sobem a um andar e depois a uma laje onde há luz. Ele tenta subir mas fica no meio. Tem medo de continuar." (16/8/93)

Não fez muitas associações com este sonho a não ser que teve contatos eróticos com a mulher deste tio há muito tempo atrás.

O sonho indica que ele está procurando ir de um nível a outro onde há mais luz, portanto, um movimento no sentido à consciência. Porém, está amedrontado e não consegue continuar. Por estar na casa do irmão da mãe, podemos supor que o medo esteja relacionado ao aspecto masculino da

personalidade materna, ou seja, o animus materno que o mantém paralisado em uma situação inconsciente.

Sonho 17:

"O pai havia se separado e o chama para morar com ele. O telefone não para de tocar para ele e todos as chamadas são de homens. O pai fica puto e começa a brigar com ele" (16/8/93).

Contou que o seu pai sempre faz comentários maliciosos porque a maioria dos telefonemas que recebe é de homens e isto o incomoda muito.

O fato de mudar-se para a casa do pai (que separou-se, portanto sem a presença do feminino), parece indicar que há um movimento em direção ao mundo masculino. Este aspecto também está presente no fato dos telefonemas serem de homens e dele estar na casa do tio (no sonho anterior). O confronto com esta dimensão parece ser necessário para que sua energia psíquica se direcione no sentido de sua auto-afirmação.

Sonho 18:

"Sonhou que estava preparando o ritual de seu casamento como manda a tradição judaica. Quando recebe a bênção ele abre o véu e revela a todos que ali não está uma noiva mas sim um noivo" (29/8/93)

Este sonho foi de grande impacto para ele pois aparece revelando sua homossexualidade perante a comunidade judaica. Nesta semana, foi acompanhar o corpo de um amigo que morreu de AIDS até Fortaleza. A família deste pediu que ele fizesse a cerimônia religiosa. Ao encomendar o corpo trouxe a questão da homossexualidade e pela primeira vez conseguiu falar de sexualidade em um contexto religioso. Ao retornar para São Paulo foi repreendido por um rabino

superior ao qual ele contou este sonho. O rabino o aconselhou a viver sua natureza de forma velada e a ponderar sobre sua opção pela vida religiosa. Ele questiona se quer ou não ser um "razam". Parece vislumbrar alguma possibilidade de viver sua religiosidade sem precisar sacrificar sua sexualidade.

O sonho traz a imagem de um casamento homossexual dentro do contexto religioso judaico, o que pode indicar que a dimensão da sexualidade e a da religiosidade podem ser integradas. Apesar do dogma religioso não permitir, o fato dele ser homossexual não é um obstáculo para que tenha uma vida religiosa.

Como nos dois últimos sonhos está constelado o mundo masculino, outro sentido pode ser destacado: o da dimensão espiritual presente na união com o mundo masculino.

Teve uma briga com namorado e acabou ficando internado por três dias devido a pressão alta.

Sonho 19:

"Está com um rapaz muito viril. Claro, forte, de bigode e muito ágil. Eles fazem amor nos lugares mais estranhos: no cinema, na frente do espelho." (13/9/93)

Disse que este sonho se repetiu ao longo da semana e associou a eles o fato de estar experimentando coisas novas no presente relacionamento. Está se permitindo a "sentir prazer, a gritar, a gemer, e a reclamar quando não está bom". Foi para Fortaleza e reatou com o seu namorado. Disse que se sente "estranho, vivo, participante da vida."

Mais uma vez a união com o mundo masculino é representada. O contato com a virilidade é um aspecto fundamental para a integração dos aspectos masculinos da personalidade. Ele parece estar se posicionando melhor em seu relacionamento e na vida, reconhecendo melhor os seus desejos e os seus limites. A sua vitalidade parece confirmar que o dinamismo masculino está constelado.

Tanto o cinema quanto o espelho podem ser relacionados à reflexão (imagens refletidas, projetadas). Neste sentido, o sonho parece indicar uma possibilidade de reflexão sobre a sua sexualidade, sobre sua identidade masculina e sua virilidade.

Sonho 20:

"Estou em casa. Vejo um gato magro, molhado passando pela sala. Fico paralisado. Meu irmão chega e joga ele para fora. O gato precisava de ajuda" (27/9/93)

Na noite que teve o sonho tinha brigado com o namorado e foi dormir na casa de seus irmãos. (Nesta época ele já estava morando em seu próprio apartamento.)

Tem muito medo de gato, "pavor". Sempre gostou mais de cachorro. Ao gato associa sensualidade e complementa dizendo que o irmão também é muito sensual e que não tem uma atitude muito positiva com relação à sua homossexualidade.

O sonho parece indicar que no contexto familiar ele se sente paralisado diante de sua sexualidade. Esta é excluída pela atitude de rejeição, que está representada pelo irmão. O gato está magro e molhado precisando de ajuda, indicando que esta situação não possibilita um bom desenvolvimento de sua vida instintiva. Fica claro que ele ainda tem muita dificuldade em reagir contra os valores familiares pelos quais sua homossexualidade não é aceita.

Por outro lado, o sonho pode também estar indicando o conflito entre um aspecto viril de sua personalidade (irmão) e um aspecto mais feminino (gato).

Sonho 21:

"Sonhou que estava transando com o J. e que este lhe fazia viver tudo que sempre sonhou em termos de relação" (4/10/93)

O namorado foi para Fortaleza e ele está com muita raiva, pois estava começando a entrar na relação. Apareceu outro rapaz que o trata "bem demais" o que o incomoda muito, "não estou acostumado". Parece ser difícil aceitar que merece algo de bom.

Falamos do contato com o outro e da possibilidade de ser bem cuidado. Ele diz submeter-se sempre ao desejo do outro. Não reclama por mais carinho e tão pouco daquilo que não gosta. Apenas submete-se.

Tanto a passividade diante do desejo do outro quanto o sentimento de não merecer uma relação positiva podem estar associados ao complexo materno negativo, que o leva a manter relações auto-punitivas e cheias de culpa.

O movimento em direção ao mundo masculino parece continuar. Mais uma vez, o sonho traz uma situação erótica com outro homem. J. é um rapaz do grupo P. Vidda que lhe dá muita atenção mas pelo qual ele não tem atração física. Ao contrário de C.H., é uma pessoa muito objetiva, prática e simples. O sonho parece indicar que um pouco mais de objetividade e simplicidade na sua relação com o outro podem ser positivas, no sentido de libertá-lo dos sentimentos negativos que nutre contra si mesmo.

Sonho 22:

"Eu estava loiro viajando com o meu namorado para a França" (22/11/93)

C.H. está se sentindo muito mal com relação a seu pai e a sua família. Ele tem a impressão que todos estão preocupados com os seus bens e não com ele. Todos estão interferindo na venda dos imóveis que tinha em conjunto com os seus irmãos e na compra de seu próprio apartamento. Os argumentos sempre vêm pela via da suposta preocupação com sua doença.

Com relação ao sonho diz que a França é o lugar aonde vive um primo que é homossexual. Este foi para o exterior para fugir da família. Relaciona esta imagem ao desejo de

se afastar do pai e dos irmãos e reconhece o quanto é sufocado no meio familiar. Quer viver a seu modo sem ter que dar satisfações a ninguém. Recebeu uma proposta de trabalho da comunidade judaica de Fortaleza e está pensando em ir para lá.

O fato de ter cabelos loiros no sonho pode indicar alguma mudança em sua forma de pensar, o que talvez possibilite um certo distanciamento do mundo familiar.

Ele está acompanhado pelo namorado, a parte masculina com a qual estabeleceu um relacionamento. Esta parece ser importante na travessia para o outro lado do mundo, o desconhecido, o inconsciente. Aqui pode-se dizer que o desconhecido é a terra onde pode viver livre da pressão familiar.

Sonho 23:

"Está em sua casa de infância que está toda vazia. Sente que as paredes o vigiam. O ambiente é opressivo. Sai e só volta para dormir"(22/11/93)

Nestes dias teve muita diarreia. Esteve muito nervoso devido ao casamento de um primo e ao enterro de outro. Se sentiu muito oprimido no contexto familiar. Os irmãos, os tios e a comunidade judaica continuam exercendo muito controle sobre ele. Esta situação pode ter promovido uma certa regressão colocando-o de novo no mundo infantil, vazio e sufocante. O sonho parece indicar que só é possível permanecer aí inconscientemente.

Sonho 24:

"Estava andando nu numa praia. Se sentia livre"
(30/11/93)

Disse que gosta de andar nu na praia pois tem sensação de liberdade. Lembrou de uma vez que foi passar férias na casa de praia de um tio onde havia um lugar em que ia nadar nu. Os tios não gostaram muito.

Nesta semana resolveu ir para Fortaleza trabalhar. Quer ficar longe da família. Reatou com o L. e quer assumir a própria vida daqui para frente. Decidiu parar com o aconselhamento psicológico. Seu estado de saúde permanece estável.

O fato de estar nu pode indicar que se despojou de suas atitudes sociais (roupas), de suas personas, revelando a sua própria natureza. A praia é o local onde as coisas que se encontram no fundo do oceano são lançadas à luz do sol, portanto o lugar do emergir. A experiência de si próprio é representada como uma situação emergente, o que em termos de prognósticos pode ser muito positivo.

1.3) Amplificações Arquetípicas:

Para dar continuidade à amplificação das imagens oníricas, faz-se necessário um corte temático que possibilite um direcionamento da análise. A série de 24 sonhos apresentada por CH. e suas associações são dominadas pela presença do arquétipo materno em seu aspecto negativo, principalmente nos quinze primeiros sonhos, onde há uma seqüência de imagens femininas (maternais) destrutivas, que aos poucos vão cedendo espaço as figuras masculinas de caráter positivo. Portanto, as amplificações a seguir circundarão o arquétipo da Grande Mãe em seu aspecto negativo.

Segundo NEUMANN (1974) o arquétipo feminino é constituído de dois princípios fundamentais: o princípio elementar e o princípio transformador. O primeiro é o aspecto do feminino que como o "Grande Círculo", o "Grande Receptáculo" tende a manter, a conservar tudo o que nasce dele e a circundá-lo por uma aura de eternidade. Já o princípio transformador constitui o elemento dinâmico do feminino, que em oposição ao caráter conservador do

princípio elementar, tende ao movimento, à mudança e à transformação. Apesar destes dois princípios não serem antitéticos, pois se interpenetram nas mais diversas combinações, há sempre a predominância de um sobre o outro.

O princípio elementar é dominante sempre que o ego e a consciência são pequenos e subdesenvolvidos e o inconsciente é dominante. "Conseqüentemente, o princípio elementar tem quase sempre um determinante 'maternal'. O ego, a consciência, o indivíduo, seja homem ou mulher, são infantis e dependentes em relação a este determinante." (NEUMANN, 1974, p.27)

Já o princípio transformador é experienciado de forma diferente por homens e mulheres. Para a mulher a experiência da transformação se dá naturalmente a partir das transformações de seu próprio corpo. A menstruação, a gravidez, o crescimento do feto, o nascimento, a transformação do sangue em leite, o crescimento do bebê nos primeiros anos de vida, etc. Além destas situações, a mulher também experiêcia o princípio transformador em sua relação com o "Outro".

Para o homem este aspecto do feminino se apresenta, direta ou indiretamente, como uma força provocativa que o impele ao movimento e à mudanças. A transformação pode ocorrer por uma fascinação positiva ou negativa, pela atração ou repulsão pela mulher. O princípio transformador encontra sua forma mais pura na figura da anima, que representa a experiência do homem com sua feminilidade interior.

"Enquanto o princípio elementar do Feminino tende a dissolver o ego e a consciência no inconsciente, o princípio transformador da anima fascina, mas não destrói; ele põe a personalidade em movimento, produz mudanças e finalmente transforma." (NEUMANN, 1974, p.34)

Tanto o princípio elementar representado pela Grande Mãe, como o princípio transformador representado pela anima, se manifestam em duas polaridades: positiva e negativa.

Em seus aspectos positivos o princípio elementar caracteriza-se pela imagem da "mãe boa" que sustenta sem sufocar, que promove desenvolvimento, que dá origem a frutos através do nascimento ou renascimento. E em seus aspectos negativos aparece como a "mãe terrível ou devoradora" que imobiliza, sufoca, fixa impossibilitando o desenvolvimento. Alimenta-se da vida do filho levando-o ao desmembramento, à doença, à fraqueza, à extinção e à morte.

Os aspectos positivos do princípio transformador são representados pelas imagens da anima positiva, das musas, de Sofia, que evocam a generosidade, a transformação que leva à sublimação, às visões, à inspiração e à sabedoria. Em seu aspecto negativo aparecem em figuras de anima como Medea, Lilith e Circe e evocam a experiência da rejeição, da privação, da transformação que leva a dissolução, do êxtase, da loucura, da impotência e do estupor.

O primeiro sonho da série traz uma representação dramática do estado de aprisionamento psicológico em que se encontrava CH. O arquétipo da mãe parece estar aqui associado à morte, ao estado de inconsciência e à impossibilidade de desenvolvimento psicológico. Esta imagem reaparece no sonho 9 e possibilita algumas amplificações.

Segundo CHEVALIER; GHEERBRANT, o sarcófago é "símbolo da terra, enquanto receptáculo das forças da vida e local de suas metamorfoses. A ser associado com o ovo filosófico dos alquimistas, com o vaso dos cabalistas e com o símbolo da mãe, enquanto matriz de repouso". (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1987, p.804)

"No relato egípcio, Seth, inimigo de Osíris, enganou-o e fez com que entrasse em um caixão de chumbo, trancando-o lá dentro e provocando assim a sua morte. A "tumba de Osíris" - segundo os antigos egípcios e os primeiros alquimistas- é aquele lugar misterioso de onde novamente brota a vida, num processo que de certo modo repete a própria criação do mundo" (FRANZ, 1990, p.35)

O mistério da ressurreição ocorre dentro do caixão de chumbo "e é precisamente Seth, o elemento demoníaco, que desempenha o papel de preservar e salvar o morto. Numa gema

cinzelada, Seth aparece sobre o útero, é como se ele guardasse o que ocorre no ventre do renascimento. De um ponto de vista psicológico, isso significaria o seguinte: o demoníaco no homem, o elemento Seth, é seu afeto autônomo, 'mau', aquelas ações, impulsos e emoções a que Jung deu o nome de 'sombra'. Estes traços costumam se manifestar em nós como impulsos do corpo 'animalesco' e inconsciente. Esses impulsos trancam 'Osíris'. Na maioria dos casos, isso significa que ele fica impedido de se conscientizar do Self e da individuação." (FRANZ, 1990,p.38)

A partir destes paralelos pode-se estabelecer duas situações distintas. As imagens podem estar indicando a constelação de uma transformação profunda da personalidade ou, representando uma impossibilidade de desenvolvimento psíquico. O verdadeiro significado dependerá da capacidade do ego de integrar conteúdos da personalidade que estão na sombra. Estes parecem estar associados em C.H. à sua sexualidade e a dimensão masculina.

O caixão também é associado à árvore, à mãe-mortal na mitologia. "O caixão na árvore, e o morto colocado nele são interpretados como uma devolução à mãe, colocados de volta na árvore mortal, a mãe-mortal. No festival de Átis em Roma, uma árvore era carregada portando uma imagem de Átis em seu topo, geralmente só da cintura para cima. Jung, em *Símbolos de Transformação* (1961), cita um antigo poema que diz que a cruz cristã tem sido vista como a madastra terrível que matou Cristo. Esta seria a primeira associação, quer dizer, que a árvore é a mãe, o caixão, e está envolvida na morte do deus *puer aeternus*." (FRANZ, 1992, p.69)

"Havia vários cultos à mãe na Ásia Menor e na Síria em louvor da deusa-mãe Cibele. Cibele foi mais tarde, identificada com a deusa Afrodite. Seu filho era Átis, ou em algumas versões, seu Sacerdote-amante era o belo jovem Átis. Quando Átis se apaixonou por uma ninfa e deixou de se interessar pela deusa-mãe, esta, ciumentamente, fez com que ele ficasse louco e se castrasse. Ele o fez debaixo de uma árvore. De acordo com outra versão, foi também perseguido

pelo amante da deusa-mãe Cibele, o deus da guerra Ares. Podemos dizer que foi o animus agressivo da deusa-mãe que matou ou castrou o jovem deus....Aqui o grande problema é a árvore. Átis na árvore e Cristo na árvore da vida, ou da morte, veiculam a mesma idéia. Pode-se dizer que Átis regrediu a uma forma pré-humana, tornou-se o espírito da árvore. Depois saiu da árvore, isto é, sua vida provém apenas de seu complexo materno, de sua ligação com o inconsciente coletivo, visto que não tem vida própria. É como uma parasita acoplada à árvore... Há casos de jovens ligados a mãe, e não se deve tentar separá-los a força, pois correm risco de vir a morrer. Só conseguem viver nesta situação parasitária. Se você os colocar na terra como um sistema independente de vida, correm o risco de morrer, pois lhes falta a vitalidade necessária." (FRANZ, 1992, p.147-148).

A partir da relação da árvore com o complexo materno negativo chega-se a situação psicológica retratada pelo *arquétipo do puer aeternus* (a criança eterna). Este é um estado de aprisionamento psicológico no modo infantil de reagir à vida, o que impede o pleno desenvolvimento da personalidade e a conseqüente adaptação ao mundo adulto. Para que haja uma transformação é necessário um rompimento com o mundo materno no qual a "criança" tende a perpetuar-se. Este processo é bastante delicado e envolve sérios riscos para o indivíduo. A este respeito FRANZ diz:

"O jovem na árvore é uma situação ambígua. Você pode interpretar o sonho positivamente e dizer que a árvore é o símbolo da vida, que é algo que tem raízes, que cresce. Desta perspectiva podemos dizer que o confronto com a sombra faz com que o jovem crie raízes e ocupe seu lugar no mundo e amadureça. Mas se você interpreta isso negativamente, com a árvore (a mãe) como um caixão e como a morte, você pode dizer que com esse confronto o jovem é lançado de volta ao símbolo da mãe-morte e de volta à fonte da vida; isto é, para a mãe, ou, no caso, para a morte. O *puer aeternus* é, de certo modo, o oposto da árvore, porque é uma criatura que não finca raízes no solo. Ele sempre se

recusa a viver no presente e a batalhar pela vida no aqui e agora, e é por isso que evita relacionar-se com a mulher a nível mais profundo. Mulher representa compromisso, principalmente se ela quer ter filhos, pois uma família o prenderia para sempre. A árvore significa a falta de liberdade de "sair por aí". O *puer aeternus* e o símbolo da árvore se completam: a árvore o fixa, prendendo-o à terra, mesmo que seja em um caixão" (FRANZ, 1992, p.148)

Para o homem se desvencilhar do ideal materno é preciso deixar de ser "o bom menino da mamãe" o que em outras palavras significa assumir aspectos de sua personalidade que não foram aceitos por ela, como por exemplo, a agressividade, a sensualidade, a independência de opiniões e valores, enfim, a própria masculinidade. Estes aspectos, que geralmente permanecem na sombra, têm que ser confrontados e integrados para que haja um desenvolvimento adequado da consciência.

A maneira como a sombra aparece na vida das pessoas pode variar das mais suaves, como em dificuldades de relacionamentos ou em imagens oníricas, para formas mais drásticas segundo nosso grau de resistência à ela, como em situações de vida trágicas, acidentes, doenças, assaltos, guerras, etc. No caso do *puer aeternus*, FRANZ (1992) diz: "ou ele morre em acidentes de carro, de avião, ou nas montanhas, ou vai parar na prisão - em muitos casos de maneira inocente. Vemos, portanto, que a sombra tem duplo aspecto: contém a vitalidade necessária e a masculinidade, mas também uma destruição latente - algo que pode realmente destruir a parte consciente" (p.146). Neste caso pode-se levantar a hipótese de que a infecção pelo HIV de fato traz à tona questões da sombra individual e coletiva, que podem assumir tanto um papel transformador quanto um papel destrutivo.

O aprisionamento no mundo materno origina no *puer* um fascínio secreto pela morte¹⁰. "O *puer aeternus* muitas vezes possui esta atitude distante e amadurecida diante da vida, que é comum nas pessoas mais velhas, mas que ele adquiriu prematuramente. Pensa que a vida não era tudo, que há outro lado válido também... Conheci pessoas com problemática parecida que faziam a mesma coisa, isto é, viviam 'condicionalmente'; secretamente flertavam com a idéia de suicídio. A cada passo da vida, elas imaginavam que iriam experimentar uma coisa ou outra, e que se não desse certo, eles se suicidariam. O *puer aeternus* sempre está com a arma preparada e sempre brinca com a idéia de cair fora se as coisas se complicarem demais. A desvantagem disso é o não comprometimento com a condição humana, ele sempre se reserva o direito, como ser humano, de se matar caso a situação se torne intolerável." (FRANZ, 1992, p.98)

A relação do aspecto negativo do arquétipo materno com a morte é também tratada por NEUMANN: "Assim o útero da terra torna-se a boca mortalmente devoradora do mundo inferior, e ao lado do útero fecundado e da cova protetora da terra e da montanha abre-se o abismo do inferno, o buraco escuro das profundezas, o útero devorador da sepultura e da morte, da escuridão sem luz, do vazio. Neste sentido a mulher que gera vida e todas as coisas vivas na terra é a mesma que as toma de volta para si mesma, que persegue as suas vítimas capturando-as com ciladas e redes. Doença, fome, dureza, guerra sobretudo, são suas ajudantes; entre todos os povos as deusas da guerra e da caça expressam a experiência que o homem tem da vida como uma fêmea exigindo sangue. Esta Mãe Terrível é a terra faminta, que devora seus próprios filhos e engorda com seus corpos; é o tigre e o abutre, o abutre e o caixão, o sarcófago comedor de carne que consome vorazmente o sangue, semente

¹⁰ É relevante lembrar que ao fazer as associações com este sonho, CH demonstrava uma atitude fria, distante diante da morte, falando dela com uma certa atração.

de homens e animais e, uma vez fecundada e saciada, lança-o de volta em um novo nascimento, levando-o à morte, e repetidamente de novo à morte." (NEUMANN, 1974, p.149-150).

As imagens negativas associadas à mãe reaparecem nos sonhos 8, 9, 14 e 15 e serão discutidas mais adiante. Voltemos à série buscando identificar o movimento do inconsciente no sentido de uma solução para a situação psicológica representada por esta constelação.

A resposta a esta situação parece vir esboçada no sonho seguinte, onde ele tem um contato erótico com o pai, e se confirma nos sonhos da segunda metade da série, onde o contato com o mundo masculino se intensifica. Parece haver um movimento compensatório do inconsciente levando-o a reagir a este aprisionamento no mundo materno através da integração de componentes de sua personalidade associados ao mundo masculino.

Os símbolos do Pai e da Mãe representam as duas polaridades básicas da natureza, masculino e feminino, Yang e Yin, sol e lua, etc. A erotização da figura do pai indica que a energia psíquica está sendo desviada para a outra polaridade da totalidade, ou, em outras palavras, que o arquétipo do Pai foi constelado.

CORNEAU (1991) discute a importância do contato corporal entre pai e filho para a construção da identidade masculina. O corpo é para a criança a primeira experiência do mundo e é através da percepção do corpo do pai e da mãe que vivencia as polaridades feminina e masculina. A importância do contato com o corpo do pai aparece em vários rituais de passagem masculinos de povos primitivos. Nestes, muitas vezes o jovem menino é submetido a rituais eróticos onde tem que engolir o sêmen dos homens mais velhos da tribo ou ser iniciado sexualmente por eles. O erótico tem um caráter iniciatório que possibilita o despertar da masculinidade do jovem.

A erotização das figuras masculinas vai se intensificando ao longo da série, ao mesmo tempo que as imagens femininas vão passando para o pano de fundo. As imagens e as associações, assim como as mudanças que vão

ocorrendo em sua vida, vão indicando que parece haver um movimento no sentido de uma quebra de identificação com o mundo materno e da integração de componentes masculinos de sua personalidade.

O conflito com o mundo materno é evidente nas imagens dos sonhos 3, 4, 5, 7, 8, 9, 14 e 15 que retratam o poder que este exercia sobre CH e sua tentativa heróica de se livrar de sua influência. Os valores da mãe continuam impondo-se em detrimento de sua própria personalidade aprisionando sua energia psíquica.

Nos sonhos 3 e 4 ele enfrenta a mãe e as sujeiras que estão lá no fundo da casa aparecem. Neste momento ele é ferido pelo papagaio o que em termos simbólicos pode indicar um momento de iniciação, de um novo ciclo de desenvolvimento que se inicia.

O sonho 4 e suas associações apresentam 3 símbolos que merecem atenção: a prima que costura nos fundos da casa leva a imagens femininas ligadas ao tecer (aranha, Moiras, Maya, etc), os pássaros (pomba e papagaio) e o ferimento (mão).

No Islã o ato de tecer simboliza o movimento e a estrutura do universo. "O trabalho de tecelagem é um ato de criação, um parto. Quando o tecido está pronto, o tecelão corta os fios que o prendem ao tear e, ao fazê-lo, pronuncia a fórmula de bênção que diz a parteira ao cortar o cordão umbilical do recém-nascido" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p.872)

Neste sentido "tecido, fio, tear, instrumentos que servem para tecer (fuso, roça) são todos eles símbolos do destino. Servem para designar tudo o que rege ou intervém no nosso destino: a lua tece os destinos; a aranha tecendo sua teia é a imagem das forças que tecem nossos destinos. As Moiras são fiandeiras, atam o destino, são divindades lunares. Tecer é criar novas formas." (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p.872).

Esta interpretação conduz ao mundo feminino da criação, à deusa mãe, tecelã que gera o destino, o que pode evocar também o aspecto negativo deste arquétipo.

"Similarmente, teia e armadilha são armas típicas do temível poder do Feminino de amarrar e restringir, e o nó é um instrumento poderoso de encantamento" (NEUMANN, 1974, p.233).

Na Bíblia e no Corão a fragilidade da teia evoca a idéia de uma realidade de aparência ilusória e enganadora, o "véu das ilusões". Na tradição védica da Índia ela assume dois significados opostos através de Maya: para a corrente budista, Maya evoca a realidade ilusória porque é "vazia de ser", enquanto que para a corrente bramânica o véu de Maya exprime a beleza da criação.

Na Grécia aparece no mito de Aracne, mortal que desafiou Atena na arte de tecer e como castigo foi transformada em aranha. Tem o sentido da ambição demiúrgica punida. Já para vários povos da África e da Ásia está relacionada à criação e aparece como entidade primordial. Na Sibéria e Ásia Central aparece na função de psicopombo, de mediadora entre o mundo humano e divino.

Para a psicanálise a "interioridade evocada pela aranha ameaçadora no centro de sua teia é um excelente símbolo da introversão e do narcisismo, a absorção do ser pelo próprio centro" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p.72). Assume portanto um caráter regressivo que para a psicologia junguiana está associado ao aspecto negativo do arquétipo feminino. A este respeito Neumann diz:

"A Grande Mãe em sua função de fixação e retenção daquilo que aspira independência e liberdade é perigosa. Esta situação constela fases essenciais da história da consciência e seu conflito com o Arquétipo Feminino. A este contexto pertence um símbolo que tem um papel importante nos mitos e contos de fadas: o cativoeiro. Este termo indica que o indivíduo que não está mais na situação original e natural da experiência infantil de contenção, experiência a atitude do Feminino como restritiva e hostil. Além do mais, a função de enlaçar significa uma tendência agressiva, que, como o simbolismo do cativoeiro, pertence ao caráter da mãe negativa. A teia e a cilada, a aranha e o polvo com seus braços enlaçadores, são aqui símbolos apropriados. As

vítimas desta constelação adquiriram uma certa dose de independência que é ameaçada; uma vez que para eles a contenção na Grande Mãe não é mais uma situação evidente." (NEUMANN, 1974, p.65-66)

O sonho se dá portanto no âmbito do feminino onde mais uma vez ele está aprisionado. A ação de espantar os pássaros parece ter um sentido liberador. A imagem da pomba (no ninho) pode representar uma tentativa de sair da situação maternal evocada pelo ninho, que após o nascimento pode se transformar em armadilha (teia) que aprisiona em vez de dar a luz.

Os pássaros geralmente estão associados ao que está no céu, portanto ao divino, ao espiritual. Por sua capacidade de flutuar são relacionados ao ar e suas propriedades. Em termos psicológicos se traduzem como idéias, pensamentos e intuições que navegam pela consciência. É recorrente dizer a uma pessoa que está perdida em pensamentos, que ela "está voando". "Os pássaros, portanto, significam pensamentos autônomos que nos entram pela cabeça e se vão sem que se saiba como! Tanto podem eles inspirar-nos, como no caso da pomba do Espírito Santo, quanto nos podem meter na cabeça toda espécie de idéias estranhas e diabólicas, dependendo tudo de quais sejam os pássaros" (FRANZ, 1984, p.118-119).

O fato dele associar as pombas com sujeira, pode indicar que ele lutava contra pensamentos "sujos", obscuros ou indesejáveis. Os fatos que ocorreram por ocasião deste sonho parecem confirmar esta interpretação. Ele passou a semana envolvido com antigos objetos e problemas familiares o que evocaram uma série de sentimentos e pensamentos sombrios.

Entretanto, é preciso voltar à imagem e verificar o sentido da transformação do pombo em papagaio e do ferimento na mão. O papagaio é um animal que geralmente causa espanto e admiração por ter o dom de falar como o homem. É uma figura ambígua, pois ao mesmo tempo que é um animal se expressa como um ser humano. Porém, o papagaio não fala a partir de seu próprio pensamento e sim repete mecanicamente uma fala alheia. Em termos simbólicos este

fato pode assumir tanto uma conotação positiva como negativa.

Em seu aspecto positivo o fato do papagaio não falar a partir de seu próprio desejo pode indicar que o que ele fala não é expressão do ego e sim expressão de uma realidade transcendente, do inconsciente ou do Self. A este respeito Von Franz diz: (O papagaio) "Símbolo de misteriosa verdade da qual fala o inconsciente, 'limiar' de maravilhosos pensamentos. Isso significa ser ele um fenômeno 'limiar', pois sugere maravilhosos pensamentos do inconsciente em seu falar. Talvez seja o fato paradoxal de um pássaro falar em linguagem humana que o torna um símbolo tão apropriado. Tal símbolo sugere ser ele algo de não humano, pois sabemos que absolutamente não se compreende o que um pássaro pensa ou faz, o que não impede que ele, às vezes, consiga conversar em linguagem compreensível aos humanos." (FRANZ, 1984, p.94-95).

Nos contos árabes é comum o papagaio ser associado a Maomé, como o portador da verdade, o mensageiro, e neste sentido assume características mercurianas. Como Mercúrio, o papagaio é retratado como um ser fugidio, que não se pode aprisionar e que possui o dom da palavra e da verdade. Nos sonhos este fato geralmente é representado por uma voz que revela algo, que traz uma mensagem direta do inconsciente de forma clara e inquestionável.

O caráter fugidio, volátil do papagaio/mercúrio expressa com clareza a qualidade do inconsciente de não permitir ser aprisionado pelo ego. Este fenômeno tem sido amplamente discutido na literatura junguiana no sentido da afirmação da autonomia do inconsciente em relação à consciência.

A tentativa do ego de se apossar e controlar o fluxo das verdades interiores pode levar ao aspecto negativo do papagaio. Este consiste na tendência a repetir mecanicamente verdades, geralmente de fundo religioso, que paralisa qualquer possibilidade de experiência individual, tornando-se assim um fenômeno destrutivo e cristalizador. "É uma questão de deixar-se prender por palavras e frases

sem significado algum, por uma espécie de jogo intelectual com discussões formais; e no que se refere à essência do significado e da experiência original, nada mais subsiste". (FRANZ, 1984, p.97).

O ferimento sempre esteve associado a rituais de fertilidade e iniciação. Nos cultos de Cibele, Imana, Vênus e Ísis da região do Mediterrâneo e Mesopotâmia, jovens eram sacrificados e, em um momento posterior, somente feridos para que seu sangue pudesse alimentar a Deusa. O "rapaz-que-seria-ferido" era imaginado como o amante da Grande Mãe e ao mesmo tempo, seu filho. Eram assim associados a Adônis, Átis, Jacinto e Tamuz.

No sentido iniciatório, o ferimento possibilita a tomada de consciência através da dor. "Não há nada como um ferimento na cabeça, ou no ombro, ou no peito para concentrar nossa atenção sobre nossa cabeça, ombro ou peito". (BLY, 1991, p.200)

Em vários mitos o herói sofre um ferimento que é o sinal de que foi tocado pela vida ou por Deus, no sentido de realizar o seu próprio destino. Parsifal, na versão de Cretien de Troyes, sofre um ferimento na virilha. No conto "A Água da Vida" de Grim, o herói sofre um ferimento no pé; e no conto "João de Ferro", na coxa. Édipo, que significa o "pé inchado", também foi ferido nos tornozelos. Na Bíblia Jacó escapa de Esaú, mas ao lutar com Deus tem a perna deslocada. Ulisses quando jovem luta com o javali e é ferido no joelho, o que resulta em uma cicatriz que será a sua marca distintiva.

Quanto ao sentido iniciatório da ferida Bly diz: "Velhas tradições dizem que nenhum homem é adulto enquanto não se tiver aberto a alma e o espírito do mundo, e que esta abertura é feita por uma ferida no lugar certo, no momento certo, na companhia certa. A ferida permite que o espírito ou alma entre." (BLY, 1991, p.201) É portanto através da ferida que se toma consciência de si mesmo.

A ferida também é associada à cura. Na mitologia grega o deus da medicina é o centauro Quirão (Quiron) que possui uma ferida que nunca fecha. Por saber cuidar de sua própria

ferida é que ele pode curar a dos outros. (GROESBECK, 1983)
O mesmo sentido encontra-se na tradição xamânica onde o xamã é sempre um homem que foi ferido, ou que teve uma doença ou passou pela loucura.

Também na mitologia grega há Dioniso o deus que nasceu de um ferimento na coxa de Zeus. Após a morte de Sêmele, Zeus salva o feto que ainda estava em seu ventre colocando-o em uma abertura que faz em sua coxa. "Dioniso é o deus grego mais ligado a ferimentos e a condição de ferido. Os Titãs, diz o mito, deram-lhe um espelho quando ele era criança e aproveitando-se de sua distração, despedaçaram-no, como dissemos antes, e foi reconstituído a partir do coração, que os Titãs esqueceram. Alguns outros deuses gregos, Apolo e Zeus, por exemplo, representam a totalidade, a radiação e a integridade solar; Dioniso, porém, representa o êxtase que pode vir de rasgar e ser rasgado, o vinho extático só surge se o cacho de uvas for rasgado, pisado e encerrado" (BLY, 1991, p.208)

No sonho de CH o ferimento ocorre na mão o que talvez indique o ponto pelo qual a consciência pode "entrar". A mão está associada à atividade, à realização e à ação assim como ao poder e dominação. A palavra hebraica *iad*, significa ao mesmo tempo mão e poder. Na tradição bíblica a mão aparece como símbolo de poder e supremacia. Ser tocado pela mão de Deus significa receber a manifestação de seu espírito. As vezes a mão é comparada com o olho e é associada ao conhecimento e à visão, uma interpretação que é aceita pela psicanálise. Por outro lado é associada à Kali no sentido da força destruidora do tempo. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989)

No "Tratado da Flor de Ouro" a mão recebe uma significação que corresponde as fases alquímicas de *coagulação* (esforço de concentração espiritual) e *dissolução* (livre desenvolvimento da experiência interior, não intervenção).

"A mão é, enfim, um símbolo de ação *diferenciadora*. Sua significação se aproxima da flecha e lembra que o nome de Quirão, o sargitário, cujo ideograma é uma flecha vem da

palavra mão. A mão é uma síntese, exclusivamente humana, do masculino e do feminino; ela é passiva naquilo que contém, ativa no que segura. Serve de arma e utensílio, ela se prolonga através de instrumentos. Mas ela diferencia o homem de todos os animais e serve também para diferenciar os objetos que toca e modela" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p.592).

Este sonho parece indicar uma forte constelação no inconsciente. Ao ativar a sombra (sujeira) que estava aprisionada no arquétipo materno constela-se a totalidade, o Self. O papagaio, enquanto símbolo do Self, irrompe a cena provocando uma ferida iniciatória. A iniciação do "Si mesmo" (Self) é o movimento no sentido à diferenciação e à individuação.

A ambigüidade do símbolo do papagaio parece servir para indicar duas situações opostas: a cristalização e a reativação do processo de individuação. Aquilo que está cristalizado está sendo reativado. Esta imagem se repete no sonho 6 onde ele destrói a fachada da sinagoga. Desta forma, o espantar dos pássaros e a destruição da fachada da velha sinagoga podem indicar uma compensação de uma situação psicológica cristalizada.

O movimento no sentido de um novo estágio de consciência também aparece no sonho 5 onde está presente o tema arquetípico do casamento do herói com a filha mais nova. Este representa a luta do herói (que em geral é o filho mais novo), que sai do seu reino em busca de um novo reino onde se casará com a princesa (geralmente a filha mais nova) e se tornará rei. O fato do herói e da heroína serem representados por filhos mais jovens simboliza a distância entre a velha e a nova consciência. Por estarem mais distantes dos valores do rei, podem fazer emergir com mais êxito seus próprios valores. Em termos psicológicos este tema representa a conquista de uma nova consciência e da individualidade. (FRANZ, 1990)

O casamento evoca um outro símbolo da totalidade: a *Coniunctio*. Este indica a união dos opostos masculino e feminino que passa pela diferenciação da alma e o

surgimento de uma nova personalidade menos polarizada. Porém, o sonho indica que sua alma está ainda muito indiferenciada pois está representada pela irmã, uma imagem feminina ainda muito identificada com o ego.

A destruição da velha sinagoga no sonho 6, também sugere o tema da renovação da consciência, pois aquilo que está velho e cristalizado, precisa ceder lugar ao novo e ao dinâmico. No caso pode-se supor que uma nova consciência religiosa precisa emergir em detrimento de uma religiosidade dogmática, cristalizada.

O templo e a igreja fazem parte de um conjunto de símbolos que é associado a função protetora do arquétipo da Grande Mãe. "A caverna protetora como parte da montanha representa historicamente a forma natural de tais símbolos culturais como templo e *temenos*, cabana e casa, vila e cidade, treliça, cerca e muro, significando aquilo que protege e bloqueia. (Aqui portão e porta são a entrada para o útero do vaso materno)." (NEUMANN, 1974, p.46)

O templo também está associado ao tapete que aparece no sonho seguinte (7). Para os orientais o tapete não é um mero objeto de decoração. É um elemento importante da vida pessoal, familiar e tribal e sua ornamentação é condicionada por idéias religiosas e sentimentos milenares. "O tapete de orações é, exatamente, um *templum*, i.e., um espaço sacralizado, delimitado em relação ao mundo profano." (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p.864)

Muitas vezes, o tapete expressa a noção de jardim e a inseparável idéia de Paraíso, resumindo o simbolismo da morada com seu caráter sagrado e todos os desejos de felicidade paradisíaca nele contido.

Além do caráter coletivo da associação do templo com o arquétipo materno, no caso de CH, a sua consciência religiosa estava totalmente identificada com os valores religiosos maternos, uma vez que a mãe que era judia e o pai católico. Tanto no sonho 6 quanto no sonho 7 ele remove o "templo" do lugar para dar espaço a uma nova igreja ou para a festa dos irmãos. Ele parece querer remover o vaso

materno que o mantém aprisionado em uma atitude religiosa cristalizada.

A moral judaica estava presente no rigor moral a que se sujeitava, no sentido da "Lei" e da inexistência do perdão. Esta parece ter sido constelada através do animus negativo de sua mãe e de sua avó, figuras femininas que determinaram de forma implacável o seu comportamento e os seus códigos morais. Aceitar uma nova religiosidade passava pela destruição e transformação do mundo materno. Pode-se especular se esta não estará mais próxima do cristianismo e portanto do mundo paterno. Historicamente o cristianismo sucede o judaísmo e em termos psíquicos representa uma nova possibilidade de desenvolvimento, uma nova consciência onde o perdão é possível e a relação entre o homem e Deus é transformada.

O tema de uma nova religiosidade reaparece nos sonhos 11, 13, 18 e 24. No sonho 11 o clima orgiástico, no sonho 13 a festa do vinho e no sonho 24 o êxtase libertador, nos remete a Dioniso (BACO) e ao tipo de espiritualidade que ele representa.

Em oposição a Apolo que evoca uma religiosidade ligada ao belo, à medida, à forma e a subjugação de tudo o que é selvagem, Dioniso é a "liberação do instinto sem limites, a irrupção da *dynamis* desenfreada da natureza animal e divina, por isso o homem aparece no coro dionisíaco como Sátiro, deus na parte superior e bode na parte inferior. É o horror à destruição do princípio da individuação e, ao mesmo tempo, o 'feliz êxtase' de que seja destruído. Por isso, o dionisíaco é comparável a embriaguez que dissolve o individual nos instintos e conteúdos coletivos, uma explosão do enclausurado eu por influência do mundo" (NITZSCHE apud JUNG, 1991, p.140, @210)

Como dito anteriormente, Dioniso é o deus desmembrado que morre e nasce de novo e as vezes é chamado de "aquele que nasceu duas vezes". Neste sentido está associado à iniciação e ao batismo através do qual o homem morre e renasce para uma nova vida. Através da ruptura causada pela embriaguez, pela música e pela dança, experiênciam-se uma

dissolução do indivíduo em uma corrente de sentimento universal, onde a comunhão com o todo é realizada.

Segundo Jung o dionisiaco surge como forma de compensação ao apolíneo e quando não cultuado adequadamente pode ser profundamente destrutivo. "As forças instintivas, represadas no homem civilizado, são altamente destrutivas e, de longe, bem mais perigosas do que os instintos do primitivo que vive sempre modestamente seus instintos negativos" (JUNG, 1991, p.142, @212)

As mulheres desempenham um papel central no mito de Dioniso. Ele vai buscar sua mãe no Hades e a faz imortal. Todo o seu culto se desenvolve entorno das Bacantes, que em seu êxtase, fazem lembrar aos homens a existência de Dioniso. Segundo Neumann: "A qualidade do Feminino inspirada manticamente, mas não inspiradora, esta quase sempre associada a um poder espiritual masculino, o uruboros paternal. Esta figura primeiro aparece como transpessoal e anônima, mas depois como o senhor das mulheres, torna-se um deus - exemplificado da forma mais bela pela figura de Dioniso." (NEUMANN, 1974, p.72).

"A natureza extásica e orgiástica do Feminino ao qual pertence o pólo positivo do princípio transformador, está manifesto de forma clara na relação das mulheres com Dioniso. Mas o seu perigo, consiste na tendência de passar para o pólo negativo...da loucura, que é sem dúvida parte desta relação" (NEUMANN, 1974, p.72).

Dioniso enquanto a uva presa à árvore também é associado a Cristo na cruz, representando a relação entre a árvore da sabedoria e a árvore da vida e da morte. No sonho, as "frutas proibidas" (caqui) nos conduz a outro tema arquetípico de grande importância: o fruto proibido.

Este tema representa a conquista da consciência pelo homem. Em todas as mitologias a consciência, enquanto o fogo sagrado, é atributo divino e portanto é uma transgressão conquistá-la. Ao comer a maçã da árvore da sabedoria Adão e Eva tomam consciência de si mesmos, de suas diferenças, de suas limitações e das polaridades da natureza: bem e mal, macho e fêmea, claro e escuro, etc.

"Comer o fruto no Jardim do Éden pertence ao simbolismo da *coagulatio* (coagulação), e representa um processo 'básico' que acompanha a percepção. Além disso, o texto.....afirma que Adão é expulso 'do Paraíso para a terra', implicando que até agora ele não tinha nascido para a existência terrestre". (EDINGER, 1990, p.47)

Este sonho marca o início de um processo de transformação que se faz sentir pela alteração das imagens dos sonhos subseqüentes e pelas mudanças de atitude de CH. Com exceção dos sonhos 14, 15 e 23 todos os outros sonhos tratam de uma nova situação psicológica onde a integração do mundo masculino e de uma nova espiritualidade é uma constante.

A constelação do dionisiaco pode representar o surgimento de uma nova percepção da vida e de si mesmo. A energia psíquica parece liberar-se aos poucos do complexo materno negativo ativando o princípio transformador do Feminino.

Os sonhos vão ganhando um caráter erótico que parecem conduzi-lo a um contato íntimo com o mundo masculino. A virilidade, a agressividade, a objetividade também estão presentes em suas atitudes com relação a seus familiares, à sua religião, ao seu namorado, ao seu trabalho, etc. A culpa aos poucos cede lugar ao prazer e comprometimento pela vida, e ele dá sinais de estar conquistando o seu próprio espaço. Consegue aos poucos assumir uma atitude diferente com relação a sua religiosidade, o que aparece retratado no sonho 18, onde há uma tentativa de síntese entre a sua homossexualidade e a religião.

É importante observar que a série é marcada por dois movimentos opostos: o movimento regressivo e destrutivo da mãe devoradora e o movimento reativo e transformador do princípio transformador do Feminino. No primeiro sonho há uma situação de completo aprisionamento da qual ele tenta se livrar. Nos sonhos seguintes 2, 3, 4, 5, 6 e 7 parece haver uma reação neste sentido. Porém, nos sonhos 8 e 9 reaparecem as imagens femininas destrutivas: as mulheres

que querem o seu sangue e as mulheres que querem enterrá-lo vivo.

Mais uma vez as figuras femininas negativas são associadas à mãe evocando seu aspecto destrutivo. "Nos mitos e nos contos de todos os povos, épocas e países - e até nos pesadelos de nossas próprias noites - bruxas e vampiros, espíritos maléficos e espectros, nos assombam, todos de forma aterradora. O lado escuro do ovo cósmico preto/branco que representa o Arquétipo Feminino, produz figuras horríveis que manifestam o lado negro e abismal da vida e da psique humana" (NEUMANN, 1974, p. 149)

A mulher que "tira uma pequena quantidade de sangue" no sonho 8, traz o tema do vampiro e do vampirismo. Para CHEVALIER; GHEERBRANT (1989) o vampiro representa uma "inversão das forças psíquicas" contra o sujeito. Estas "forças psíquicas" devem ser entendidas como complexos inconscientes, o que leva às observações de Von Franz: "Na verdade, é isso que caracteriza a maioria dos complexos negativos ou dissociados. Se rejeitamos ou dissociamos algum complexo da nossa psique, ele começa a drenar secretamente nossa energia pelas costas. Aos poucos, ele se transforma naquilo muito bem representado pela imagem do vampiro, algo que nos ataca durante a noite e chupa o nosso sangue" (FRANZ, 1992, p.101)

O resultado desta constelação é a apatia, a falta de energia para a realização, o aprisionamento em sonhos e fantasias impossíveis. "É por isso que os vampiros e dráculas chupam o sangue. O sangue é a psique emocional e ativa em nós, a psique afetiva. Depois de sugadas pelo vampiro, as pessoas ficam sem atividade alguma. Elas simplesmente caem em sonhos passivos, nos quais buscam realizar seus desejos." (FRANZ, 1992, p.101) Este fato se confirmava pela situação de apatia e desvitalização em que se encontrava CH.

A seguir ocorrem sonhos onde as imagens indicam uma reação compensatória a esta situação (sonhos 10, 11, 12, e 13) evocando o surgimento de uma nova atitude diante da vida. Porém, nos sonhos 14 e 15, reaparecem as imagens

terríveis da voluntária do hospital que quer matá-lo e da briga com a mãe e a irmã.

O sonho 15 parece ser determinante na série, pois depois dele a qualidade dos sonhos muda e as imagens da mãe negativa tornam-se menos presente. Mais uma vez, a reação emocional presente neste sonho parece tentar liberar a energia que estava aprisionada no complexo materno negativo. Em termos arquetípicos temos o tema da morte do dragão.

"O dragão nos aparece essencialmente como um guardião severo ou um símbolo do mal e das tendências demoníacas. Ele é, na verdade o guardião dos tesouros ocultos, e, como tal, o adversário que deve ser eliminado para se ter acesso a eles. No Ocidente, o dragão guarda o Tosão de Ouro e o Jardim das Hespérides; na China, num conto da dinastia T'ang, guarda a Pérola. A lenda de Siegfried confirma que o tesouro guardado pelo dragão é a imortalidade" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p.349)

Pode ser também associado à baleia que devora Jonas, arrastando-o pela noite marítima, de leste a oeste, simbolizando a jornada do herói solar que mergulha na escuridão como uma espécie de morte iniciática. "A luta entre o herói e o dragão ...deixa transparecer o tema arquetípico do triunfo do Ego sobre as tendências regressivas. Na maioria das pessoas, o lado tenebroso, negativo, da personalidade permanece inconsciente. O herói, ao contrário, deve dar-se conta de que a sombra existe e que ele pode tirar forças dela. Tem de compor-se com as potências destrutivas se quiser tornar-se suficientemente forte para medir-se com o dragão e vencê-lo. Em outras palavras, o Ego só pode triunfar depois de ter dominado e assimilado a sombra." (JUNG apud CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p.351)

O dragão ou monstro devorador esteve sempre associado a experiência humana diante dos aspectos destrutivos do inconsciente e como tal relacionado ao pólo negativo do arquétipo da Grande Mãe. "O dragão que deve ser morto é o complexo materno negativo. O dragão devorador é a mãe

devoradora e a violência do confronto é proporcional ao domínio tirânico da mãe, um domínio que suga a energia do filho... Quando o complexo materno é superado, o homem está livre para desenvolver o lado feminino de sua personalidade." (FRANZ, 1992, p.105)

Os sonhos 16, 17, 18, 19, 20, 21 e 22 fazem referências sobre o mundo masculino, sobre a sexualidade, sobre a vida instintiva e a religiosidade. Como já foi discutido anteriormente, estes estão associados ao aspecto transformador do Feminino que é constelado através de Dioniso.

O mundo materno aparece como pano de fundo nos sonhos 16, 20 e reaparece com muita evidência no sonho 23. Nestes três sonhos ele se encontra em ambientes familiares restritivos. Na casa do tio materno, que em termos psicológicos pode representar o aspecto masculino da mãe, ele não consegue atingir a luz, ou seja a consciência, pois ai encontra-se uma tendência regressiva. Depois na casa da mãe o gato está definhando (sonho 20) e precisa de ajuda. Ali o seu irmão (o filho da mãe), parece destruir a sua vida instintiva. E no sonho 23 a casa de infância é extremamente opressiva e ele não consegue ficar mais lá. O mundo da infância não lhe serve mais.

A reação de CH frente as imagens dos sonhos da segunda metade da série onírica, demonstram um certo diferenciamento. Ele começa a reagir de forma violenta contra o aprisionamento no mundo familiar. Traz muita raiva e muita mágoa em seus relatos o que lhe possibilitam discernir o quanto este mundo lhe é prejudicial.

O último sonho da série representa uma situação completamente oposta à do primeiro sonho, o que pode indicar uma mudança na situação psicológica inicial ou uma compensação do inconsciente neste sentido. Aqui ele está andando livremente, sem roupas ou seja, em contato com sua natureza e seus próprios valores.

O simbolismo da nudez encontra duas direções: a pureza física, moral, intelectual e espiritual, de um lado, e a

vaidade lasciva, provocante, degenerando o espírito em favor da matéria e dos sentidos, do outro.

A nudez, quando associada à tradição cristã, assume muitas vezes um sentido de sensualidade e de degradação materialista, pois é vista como consequência do pecado original. "Trata-se realmente de uma *queda* de nível - do nível do princípio para o da manifestação -, e de uma *exteriorização* de perspectivas." (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p.644)

Na ótica tradicional é "uma espécie de retorno ao estado primordial, à perspectiva central: é o caso dos sacerdotes Xintô, que purificam seu corpo nu no ar glacial do inverno; o dos ascetas hindus *vestidos de espaço*; o dos sacerdotes hebreus, penetrando nus no Santo dos Santos, para manifestar seu *despojamento* na proximidade dos Mistérios divinos; é a abolição do hiato entre o homem e o mundo que o cerca, em função da qual as energias naturais passam de um a outro sem barreiras: daí a nudez ritual, talvez lendária dos guerreiros celtas no combate; a de certas dançarinas sagradas; até a de certos feiticeiros, especialmente receptivos, neste caso, às forças inferiores." (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p.645)

Estas indicações sobre o símbolo da nudez levam a duas possíveis interpretações para o sonho: a primeira, no sentido de tomada de consciência através da "queda". A vida passa a ser uma realidade que tem que ser vivida a partir da perspectiva humana. E segundo, da liberação de energia antes aprisionada, no sentido do centro, da manifestação da essência individual.

Durante o período em que freqüentou o aconselhamento psicológico, CH teve quatro episódios marcados por sintomas físicos e e em dois deles, esteve internado. Destes episódios, dois estavam diretamente ligados a baixa imunidade (infecção urinária e tuberculose) e os outros ocorreram em momentos de grande tensão emocional e de forma muito pontual, ficando difícil afirmar sua relação com o HIV.

Tanto a infecção urinária quanto a tuberculose foram antecedidas de constelações arquetípicas significativas. O sonho 4, antecedeu a infecção urinária e como vimos acima, nele emergiu um símbolo do Self (papagaio) indicando uma revitalização da personalidade.

Símbolos do Self foram freqüentes nos sonhos que antecederam sintomas físicos em todos os sujeitos que participaram da coleta de dados. Portanto, pode-se levantar a hipótese de que a constelação do Self tem um sentido compensatório em face de um estado de desequilíbrio eminente. Ao ser constelado, o Self traz consigo o "outro lado", a sombra, que, como vimos, pode manifestar-se de forma concreta através de situações de vida críticas e doenças.

A urina é produzida no rim e é resultado de um processo de filtração do sangue, onde é eliminado aquilo que não é mais necessário para o organismo. Portanto, pode ser associada à capacidade de discernimento, de diferenciação e de expurgação.

Neste contexto, uma infecção urinária pode indicar uma deficiência em discriminar e eliminar o que não é mais necessário para o indivíduo tornando-se tóxico e destrutivo. Na época em que adoeceu estava envolvido com a limpeza de seu quarto e da casa da mãe. Estava remexendo em coisas antigas e jogando aquilo que não lhe servia mais. O tema da limpeza está presente no sonho 4. Ele espanta os pombos porque fazem muita sujeira e como vimos, o pombo está no ninho o que estabelece uma relação com o complexo materno. O pombo se transforma em papagaio, que parece querer despertar através do ferimento na mão, a sua capacidade de discernimento.

A tuberculose também foi antecedida por um sonho (nº13) carregado por imagens arquetípicas, onde o tema de Dioniso traz a possibilidade de iniciação de uma nova consciência e espiritualidade.

Neste caso é o pulmão o órgão afetado. Este está ligado aos movimentos respiratórios de inspiração e expiração, de contração e relaxamento, enfim, dos

movimentos básicos de toda a vida. É no pulmão que o sangue é oxigenado e revitalizado levando vida para o resto do organismo.

O pulmão tem a capacidade de extrair do ar o alimento necessário para a vida, o que em termos psicológicos pode simbolizar o potencial de revitalização através da vivência espiritual.

As doenças pulmonares geralmente estão relacionadas ao aspecto sufocante da Grande Mãe, que retém e aprisiona o filho na escuridão de seu domínio, impossibilitando qualquer vivência espiritual de outra natureza. Não respirar bem pode indicar uma falta de contato com o mundo e uma deficiência dos sentidos.

No sonho 13, tem-se a constelação do espírito dionisiaco que está associado ao êxtase que se atinge através dos sentidos. Nos bacanais, a música, a dança, o sexo, a embriaguez pelo vinho tem a função de estimular os sentidos e possibilitar uma experiência religiosa através do corpo. Dioniso é o sangue que circula pelas artérias, provocando através da oxigenação intensa, diferentes estados de consciência. É o mesmo tipo de experiência procurada por certas correntes do Ioga, onde exercícios respiratórios possibilitam uma oxigenação intensa levando a estados alterados de consciência. Em outras palavras, é um tipo de embriaguez da consciência.

Portanto, a constelação do dionisiaco parece compensar o estado de aprisionamento e sufocamento que representados no sonho 14 e nos sintomas da tuberculose.

A segunda internação, foi devido a pressão alta e segundo o seu relato estava associada a um momento de grande tensão emocional. Os sonhos deste período não trazem nenhuma constelação significativa e indicam somente um intenso movimento psíquico.

O último episódio sintomático (diarréia) também ocorreu em um momento de grande tensão. Ele tinha tido contato com a família da mãe e se sentira muito oprimido. O sonho 23 faz uma alusão clara a esta situação, indicando

que era insustentável um retorno ao mundo da infância, que permanecer ali significaria permanecer inconsciente.

A diarreia é uma forma compulsiva do corpo/intestino eliminar e expurgar aquilo que lhe faz mal. Implica em uma certa perda de controle da capacidade de retenção. Em termos psicológicos pode representar sentimentos intensos que fogem ao controle do ego. São eliminados de forma cartática através de explosões emocionais.

A diarreia durou poucos dias e não foi acompanhada de febre, não caracterizando, portanto, uma decorrência da infecção pelo HIV.

2) Sujeito 2:

2.1) Dados sobre o sujeito:

C, 44 anos, homossexual, portador do vírus HIV há aproximadamente 7 anos (outubro de 1992¹¹). Não sabia dizer como tinha sido infectado, mas por não ser usuário de drogas nem ter recebido transfusão de sangue, deve ter sido por via sexual. Quando procurou o atendimento psicológico do Grupo Pela Vida não apresentava nenhum sintoma. Porém, já tinha tido sarcoma de Kaposi nas pernas, devido ao qual submetera-se a quimioterapia e começara a tomar AZT. Após este tratamento o sarcoma tinha regredido completamente.

Professor de matemática, física e teatro na rede municipal de ensino. Aposentado devido ao HIV não tinha nenhuma atividade constante. Dava algumas aulas particulares, frequentava alguns grupos de apoio e mantinha uma vida social bastante ativa.

Vivia só com a mãe, pois o pai tinha falecido há muitos anos e sua única irmã era casada. Com a mãe mantinha uma relação filho-marido, procurando suprir todas as suas expectativas afetivas e materiais. Por outro lado, tinha

¹¹ Refere-se ao início do atendimento psicológico.

uma necessidade de reconhecimento que o levava a uma atitude perfeccionista, como se ele precisasse ser sempre o "rapaz ideal", o melhor filho, o melhor professor, o melhor pianista, etc. Com a irmã tinha uma relação muito "íntima". Trocavam confidências e compartilhavam de muitas opiniões e ideais de vida.

Trouxe como queixa inicial a dificuldade de se relacionar. Teve um relacionamento com um rapaz do qual gostou muito. Porém, este rompeu com a relação, que de acordo com sua descrição, era dominada por uma atitude extremamente maternal de sua parte. Ele chegava a lavar a roupa do namorado e a preparar a sua comida. Esta situação acabou gerando uma certa dependência que ele manipulava inconscientemente. Ele se sentia admirado e idolatrado mas "não tinha nada com isso". Segundo ele, este tipo de admiração por sua pessoa ocorria frequentemente em suas relações.

Seu discurso caracterizava-se por uma rigidez impressionante. Durante as sessões falava muito, não deixando espaço para comentários e reflexões. Tudo era descrito nos mínimos detalhes, com datas, nomes, referências, etc, e sempre sob o "seu" ponto de vista, que via de regra, era o correto. Percebia-se claramente o quanto era difícil para ele o relacionar-se com o outro, uma vez que não sabia ou talvez não podia escutar aquilo que não fosse a sua própria realidade.

Frequentou o aconselhamento psicológico até final de abril de 1993 quando os sintomas do sarcoma de Karposi começaram a se agravar. Foi internado várias vezes para tratamento quimioterápico que o enfraqueceu tremendamente. Faleceu em abril 94.

2.2) Relatos dos sonhos e ampliações:

Sonho 1:

"Estava de amores com uma mestiça (cabloca). Ela quer ir embora, quando eu pretendia transar. Fui levá-la até o

ponto de ônibus. Lembrei que esqueci de trancar a porta do quarto. Voltei para trancar. Ela correu para o ponto. Na minha casa o meu piano estava fora de lugar, como se fosse pintar o quarto." (16/10/92)

O sonho traz uma situação erótica entre ele e uma menina que ele chama de "fuleira", "mulatinha". A sua reação à imagem é depreciativa, ele tem vergonha de falar sobre ela, o que indica que o sonho deve estar apontando para algum aspecto de sua personalidade com o qual ele não se relaciona muito bem. O fato de ser uma menina, muito mais jovem do que ele, e de características étnicas que se contrapõem a sua, esta figura pode indicar algo que está na esfera da sombra, ou seja subdesenvolvido, não integrado à consciência.

Sobre o piano ele escreve: "Meu piano é um instrumento onde manifesto a arte musical, algo que me faz bem emocionalmente, toco uma composição minha chamada 'Melodia Inesquecível' de 1986, época que conheci o S. (ex-namorado). Toco tal melodia porque gosto. Inclusive lembrar do relacionamento não me faz tão bem. Era uma relação muito transtornante, cheia de intrigas, discussões sem objetivo construtivo. No sonho me lembro do C, ex-relacionamento, atualmente falecido. Fui na casa dele, o beijei, voltei para casa e depois pretendia voltar."

No sonho ele faz referência a um outro relacionamento que também não teve continuidade.

Quanto ao ponto de ônibus, disse lembrar de uma situação com o S. cuspindo constantemente em um ponto de ônibus. Eles discutem e ficam uma semana sem se ver. S. liga pedindo para ele não ir lá porque tinha uma surpresa: queria acabar a relação. Terminam ali mesmo por telefone. Portanto, o ponto de ônibus pode estar associado ao fim de seu relacionamento com S.

O mundo feminino na psique de um homem representa sobretudo a sua potencialidade para o relacionamento afetivo. Da maneira como está representado no sonho parece confirmar a queixa inicial de C.: "dificuldade de

relacionamento". A caboclinha do sonho o desvia de sua intenção erótica mas acaba por conduzi-lo a um meio de locomoção coletivo, não individual (ponto de ônibus). Ou seja, por não ter consciência da dimensão afetiva de sua personalidade parece acabar adotando formas muito coletivas e inconscientes de manifestar os seus sentimentos. Nesta situação constela-se um conflito: ele tem que voltar para fechar sua casa. Ele se sente muito exposto, vulnerável e a sua sensibilidade fica deslocada e sem uso (piano).

Sonho 2:

"Eu estava acompanhado por uma garota interessada no M. (relacionamento de um mês). Fomos à casa dele e ele nos recebeu friamente e nos deixou, saindo sem mais sem menos. Por sugestão dela, fomos procurá-lo em outra casa, onde também não estava. Sugeri irmos embora. Iríamos de ônibus e como ela se distraiu perdemos dois e os próximos demorariam muito. Consegui convencê-la que não valia a pena tentar algo com ele. Lembro-me que quando descíamos pela avenida, o encontramos e ele me olhou e fez de conta que não nos viu. Enfim, ela foi com ele e voltou e tomamos um ônibus qualquer. Em casa eu tentava arrumar o telhado que estava com telhas soltas e o pai do E. me apoiava em tudo, inclusive me elogiando em coisas que ainda eu não tinha feito" (23/10/92)

Não houve muitas associações com este sonho. A garota do sonho ele não sabia quem era, mas tanto ela quanto o M. eram pessoas que o "irritavam" muito. Disse que no telhado da casa há uma chaminé de tijolos sem argamassa e que gostava muito dos elogios do pai do E. "Mas ele estava elogiando o que eu ainda não tinha feito"

A conexão deste sonho com o sonho anterior é muito clara. A situação descrita parece ser basicamente a mesma. Há uma busca inicial de relacionamento com o outro que é interrompida acabando em uma situação coletiva (ônibus) e de desproteção.

Neste sonho porém quem busca o outro é a parte feminina que é fortemente desencorajada pelo ego onírico que insiste em dizer que "não vale a pena". A constância em diminuir a importância do outro estava presente no seu discurso. Ele queria um namorado mas ninguém no fundo valia a pena.

No sonho a menina acaba "indo" com M. o que significa que eles "transaram" e depois vai embora de ônibus. Este trecho parece retratar o que acontecia com seus relacionamentos que muitas vezes se resumiam ao contato sexual. Eros, o feminino só era vivenciado concretamente, na sexualidade. Para isso ele encontrava justificativas muito coletivas como: "Entre homossexuais é difícil haver um bom relacionamento", "As pessoas que eu encontro só querem transar e eu não posso fazer nada...", e dessa forma acabava pegando qualquer ônibus, sem destino certo.

O final deste sonho mais uma vez indica a necessidade de fechar sua casa. Aqui é o telhado que está com as telhas soltas, portanto ele está exposto às coisas que vem do céu. Em termos psicológicos pode-se dizer que está sujeito às intempéries da natureza ou seja às constelações arquetípicas.

É interessante notar que há uma chaminé. É através desta que a fumaça produzida pelo que foi queimado ou cozido sobe aos céus estabelecendo assim uma relação com o mundo superior. Em todas as religiões a queima de incensos tem um significado de sacrifício e de oferenda aos deuses.

O sonho parece indicar que há uma necessidade de proteção em relação as forças do inconsciente porém ao mesmo tempo do estabelecimento de um canal de comunicação com este. Nesta tarefa está sendo auxiliado por uma figura paterna positiva que consegue enxergar o que ainda está em potencial, não realizado.

Sonho 3:

"Telefone toca: atendo. É para minha irmã. Fico ouvindo na extensão. Uma mulher que se diz amante do meu

cunhado tenta convencer minha irmã do fato. Eu tenho vontade de convencer minha irmã, mas não posso porque ela não sabe que estou ouvindo" (30/11/92)

Fala da relação com sua irmã como sendo muito íntima e de profunda identificação. Diz ficar muito contaminado com as opiniões e atitudes dela que em geral se desanima com a "problemática da vida".

A intimidade excessiva entre irmãos do sexo oposto denota uma certa inconsciência das diferenças, que são negligenciadas ou reprimidas. C. reagia à sua irmã como a uma segunda mãe e para que esta intimidade não se tornasse perigosa, devido ao medo inconsciente do incesto, ele parecia ter que sacrificar o seu lado masculino viril e erotizado.

A irmã parece representar um aspecto de sua psique feminina com o qual está muito identificado e que se expressa em seus humores, em sua passividade, em seu negativismo e desânimo diante aos problemas da vida, impedindo-o de assumir uma atitude mais masculina e objetiva.

Porém o sonho introduz um terceiro elemento entre eles: uma amante, que geralmente retrata a dimensão ligada ao prazer da vida, à espiritualidade do feminino, a sexualidade que ficou excluída da relação. Ele quer trazer esta dimensão a nível da consciência, mas tem medo de se revelar.

Sonho 4:

"Saí de carro eu, minha mãe e minha irmã. Inicialmente supunha serem realmente minha mãe e minha irmã. Mas logo pelas enormes diferenças constatei que não eram. Minha suposta irmã, dirigia o meu carro. Eu não estava mais dentro e observava que ela perdera o controle do carro, como se ele estivesse sem freios. Aí ela foi parar dentro de um salão de beleza. Mais tarde, estamos num mecânico, que afirma ser a embreagem. Aí eu contradisse, afirmando

que havia trocado recentemente. Ele disse que haviam colocado uma recondicionada de terceira categoria. Eu contradisse novamente, afirmando que eu havia comprado pessoalmente em auto-peças conceituada, que era nova. A minha suposta mãe, nervosa pelo problema resolve pagar '10 mil cruzeiros', o que achei muito caro por uma simples troca de embreagens."

Novamente aparece a sua irmã, mas desta vez associada à mãe. Neste sonho ela está guiando o seu carro indicando que é ela quem o conduz. Ele reconhece que as vezes é guiado pelo mesmo tipo de sentimento e atitude da sua irmã: pessimista, derrotista, etc.

No decorrer do sonho ele percebe que não é a sua irmã e nem a sua mãe. Este estranhamento pode indicar que um aspecto desconhecido da irmã e da mãe estão vindo à consciência. Algo sobre o qual não tem controle e que o acaba levando a um salão de beleza. A respeito do salão de beleza ele diz que "é o lugar onde se cuida da aparência, do que se mostra para os outros". Me vem a mente as inúmeras vezes nas quais se refere a própria beleza durante as sessões: "Fulano me diz que sou bonito", "Não é porque eu sou bonito que...". De alguma forma parece que os aspectos de sua personalidade representados pela irmã e pela mãe o conduzem a adoção de uma persona muito "bonita", ou seja, adequada demais, sem defeitos, sem máculas, etc.

O que precisa ser consertado é a embreagem. Ele diz: "A embreagem é o mecanismo que faz o carro se movimentar em alguma direção". O mecânico insiste que é necessário trocá-la e ele contra-argumenta dizendo que já trocou, que a embreagem que colocou no carro é boa, etc. Assim, seu meio de locomoção continua sem controle, sem diretividade a não ser que concorde em pagar o preço pela mudança. No sonho quem paga é a mãe. Ele parece não estar disposto a colocar energia nas mudanças que estão sendo propostas a sua vida. Em termos psicológicos enquanto é a mãe quem paga a infância é perpetuada.

Nesta sessão contou que voltaram a aparecer algumas manchas na perna, sinal de reincidência do Karposi, tendo que começar a fazer quimioterapia.

Sonho 5:

"Sonhei que havia conhecido um moço bonito, forte, cabelos curtos, lisos e vastos. Branco-bronzeado, olhos castanhos. Estávamos apaixonados. Aparentava não ter menos de 25 anos. Não era de falar muito, mas o pouco que falava era para envolver na sua vida. Fomos na feira juntos. Me ajudou a desentupir um ralo em minha casa. Estávamos na sala. Uma menina mulatinha de seus seis anos pediu que nos abraçássemos. Nos abraçamos em três. Nós sorriamos, beijávamos a menina no rosto. Trocávamos carícias mútuas. De repente minha mãe entra na sala com uma colega e nos surpreende no término da cena, onde a menina inocentemente me beija na boca e eu fico constrangido. Eu e o rapaz estávamos muito felizes. Não havíamos tido nada de sexo, somente carinho, companhia, afeto. Achei bom a menina pedir um abraço, pois foi intermediária para que eu e ele pudéssemos nos abraçar. Ambos fomos pretenciosos¹². Foi ótimo." (1-3-93)

Mais uma vez o sonho retrata uma situação de busca de relacionamento. Aqui o rapaz é desconhecido, portanto algum aspecto masculino de sua personalidade que ele desconhece. É muito atraente, jovem, bronzeado, com muito cabelo, muito vital e sensual. Ao fazer associações C. diz: "ele parece representar uma identidade que procuro afirmar: jovem, bonito, etc.", o que nos leva a um aspecto relacionado a esfera da persona. No sonho este rapaz o ajuda a buscar alimentos e a desentupir um ralo em sua casa. Em termos psicológicos pode-se dizer que essa figura possibilita que

¹² Esta frase foi transcrita literalmente dos registros de C. e o sentido da palavra "pretenciosos" não está claro. Durante a sessão este detalhe passou despercebido e não foi checado.

aquilo que estava represado flua, circule e que haja um certo reabastecimento de energia.

Entre eles aparece uma "mulatinha" que pede carinho promovendo assim um contato mais afetivo. Volta a imagem feminina mulata, criança e carente. C. diz que no sonho percebe que ela esta ferida, sangrando na vagina. Ao falar da menina demonstra muita culpa, principalmente com relação ao que os outros poderiam pensar: ele abusando de uma criança. Neste momento a aparição da mãe parece ser determinante. Aquilo que surgia entre ele e o rapaz, a menina ferida, assumia uma conotação pecaminosa.

O sonho parece indicar que uma atitude mais receptiva e cuidadosa com seus sentimentos (escuros e infantis) seria positivo para o estabelecimento de um relacionamento mais satisfatório com uma identidade masculina que lhe é vital. Porém, para tal, terá que se confrontar com a culpa desencadeada pelo complexo materno.

Contou que nesta semana desmanchou o namoro com N. Ele se sente o tempo todo muito confuso com relação a seus sentimentos. Tem medo de demonstrar agressividade, descontentamento, acaba agindo como a boa mãe que tudo aceita, que tudo perdoa. O discurso como sempre muito correto e racional como se tivesse que justificar o tempo todo por seus sentimentos negativos. Entre ele e outro não pode aparecer a mulatinha pois "o que os outros iriam pensar". Por um lado parece continuar preso ao julgamento externo e coletivo, e por outro aos ideais maternos o que não possibilita a integração de conteúdos da sombra.

Sonho 6:

"Sonhei que era o meu primeiro dia de aula numa escola estadual, onde a minha amiga M. M. era a diretora. Tudo era desorganizado. Não tinha horário. Não se sabia para onde ir. Entrei numa classe onde funcionavam três séries diferentes, cada uma com seu professor dando aula expositiva ao mesmo tempo. Não suportei aquela balbúrdia e

fui falar com a diretora. Pedi para ir com a classe ao ar livre ou outro espaço disponível. Voltei a outra classe, também confusa. Quando comecei a falar (conversar) com os alunos, soube que era recreio. Não havia sinal que anunciasse nada. Acabei ficando falando sozinho, embora alguns ficavam falando comigo. Eu estava bem vestido, não para um professor: tênis branco, meia branca, bermuda jeans, camiseta. Me sentia muito bem no traje que estava usando." (1-3-93)

O sonho retrata uma situação onde ele não tem controle sobre nada, o que o perturba muito. Tudo parece muito irracional e desorganizado. A escola é dirigida por uma amiga sua, M.M., que segundo suas associações é muito expansiva, emocional e um pouco irracional. Portanto é sob este espírito que se encontra dirigido o sonho.

Ele insiste em uma atitude "muito correta". Está com a roupa muito arrumada e limpa parecendo um garoto e não um professor. Lembra-se de um incidente na escola em que dava aula. Um dia foi repreendido pela diretora por usar camiseta regatas. Sentiu-se injustiçado porque outro professor usava este tipo de camiseta com frequência e nunca fora repreendido. Porém, engoliu a raiva e continuou tentando ser um professor perfeito.

O sonho parece tentar compensar a rigidez de sua atitude consciente colocando-o em uma situação confusa, incontrolável onde a saída exigiria muita criatividade e jogo de cintura.

Sonho 7:

"Eu estava no fundo do quintal e vi que a V. minha vizinha estava em casa. Chamei o N. para me ajudar a colocar a escada para regular a antena que estava na casa dela, que tem três andares e é mais alta que a minha e verificar depois a qualidade da imagem" (1-3-93)

Neste sonho ele está regulando a sua antena, ou seja seu veículo de recepção e de percepção do mundo exterior. Este não está em sua casa e sim na da vizinha que ele considera simpática e comunicativa.

Para esta tarefa ele precisa da ajuda de N. seu ex-companheiro que poderá lhe dar referências sobre as imagens. Este sonho parece sugerir que através de N. ele poderá ter uma melhor percepção de si mesmo em relação ao outro. N. é de origem nipônica, portador de uma natureza predominantemente emocional e dramática exigindo constantes demonstrações de afeto e paixão. Tinha ataques violentos de ciúmes e de raiva provocando cenas que C. odiava pois colocavam a sua atitude racional em cheque. Apesar de estarem separados eles têm falado e discutido por telefone.

Nesta semana apareceram manchas vermelhas em seu braço. O sarcoma parece estar se alastrando. Ele continua fazendo quimioterapia. Seu cabelo está mais ralo e sua pele um pouco escura.

Sonho 8:

"Eu e minha mãe fomos a um velório de duas irmãs que morreram de câncer. Ao chegar lá, vi que uma delas, a da esquerda estava viva e queria sair do caixão. Ela chorava desesperada. Ninguém se preocupava. Parecia que queriam deixá-la morrer por completo. Eu me manifestei. Pedi que a tirassem do caixão, me revoltando com tanta indiferença. Nós a tiramos do caixão. Ela levantou-se emocionada e chorando por estar viva, sã e feliz. Eles colocaram o caixão vazio sob a cama."(2/3/93)

Este sonho retrata o resgate de algo que está sendo enterrado precocemente, ainda com vida, no caso, um aspecto feminino que está doente, com câncer. Com relação a esta imagem ele diz: "Me identifico com a mulher ressuscitando com vida e o próprio pessoal como uma parte minha não querendo ou não se preocupando com a minha vida. A

problemática afetiva da minha vida talvez tenha me trazido uma indiferença ao binômio vida e morte. Mas existe um lado meu que luta pela vida e viver com felicidade. Esse lado é o mais forte."

Com este comentário ele deixa claro que há um conflito interno entre viver ou morrer. Ele não faz nenhuma menção ao seu câncer, aparentemente é como se nada estivesse acontecendo, porém o sonho revela que a tensão interior é grande.

É importante observar que no sonho é a sua reação emocional que salva a moça da morte. É a sua compaixão, revolta e indignação que acabam trazendo-a de volta para a vida. Mais uma vez, em seu comentário ele confirma a compensação presente no sonho, quando diz que é sua "problemática afetiva" que lhe faz indiferente diante da morte, ou seja, sem reação, enterrado antes do tempo.

O fato dele estar acompanhado pela mãe no velório parece indicar que a tendência autodestrutiva está relacionada ao complexo materno. Segundo ele a mãe não fazia nada pela moça viva no caixão é como se estivesse de acordo com aquele sepultamento precoce.

Apesar da clareza das imagens e associações ele não conseguiu mergulhar emocionalmente no sonho, mantendo uma atitude fria, distante e irônica.

Sonho 9:

"Eu estava aguardando um aluno particular chegar. De repente, toca a campainha. Um menino louro aparece no portão, acompanhando uma menina morena que está com sua mãe. Supostamente a empregada da casa. O menino louro, mais ou menos 12 anos não era aluno, provavelmente o irmão do aluno que eu esperava. A menina morena era bem tímida, os cabelos dela não eram crespos, mas ondulados. Pelo que entendi, no sonho mandaram a menina para eu dar aulas no lugar do aluno que eu esperava" (5-3-93)

Ao comentar este sonho C. estava visivelmente incomodado pelo fato de ter que dar aula para a filha de uma empregada. Porém, dizia que não via nada demais se isto acontecesse. Mais uma vez a menina mulata que precisa ser cuidada.

Perguntei se dava aulas particulares e ele contou que há algum tempo atrás dava aulas de matemática a um casal de crianças. Falou durante muito tempo do quanto era "bom professor" e o quanto era "especial", percebia-se aí a dificuldade de imaginar-se dando aulas para a mulatinha, por julgar esta situação abaixo de sua capacidade intelectual.

Sonho 10:

"Eu estava num imenso circo de lona negra. Eu andava pela geral e arquibancada observando sua imensidão. Numa outra época eu fora convidado especial junto com outros rapazes. Agora eu era convidado especial novamente e estava sentado com os mesmos rapazes na primeira fileira de cadeiras próximas ao picadeiro. Eu estava bem vestido: jeans Felipe Martin (que tenho na vida real), camisa branca, sapato preto e blaiser azul (roupas que também tenho). Estava todo orgulhoso, mas aborrecido porque minha família estava nos bastidores sem poder me ver e ao espetáculo que iria começar. Num outro flash do sonho, eu estava contente porque estávamos em casa nova. A cozinha era menor que a nossa, havia um pequeno quintal que saía da cozinha e outro coberto de concreto. Achei bom pois não choveria lá." (9-3-93)

O sonho inicia com C. andando pelas arquibancadas de um circo com uma enorme lona negra, portanto na periferia do círculo. Mas, como já havia acontecido uma vez, no passado, ele é convidado a um lugar especial, de destaque, perto do picadeiro, do centro. O movimento do sonho sugere um deslocamento no sentido ao centro, neste caso é onde está o palco, onde ocorre a ação e o drama do circo.

Porém, sua preocupação não está no centro mas sim com sua família que está nos bastidores e não poderá vê-lo ali, bem vestido e em destaque. Falou muito da necessidade que tem de ser apreciado principalmente pela mãe. Ficou chateado que na sua última peça de teatro ela não foi vê-lo. Fala como um menino que quer mostrar para a mãe o quanto é inteligente, bonito e bem vestido.

No local que está no sonho diz que se sente "observado por todos, pois ocupo posição de destaque". Está entre o palco e a platéia. Perguntei porque não voltava a fazer teatro ao que ele respondeu que só faria algo se ocupasse "posição de destaque", não se "submeteria" a outros diretores. Citou como exemplo o seu trabalho no grupo P. V. onde queria ocupar sempre posição de destaque.

O sonho termina nos fundos de uma casa para a qual mudara, ou melhor, na cozinha de sua mãe que tornou-se menor e em um quintal parcialmente coberto por uma laje de concreto. Esta situação final em contraste com a amplitude da lona negra do circo pode indicar um empobrecimento de possibilidades. Por não conseguir redirecionar sua energia para o palco, para o drama da vida, pelo fato de estar preso às expectativas maternas ele parece acabar aprisionado no estreito mundo de sua mãe. O pior é que ali nem a chuva pode tocá-lo prognosticando uma situação de aridez e infertilidade.

Sonho 11:

"Estava no meio de uma multidão de shorts e camiseta, todos se preparando para uma ginástica coletiva. Estava um caos, ninguém para organizar. Os que estavam na frente faziam exercícios cada um para si. Aí eu tomei a iniciativa para coordenar e atuar como monitor escolhendo um grupo. Foi um alívio para todos pois começamos a dar fim àquela balbúrdia. Noutro flash: eu chorava porque meu apartamento precisou ser demolido. Minha casa voltou ao que era antes, mas diferente e feia. A casa ao lado, um prédio de três andares também desapareceu e voltou a casa antiga onde

morava uma mulher simples e morena. Falei com ela questionando o porque de tantas fichas, ou elementos de um quebra-cabeça espalhados pelo quarto dela. Ela disse que era da psicóloga. Tratava-se de um tratamento ludoterápico, concluí. No outro terreno a partir do fundo do meu quintal, veio morar uma família pobre. Quando olhei a plantação de milho, fiquei indignado. Nossa! estão pensando que aqui é interior! Estão transformando uma zona urbana em rural?!"
(15-3-93)

C. apresentou muita dificuldade de estabelecer relações com este sonho, principalmente quando se trata da mulher morena que reaparece. Falou com tristeza da imagem da demolição de seu apartamento. Era como se perdesse algo muito importante, algo por que lutara muito para conquistar.

A primeira parte do sonho é dominada pelo desejo de comandar, de ordenar. Há muita ação que está fora do controle do ego onírico e ele quer organizá-la a partir de sua autoridade. Esta falta de habilidade de conviver com a desordem e a atitude autoritária que a acompanha pode indicar uma certa polarização da personalidade consciente. C. tem uma atitude bastante rígida diante dos imprevistos da vida. Tudo tem que ser do jeito que ele quer e acredita que seja bom. Não há uma atitude receptiva para a troca e inovação, portanto a atividade criativa é bloqueada causando um empobrecimento da personalidade como um todo.

Porém, a situação muda na segunda parte do sonho. Tudo que ele construía durante a vida fora demolido e em seu lugar surge a antiga casa, mais simples, mais rural. A sensação que ele tem é de que o todo fora despedaçado e ele busca um sentido para isto. Talvez fosse preciso brincar de quebra-cabeças mais uma vez. Brincar um pouco com a vida, deixar seu lado afetivo e espontâneo vir a tona. É neste contexto que está a figura feminina morena e pobre, que parece representar o estado em que se encontrava o seu mundo feminino. É interessante notar, que é nesta esfera

que está brotando o alimento, indicando que a integração da alma pode ser um fator revivificador.

Sonho 12:

"Eu estava com a maior amizade com um ex-relacionamento do qual gostei muito. Talvez havíamos até retornado. Estávamos na casa dele a sós. Seus pais estavam viajando com os irmãos. Estávamos no quarto dos pais. Fui procurar o chinelo por debaixo da cama e ele me abraçou por traz. Depois ele foi tomar banho. Quando voltou era um mulato, tipo Maguila, sem bigodes. Eu estranhei por ter se transformado e não aceitei mais seus carinhos que veio me fazer. Eu queria o outro. Depois eu estava viajando com um amigo muito íntimo que não sei quem é. Nos hospedamos num hotel muito simples. Fui tomar banho. No canto do quarto havia restos de sabonete tipo Phebo ou Caress. Coloquei um chinelo velho havaiana e fui procurar o banheiro que ficava num corredor escuro." (18-3-93)

O rapaz que aparece no sonho era para C. uma figura masculina de muita virilidade. No sonho há um jogo de sedução onde ele é dominado por traz, pego pelas costas, ou seja, em termos psicológicos possuído por algo que não tem consciência. A transformação do rapaz na figura do mulato parece revelar um aspecto masculino mais primitivo, associado à força e à agressividade física com o qual ele não tem boas relações.

Na segunda parte do sonho ele está com um homem que embora muito íntimo ele não sabe quem é. Mais uma vez, o aspecto masculino desconhecido. A respeito desta figura ele disse que era uma pessoa muito simples, despojada. A situação se passa em um hotel, lugar de passagem, provisório, que no caso é bastante precário. O sabonete são restos usados, a sandália é uma velha havaiana e o banheiro fica em um corredor escuro.

A primeira parte do sonho se dá na casa do amigo que se transforma ou melhor se revela em algo que ele não aceita e a segunda ele acaba em um lugar pobre e provisório. O movimento do sonho sugere que a falta de contato com o aspecto masculino sombrio de sua personalidade acaba resultando em uma situação sem perspectivas, em um corredor escuro.

Sonho 13:

"Sonhei que estava num lugar público com o N. e veio o L. me cumprimentar e me falou que estou sumido do Grupo Pela Vidda. Aí dei uma explicação superficial. Me preocupei porque o N. não estava gostando do L. estar falando comigo"
(20/03/95)

C. reatou a relação com N. que continua muito complicada pelas brigas e cenas de ciúmes constantes. N. não gosta muito que ele frequente o Grupo P.Vidda. Perguntei-lhe como via o papel do grupo em sua vida. Ele disse que era um lugar importante para conhecer as pessoas, trocar idéias e experiências mas que ainda não tinha encontrado o seu espaço.

Diz que não tem participado das reuniões do Grupo Pela Vidda por estar em tratamento. Falou da dificuldade de vir ao grupo devido as internações e ao tratamento quimioterápico e que se sente um pouco culpado por isso. Quer participar mais mas desde que seja algo onde se destaque.

Falou que entre ele e N. há um jogo implícito onde ele está sempre em evidência, é admirado e elogiado. N. desempenha o papel do submisso admirador que sofre para conquistá-lo. Parece ser esta fantasia que movimenta a relação. Ao contrário no grupo P. Vidda a sua necessidade de se sobrepôr aos outros e de ser constantemente elogiado e de estar em destaque, acabou gerando uma situação muito desconfortável para ele. No sonho, L. um companheiro do

grupo de quem gosta muito, indaga sobre o seu afastamento e o conflito entre N. e o grupo se evidencia.

Neste contexto N. parece representar uma atitude de auto reverência, auto-erótica, em contraposição ao grupo onde uma atitude mais grupal, interacional era exigida. O fato dele se justificar de forma "superficial" pode indicar que sua atitude com relação a esta demanda continua insatisfatória.

Continua a quimioterapia por causa do sarcoma na perna. Depois desta sessão faltou duas semanas devido a uma infecção no rosto.

Sonho 14:

"Tinha voltado para o coral. O ensaio seria no edifício Copan. Havia uma pasta preta e uma azul. Tomei o elevador. Era no quarto andar. O elevador foi até o último andar, depois desceu direto parando intermediariamente entre outros andares distantes do quarto andar. Desci. Duas mocinhas estavam no elevador. Teríamos que ir a pé ou passar por uma passarela. Uns homens mexem com elas que gritavam escandalosamente. Eu que estava atrás não quis passar. Temi que descobrissem a pasta e a bolsa. Pensei 'Sou homem, mais alto, comigo eles não vão mexer'. Mas fiz outro trajeto que era por cima. No trajeto achei uma bandeja com saborosas maçãs. Não eram de ninguém. Peguei as três mais bonitas, guardei duas e saboreei uma. No caminho encontrei uma pessoa super simpática, que é um colega meu que faz michê e me deu um alô quando passei. Seus dentes estavam feios. Não cheguei a falar com ele, mas ele me olhava simpático e sorridente" (30/03/93)

C. disse que cantou durante muitos anos em corais. Como sempre, descreve sua participação como sendo muito especial e diferenciada mas ao mesmo tempo "pouco reconhecida" o que via de regra é a razão de seu afastamento. Assim como no sonho anterior, a atividade aqui exige uma interação harmônica com um grupo o que ele não

consegue estabelecer devido ao seu egocentrismo exacerbado. Ele se coloca literalmente acima dos outros o que no sonho parece estar representado pelo elevador que sobe até o último andar.

Ele está acompanhado por duas meninas que reagem histericamente aos cortejos masculinos. O fato de aparecerem duas figuras femininas pode indicar que o mundo feminino começa a se diferenciar. Ele consegue identificar em si o medo de ser incomodado ou de ser identificado com elas. Fala com muito incômodo de seus traços femininos, muitas vezes assumindo um discurso machista e preconceituoso. Para não se confrontar com estes sentimentos ele desvia o seu caminho encontrando uma bandeja de maçãs que são muito saborosas. Este ponto do sonho merece uma amplificação que será feita a seguir.

O sonho acaba com o encontro com um michê, amigo seu, que é muito simpático mas cujo dentes estão podres. A simpatia que sente pode indicar um certo grau de identificação com esta figura que parece estar associada à sombra.

Sonho 15:

"Estávamos eu, meu pai, minha mãe e minha irmã vendo TV no antigo quintal de casa. Eu estava com medo de ser mordido por gatos ferozes que brigavam perto da TV. Um deles estava morto e colocado numa bacia. Ele estava seco e de repente começou a inflar prestes a explodir. Entramos e de repente entram dois primos meus. Um é o R., o outro desconhecido. Ele era muito atraente e flertava comigo. Tinha uns trinta e cinco anos e me abraçava gentilmente. Meu primo R. veio avisar que o meu tio P. havia sido internado. Mais tarde, seres de outros planetas, principalmente mulheres mais jovens e muito bonitas apareciam. Três delas vieram até nós e nos escolheram e fomos ficar com elas na lavanderia, vendo a TV. A lavanderia estava uma bagunça com tábuas espalhadas pelo

chão que dificultavam para andar. Parecia que estava reformando. A jovem que estava comigo ficou toda dengosa ao meu lado. Queria casar comigo. Aí eu lhe disse que tinha uma doença mortal. Ela não se importou. Eu queria lhe dizer também que era homossexual e sentia que ela iria dizer: 'não há problema arranjo outro para você'. Minha irmã ia mostrar o porão para elas e eu disse: 'Não, está muita bagunça!'" (31/03/93)

O sonho começa por uma situação familiar que mais uma vez se desenrola nos fundos da casa, o espaço da intimidade, daquilo que não é exposto socialmente. Entre ele e seus pais há gatos ferozes que o ameaçam. Um gato seco revive assumindo dimensões alarmantes. Esta imagem sugere que a esfera instintiva, que estava adormecida ou reprimida, foi reativada tornando-se uma ameaça para o ego.

Aparecem dois primos que ao mesmo tempo trazem a notícia de um tio doente. Um deles é conhecido o outro não. São muito afetivos e atraentes e o contato entre eles é positivo. A duplicidade da figura masculina pode estar indicando um certo grau de diferenciamento.

Surgem figuras femininas que vêm de outro mundo (extra-terrestres) o que em termos psicológicos pode ser interpretado como o inconsciente. São três moças e três rapazes formando assim três casais. O número três é dinâmico e indica uma situação em transformação que tende ao quatro. O tio doente e ausente pode ser considerado como o quarto elemento masculino e a irmã o quarto elemento feminino.¹³

Uma das moças quer casar com ele mas ele resiste alegando sua doença e sua homossexualidade. A AIDS e a homossexualidade são colocadas como um obstáculo para o relacionamento com as pessoas. O uso da doença e da sua orientação sexual como desculpa estavam sempre presentes em seu discurso: "Não posso ter uma relação porque estou com AIDS", "Relação entre homossexuais nunca dá certo".

¹³ O sentido da estrutura quartenária do sonho vai ser discutido adiante.

Eles estão na lavanderia, lugar onde se lava roupa suja, portanto o lugar onde se entra em contato com os conteúdos sombrios. A irmã quer mostrar o porão para as extra-terrestres, mas ele não deixa por causa da bagunça. O aspecto sombrio, subterrâneo parece ainda não poder ser tocado e integrado.

Sonho 16:

"Estava no quarto da minha mãe, deitado na cama dela, com um puta tesão, com o pênis duro, vendo revista pornô-gay e me masturbando prestes a gozar. Percebi que ela ia chegando, me enrolei num lençol e fui para outro quarto onde meu primo C. dormia nu. Pelo lençol que nos cobria por completo dava para perceber suas nádegas, cuja visão me excitava. O descobri e tive vontade de me deitar sobre ele, que já estava de bruços. Mas me deitei ao seu lado. Mais tarde saí pela rua e encontrei dois amigos meus, que são caso, e que empurravam um carrinho de rolemã que era pesado e difícil de ser empurrado. Aquilo me dava aflição. Eu os ajudava a empurrar mas o carrinho não andava. O carro mais parecia uma carrocinha, não era como um carro de rolemã comum." (4-4-93)

Disse que acordou deste sonho com "a maior vontade de fazer xixi". Falou muito da situação erótica do sonho e da atração que sentia pelo primo. Este primo ele não vê há muito tempo mas gosta muito dele.

Mais uma vez aparece a imagem de um primo em uma situação erótica. Primos são figuras muito próximas, quase irmãos, portanto podem indicar conteúdos muito próximos da consciência ou mesmo uma situação de auto-erotismo.

É interessante notar, que é na cama da mãe que ele têm fantasias eróticas. Um dos sintomas psíquicos associados ao complexo materno negativo, é a invasão da consciência por fantasias sexuais que acabam substituindo os relacionamentos reais.

Depois está na rua e encontra um casal de amigos gays. Eles empurram um carrinho/carroça que é muito difícil de empurrar. Estes amigos, segundo seu relato, tinham uma relação prolongada e viviam de forma aberta a sua homossexualidade.

Em contraste com a primeira parte do sonho que se dá no mundo da mãe, onde predominam o prazer e a fantasia, a segunda parte retrata um certo peso (peso da realidade), como se fosse um grande fardo movimentar-se no mundo a partir de sua identidade homossexual.

Sonho 17:

"De repente o N. (ex-relacionamento) estava comigo me abraçando, todo carinhoso, cheio de amores, me elogiando, dizendo 'Te amo'. Assustei, pensava que estava sonhando. Me indignei e perguntei como ele havia entrado em casa se eu estava sozinho. Queria estar sonhando e não via a hora de acordar pois eu não estava aceitando ele. Era um pesadelo. Mas logo sumiu e fiquei aliviado. No mesmo sonho, eu e minha mãe, mudamos para uma casa nova bem pequena que achei que não caberia lá. Fui tomar banho e o banheiro era horrível. Quando eu estava tirando a roupa uma menina morena me espiava pela janela. Coloquei um pano para ela não me ver e deixar de me importunar. "(5/4/93)

Este foi o último sonho que ele me apresentou. Discutimos pouco sobre ele, pois C. estava doente e só passou no grupo para deixar-me seus registros.

A situação apresentada é praticamente a mesma. O conflito entre a realidade das relações e a fantasia. Ele tinha tido uma grande discussão com N. em sua casa, chegando a agressão física. Falou muito desta discussão e o quanto estava magoado porque sua mãe presenciara tudo. Disse que não queria mais nada com ele e com ninguém.

No sonho ele acaba no mundo materno que é muito pequeno, muito estreito para ele. Mais uma vez aparece a menina morena que aqui está do lado de fora. Ele não quer

mais ser importunado por ela e ao fechar a cortina parece encerrar a possibilidade de relacionamento com esta dimensão de sua personalidade.

2.3) Amplificação Arquetípica:

A série onírica registrada por C. é caracterizada por situações e símbolos que se repetem, como: não locomover-se com seus próprios meios (sonhos 1, 2, 4 e 16); situações que ocorrem no quintal (sonhos 7, 10, 11 e 15); situações que ocorrem em lugares públicos (sonhos 1, 2, 12, 13 e 16); tomar banho ou ir ao banheiro após um conflito (sonhos 12, 15 e 17); situações de caos, bagunça e falta de controle (sonhos 4, 6, 11 e 15); preocupação com a roupa (sonhos 6, 10, 11 e 17) e imagens duplicadas: par de irmãos (sonhos 8 e 9), duas moças (sonho 14), dois primos (sonhos 15 e 16), dois gatos (sonho 15) e dois amigos (sonho 16).

Em quase todos os sonhos, com exceção dos sonhos 12 e 13, a trama se desenvolve ao redor de imagens femininas que se apresentam basicamente em três formas: como mãe/irmã, como menina mulata ou como mulheres bonitas e sedutoras.

Apesar da presença da figura materna na grande maioria dos sonhos e associações (sonhos 4, 5, 8, 10, 15, 16 e 17) não é o arquétipo materno que encontra-se constelado, mas sim o da anima. A figura da mãe aparece quase como um pano de fundo indicando na maioria das vezes, a situação psicológica na qual se encontrava estancado. Entretanto, as figuras femininas, principalmente as mulatas são as que desencadeiam a ação, trazendo conflitos, evocando emoções e parecem estar direcionando a consciência para aspectos da personalidade que permaneceram na sombra.

O feminino aparece pouco desenvolvido, como menina morena (sonhos 1, 2, 5, 9 e 17) e tenta se relacionar com o

ego, enquanto este, encontra-se ainda muito identificado com o mundo materno-familiar e uma persona muito perfeita.

Segundo Jung, as figuras, lugares, roupas e cenas escuras de uma imagem onírica geralmente estão relacionados à dimensão da personalidade que recebeu pouca luz da consciência permanecendo assim pouco diferenciada e desenvolvida. No caso temos a figura da "mulatinha", que segundo indicam suas associações e sua reação emocional, estão associadas aos aspectos da anima que ficaram na sombra. Nas várias vezes em que aparece, esta figura procura relacionamento o que nos remete à sua queixa inicial: "dificuldade de estabelecer relacionamento".

A conscientização e integração da anima na psique masculina reflete diretamente na sua capacidade de relacionar-se, pois enquanto um padrão de comportamento a anima é: "um elemento impulsivo relacionado à vida como vida, como um fenômeno natural, não premeditado. Espontâneo, à vida dos instintos, à vida da carne, à vida da concretude, da terra, da emotividade, dirigida para as pessoas e as coisas. É o impulso para o envolvimento, a conexão instintiva com outras pessoas e a comunidade ou grupo que as contém" (WHITMONT, 1990, p.168)

A reação de C. às figuras femininas dos sonhos parece espelhar sua incapacidade de relacionar-se com as pessoas, com a vida e consigo mesmo de forma espontânea e emocional. No primeiro sonho ele quer se relacionar a nível sexual com a menina e acaba em um ponto de ônibus e com sua casa desprotegida. Nesta imagem há uma indicação clara de que sua anima pouco desenvolvida, o leva a uma forma de relacionamento impessoal muitas vezes restrito ao contato sexual. No segundo sonho a mesma situação se repete de forma mais evidente: ela vai "transar" com seu ex-namorado e mais uma vez eles acabam no ônibus e numa casa sem telhado.

Tanto o sonho 1 quanto o sonho 2 terminam em uma tentativa de proteger-se, de fechar-se. Ele volta para trancar o quarto e consertar o telhado que está com as telhas soltas. Ao mesmo tempo que estas imagens configuram

uma tentativa de isolamento e uma situação de não-relacionamento com o mundo e com o inconsciente (céu, chuva); elas trazem também uma indicação de mudança. No primeiro sonho os móveis foram deslocados de lugar, talvez para pintarem o seu quarto, o que pode significar um processo de renovação, de mudança na tonalidade afetiva (cor). E no segundo sonho há uma chaminé, que pode representar um canal de comunicação com o inconsciente, pois é por onde a matéria transformada sobe aos céus em forma de fumaça e alimenta os deuses (arquétipos).

Voltemos a figura da alma negra, pois ela tem mais indicações sobre a situação psicológica de C.; FRANZ em seu livro "O Caminho dos Sonhos" discute esta imagem:

"O Cântico dos Cânticos principia assim: 'Sou negra, porém bela, o filhas de Israel'. Aí temos a negra Sulamita que mais tarde se transforma, segundo a tradição medieval em uma mulher branca. Cristo, seu noivo, a redime e a transforma. Esse tema também teve um papel importante na lenda da rainha de Sabá, que é a ancestral dos reis etíopes. Ela é uma negra que veio ao encontro de Salomão e foi identificada com a Sulamita do Cântico. Uma mulher negra amada por um homem branco, o branco que encontra a negra e a transforma em branca sempre fascinou a mitologia ocidental...

Na tradição alquímica, a transformação da Sulamita ou rainha de Sabá também tem um papel destacado. Uma das fantasias recorrentes dos alquimistas era a de que a matéria que pretendiam transformar em ouro era inicialmente negra. Eles a compararam a uma mulher negra que se despe de sua pele ou suas vestes escuras e se transforma em ouro puro...

As vestes negras representam um traço típico da figura interior subdesenvolvida da alma. Assim como... o animus na mulher é às vezes destrutivo e negativo, a alma negra é relativamente negativa no homem. Ela indica que sua capacidade de amar é basicamente auto-erótica. Um homem que não desenvolve a alma, seu lado feminino em geral, é narcisista." (FRANZ, 1992, p.114)

O narcisismo era um traço marcante na personalidade de C. Ele se referia o tempo todo às suas qualidades positivas, à sua beleza, à sua juventude, aos seus talentos, etc. Tinha uma visão de mundo auto-referente, impermeável à influência do outro. Este traço também era um determinante em suas relações, pois como ele mesmo relatou, fazia parte do jogo erótico ele ser admirado pelo outro. Portanto, não havia possibilidade de troca e crescimento; ele estava isolado em si mesmo.

No sonho 5, ele está com um rapaz forte e bonito com o qual tem um envolvimento emocional. Juntos eles se ocupam de coisas bastante triviais como ir à feira e desentupir um ralo. Este contato com as coisas do dia a dia conectam o homem com a vida em seu sentido imediato.

Portanto, podemos dizer que o sonho traz uma figura masculina mais conectada com a alma e a tentativa de estabelecer uma relação com ela. Neste momento, surge entre eles a menina mulata que pede que se abracem. Há, a princípio, uma troca de carinhos e um ambiente puramente afetivo que emerge. Esta situação logo muda com a aparição da mãe. A partir daí ele tem dúvidas de seus sentimentos e surge a culpa. Pode-se dizer que é o ponto de vista do seu complexo materno que introduz a culpa e o erotismo, impossibilitando uma mudança na qualidade dos relacionamentos.

É importante destacar que após o surgimento da mãe a menina aparece ferida, como se tivesse sido violentada. O mundo feminino que começava a desenvolver-se parece ser violado pelo mundo materno.

Por outro lado, tanto a culpa quanto o sangue que corre da menina podem indicar um momento de iniciação e tomada de consciência. A culpa é um sentimento típico de uma situação psicológica polarizada, caracterizada por uma visão demasiado inocente e inflada da vida e de si mesmo.

O predomínio do arquétipo materno pode prender a pessoa a um falso estado paradisíaco, onde ela permanece inconsciente do Bem e do Mal e de todas as polaridades da vida. Neste contexto a mãe representa o grande útero

acolhedor, a ausência de conflitos e a aceitação plena. Um homem sob esta constelação tende a projetar na mulher uma figura de mãe extremamente idealizada. Esta projeção o impede de relacionar-se com as mulheres pela "parte de baixo", ou seja, com seu sexo, com sua parte humana que está relacionada à vida, à matéria e aos instintos.¹⁴ O sangramento da menina parece chamar a atenção para esta dimensão e indica um conflito entre a alma e a Grande Mãe.

No sonho seguinte a menina mulata aparece como uma aluna que ele rejeita. A sua rejeição está associada a um sentimento de que é um professor muito bom e muito especial, para dar aula para a filha de uma empregada. Ele se recusa a entrar em contato com o mundo feminino que ele considera inferior e mantém-se em um estado inflacionado e inconsciente.

O sentimento de "ser especial" reaparece no sonho 10. Ele está no circo e junto com outros rapazes é convidado para uma posição de destaque. Está muito bem vestido e preocupa-se porque seus familiares não podem vê-lo. O que importa não é o picadeiro, o centro do drama, mas sim seus familiares.

Durante as associações deixa transparecer uma mágoa infantil com relação à mãe, porque esta não tinha ido vê-lo em suas apresentações. A situação sugere uma identificação infantil com o mundo dos pais. "Um indivíduo é infantil porque libertou-se suficientemente ou não do ambiente da infância, isto é, da adaptação aos pais, sempre exigindo amor e recompensa afetiva imediata. Por outro lado, identificado com os pais devido à forte ligação com os mesmos, o indivíduo infantil comporta-se como o pai e como a mãe. Ele não é capaz de viver como ele mesmo e encontrar sua própria personalidade" (JUNG, 1986b, p.276, @431)

A permanência em um estado infantil pressupõe também uma identificação com a persona. Este tema aparece em

¹⁴ Para Jung e outros autores junguianos, a idealização do feminino pelo homem pode estar na base de dois comportamentos: o donjuanismo e o homossexualismo. No primeiro caso, foge-se ao compromisso e ao relacionamento com a mulher real através da busca incessante da "mulher perfeita" e no segundo, exclui-se a sexualidade.

vários sonhos da série (6, 10, 11, 12, 15, 16 e 17) onde ele está preocupado com a roupa que veste, ou procura o chinelo, ou ainda está com pouca roupa ou tirando a roupa.

O termo *persona* refere-se a máscara usada pelo ator na antiguidade. "Jung usa o termo para caracterizar as expressões do impulso arquetípico para uma adaptação à realidade exterior e à coletividade. Nossas *personas* representam os papéis que desempenhamos no palco do mundo¹⁵; são máscaras que carregamos durante todo esse jogo de viver na realidade exterior. A *persona*, como uma imagem representacional do arquétipo da adaptação, aparece em sonhos nas imagens de roupas, uniformes e máscaras" (WHITMONT, 1990, p.140)

A respeito do simbolismo da roupa, CHEVALIER & GHEERBRANT dizem: "A roupa é um símbolo exterior da atividade espiritual, a forma visível do homem interior. Entretanto, o símbolo pode transformar-se num simples sinal destruidor da realidade quando o traje é apenas um uniforme sem ligação com a personalidade. 'A roupa nos deu a individualidade, as distinções, os requintes sociais; mas ameaça transformar-nos em meros manequins' (Carlyle)" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p.947)

A criança tende a corresponder às expectativas externas, principalmente as do pai e as da mãe, o que determina o seu comportamento e o primeiro padrão de formação do ego. As expectativas dos pais geralmente correspondem às expectativas e valores culturais e coletivos. Durante o desenvolvimento psicológico adequado é necessária uma diferenciação entre ego e *persona*, o que significa tomar consciência de nossa personalidade e assumir a responsabilidade por nossos próprios julgamentos, necessidades e valores.

Quando há uma identificação do ego com a *persona* ocorre a formação de um pseudo-ego, que não passa de uma imitação estereotipada ou de uma encenação bem cuidada de um papel atribuído coletivamente ao indivíduo. Encarna-se o

¹⁵ Neste sentido a imagem do circo é bastante sugestiva.

papel social, por exemplo, o do ator, o do professor, o do filho, etc. Tal pseudo-ego é extremamente rígido e ao mesmo tempo frágil. Torna-se impermeável ao movimento renovador do inconsciente, que passa a exercer uma pressão perigosa sobre o ego. O resultado pode ser uma situação limite que beira a psicose. Os elementos ameaçadores da psique são projetados no meio podendo evoluir até às ilusões paranóicas.

Quando a individualidade é confundida com o papel social e a adaptação à realidade não é suficientemente individual, a pessoa pode prender-se em um estado de inflação. "A vítima se sente esplêndida e poderosa, porque é uma refinada figura da sociedade, mas não consegue ser um ser humano, ou mesmo dar os primeiros passos no sentido de tornar-se humana. Tal confiança exagerada e inflacionada na persona, ou a identidade com ela, resulta em rigidez e em falta de uma genuína sensibilidade. Tal pessoa é apenas o papel que representa... e é incapaz de desenvolver uma responsabilidade pessoal e moral; ela não possui princípios éticos ou sentimentos pessoais e valores próprios, mas se esconde por trás da moralidade coletiva dos costumes estabelecidos. Ela não tem conflitos de consciência porque tudo é definido de antemão de uma maneira estereotipada" (WHITMONT, 1990, p.141-142).

O resultado deste estado de identificação com a persona é um empobrecimento da personalidade, porque esta não pode ser alimentada pelos conteúdos que estão na sombra. No sonho 6 ele não consegue entrar em contato com os alunos e acaba sozinho com sua roupa bonita. No sonho 10 ele acaba na cozinha da mãe que diminuiu de tamanho e cujo quintal foi parcialmente coberto por uma laje. Há um estreitamento do aspecto nutriente da Mãe que pode ser associado ao aspecto nutriente do inconsciente. O quintal coberto impossibilita o contato direto com o sol, a chuva e as estrelas, o que em termos psicológicos, pode representar falta de contato com o fluxo criativo dos arquétipos.

No sonho 11 ele tenta organizar tudo sufocando a individualidade das pessoas em uma "ginástica coletiva". A

situação de empobrecimento repete-se e sua casa é demolida e invadida por pessoas pobres e aparentemente mais primitivas. No sonho 12 ele não quer entrar em contato com o "Maguila" e acaba em um corredor escuro calçando sandálias havaianas velhas. No sonho 15 recusa-se a mostrar para a extra terrestre a lavanderia (onde se lava roupa suja) e acaba sozinho. O empobrecimento confirma-se nos dois sonhos seguintes onde ele se encontra nu, ou enrolado em um lençol, ou tirando a roupa no banheiro. Aqui a nudez parece associada a situações de auto-erotismo (masturbação, fuga do relacionamento) podendo indicar que ele não consegue entrar em contato com o "outro".

No sonho 4, apesar do tema da persona não aparecer na forma da roupa ele está presente na imagem do salão de beleza. É em um salão que se cuida da aparência, portanto da máscara. Ele está em um carro que é conduzido pela irmã. Este perde o controle e invade o salão. Pode-se dizer que ele é mecanicamente conduzido a manter as aparências através da atitude representada pela irmã e pela mãe (que também está no carro). Surge o mecânico que diz haver um problema na embreagem, que segundo suas associações é o "mecanismo que dá diretividade ao carro". Ele insiste que não há nada de errado com o seu carro e não quer pagar o preço do conserto. A sua mãe acaba resolvendo o problema pagando a conta.

O mecânico é uma figura masculina que pode representar um tipo de raciocínio sistêmico, que dá conta da interação das partes em um determinado mecanismo. Para consertar um carro é preciso saber como funcionam de forma harmônica suas peças, em outras palavras como elas estão relacionadas, a sua finalidade e a sua localização no todo. Por outro lado, está associado a graxa e a sujeira e, como o limpador de chaminés nos contos de fadas, pode representar uma figura de sombra, que tem o poder de reabilitar, desentupir e colocar em funcionamento.

A sombra e a persona são arquétipos que representam o par de opostos complementares indivíduo/coletivo. "Quanto mais clara a persona mais escura a sombra. Quanto mais a

pessoa estiver identificada com seu glorioso e maravilhoso papel social, quanto menos este for representado e reconhecido simplesmente como um papel, mais escura e negativa será a individualidade genuína, da pessoa, como consequência de ser negligenciada desta forma" (WHITMONT, 1990, p.143)

É neste período¹⁶ que aparecem os primeiros sintomas do Karposi, uma espécie de câncer cutâneo que se manifesta por ulcerações na pele. O surgimento do sintoma na pele parece reforçar a constelação simbólica. A pele é como uma roupa para o corpo e está em contato direto com a vestimenta, portanto pode estar associada à problemática da persona. "Se a persona está 'colada' de forma rígida demais, se falta à pessoa a disposição necessária entre a pele individual e as vestes coletivas, ela se encontra em uma posição precária; é como se a pele não pudesse respirar. **Doenças de pele reais podem coincidir com essas dificuldades.**"¹⁷ (WHITMONT, 1990, p.142)

A doença na pele parece impor, através da desfiguração, o contato com o "outro lado"; o lado da feiúra, do anti-estético, do doente, do sujo, etc. A dificuldade de C. de integrar os aspectos sombrios de sua personalidade reaparece de forma clara no sonho 12 e na ocorrência paralela de uma infecção no rosto que o deixou desfigurado.

No sonho 12, ele está no quarto dos pais de um amigo o que mais uma vez sugere o mundo parental. Enquanto ele procura o seu chinelo é pego por traz por uma figura masculina que tem duas faces. Uma, branca e bonita que ele gosta e outra negra e rude que ele rejeita. O contato com o mundo masculino em sua totalidade parece impossível. O sonho continua e ele está viajando com um amigo desconhecido, o que indica falta de consciência, terminando em uma situação sem saída e sem luz (corredor escuro).

¹⁶ Período em que tem o sonho 4.

¹⁷ Grifo meu.

O chinelo parece representar algo de importância neste sonho. É quando ele procura o chinelo que é pego pelas costas e, na segunda parte do sonho, é calçando uma "sandália havaiana velha" que ele acaba em um corredor escuro. A sandália ou o chinelo tinham no Velho Testamento um sentido de contrato. Moisés, no Sinai, toca a Terra Santa de pés descalços, retira a sandália e a dá ao parceiro como garantia de contrato. "Antigamente era costume de Israel, em caso de resgate ou de permuta, para validar o negócio, um tirar a sandália e entregá-la ao outro (Ruth, 4, 7-8). Os exegetas da Bíblia de Jerusalém observam, efetivamente, a esse respeito: Aqui o gesto sanciona... um contrato de troca. Pôr o pé ou jogar a sandália num campo significa tomar posse dele. Assim, o calçado torna-se o símbolo do direito de propriedade. Ao tirar-lhe ou devolver-lhe o calçado, o proprietário transmite ao comprador esse direito" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p.801) O mesmo sentido é encontrado no Islã, onde não se entra na mesquita ou na casa de outra pessoa calçando sapatos como indicação de que não há nenhuma reivindicação sobre aquele espaço.

Na tradição ocidental, o sapato ao lado da cama do agonizante significa que ele está partindo e não tem mais condições de andar. Está associado à viagem para o outro mundo e portanto à dimensão espiritual. As sandálias aladas de Hermes, Perseu e Pégaso, assim como as sandálias de S. Francisco, são símbolo da elevação mística.

O sapato ou chinelo são parte da indumentária e como tal estão relacionados à persona. Porém "a diferença entre roupas em geral e sapatos tem que ser especificada. Se a roupa representa atitude, então sua interpretação deve variar de acordo com a parte do corpo que cobre... Se partirmos da hipótese de que o sapato é simplesmente um artigo do vestuário para cobrir o pé e que com ele nos mantemos de pé na terra, então ele é o ponto de vista ou atitude de realidade... Existe também uma ligação com o complexo de poder, quando alguém 'pisa em cima do outro' se deseja afirmar seu poder, como o soldado vitorioso

mostrando que agora está por cima, colocando o pé sobre o pescoço do inimigo conquistado." (FRANZ, 1985, p.33)

Desta forma, a sandália do sonho pode representar o sentido de realidade ao qual se agarra. Porém, a sandália está velha e parece conduzi-lo à escuridão. Por estar no quarto dos pais, podemos dizer que os valores parentais sobre os quais caminha na vida não lhe são mais adequados.

Por outro lado, a sandália enquanto símbolo de poder e propriedade conduz à polaridade amor(Eros)/poder. Para os autores junguianos a capacidade de amar no homem, está relacionada ao desenvolvimento da anima e se contrapõe diretamente ao complexo de poder. Amar não é tomar posse do outro através de uma união simbiótica e sim cultivar a individualidade do outro, como unidade independente do desejo do eu. Portanto, pode-se chegar a hipótese de que a capacidade de amar (Eros) de C. encontrava-se aprisionada pelo complexo de poder.

A necessidade de C. de organizar e de moldar as situações, querendo sempre ocupar lugar de liderança e destaque através da imposição do seu ponto de vista, indicavam que ele estabelecia com os outros uma relação de poder. Neste sentido, pode-se interpretar as situações caóticas ou de perda de controle, freqüentes na série onírica (sonhos 1, 4, 6, 11, 15), como uma compensação do inconsciente a esta situação.

Mais uma vez a compensação se dá através do feminino. É a "mulatinha" que o faz esquecer de trancar o quarto, é o carro conduzido pela irmã que perde o controle, é no colégio dirigido por uma amiga que reina uma completa desorganização, é no parque organizado que surge a figura da mulher negra e pobre e é na casa da mãe que ele se descontrola diante do afeto do namorado fazendo reaparecer a "mulatinha".

O mundo feminino apresenta-se ao ego masculino como uma sensação de caos, onde a ordem e a lei masculinas são subvertidas. "A anima representa o mundo da natureza e do envolvimento emocional, dos amores e rancores, o mundo relativamente inadaptado e portanto inferior do homem.

Conseqüentemente, a psique objetiva apresenta-se ao homem em primeiro lugar como uma tentação caótica inteiramente irracional, perigosamente primitiva, como uma sedução encantadora" (WHITMONT, 1990, p.169)

A alma é constelada "em situações que exigem respostas emocionais e instintivas; muitas vezes, isso significa que as respostas vêm da área da função inferior, já que a resposta instintiva é aquela que o homem é geralmente menos capaz de fornecer de forma consciente. Quando surge uma situação carregada de emoção e ele tenta reagir com a razão, sem antes ou pelo menos também entender sua resposta emocional, é provável que sofra de um ataque de alma. Quando uma situação evoca emoções e a resposta emocional não é canalizada conscientemente, então a resposta inevitavelmente surgirá do inconsciente, sem considerar suas intenções ou até mesmo oposição a elas." (WHITMONT, 1990, p.169).

Outro aspecto que chama a atenção na série é a freqüência de figuras duplas nos sonhos. No sonho 3 aparece a irmã e a amante, no 4 a irmã e a mãe, no 5 a mãe e a "mulatinha", no 8 as duas irmãs mortas, no 9 o casal de crianças (ele loiro, ela mulata), no 12 o rapaz bonito e o "Maguila", no 13 o namorado e o amigo, no 14 as 2 moças históricas, no 15 os dois gatos e os dois primos que chegam, no 16 os dois amigos que andam de carrinho de rolemã e no 16 a mãe e a "mulatinha" outra vez.

Animais duplicados aparecem na arte de todas as culturas como expressão de sua polaridade simbólica. Nos contos e mitos as figuras duplas são muito recorrentes e têm o mesmo sentido. Na Bíblia, Caim e Abel; nos contos de fada, o rico e o pobre, o sapateiro e o alfaiate, o irmão e a irmã (nas mais diversas variações), o sábio e o tolo; na mitologia romana, Rômulo e Remo. Estas figuras representam dois aspectos de uma mesma realidade e juntas constituem uma unidade.

Para o romantismo alemão o duplo assume um sentido trágico e fatal. "Ele pode ser o complementar, porém, mais freqüentemente, é o adversário, que nos desafia ao

combate... Encontrar seu duplo é, nas tradições antigas, um acontecimento nefasto, até mesmo um sinal de morte." (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p.354)

A figura dupla constela a ambigüidade da natureza psíquica. "Nos contos de fada quando não existe a sombra, ocorre a duplicação de uma figura arquetípica, uma parte sendo a sombra da outra. O mesmo acontece quando a sombra individual não se constela em termos pessoais. Todos os complexos e estruturas gerais, isto é, complexos com uma base coletiva, possuem um lado sombrio e outro luminoso num sistema polarizado... Cada figura arquetípica possui sua própria sombra. Será esta sombra um fenômeno genuíno ou será que resulta de nossa maneira de encará-la? Não sabemos como é o arquétipo no inconsciente, mas quando ele toca a orla da consciência, como nos sonhos, que são fenômenos semi-conscientes, ele manifesta sua duplicidade. Somente quando a luz atinge um objeto é que aparece sua sombra." (FRANZ, 1985, p.44-45)

Desta forma, os motivos duplos geralmente são interpretados como conteúdos inconscientes que estão atingindo o limiar da consciência. Nos sonhos de C. há um predomínio de duplas femininas geralmente indicando aspectos antagônicos. A irmã e a amante, a mãe e a mulatinha, a irmã que morre e a que ressuscita, etc. Pode-se dizer que há um movimento de diferenciação da dimensão feminina constelado no inconsciente.

Este movimento encontra-se também presente entre as duplas masculinas, que podem ser entendidas como aspectos da sombra que estão no limiar da consciência. Porém, no sonho 12 fica claro a indisponibilidade de C. de entrar em contato com o lado sombrio. Ele assimila somente o lado bonito e luminoso. Neste sentido, a grande frequência das imagens duplas pode indicar uma compensação a uma consciência muito chapada, sem matizes, sem claro e escuro.

Nos sonhos 14 e 15 os pares duplicam-se dando origem a uma outra constelação da maior importância: o quatro ou a mandala. No sonho 14 ele quer ir ao quarto andar, mas não consegue, encontra duas meninas que com sua reação

histórica acabam fazendo com que ele desvie o seu caminho. Ele acha 3 maçãs e o sonho termina com a figura de um amigo, michê, que tem os dentes podres. As duas meninas, o amigo e ele formam um quatérnio.

O sonho 15 também começa com um quatérnio (o pai, a mãe, a irmã e ele), que acaba sendo transformado depois que gatos selvagens são reanimados. O primeiro quatérnio é desmembrado em dois quatérnios, um masculino (os dois primos, tio doente e ele) e outro feminino (as três extra-terrestres e a irmã).

São muitas as representações do quatro na mitologia, nos contos e religiões. Os quatro pontos cardeais, os quatro ventos, os quatro pilares do universo, as quatro fases da lua, as quatro estações, os quatro elementos (terra, ar, água e fogo), os quatro humores, os quatro rios do Paraíso, as quatro evangelistas, os quatro braços da cruz, etc.

Na Grécia, os pré-socráticos acreditavam que o primeiro passo da criação do universo foi a diferenciação da matéria prima nos quatro elementos. Para Sócrates os quatro primeiros números formavam a tétrade pitagórica ($1+2+3+4=10$), o número perfeito, que possibilitava o conhecimento de si e do mundo, tanto terrestre quanto divino.

No Veda encontra-se uma divisão quaternária: os Hinos, os Sortilégios, a Liturgia e as Especulações; e o homem é dividido em dezesseis partes (4×4).

O quatro também tem um papel determinante no pensamento e na filosofia dos índios da América do Norte. Ele é o princípio organizador (o espaço, o tempo, as plantas, as espécies animais, os seres celestes e as virtudes humanas são divididos por quatro) e o princípio totalizador (evocado nos ritos sagrados).

Na cosmogonia dos Zunis a terra é chamada de "terra-mãe quádrupla que contém" e simboliza a materialidade passiva que não cria, mas contém tudo que se cria a partir dele. Seu valor é potencial e aguarda a manifestação no número cinco. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989). Para a

alquimia a quaternidade é um axioma fundamental na busca da Grande Obra e na procura da Pedra Filosofal.

O quatro, portanto, assume um caráter organizador, orientador e estruturante. É o fundamento arquetípico da psique humana, isto é, a totalidade dos processos psíquicos conscientes e inconscientes. "Seu equivalente, o quadrado, representa a lei e a ordem sobrepostas à desordem caótica da mãe natureza" (NICHOLS, 1988, p.114).

Quando a estrutura quaternária aparece nos contos, mitos, sonhos e outras produções da psique humana é vista como uma representação do arquétipo totalizador, o Self, na esfera consciente. "As várias representações simbólicas do Self, das quais só podemos dar alguns exemplos, são imagens que apontam para a totalidade ou inteireza - de um caráter psicológico ou de um caráter transcendental (infinito ou eterno)- e também para uma entidade central de ordem e direção. As primeiras imagens, ou imagens abrangentes, têm formas circulares, quadradas, cúbicas ou esféricas... As segundas, ou imagens centradas, são a cruz, a roda ou esfera radiante, o relógio do mundo ou a estrela guia." (WHITMONT, 1990, p.197)

Estas imagens foram associadas por Jung às mandalas hindus, pois elas também apresentam uma divisão quaternária e servem para representar o Todo Cósmico. A palavra "mandala" significa círculo, porém seu desenho é muitas vezes mais complexo. A mandala tântrica é um quadrado contendo círculos e Lótus povoados por símbolos divinos, desenhados ou pintados como suporte à meditação, e riscado no chão em rituais de iniciação. O acesso às quatro portas que são guardadas por guardiães, representam os estágios da progressão espiritual no sentido do centro.

"A mandala é uma imagem ao mesmo tempo sintética e dinamogênica, que representa e tende a superar as oposições do múltiplo e do uno, do decomposto e do integrado, do diferenciado e do indiferenciado, do exterior e do interior, do difuso e do concentrado, do visível aparente ao invisível real, do espaço-temporal ao intemporal e extra-espacial" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p.585).

A mandala enquanto um símbolo do Self pode indicar uma renovação da personalidade através da integração dos opostos e o nascimento de uma nova unidade; ou pode indicar um movimento compensatório do inconsciente frente a uma situação de grande desestruturação psíquica, física ou social. No caso de C. esta constelação coincide com o agravamento dos sintomas do sarcoma de Karposi, o que pode indicar um esforço adaptativo do inconsciente no sentido do restabelecimento do equilíbrio psico-físico.

No sonho 14 ele encontra uma bandeja com três maçãs. A maçã aparece em muitos contos e mitos como símbolo de conhecimento unificador, que confere imortalidade, ou desagregador, que provoca a queda.

Na Iliada a maçã é o "Pomo da Discórdia", despertando a ira das Deusas; no mito de Hércules aparece como o "Pomo de Ouro" do Jardim das Hespérides, frutos da imortalidade; na Bíblia, como a maçã da sabedoria que leva Adão e Eva a serem expulsos do Paraíso; no Cântico dos Cânticos, a maçã representa, segundo Orígenes, a fecundidade do verbo divino; na alquimia o pomo de ouro é símbolo do enxofre, o princípio ativo que age sobre mercúrio inerte, fecundando-o ou matando-o. Nas tradições celtas a maçã é fruto da ciência, da magia e da revelação e nos contos bretões aparece como prenúncio de uma profecia. Na mitologia escandinava e na lenda de Alexandre o Grande a maçã assume um sentido regenerador e rejuvenescedor.

"Segundo a análise de Paul Diel, a maçã, por sua forma esférica, significaria globalmente os desejos terrestres ou a confluência em relação a estes desejos. A proibição pronunciada por Jeová alertava o homem contra a predominância desses desejos, que o levaram rumo a uma vida materialista, por uma espécie de regressão, opostamente à vida espiritualizada, que é o sentido da evolução progressiva. A advertência divina dá a conhecer ao homem essas direções e o faz optar entre a via dos desejos terrestres e a da espiritualidade. A maçã seria o símbolo desse conhecimento e a colocação de uma necessidade: a de escolher" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p.573).

No mito de Hércules (Héracles), os pomos de ouro (que em algumas versões são três), estão no Jardim das Hespérides guardados por dragões assustadores. "Héracles vence o dragão e se apodera do jardim, com todas as riquezas que contém. O mito representa a existência de um paraíso, objeto dos desejos humanos, e de uma possibilidade de imortalidade (a maçã de ouro). O dragão representa as terríveis dificuldades de acesso a esse paraíso; Héracles, o herói que triunfa de todos obstáculos. O conjunto é um dos símbolos da luta do homem para alcançar a espiritualização" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p.489).

A partir destas amplificações, pode-se levantar a hipótese de que diante da doença e da proximidade da morte, esta constelação do Self estaria indicando aspectos da dimensão espiritual que precisavam ser considerados pela consciência. FRANZ (1986) diz que diante da morte eminente o inconsciente traz imagens que indicam a continuidade e a imortalidade da alma. Estas imagens podem ser: plantas que crescem e renascem a partir da semente, túneis e pontes que conduzem a uma terra iluminada, parentes falecidos e guias espirituais que mostram o caminho para o "outro mundo" e todas as representações do Self, as mandalas, Deus, a estrela, a criança iluminada, etc.

As mandalas enquanto guias espirituais que procuram estabelecer uma relação do homem com a dimensão cósmica retratam verdades universais que sempre ocuparam a humanidade. As imagens do sonho 14 parecem apontar para uma das grandes questões espirituais de todos os tempos: a imortalidade da alma (maçã) versus a corruptibilidade da carne (prostituto de dentes podres).

A imagem da maçã relacionada ao conhecimento e à queda parece complementar esta interpretação. Ao comer do fruto proibido Adão e Eva são expulsos do Paraíso e tomam consciência da sua humanidade. Ou seja, as polaridades da natureza se tornam conscientes para o homem: humano e divino, Bem e Mal, vida e morte, etc. A identificação de C. com o perfeito e o belo denotam uma certa inflação do ego (paraíso), que parece estar sendo compensada pelo sonho,

através do símbolo da queda. É como se o sonho dissesse para ele: "você é um ser humano e como tal, é mortal e corruptível", mas, ao mesmo tempo, aponta para uma visão transcendente mais consoladora.

Tanto FRANZ (1986) quanto KÜBLER-ROSS (1987), destacam o fato de que as pessoas que tem fé em uma dimensão transcendente e na imortalidade da alma, seja em qual contexto religioso for, conseguem confrontar-se com o fim da vida de forma mais adaptada, com mais dignidade e significado. Neste sentido, o sonho 14 poderia estar indicando uma forma arquetípica de adaptação à situação de final de vida.

No sonho 15 ocorre um desdobramento do quatérnio inicial composto pelo mundo familiar. De um lado surgem figuras masculinas muito próximas (primos e tio) e de outro figuras femininas que vêm de outro planeta, do inconsciente. As duas polaridades aparecem bem definidas e relacionadas.

Esta transformação tem início quando um dos dois gatos selvagens que se encontra morto e seco em uma bacia, começa a inflar a ponto de explodir. Algum aspecto da vida instintiva é constelado e ameaça a unidade familiar.

O simbolismo do gato é muito amplo. Os felinos sempre foram associados à sensualidade, à astúcia, à intuição e ao feminino. Em lendas do Japão os gatos podem matar as mulheres e assumir a sua forma. No Egito ele era cultuado na forma da deusa Bastet como benfeitora e protetora do homem; representando a força e a agilidade do felino que a deusa coloca a disposição do homem para ajudá-lo a vencer seus inimigos escondidos.

Na tradição mulçumana, o gato preto tem o poder de interromper o ciclo de uma mulher. Em outras tradições o gato preto representa a obscuridade e a morte. Na Sumatra é uma espécie de guardião dos infernos que captura as almas culpadas e as joga no inferno.

Para os índios Pawnees (América do Norte) o gato selvagem é um símbolo de sagacidade, de reflexão, de engenhosidade, ele é observador, astuto e ponderado, que

atinge sempre os seus fins. Por estas qualidades é associado à clarividência e à cura.

No Camboja um gato enjaulado é levado de casa em casa onde é regado para que seus gritos despertem Indra, o doador de fecundidade. Assim o gato está associado à seca, invocando a noção de caos primordial, de matéria prima não fecundada pelas águas superiores (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989).

Portanto, o gato seco que infla em uma bacia pode ser interpretado como conteúdos do inconsciente (matéria prima) que estão sendo irrigados pelo Self (Indra). Estes estavam mortos e desidratados o que em termos psíquicos pode significar que encontravam-se reprimidos.

A aparição das figuras femininas do inconsciente que tentam se relacionar com as figuras masculinas (próximas ao ego) parecem confirmar que há um grande esforço compensatório do inconsciente no sentido da integração do mundo feminino.

A ligação do gato com o feminino pode indicar o surgimento de uma consciência reflexiva, que é fundamentada no auto-conhecimento e não em valores externos. No sonho quando a extra-terrestre tenta seduzi-lo ela acaba levando-o à reflexão. Pela primeira vez ele se refere a sua identidade homossexual e a sua doença.

Em termos compensatórios o sonho parece indicar que somente uma reação instintiva poderia ajudá-lo a sair da constelação familiar na qual estava aprisionado. A sagacidade e astúcia do felino talvez o levassem a liberar os aspectos criativos do Self.

Porém, o final do sonho 15 e os sonhos subseqüentes indicam uma obstinação do ego e uma dificuldade de entrar em contato com a esfera instintiva e feminina do inconsciente. Há um movimento regressivo da consciência e o aspecto conservador do arquétipo materno parece triunfar. O resultado é um crescente empobrecimento psíquico representado nas imagens de auto-erotismo, de descontroles emocionais e de aprisionamento no mundo materno.

C. reagiu muito pouco às imagens oníricas e ao contato terapêutico. A sua dificuldade de relacionamento o tornava impermeável ao outro e a si mesmo. Psicologicamente parecia continuar no colo materno, cheio de fantasias e autoerotismo.

O sarcoma de Karposi teve uma evolução rápida tomando todo o seu corpo. Os últimos meses de vida, passou isolado das pessoas sob os cuidados da mãe, da irmã e do último namorado. Faleceu em abril de 1994 exatamente um ano após nosso último contato.

3) Sujeito 3:

3.1) Dados sobre o sujeito:

I., 31 anos, homossexual, portador do vírus HIV há aproximadamente 3 anos (setembro de 1993¹⁸). Ficou sabendo que era soropositivo quando foi fazer uma doação de sangue. Foi contaminado por via sexual pois não faz uso de drogas injetáveis e não sofreu transfusões de sangue. Anteriormente ao HIV teve algumas infecções de sífilis. Quando procurou o atendimento psicológico do Grupo Pela VIDDA não apresentava nenhum sintoma, mas ainda encontrava-se em tratamento contra meningite devido a qual esteve internado no início do ano.

Filho caçula de uma família de oito filhos. Vive com a mãe, senhora idosa, protestante e com uma irmã que sustenta a casa. Quando perguntei se morava com a mãe me disse "Graças a Deus". O pai de origem nordestina, alcoólatra, morreu em 1988 devido a uma cirrose hepática.

Trabalha como guia turístico uma vez por semana. O resto do seu tempo gasta indo ao hospital em função do tratamento ou para visitar outras pessoas. Alega não poder

¹⁸ Refere-se a data de início do acompanhamento psicológico.

fazer muitas coisas pois precisa ter tempo livre para ir ao hospital. Gosta de correr, esporte que pratica quase todos os dias.

Seu discurso é muito rígido, cheio de "certos" e "errados". Fala da AIDS como algo até certo ponto merecido, como uma "punição por sua opção sexual e por sua falta de cuidado". Parece que atribui a si a culpa por estar com HIV, como se tivesse procurado se infectar propositadamente. Seu modo de se expressar é frio e racional, não deixando passar nenhum tipo de emoção.

Não tem relacionamentos pois diz "que é muito difícil"; "e que não vale a pena". Tem poucos amigos com os quais mantém uma relação temerosa e desconfiada, "ninguém me entende".

Traz como queixa principal a necessidade de ter um acompanhamento devido ao HIV e como queixa implícita o medo do descontrole e de sua agressividade. Relatou episódios de descontrole emocional sempre associados com muita culpa. Tenta jogar sua agressividade na corrida.

Relata que quando teve meningite tinha muita dor de cabeça e que não dava nem para pensar. Tinha medo de perder o controle. Diante da aparente rigidez de seu pensamento e da subjacente necessidade de controle pode-se especular sobre um possível sentido compensatório implícito no próprio sintoma.

3.2) Relatos de sonhos e amplificações:

Sonho 1:

"Vejo o Hook. Ele está furioso. Passa a mão no vidro de um carro cuja massa de rejunte é verde. Ele mexe nele até esfarinhar" (8-9-93)

O Hook que ele menciona no sonho é um personagem de uma série de TV que assume uma força descomunal e se torna

violento em situações de perigo. Perguntei o que ele achava deste personagem, respondeu: "O Hook só fica descontrolado porque é tocado em um ponto sensível. Ele é sensível portanto só se defende." Associou a atitude do Hook com seus descontroles agressivos pois tenta se controlar e ser uma pessoa tranqüila, mas quando alguém ou uma situação lhe aborrecem ele perde o controle. Tem muito medo disso. Corre quase todos os dias para "gastar energia".

O sonho traz a figura de um ser possuído por um lado mais primitivo, o Hook, que é um homem verde de dimensões descomunais. Parece ser uma representação do homem natural ligado à força física e à agressividade. Um aspecto da psique que permaneceu pouco desenvolvido e inconsciente. É relevante observar que o personagem da TV é construído de forma dupla, ou seja, uma personalidade principal (o médico), socialmente bem adaptada, orientada pela cultura, e outra personalidade obscura (Hook), força bruta, primitiva, orientado pelos instintos. Temos portanto, a fórmula clássica do médico e o monstro onde é representado o fenômeno da sombra.

Em termos prospectivos pode-se dizer que há uma imensa quantidade de energia contida no inconsciente, que se torna destrutiva na medida que não é integrada à consciência.

Sonho 2:

"Está em um lugar onde vê o seu médico dissecar um gato" (14-09-93)

A polaridade do sonho anterior reaparece sob nova forma, pois aqui algum aspecto da sua vida instintiva esta sendo dissecado pelo lado médico. Em termos psicológicos pode-se dizer que a dissecação está associada ao ato de racionalizar, de entender através da separação e da classificação das partes. Este tipo de estudo porém, destrói o todo e não observa o organismo em seu processo

dinâmico. Tem-se uma visão parcial que muitas vezes negligencia a complexidade da vida.

Falou muito de seu médico no qual tem muita confiança e respeito. Em seu relato, percebe-se uma certa idealização, "além de bom médico é uma pessoa muito humana". Tem muita atração por ele, mas não pode conceber qualquer tipo de contato mais próximo. "Ele é o médico e eu o paciente". A cisão reaparece ao mesmo tempo que o desejo inconsciente de união: "Quando eu o encontrei (o médico) pareciam que nossas almas eram irmãs"

Ele gosta muito de gato e tem um em sua casa, apesar da possibilidade de contrair monucleose. Mas, segundo ele, o próprio médico disse não haver nenhum problema.

Sonho 3:

"Está na rua nu e com o pênis ereto. Sente-se muito exposto, ameaçado. Pensa no que os outros vão dizer. Quer voltar para casa."(4-10-93)

O sonho retrata uma situação de exposição. Algo que não pode ser vivido publicamente de repente está exposto. Mais uma vez temos uma representação do aspecto masculino na sua forma natural, a virilidade associada ao falo, que aparece de modo explícito e inesperado.

A. disse que nesta semana teve muita raiva do seu médico por que ele não pode fazer uma pulsão, tendo que delegar à outras pessoas nas quais ele não tem confiança. Porém, não reagiu e aceitou a situação passivamente. Este fato deixou-o muito mobilizado.

Aparenta estar muito desiludido, como se tivesse perdido o sentido de vida. Deixa transparecer que acredita merecer o que está passando, portanto não há nada a fazer. Está vencido pela situação, passivo, falta-lhe energia de reação.

No sonho, o fato de estar com sua virilidade exposta pode indicar uma tentativa do inconsciente de compensar à

sua atitude consciente de passividade. A sua virilidade precisa vir a público, ou seja, ser trazida ao nível da consciência. Também é importante observar, que é na sua casa, no mundo da família que ele busca proteção para esta situação. O que pode sugerir que a sua passividade está associada aos valores e à dinâmica familiar.

O sentimento de ter a sua sexualidade exposta o fez lembrar de um fato de infância. Quando tinha 10 anos, estava na rua e pediu a um menino que tinha uma carroça para levá-lo passear. O menino condicionou o passeio a jogos sexuais, que ele aceitou. A família descobriu e foi um grande escândalo. Foi levado a um psicólogo e ele se sentiu muito mal com toda a situação.

Meses depois, quando estava de férias na praia, seu irmão quase se afoga e é salvo por um rapaz que se torna muito amigo da família e é tido por todos como um "herói". Este rapaz, que na época tinha 24 anos, 10 anos a mais que I., mantém relações sexuais com ele por um período de um ano. Ele se sente usado, sujo, culpado com esta situação. Ao mesmo tempo não consegue contar para ninguém com medo de desfazer a imagem positiva que todos tinham do rapaz. Prevalece o julgamento da família em detrimento de seus próprios sentimentos. A sua raiva é reprimida e ele não pode se defender, permanecendo passivo ao abuso sexual do qual é vítima.

Sonho 4:

"Estou com meu médico. Ele mexia em algumas coisas sobre a sua mesa, como se estivesse fazendo uma pesquisa ou trabalhando e não me dá atenção"(15-10-93)

Mais uma vez, a figura do médico aparece envolvida em uma atividade meramente intelectual, não dando a devida atenção emocional que ele necessita.

Disse que não tem visto o Dr.L., mas que tem tido muitas fantasias eróticas com ele. Tem medo de demonstrar

sua atração, pois "a relação médico paciente deve ser mantida". Ao mesmo tempo tem um sentimento que suas fantasias são "erradas", "sujas", etc.

A dificuldade de estabelecer uma relação mais humana com o médico, parece estar relacionada a uma dificuldade interna de conciliar um aspecto mais racional de sua personalidade com suas exigências instintivas e emocionais. As fantasias eróticas podem ser uma tentativa de compensação neste sentido.

Sonho 5:

"Está andando em algum lugar, de repente o chão começa a afundar. É terra movediça. Vai afundando." (15-10-93)

O sonho representa uma situação de imersão. O solo onde pisa está afundando e ele é dragado para dentro da terra. Em termos psicológico o solo geralmente é o conjunto de valores, idéias e atitudes sobre as quais nos apoiamos. O fato do solo estar afundando pode indicar que um grande fluxo de libido está sendo atraído pelo inconsciente, o que pode levar a perda do sentido de realidade. Esta situação parece estar associada a constelações arquetípicas como: a "descida" ou a "mãe devoradora".

O lugar do sonho foi associado ao SESC Interlagos. Lá há um caminho de terra que fica perto do lago, onde tem uma placa avisando que a terra é mole e pode afundar. A placa parece ter um sentido indicativo. Ela aponta para algo que deve ser conscientizado, advertindo e orientando.

Associou à terra, sujeira e sexualidade. Falou que continua tendo muitas fantasias sexuais. Estas parecem estar consumindo grande parte de sua energia.

Contou também, ter andado de sua casa (em Santo Amaro) até o Hospital das Clínicas, pois não quis pedir dinheiro ao irmão para pegar o ônibus. Quando chegou em casa teve febre. Parece haver uma certa dose de auto-punição em sua atitude. Falou um pouco sobre as relações familiares da

falta de afeto, da falta de toque e de comunicação entre ele e os irmãos.

Sonho 6:

"Está guiando um grupo de turistas. Pega o roteiro dois que passa pelo aeroporto de Cumbica. Eles descem e estão em um museu onde há uma vitrine com um traje pré-colombiano. Ao lado há uma escada que leva a um outro plano (superior). Ele sobe explicando para o grupo. Percebe que atrás há um boliviano ou peruano e ele teme estar dizendo bobagens. O segundo andar é cinza, sujo e sem vida." (25-10-94)

É relevante observar que neste sonho o movimento é oposto ao do sonho anterior, indo de baixo para cima.

O sonho começa com uma excursão. Esta passa pelo aeroporto que se transforma em um museu. Sobre o aeroporto I. diz que é um lugar de passagem, que está associado a possibilidade de atravessar fronteiras, com o medo e a vontade de ter aventuras e de explorar novos lugares.

Perguntei qual era a sua visão sobre museus. Ele respondeu que achava museu uma coisa morta, rígida e que associava ao seu medo de "cair na vida". Disse também, que lembra certas atitudes suas que considera "extremistas", como a promessa que fez a Santo Ivo de não comer mais doce. Segundo suas associações, o museu parece representar o conjunto de atitudes e valores que estão cristalizados, polarizados e sem vida.

No primeiro piso há uma vitrine com um traje pré-colombiano, que ele descreve como um traje muito colorido e decorado, como os usados em festas e rituais. Este, está em uma vitrine o que pode indicar falta de contato e o predomínio de uma visão estética e idealizada. O medo que tem diante dos bolivianos ou peruanos parece confirmar que ele não tem contato com aquilo que diz. Seu discurso carece de experiência, é teórico e vazio.

O sonho continua e ele sobe para um outro plano que é "cinza, sujo e sem vida". As imagens parecem sugerir que a falta de contato direto com a realidade o levam a uma situação de vida empobrecida, sem cor e sem vitalidade.

Os trajes pré-colombianos são multicoloridos, impregnados de símbolos que retratam toda a história e a mitologia de um povo. São portanto, expressões dos fundamentos arquetípicos que estão na base dos costumes, das crenças e dos rituais onde são usados. São símbolos vivos pois ainda estão carregados da dimensão emocional que lhes é pertinente.

Uma visão estética ou intelectual desta dimensão pode empobrecer a vida espiritual que permanece assim cristalizada, sem dinamismo.

O sonho parece indicar que sua necessidade de atravessar fronteiras (aeroporto), ou seja de ampliar seu conhecimento sobre si, ampliando assim seu mundo espiritual (decolar), fica paralisada (museu) pela falta de contato com o dinamismo inerente a dimensão arquetípica.

Sonho 7:

"Está no banheiro de um apartamento que morou quando tinha dez anos. Os azulejos são amarelos. Ele entra e encontra um artista de quem gosta. Ele começa a masturbá-lo, ao final ele está com o pênis do rapaz na mão e este está cheio de herpes. Fica assustado pois pode se infectar. O pênis esta desmembrado do corpo." (5-11-94)

O sonho se dá no banheiro de sua casa de infância, onde morou quando tinha 10 anos. O banheiro é um lugar de intimidade, onde lida-se com coisas muito privadas, com os dejetos e as sujeiras.

Neste contexto ele encontra o artista e começa a masturbá-lo, ou seja, a estimulá-lo. O artista pode representar um aspecto criativo de sua personalidade que está associado ao falo, pois uma das principais

significações do falo é a criatividade. No sonho o falo torna-se doente e dissociado do corpo. Algo que pode contaminá-lo e do qual tem medo.

O sonho pode estar fazendo referência a algum evento significativo relacionado a sexualidade ou a virilidade tenha ocorrido quando ele tinha mais ou menos 10 anos. Em suas associações traz muita culpa com relação a sexualidade. Diz que raramente sente prazer e que se submete ao desejo do outro. Tem sempre muito medo de "falhar" na hora "h", de perder a ereção, ou seja de ser traído pela falta de virilidade.

Retomamos a situação do carroceiro ocorrida aos 11 anos. Os mesmos sentimentos de culpa, de sujeira, de invasão de sua privacidade e de vergonha estão presentes. O sonho parece indicar que esta experiência traumática provocou uma cisão, uma ferida a nível de sua sexualidade, de sua virilidade ou mesmo de sua criatividade.

Sonho 8:

"Está na Ilha do Homem (Inglaterra) onde mora sua irmã. Há muitas nuvens no céu anunciando uma tempestade. Ele vê uma cruz celta caída no chão com a cabeça virada para baixo. Ele sabe que na ilha tem bruxas. Ele pensa que as abelhas da ilha foram embora por causa da chuva"(8-11-93)

O sonho se dá em uma ilha, lugar cercado de água no meio do oceano. Em termos psicológicos pode-se falar em um núcleo de consciência, um complexo ou personalidade parcial que se encontra isolado, sem comunicação com o continente, portanto ainda inconsciente.

Ele associa esta ilha a sua irmã que mora lá. Ela é muito mais velha do que ele e está vivendo há muitos anos neste lugar. Parece ser uma pessoa muito distante e pouco afetiva. Disse também que esta ilha é um lugar muito

isolado do mundo, conservadora e onde existem leis extremamente homófobas.

No sonho esta ilha é habitada por bruxas, que em termos psicológicos pode estar associado ao aspecto negativo da mãe, que manipula, que interfere no destino do outro, que enfeitiça, que amaldiçoa, etc.

Lá encontra-se também uma cruz celta que está caída, indicando que os valores por ela representados não estão mais vigorando. Ele associa aos celtas o controle, a rigidez e a tranqüilidade o que poderia indicar que um sistema de valores menos rígido pode emergir.

No céu há nuvens densas que anunciam uma tempestade. Uma forte constelação que está próxima de se precipitar sobre a terra, o que pode estar indicando que a consciência está prestes a ser irrigada por novos conteúdos do inconsciente.

É interessante observar que no sonho ele associa a ausência de abelhas à tempestade que se aproxima. Quando perguntei sobre suas associações com abelha, ele disse que para ele as abelhas estão ligadas à vida e a fertilidade. Assim pode-se dizer que nesta ilha habitada por bruxas, regida por leis homófobas não há vida e nem fertilidade e que neste sentido, a tempestade como fenômeno fertilizante é uma tentativa do inconsciente de compensar esta situação.

Pode-se ainda especular se há alguma relação com o sonho anterior onde a criatividade está ferida e dissociada. Este sonho parece indicar que em algum ponto do inconsciente está constelado um movimento de cura. Falta porém, estabelecer uma comunicação com a consciência (ilha).

Sonho 9:

"Está ao lado do muro da escola em que estudou durante o ginásio. O muro está quebrado e ele resolve pulá-lo. Porém do outro lado há um barranco com lama e ele estuda uma forma de pular sem que a lama caia nele. Ele vai

caminhando ao lado de um buraco do metrô cujas estacas não servem mais de suporte para as paredes. Mais a frente vê em um rio duas amigas do curso de guia. Uma delas se afoga e a outra tenta salvá-la. Ele vê a cena mas não consegue fazer nada. Sente um misto de prazer com remorso. Sai e encontra um grupo de turismo. Eles perguntam o que aconteceu com as meninas e ele fica sem jeito de responder" (16-11-93)

O sonho começa com a transposição de um muro que está quebrado. É o muro da escola onde estudou durante a adolescência e a qual associa este período de sua vida. Esta imagem onírica parece indicar que algum obstáculo que surgiu nesta época está sendo transposto, ou melhor, está se dissolvendo (muro quebrado).

Transpor o muro significa ter que pisar na lama o que ele quer evitar. A lama está associada a sujeira e portanto, aos aspectos sombrios da personalidade. Popularmente "estar na lama" significa estar em uma situação crítica. Por outro lado a lama também pode ser associada à matéria prima que será transformada pelo ato criador. "Pisar sobre" representa em termos psicológicos uma atitude, um modo de caminhar ou agir. O sonho parece indicar, que alguns obstáculos que o impedem de entrar em contacto com aspectos criativos que se encontram na sombra, estão desaparecendo.

Passando o muro ele caminha ao lado de um buraco de metrô que se encontra em construção. As estacas já não servem de suporte para as paredes que podem desabar a qualquer momento. Vemos aqui o mesmo tema do sonho 5, a possibilidade de afundamento, que se repete adiante com o afogamento da menina. Ao metrô ele associa trabalho, vitalidade e energia.

Mais a frente ele vê duas colegas do curso de guia de turismo. Uma delas se afoga e a outra tenta salvá-la indicando dois movimentos contrários. Ele diz que estas meninas são muito afetivas, francas e honestas, e que a cena do afogamento o faz recordar da passagem do Excalibur onde a Morgana traz a espada de volta do fundo do lago.

A partir das imagens pode-se dizer que o aspecto feminino tenta resgatar algo que tende a ser submerso. Segundo as associações poderia ser a sua afetividade, a sua criatividade ou a sua vitalidade.

É interessante notar que as meninas do sonho são guias de turismo o que oferece uma metáfora para o aspecto da alma enquanto guia.

Outro ponto importante é o fato dele não reagir adequadamente à situação. Ele somente observa e experimenta sentimentos contraditórios, de prazer e remorso. Não há ainda um envolvimento direto e uma reação emocional adequada permanecendo assim, em um plano meramente estético.

Sonho 10:

"Está em um casamento onde há uma mulher que fala muito e é muito espontânea. Ele têm vergonha dela. Acha que é a sua mãe. Ele expulsa ela do casamento pois tem medo que todos percebam que ele é igual a ela."(16-11-93)

O sonho se dá em um casamento, ocasião onde um homem e uma mulher se unem, o que em termos psicológicos pode representar a união de opostos, masculino e feminino, a *coniunctio*. Neste contexto aparece uma mulher muito espontânea, que expressa seus sentimentos de forma natural. Ele associa esta mulher a sua mãe e ao mesmo tempo se identifica com ela. O aspecto feminino representado por ela é ameaçador e ele acaba por excluí-lo do casamento. O sonho parece indicar uma dificuldade de aceitar e integrar o mundo feminino enquanto expressão espontânea dos seus sentimentos.

Logo ao despertar, veio à sua mente uma crença espírita que diz que quando uma pessoa morre não é bom que para ela que os outros fiquem pensando nela. Lembra do C., um amigo que está doente de AIDS, que "pensa" muito em seu parceiro que já morreu. O que ele chama de "pensar" poderia

ser melhor descrito como viver e poder expressar as emoções relativas a perda de uma pessoa querida. Neste contexto, o argumento espírita pode ser uma tentativa de justificar racionalmente a sua dificuldade de expressar espontaneamente os seus sentimentos.

Sonho 11:

"Dr. L. está no hospital, entra no quarto e diz em tom pernicioso que o C. está com 'óculos de viajante'. Ele acha estranho este tipo de comentário. O Dr.L. chama os pacientes para acompanhá-lo dizendo: 'Venham bonecas, desmunhequem o braço e vamos para a aula de ginástica'. Vão para a sala ao lado. Ele pede para o I. fazer uma demonstração de cambalhota para atrás. Ele se atrapalha e cai de costas"(16-11-93)

Antes de tudo é preciso considerar que este sonho foi registrado no mesmo dia que o sonho anterior(nº10) e o seguinte (nº11). Portanto, devem estar relacionados a um mesmo tema ou situação.

Aqui o médico aparece de uma forma muito descontraída e até jocosa. Ele faz piadas com os pacientes o que pode ser interpretado como uma tentativa de descontração. Ele parece sugerir aos pacientes que sejam espontâneos, que não tenham medo ou vergonha de expressar sua homossexualidade.

A referência aos óculos que C. usa pode estar relacionado a uma ótica de vida, que no caso, parece ser a ótica homossexual. Segundo as suas descrições, C. aparenta lidar de forma mais tranqüila com sua sexualidade, pois teve um relacionamento durante vários anos e sempre viveu sua homossexualidade abertamente.

No sonho o médico lhe pede para fazer uma cambalhota para traz o que sugere uma inversão completa de perspectiva. Virar tudo de cabeça para baixo e jogar para traz. Como no sonho anterior, ele parece não conseguir

lidar com uma perspectiva diferente, relacionada à espontaneidade e à descontração.

Sonho 12:

"Está com o C. na casa dele. Ele dorme na sala e o C. no quarto. No meio da noite chega o Dr.L. para ver o C." (16-11-94)

Este sonho parece jogar um pouco de luz sobre os precedentes. Perguntei a respeito de C., o amigo que aparece neste sonho e no anterior. Ele disse que C. está apaixonado por ele, mas ele não admite que também está envolvido com C. Falou que tem sido muito bom estar com C., pois 'um está ensinando coisas para o outro'. C. tem muita coragem e isto o tem estimulado muito. Eles têm passeado três vezes por semana em um parque perto da casa de C.

No sonho ele está na casa de C. e o Dr.L. aparece para vê-lo. O fato de C. estar no quarto e ele na sala pode indicar diferentes graus de intimidade. C. está em um plano mais íntimo enquanto I. em um plano mais social. O médico vai em direção ao contexto mais íntimo, sugerindo que é nesta esfera que há algo que precisa ser curado.

Nos três últimos sonhos, começando com a queda do muro da escola, percebe-se um movimento no sentido de maior expressão de sentimentos, de mais espontaneidade e descontração. Em outras palavras aquilo que se encontra dentro deve ser reconhecido e expresso. É importante observar que da maneira como está representado nos sonhos, há um aspecto curativo neste movimento (o médico). Este parece ter sido constelado na relação dele com C.

Ele tem ocupado grande parte do seu tempo com C. Além das visitas, eles se falam por telefone todos os dias e se encontram no hospital. Segundo ele, eles falam muita besteira, dão muita risada, mas ao mesmo tempo trocam muitas histórias de vida. I. está nitidamente tocado com esta relação, mas se preocupa para que o outro não fique

apaixonado por ele. Parece haver uma resistência em permanecer em um plano mais íntimo, talvez por medo de se confrontar com os próprios sentimentos.

Sonho 13:

"Está no hospital. Pergunta ao Dr.L. se ter gato em casa faz mal. Ele sai sem responder. Vem uma enfermeira S. que lhe dá uma lista de medicamentos e uma data para voltar. Ele não concorda com a mudança do que já tinha sido combinado." (23-11-94)

O sonho retrata uma situação onde ele está preocupado se pode ter gato em casa, pois tem medo de pegar uma toxoplasmose. O gato pode estar associado a algum aspecto de sua vida instintiva, à sensualidade, à sedução e ao mundo feminino.

No sonho a resposta não vem do DR.L. e sim da enfermeira, portanto do mundo feminino. É preciso mudar a medicação o que mais uma vez sugere uma mudança de perspectiva, com o que ele não está de acordo.

Contou que escreveu uma carta ao Dr.L. falando o que sentia por ele e que ele reagiu naturalmente. "No começo falou como homem, afetivo e próximo, mas depois voltou a ser o médico." Sugeri que ele convidasse o Dr.L. para tomar um café fora do hospital como uma tentativa de vê-lo de forma mais humana. Ele reagiu a esta idéia de forma muito contundente: "Ele é o médico e eu o paciente". Parece haver aí uma cisão e uma dificuldade de integrar o lado humano.

Sonho 14:

"Está na escola onde fez o primário e o ginásio. Sai e está na frente do teatro municipal. Está de casaco, calça, mas sem sapato. Tem muita vergonha pensando no que os outros podem dizer. Sai e um grupo de ladrões negros o

atacam. Ele não quer dar o seu dinheiro. Tem medo de ser morto."(23-11-94)

O sonho começa na escola, que ele associa à "inércia, a um tempo de estagnação, onde se fazia só o que deveria ser feito", e em seguida passa para o teatro municipal que ele associa a "sentimentos conflitivos e à consciência da hipocrisia". Parece haver uma mudança de situação que desencadeia conflitos, ou seja, traz a tona ambigüidades que são camufladas pela hipocrisia.

Tomar consciência da hipocrisia pode estar relacionada ao reconhecimento da persona. O teatro é o lugar ideal para isto pois é lá onde são vividos os vários personagens do drama humano. O fato dele estar descalço parece indicar que ele está pisando diretamente no mundo, sem um intermediário, portanto sem uma persona. Esta situação é bastante ameaçadora, pois ele fica exposto aos conteúdos da sombra que não tardam a aparecer sob a forma dos ladrões.

I. associa o "estar descalço" ao disco dos Beatles onde o Paul aparece descalço como uma suposta alusão a sua morte. Fala mais uma vez de um forte sentimento de morte. Este pode estar relacionado com a emersão da sombra e com o fim da identidade com a persona.

Este sonho parece indicar que uma atitude construída na adolescência tem que ser abandonada para que a personalidade se revigore. Para isto é preciso dar um pouco de energia aos conteúdos sombrios e pisar na realidade com os próprios pés.

Sonho 15:

"Está no hospital discutindo sobre tratamento com o H. Eles brigam e ele vai embora. Depois ele encontra com o H. na rua. Este ameaça a chorar em seus ombros e ele o acolhe."(6-12-94)

Outra vez o sonho ocorre no hospital. Desta vez ele discute com H. sobre tratamentos e eles acabam discordando e discutindo. H. é um amigo, também soropositivo, que frequenta o mesmo hospital e que segundo ele, é muito mentiroso, conta muita vantagem e tem uma queda pelo Dr.L. Parece haver uma certa identidade entre ele e CH, que no sonho pode estar relacionada a uma atitude mentirosa e hipócrita (sonho anterior) com a qual ele está se confrontando.

O resultado do confronto é uma reação emocional e a expressão de sentimentos (choro) que ele acolhe. Contou um fato que ele associa ao choro. Encontrou-se com uma cantora em um concerto. Foi falar com ela e lhe disse que a admirava muito, mas que ela o tinha magoado por não lhe dar a devida atenção. Começou a chorar compulsivamente e foi embora. Justificou-se dizendo estar muito sensível.

Esta situação e a carta que escreveu para o Dr.L. parecem indicar uma tentativa de expressão de sentimentos. Porém, a forma ainda é muito infantil e inadequada, sugerindo que a esfera afetiva encontra-se ainda pouco desenvolvida, ou melhor, pouco consciente. É importante notar que estes fatos podem ter alguma relação com o movimento interior que vinha sendo assinalado nos sonhos anteriores.

Sonho 16:

"Sonhei que estava sentado em cima da mesa do Dr.L. e conversava tranqüilamente com ele"(6-12-93)

Este sonho tem a mesma data do sonho anterior, o que deve ser considerado na interpretação. Aqui ele está em uma situação bastante descontraída com o Dr.L. O sentimento é de tranqüilidade e intimidade.

A mesa do médico é geralmente sentida como uma barreira concreta entre este e o paciente, algo que

estabelece as diferenças e mantém o distanciamento. Pode ser uma defesa para ambas as partes. No sonho ele está em cima da mesa sugerindo que esta barreira esta sendo transposta.

Pode-se fazer uma relação com o sonho anterior onde o confronto emocional com H., o amigo que tem AIDS, parece ter desencadeado uma aproximação do seu médico interior e portanto, da cura.

Sonho 17:

"Está no carnaval em Recife. As pessoas jogam garrafas verdes nele. Ele defende-se com um travesseiro. Era uma perfeita guerra. Depois estava em uma guerra em Beirute ou algum país destes. Vê um corpo carbonizado na rua."(14-12-93)

O sonho começa em uma festa de carnaval que ele associa à alegria, à sensualidade, à espontaneidade e à homossexualidade. É na festa da carne (carnaval) que estas coisas são vividas mais abertamente, mais coletivamente. É neste contexto que é agredido e ameaçado. As pessoas jogam garrafas verdes contra ele, o que em termos psicológicos pode significar que ele é atingido por projeções coletivas.

A garrafa enquanto vaso, enquanto forma contentora é um símbolo do aspecto continente e receptivo, assim como, do aspecto transformador do feminino. O verde está associado a vegetação e aos processos vegetativos, ao desenvolvimento, a aquilo que ocorre sem a interferência da vontade, à passividade e à natureza. Tanto a garrafa quanto o verde podem estar associados a Dioniso, deus que rege os fluidos do corpo, a circulação, a sensualidade e a irracionalidade. Portanto, a garrafa verde pode estar representando a irracionalidade, a vida instintiva e emocional que ele sente como uma ameaça. Mais uma vez traz

muita culpa com relação a sua homossexualidade associada a idéia de punição.

Ele diz que tem dormido muito "porque é mais fácil". Percebe-se nesta atitude que ele evita o conflito permanecendo inconsciente. No sonho isto parece estar representado pelo travesseiro que usa para defender-se.

O sonho continua com uma outra guerra, a guerra de Beirute com a qual não está pessoalmente envolvido. Pode-se dizer que há um conflito de ordem coletiva, constelado na outra parte do mundo, na sombra coletiva. Lá encontra-se um cadáver carbonizado, a carne que é queimada e transformada. O aquecimento, o cozimento e a queima, podem estar associados a uma forte reação emocional que é capaz de transformar uma situação.

Parece haver uma indicação que é necessária uma forte reação emocional para que ele possa libertar-se das influências nocivas das projeções coletivas das quais é vítima. Estas parecem estar relacionadas a sua sexualidade, ao seu mundo feminino como também a sua doença.

Acabou o tratamento contra a meningite e pela primeira vez manifesta o desejo de começar a ir menos ao hospital. Quer começar a trabalhar.

Esta foi a última sessão do ano. Entre o Natal e o Ano Novo ele teve início de tuberculose e infecção na pleura. Chama a atenção a imagem de guerra antes de uma crise.

Sonho 18:

"Estava com a Madona e estava muito surpreso com isto, mas logo descobri que era uma Madona falsa uma cover brasileira." (17-1-94)

No sonho I. está com a Madona, que segundo ele é "muito profissional, tudo que faz é ensaiado, tem alguma coisa a ver com sua sexualidade, é contestadora e faz tudo o que quer". O mundo feminino aparece representado por uma

figura com a qual ele não tem contato pessoal, portanto que está na esfera coletiva.

Há uma ambigüidade na figura da Madona, por um lado ela é "profissional", com o que ele quer dizer que ela não é espontânea, faz tudo premeditadamente e por outro ela é contestatória extravagante e aberta. Além disso ela é uma cover, uma imitação da verdadeira madona. Esta figura parece indicar que há algo em sua atitude sexual que é falsamente aberta, pretensamente contestatória ou espontânea.

O nome Madona pode também ser relacionado a Mãe, a Grande Mãe cristã, Maria. Um aspecto do feminino extremamente idealizado e espiritualizado, que muitas vezes é predominante na visão do mundo feminino de homens homossexuais.

I. quis falar pouco sobre o sonho. Estava muito irritado. Expressou várias vezes o desejo de mudar de assunto como se tivesse algo mais importante para me dizer. O R.¹⁹ chegou da Inglaterra e até agora ele não tinha conseguido falar com ele. Ele ligou duas vezes mas não o encontrou. Isto o deixa muito nervoso pois não sabe se vai ter tempo de vê-lo. Esta urgência me pareceu estar relacionada com o medo de morrer logo.

O início de tuberculose pleural que teve em dezembro foi tratada a tempo. Está mais magro e assustado. Ele fala com muito conformismo como se não tivesse uma outra maneira de ser.

Mais uma vez parece estar com medo de perder o controle o que pode estar relacionado com a chegada de R. e a possibilidade de concretizar seu desejo de relacionamento. Tentei provocá-lo para que reagisse mais espontaneamente a está situação falando um pouco sobre o R.. Ele foi se acalmando, seus olhos encheram-se de brilho. A possibilidade de se relacionar com alguém parece alimentá-lo, reanimá-lo.

¹⁹ R. é um rapaz que conheceu na Inglaterra e com o qual teve um breve relacionamento. Depois de muito tempo R. localizou o endereço de I. e tem mantido uma correspondência muito afetuosa com ele.

Falou também que continua saindo com o C., "como amigo" e que isto lhe tem feito muito bem, pois pela primeira vez pode conversar abertamente com alguém sem se sentir culpado ou precisar ser sério.

Sonho 19:

"Sonhou que reencontrava um tio, irmão de sua mãe que já morreu. Ele ficava muito surpreso por ele estar vivo. Se abraçavam calorosamente" (28/2/94)

Descreveu o tio como uma pessoa que era muito "serena parecia não estar na terra, olhar distante, não aparentava nenhum tipo de conflito". Quando morreu deixou muitas dívidas para serem pagas e problemas para serem resolvidos. Esta descrição é a de um homem passivo, absorto em seu mundo interior, sem muita capacidade de ação e de resolver seus problemas. Os aspectos masculinos da personalidade aparentemente não estão presentes. Por ser o irmão da mãe, pode haver uma relação com o mundo masculino dela (animus) ou com o que está associado a ele.

Discutimos a imagem do tio e ele fala do desejo de morrer, da falta de ânimo para enfrentar os problemas da vida e encarar seus conflitos. Seu discurso é frio e apático. O sonho parece indicar que ele está ressuscitando e abraçando o derrotismo, o conformismo e a passividade. Como se morrer fosse a solução para os seus conflitos.

Sonho 20:

"Ele está em um lugar onde vê um jogador de futebol ser enterrado. Só que este não está morto e se levanta do caixão." (8-2-93)

Em contraste com a figura masculina que é ressuscitada no sonho anterior, aqui algo que ainda está vivo, está sendo enterrado, ou seja reprimido. Ele disse que este jogador tem fama de ser agressivo e briguento, o que ele associou a sua própria agressividade.

Mais uma vez falou muito sobre a morte. Diz que não quer viver mais, não quer lutar, quer ter paz. Falou em suicídio. Depois voltou a dizer que estou "evitando dizer coisas" para ele como se eu soubesse de algo que não quisesse lhe contar. Me agrediu durante toda a sessão como se estivesse querendo destruir o vínculo terapêutico. Nesta sua atitude me parecia estar implícito um pedido desesperado de ajuda.

O sonho parece tentar compensar seu estado psicológico ressuscitando um aspecto masculino viril e agressivo, ou seja a sua capacidade de reagir emocionalmente à situação, de se posicionar melhor e de jogar o jogo da vida com todos os seus conflitos.

Sonho 21:

"Está em uma casa que tem várias janelas com um rapaz que lembra o R.. Eles se beijam e uma mulher os observa pela janela. Ele sai fechando todas as janelas para não ser visto."(10-2-94)

Neste sonho a figura masculina aparece em um contexto afetivo, de relação íntima. É um rapaz que lembra R.. Este é um artista plástico que vive viajando pelo mundo, que tem muitas aventuras amorosas e não consegue se fixar em nada. Pode-se dizer que é uma figura de Puer/Dom Juan.

O lugar onde estão é cheio de janelas, o que permite que a luz entre. Em termos psicológicos pode representar a possibilidade de que algum conteúdo inconsciente seja

conscientizado. No caso pode ser algum aspecto do seu mundo masculino.

Porém, quando aparece a mulher que observa ele fecha as janelas permanecendo na escuridão. Pode-se dizer que ele parece fechar-se para a possibilidade de se relacionar com o mundo masculino a partir da perspectiva que o mundo feminino coloca, ou seja, os sentimentos e os instintos.

Falou de uma situação que ocorreu esta semana no ensaio do coral, onde defendeu o S. (um regente conhecido) de um comentário maldoso sobre sua homossexualidade. Teve uma reação muito agressiva e passional e depois se sentiu muito mal. Achou que ficou muito exposto e que todos perceberam que ele também é homossexual. Talvez haja alguma relação com sonho na medida que sua reação emocional, representada pelo mundo feminino, aparece e expõe a sua intimidade.

Ainda não conseguiu ver o R. pois não tem um lugar para se encontrar. Apesar de estar muito ansioso para vê-lo, diz preferir que as coisas fiquem assim pois desta forma tem controle sobre elas. Ele diz que sempre controlou tudo e que "a cabeça é o centro da vida". Mais uma vez pode-se fazer uma relação com o "fechar das janelas". Ele fecha a janela para o mundo feminino, para sua vida afetiva, para o irracional e o emocional.

Está lendo o livro O Puer Aeternus de M. L. Von Franz o que o deixou muito irritado. Fez comentários ácidos sobre o livro e a autora. Aqui talvez haja mais uma relação com o sonho na medida que é uma mulher quem joga luz sobre o seu lado puer.

Sonho 22:

"Sonhei com você, que era muito forte" (24-02-94)

O sonho me coloca com uma estrutura corporal reforçada. Perguntei a ele se me via daquele modo, muito forte, e ele disse que as vezes sim. Disse que a minha

estrutura física é "mais européia", tenho mais músculos do que ele. Sua estrutura é "mais mirrada de brasileiro do nordeste e mesmo que quisesse nunca seria mais encorpado."

Não ficou claro se o sonho está tentando compensar uma tentativa de desvalorização ou diminuição do consciente ou se representa uma supervalorização dele com relação aquilo que está relacionado a minha pessoa. Neste caso poderia estar associado a relação terapêutica e a transferência.

Ele continua bastante reticente e agressivo comigo, mas continua vindo às sessões marcadas. Por outro lado, percebe-se que começa a reagir e a falar menos em morte. Tem estado menos mórbido.

Sonho 23:

"Está em uma estação de trem na Inglaterra junto com os pais. Estão embarcando para a Ilha dos Homens" (4-03-94)

Mais uma vez a imagem da Ilha dos Homens aparece. Aqui ele embarca em companhia dos pais. Pode-se dizer que algum aspecto relacionado a imago dos pais o leva ao isolamento psíquico ou a um estado de consciência parcial (ilha).

Ele achou a situação do sonho muito estranha. Perguntei como os pais se sentiriam na Inglaterra e ele me respondeu que teriam dificuldade de comunicação. Perguntei se levaria seus pais junto e ele disse que não. Perguntei o que eles iam fazer tão distante. Não soube me responder.

Chegou à sessão muito irritado com o C., disse com uma pretença indiferença que estava de "saco cheio" do assédio do amigo e que já tinha colocado alguns limites. Estava visivelmente chateado por ter tomado esta atitude, mas falava dela com frieza e distanciamento.

Voltamos a discutir sobre o livro. Ele continua muito irritado com a leitura. Há momentos em que se identifica com o que é dito sobre o puer e outros em que reage negando e destruindo a autoridade do livro.

Entramos no assunto da paixão. Disse a ele que faltava emoção em suas colocações e opções. Ele saiu muito irritado comigo e me ligou no dia seguinte com a mesma aparente indiferença que chegara à sessão, me comunicando que iria parar com o acompanhamento psicológico. Respondi que eu ainda não tinha desistido. Voltou a me ligar no dia seguinte dizendo que iria continuar.

Sonho 24:

"Está em uma avenida onde há um imenso buraco de uma construção. Há muitas pessoas trabalhando e ele está no meio delas. Talvez o buraco seja o metrô."(11-3-94)

A imagem do sonho pode sugerir que a um nível subterrâneo estão ocorrendo grandes transformações. Ele disse que a avenida era muito importante e tinha muita circulação de carros. Associou à obra, o trabalho, ou melhor, a sua falta de vontade de trabalhar e o medo de procurar emprego.

No sonho número 9 aparece uma imagem semelhante, onde também há um buraco aberto que ele associa ao metrô. Porém, lá não havia atividade e as estacas já não sustentavam mais as paredes. Portanto podemos dizer que algo foi reativado em seu inconsciente, talvez a sua capacidade de transformação, luta ou trabalho.

Disse que durante a semana ficou muito deprimido, dormiu muito e ficou com muita raiva de mim. Se sente impotente diante à vida e não quer procurar emprego, mas ao mesmo tempo reconhece que não pode mais ficar parado, sem fazer nada para sair desta situação. Uma obra da envergadura da que é representada no sonho exige muito esforço e muito trabalho. O fato dele participar junto com os outros operários parece ter um sentido compensatório sugerindo que ele assuma uma posição mais ativa neste processo.

Sonho 25:

"Está saindo de uma Igreja e se encontra em uma avenida que parece a Marginal. Está em um carro conduzido por um homem. Eles atravessam uma ponte e no meio dela o motorista abandona o carro e lhe diz que ele precisa prosseguir sozinho. Ele não sabe dirigir. A ponte começa a se estreitar e ele sabe que tem que seguir em frente." (11-03-94)

O sonho começa quando está saindo de uma igreja, que ele diz que ser uma igreja católica. A igreja pode ser associada à mãe enquanto *máter iglesia*, ou a um conjunto de dogmas e atitudes dogmáticas ou mesmo a um sentimento religioso. No sonho ao sair da igreja ele cai em um lugar movimentado, dinâmico, mas que se encontra à margem da cidade (avenida marginal).

Como no sonho anterior, ele aparece aqui no meio do movimento e é convidado a agir. O seu carro é guiado por um homem sugerindo um dinamismo masculino que pode levá-lo ou ajudá-lo na travessia da ponte. Atravessar a ponte em termos psicológicos pode representar a superação de um conflito através da relação entre duas polaridades.

A ponte se estreita e ele não sabe se deve seguir ou parar. Há um afunilamento que conduz a um determinado ponto, o que sugere poucas opções. Neste caso parece indicar a necessidade de se locomover por si só e de conduzir sua vida a partir de seus próprios valores.

Ele não tinha muitas associações com este sonho, mas ao mesmo tempo estava muito impressionado com ele.

Sonho 26:

"Está em um quarto onde vê o Dr.L. brincar com um outro rapaz. Eles se pegam se empurram, fazem cócegas um ao

outro. Ele vê pelo calção do outro rapaz que ele está excitado." (18-3-94)

Durante a semana ele me telefonou desesperado, o seu amigo C. tinha acabado de falecer. Foi ao Grupo P. VIDDA e conversamos longamente. Nesta sessão o assunto predominante foi a sua relação com o C.. Havia um misto de culpa, por não ter correspondido às expectativas do C. e de tranqüilidade por ter conseguido estar até os últimos momentos com ele. Associou o sentimento de impotência diante da morte com a morte do pai.

Destacou o quanto aprendeu com esta relação. Pela primeira vez na vida conseguiu brincar com coisas como sexualidade, família, doença, etc. Conseguiu manter o bom humor mesmo nos momentos finais o que ajudou muito ele a enfrentar esta situação.

No sonho o seu médico aparece em um jogo lúdico com outro jovem. Brincam como dois meninos, medindo forças, empurrando um ao outro e lutando. Brincadeiras típicas do mundo masculino que está constelado, pois entre eles aparece o falo.

Associa as brincadeiras com as que faz com o Dr.L. e com uma certa mudança de atitude. Se sente mais solto e mais brincalhão. Diz que o Dr. L. tem dado dicas de envolvimento emocional que o excitam muito. A figura do Dr.L. aparece de forma mais humanizada.

O sonho parece indicar que há algo de terapêutico em uma atitude mais solta, descontraída e lúdica. Considerando-se a rigidez, que é uma de suas características mais marcantes, pode-se dizer que está ocorrendo uma transformação no sentido de uma maior flexibilidade. A flexibilização indica que a personalidade começa a integrar elementos que antes não aceitava, tornando-se menos polarizada.

Sonho 27:

"Está com a sobrinha do C.. É uma menina de oito anos. Ela tenta chamar sua atenção o tempo todo pedindo para ele olhar várias coisas ao mesmo tempo. Ele está muito irritado com ela" (22-03-94)

Mais uma vez o aspecto lúdico aparece. Aqui na forma de uma menina que quer brincar e solicita atenção. Ela o leva a ver várias coisas ao mesmo tempo, o que pode indicar uma tentativa de ampliar seu campo de visão que ainda está muito polarizado.

Diz que a sobrinha do C. gosta muito dele, mas que não deixa ele sossegado. Faz uma relação entre ela e seu lado infantil que não o deixa em paz. Diz que tudo o que fez por C. "foi com medo de que os outros criassem uma imagem negativa a seu (meu) respeito, foi egoísmo". Identifica este sentimento como sendo da sua criança interior que "precisa ser boazinha e corresponder às expectativas dos outros".

O fato do mundo feminino estar representado por uma menina pode sugerir que seus sentimentos ainda se expressam de forma imatura. Por outro lado, a menina pode indicar um lado da anima que seduz pela graciosidade, pela leveza e pela brincadeira. Neste sentido, o sonho poderia estar tentando compensar os seus sentimentos negativos com relação ao C. desviando a sua atenção para outros aspectos desta relação, como por exemplo, a descontração e o prazer ligado ao mundo da anima menina.

O grau de irritação de I. ao falar desta imagem e de seus sentimentos com relação ao C. indicam a intensidade do conflito subjacente. Parece haver ainda muita dificuldade em ampliar sua visão de mundo e flexibilizar sua atitude.

Tem se encontrado com R. e a indiferença que havia antes está sendo substituída por preocupação, fantasias e o reconhecimento de que está se envolvendo emocionalmente.

Sonho 28:

"Está em uma rua de uma cidade que parece histórica. Não sabe se é no Brasil. Encontra um rapaz ruivo que começa a lhe fazer carícias e tira o pênis para fora. Ele teme ser notado na rua. Sobe a rua que faz uma curva a direita e acaba em um lugar elevado de onde vê o mar e o sol se pondo. Não encontra seu paletó, acha que deixou-o lá embaixo. Desce correndo, não pela rua mas escorregando pelo morro. Ele coloca uma almofada para não se molhar ou se sujar. Quando chegou embaixo percebeu que estava segurando o paletó. Ali estava tudo escuro"

O sonho ocorre em um lugar histórico, portanto um lugar caracterizado pela importância de seu passado para a identidade do país. Geralmente são cidades que conservaram suas características arquitetônicas e mantiveram sua estrutura urbana até certo ponto cristalizadas.

Ali ele encontra um rapaz ruivo que ele diz ser "muito atraente, de tipo nórdico e estrangeiro". Este lhe aborda sexualmente mostrando-lhe o pênis ereto. Esta figura parece representar algum aspecto de seu mundo masculino que está perdido em algum lugar do passado. Por conter características físicas opostas às suas, pode-se dizer que é uma figura relacionada à sombra.

Apesar de atraente ele ainda teme este encontro. Procura um lugar mais escondido, onde não possa ser visto e vai parar em um lugar a beira do mar. A situação é limítrofe, pois além de estar ao lado do mar, o sol se põe constelando um retorno ao inconsciente.

É o que de fato acontece. Preocupado com o seu paletó, que diz ter sido um presente de R., volta para o lugar anterior onde se encontra na escuridão. Ao descer o morro não quer sujar-se e mais uma vez esta atitude pode indicar uma dificuldade de relacionar-se com conteúdos sombrios. Neste caso estes conteúdos parecem estar associados à sexualidade, à virilidade e ao mundo masculino.

Parece haver algum problema com o paletó que R. lhe deu. Segundo o que foi discutido anteriormente a roupa pode estar relacionada à persona, à atitude que usamos para nos relacionar com o mundo e com os outros. O paletó é uma roupa social, que é usada em situações formais. Portanto, esta imagem pode indicar que há uma certa formalidade imposta por R. que o impede de integrar aspectos sombrios ligados à sexualidade e a sua virilidade.

Neste caso pode-se considerar duas possibilidades de interpretação: R. pode ser um aspecto da personalidade de I. ou pode estar representando a relação objetiva que I. tem com R. Na primeira hipótese pode-se dizer que a atitude afetivamente descompromissada, formal e estética de R. são também aspectos da personalidade de I. Já a segunda, pode indicar a existência de uma persona muito formal entre os dois que parece impedir que eles entrem em contato com a vitalidade presente na relação.

Ele fala da dificuldade de encontrar o R.. Este não lhe diz onde está e quando quer entra em contato para conversarem ou se encontrarem. É ele quem dita as regras do jogo e I. não questiona. As vezes que saíram foi muito bom, mas insiste em afirmar que não há nada entre eles, não há compromissos e que tanto ele quanto R. fazem questão de que ninguém saiba desta relação.

Sonho 29:

"Sonhei que a morte vinha me buscar. Estava em uma casa e entrávamos em corredores e quartos...Depois estava em Londres, eu tinha que voltar ao Brasil mas não tinha a passagem ou dinheiro para ir até o aeroporto. Estou com um casal. Depois estou debaixo de um cobertor e troco carícias com o rapaz. Ao lado está uma criança."

O sonho retrata uma situação de perseguição. Ele é perseguido pela morte o que pode representar que ele está sendo perseguido por idéias, pensamentos e sentimentos

relacionados à morte. De fato mais uma vez fala da vontade de morrer e diz não ter mais esperança de mudar.

Segundo Marie Louise Von Franz (1986) os sonhos que retratam a morte raramente tem a ver com a morte física, a não ser em casos onde haja uma absoluta dificuldade do ego em refletir e aceitar a morte eminente. De outro modo, sonhar com a própria morte pode indicar profundas transformações da personalidade. É preciso que o velho morra para dar lugar ao novo. Este processo é geralmente acompanhado por fortes sentimentos ou falsas premonições com relação a própria morte.

A continuação do sonho parece indicar de que se trata mais de um processo de transformação do que da morte física. Ele tenta sair de um país que está do outro lado do oceano. Ele quer voltar para sua terra, ou seja, recuperar seus valores, sua identidade, sua natureza, etc. Mas, parece que ainda lhe falta energia (dinheiro) para fazer a viagem e ele acaba como um mendigo dormindo numa praça com um outro rapaz.

Mais uma vez o elemento masculino aparece de forma erotizada e numa situação que ao mesmo tempo pública precisa ser escondida e camuflada. Nos sonhos ele está em contato com o mundo masculino através relações homoeróticas. O viril aparece no outro o que pode indicar que ainda está projetado e a nível inconsciente.

No sonho também estão presentes um casal e uma criança. Apesar de não haver nenhuma associação com estas figuras pode-se dizer que está constelada uma situação de infância. O que não fica claro, é se a infância está indicada de forma regressiva ou de forma prospectiva. A criança com os pais poderia estar representando uma situação infantil da qual não consegue sair ou num sentido prospectivo algo novo que se apresenta à consciência.

Ele está muito impressionado com o livro Puer Aeternus. Diz que se identificou muito com a última parte que fala da dificuldade de relacionamentos dos "puer". Ele acha que não pode se relacionar porque é "frio". Volta a falar de C. com um misto de culpa e auto-censura, pois não

consegue se lembrar de algumas coisas que ocorreram entre eles. Parece dar voltas no mesmo lugar, o que pode estar relacionado com a situação representada pelo sonho, onde lhe falta energia para transpor o oceano.

Ele está extremamente irritado, agrediu-me várias vezes durante a sessão.

Sonho 30:

"Sonhei que estava com o R. em Londres. Procurávamos um lugar para morar"

Este sonho parece ter relação com o sonho anterior pois a situação é muito parecida: ele está em Londres com um rapaz. Neste caso porém o rapaz não é um desconhecido, mas sim R. seu atual namorado e eles procuram um lugar para morar. Estas duas mudanças podem indicar uma certa diferenciação da situação anterior.

Durante a semana estive com R. em um apartamento da família. Passaram a noite juntos e ele teve fantasias a respeito de morarem juntos. Porém R. está ameaçando em voltar para a Europa em breve o que deixa I. muito inseguro.

Há uma relação da imagem do sonho com esta situação objetiva. Porém, é preciso considerar também a situação subjetiva. Nos sonhos anteriores R. parece representar um aspecto de seu mundo masculino mais aventureiro, descompromissado, criativo e pueril. Este continua do outro lado do mundo o que psicologicamente pode significar que permanece inconsciente.

No sonho anterior há uma tentativa de voltar para a terra natal e aqui o movimento é contrário, ele procura um lugar para se instalar e ficar no exterior. Está com R., o que talvez possa indicar um aspecto de sua personalidade que o mantém distante de si mesmo e inconsciente de sua identidade.

Sonho 31:

"Sonhei que estava brincando com um cachorro que me era amigável e ele se transformou num gato"

Não conseguiu fazer associações com este sonho a não ser dizer que gosta mais de gato do que de cachorro.

O sonho pode indicar que algum aspecto de sua vida instintiva está se transformando. Algo canino se transforma em algo felino o que sugere uma mudança de qualidade.

O tema da relação com os animais é de profunda significação psicológica e está presente em todo o folclore, lendas e contos de fadas. Nestes a atitude positiva do herói com relação aos animais possibilita que ele receba ajuda para atingir seus objetivos. Em outras palavras, a ajuda de ordem instintiva impulsiona o herói no sentido de seu desenvolvimento psíquico e de sua individuação.

Sonho 32:

"Sonhei que estava em um lugar onde tinham muitos cachorros e eu brincava com eles"

Este sonho é praticamente igual ao anterior o que pode ser considerado como amplificação do mesmo tema. I. não fez nenhum comentário sobre o mesmo.

O fato de estar brincando com animais pode indicar a emergência de uma nova atitude com relação a sua vida instintiva. Esta aparece na figura do gato e do cachorro, portanto, de forma mais domesticada e menos ameaçadora.

Sonho 33:

"Sonhei que transava com a Perla Menescau" (7-6-94)

Perla Menescau é um personagem de novela, que é uma atriz de filme pornográficos, extravagante e sedutora, que conquista os homens que podem lhe dar prestígio e ajudá-la em sua carreira. I. diz que ela é tudo "aquilo que todo mundo quer ser". no sentido de que ela "assume" tudo o que quer e o que é.

É a primeira vez que aparece nos sonhos uma figura feminina com a qual ele se relaciona de forma erótica. Ela está associada à espontaneidade, à vaidade e à sensualidade.

Esta figura pode ser entendida sob a perspectiva da alma. Neste sentido, pode estar indicando um aspecto positivo que leva a uma flexibilização da personalidade, a uma maior espontaneidade, ao prazer, a auto-estima e a um contato mais efetivo com a realidade. Como também pode indicar um aspecto negativo, no sentido da alma sedutora e criadora de ilusões, que aprisiona o homem em suas fantasias impedindo-o de se posicionar no mundo real.

Nesta sessão comunicou-me que não virá mais às sessões, pois acha que chegou o momento de agir. Disse que faz um ano que está em "terapia" e até agora não conseguiu "mudar sua vida". Apesar da sua decisão soar como uma sentença ou punição, esta pode ser vista como um posicionamento em relação ao que fora discutido ao longo deste período.

De fato, logo em seguida encontrou um emprego e durante um ano trabalhou muito para levar a mãe para a Inglaterra. Neste período não teve nenhuma ocorrência médica a não ser à véspera de sua viagem quando apresentou alguns distúrbios neurológicos. Levantou-se a hipótese de ser devido a ansiedade e excitação com relação a viagem ou ao efeito colateral da medicação.

Continua apaixonado por R. que encontra a cada seis meses entre uma viagem e outra. Parou de ir ao hospital e de viver em função do seu tratamento. Voltou a cantar em corais onde fez um pequeno círculo de amizades.

3.3) Amplificações Arquetípicas:

A série onírica apresentada por I. é caracterizada por dois movimentos predominantes que se contrapõem: um regressivo e outro reativo. O primeiro aparece representado por imagens como: voltar para casa da família (sonho 3), o chão que afunda (sonho 5), a casa de infância (sonho 7), a ilha das bruxas (sonho 8), o buraco do metrô que pode desabar (sonho 11), voltar a escola onde fez primário (sonho 14), enterrar alguém vivo (sonho 20), ficar no escuro (sonho 21), voltar com os pais para uma ilha (sonho 23), descer barranco enlameado, ficar na escuridão (sonho 28), a morte que vem buscá-lo (sonho 29); e em sintomas como depressão, passividade, auto-destrutividade, sono intenso e apatia.

O movimento reativo vem do mundo masculino. Por um lado, através de imagens masculinas primitivas viriis e agressivas (sonhos 1, 3, 7, 14, 20 e 28) e por outro na figura do médico/ amante (sonhos 2, 4, 11, 12, 13, 16, 22, 25, 26 e 29), como também, em sintomas como agressividade, cinismo, destrutividade e necessidade de exaustão física. Há uma diferenciação que é percebida ao longo da série pois, a figura primitiva e indiferenciada do primeiro sonho, humaniza-se e seu aspecto destrutivo vai assumindo um caráter criativo (falo).

Este movimento coincide também com uma diferenciação e humanização do feminino que no início da série aparecem ligados a natureza como, areia movediça (sonho 5), ilha das bruxas (sonho 8) e água do rio que draga as duas amigas; depois como figuras associadas à mãe, mulher que fala muito (sonho 10), enfermeira (sonho 13) e mais ambigualmente na figura da Madona (sonho 18); e finalmente como figuras de mulheres, mulher da janela (sonho 21), sobrinha de C. (sonho 27) e por último, Perla Menescau (sonho 33).

No final da série a dimensão instintiva aparece de modo menos ameaçador, na forma do gato e do cachorro com o

qual pode relacionar-se amigavelmente. Este fato pode ter alguma relação com a mudança na figura feminina que sai do pólo regressivo materno em direção ao pólo transformador da alma.

Para efeito das amplificações será considerado a constelação do arquétipo masculino, falo, que emerge da sombra invadindo a consciência através do medo, do descontrole, da agressividade e da doença. Este, parece tentar compensar a passividade e submissão de I. diante da sua situação de vida, assim como, flexibilizar uma estrutura de personalidade muito rígida. Este processo aparece nas imagens do sonho através da polaridade monstro/médico, o primeiro primitivo que humaniza-se e o segundo, o apolíneo, que se flexibiliza e por conseqüência, também humaniza-se.

O personagem do primeiro sonho sugere muitas amplificações. O "Hook" é um homem verde, primitivo e com uma força descomunal, que emerge quando a sensibilidade do médico, a personalidade principal, é atingida. Pode-se dizer que o ego é possuído pela dimensão sombria o que sugere uma falta de relação com esta esfera da psique.

A cor verde e a reação emocional que caracterizam o personagem indicam a existência de uma relação com o feminino. O verde é considerado uma cor mediadora e tranqüilizadora, que está entre o azul e o amarelo. Cor do reino vegetal, é o despertar das águas primordiais, o despertar da vida. É relacionado às divindades marítimas (Nereides e Netuno) e às Ninfas (Nymphi=Lympha=água). É portanto, a cor da água em oposição ao vermelho, a cor do fogo. Entre o vermelho e o verde têm-se a complementação dos sexos. O vermelho é masculino, fecundador, impulsivo, centrífugo e o verde é feminino, nutriente, reflexivo e centrípeto (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989).

Em "Símbolos da Transformação" (1986) ao discutir o símbolo da serpente verde, JUNG estabelece uma relação entre o verde e a alma/sombra/inconsciente: "Cavaleiro e cavalo formam uma unidade centáurea, como o homem e sua sombra, o homem superior e inferior ou a consciência do eu

e a sombra... Assim, do homem também faz parte o feminino, sua própria feminilidade inconsciente, que designei como anima. Nos pacientes ela freqüentemente aparece sob forma de serpente. O verde, como cor da vida, combina perfeitamente com ela. Verde também é a cor do Creator Spiritus. Eu defini anima simplesmente como arquétipo da vida. Se aqui, em aparente contradição, pelo símbolo da serpente me é atribuído também o atributo do 'espírito', isto acontece porque a anima personifica todo inconsciente, inicialmente enquanto sua imagem não puder ser diferenciada de outros arquétipos." (p.420, @678) Nesta passagem, Jung parece estabelecer uma relação entre o verde e um estágio pouco diferenciado da anima, onde ela ainda encontra-se submersa na sombra, no útero da Grande Mãe inconsciente.

O verde é considerado o refúgio materno, onde a mãe é um oásis, um porto de paz refrescante e revigorante. Na Idade Média estava associado a medicina e falava-se de uma "terapêutica verde" como um "regressus ad uterum". Era também a cor da toga dos médicos. Na medicina moderna "a expressão *ficar verde*, nascida da hipertensão provocada pela vida urbana, exprime a necessidade de uma volta periódica a um ambiente natural, o que faz o campo um substituto da mãe." (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p.939).

Em seu aspecto negativo o verde aparece associado à morte: o verde do mofo e da putrefação. Como todo símbolo, possui uma força maléfica, noturna e destrutiva. Usa-se dizer "ficar verde de medo", "verde de raiva", "verde de fome" ou "verde de frio", em todas estas expressões o sentido negativo do verde está presente: paralisia, possessão, carência e cristalização. Na Idade Média é associado à loucura e na atualidade a seres de outros planetas, que podem nos invadir de forma maléfica (marcianos verdes ou com sangue verde).

A relação do verde com a mãe está presente na tipologia masculina proposta por JACKSON. Esta baseia-se nos padrões de relacionamento entre homens, aos quais ele associa às cores verde e amarelo (homens naturais) e, vermelho e azul (homens culturais). Com relação aos homens

verdes ele diz: "O homem verde...é, com efeito, um filhinho da mamãe, pelo menos no sentido de que vive perto da mãe natureza, trabalha em nome dela e a homenageia, reconhecendo sua sacralidade. Ele é o filho por quem a psicologia analítica há muito tem chorado em Tamuz, que era, como M. Esther Harding nos faz lembrar, Urkittu ou o ser verde; ou nas suas contrapartidas, Osíris, Átis e Adônis- o filho sacrificado à luxúria de sua mãe, o típico filho herói que nunca enfrenta desafios apresentados pela consciência que o verdadeiro herói arrosta com grande sucesso." (JACKSON, 1994, p.24-25).

Na literatura islâmica são várias as referências ao verde, entre elas cabe destacar a figura de Khidr, Khisr ou Al Khadir, O Homem Verde. "Khidr é o patrono dos viajantes, encarna a providência divina. Segundo a tradição, ele construiu sua casa no ponto extremo do mundo, onde se tocam os dois oceanos, terrestre e celeste: representa, portanto, esta medida da ordem humana, eqüidistante do Alto e do Baixo...De acordo com algumas versões, seria o próprio filho de Adão, o primeiro dos profetas, e teria salvo o cadáver do pai do dilúvio. De acordo com outras, ele teria nascido numa grota - i.e., da vagina da própria terra- e teria sobrevivido e crescido graças ao leite de um animal, antes de alistar-se ao serviço de um Rei - que não pode ser outro senão Deus ou o Espírito. Às vezes é confundido com São Jorge e freqüentemente com Elias... Ele é (freqüentemente) associado ao oceano primordial; diz-se que mora numa ilha invisível, no meio do mar... Certos cronistas árabes dizem que ele se senta numa pele branca e que esta fica verde; essa pele, acrescenta um observador, é a terra. Os sufis dizem que Khisr também protege o homem do afogamento e do incêndio, dos Reis e dos Diabos, das serpentes e dos escorpiões. É, portanto, claramente o mediador, aquele que concilia os extremos, que resolve os antagonismos para assegurar o desenvolvimento do homem" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p.940).

No sonho o verde aparece na pele de Hook, o que pode indicar uma relação com a persona (vide ampliações

sujeito 2). A pele é a área de contato entre a intimidade e o social (roupa) o que lhe atribui uma função mediadora entre a persona e a sombra, entre o ser coletivo e o ser individual. Neste caso, a pele verde parece estar dando forma a uma grande dose de energia psíquica associada ao pólo masculino, diretivo e agressivo, servindo assim, como mediadora entre estes conteúdos que encontram-se inconscientes e a consciência.

O sonho faz outra referência à função mediadora quando o Hook quebra o vidro do carro. O vidro é uma zona de contato entre o interior e o exterior do carro, que ao mesmo tempo que isola, permite também que se veja através dele. Deste modo a transparência do vidro é um exemplo de união dos contrários, representando o plano intermediário entre o visível e invisível. Por outro lado, "ver através de vidros" pode indicar uma atitude estética que não permite um contato direto com a realidade. Assim, pode-se dizer que ao destruir o vidro o sonho propõe uma nova forma de relacionamento com a realidade. Esta, está relacionada com a perspectiva masculina que emerge ainda de forma muito primitiva.

A figura do Hook parece representar de forma muito evidente a agressividade sombria de I., que por não estar integrada à consciência, não pode ser usada como mediadora entre ele e o mundo ou entre ele e sua masculinidade. Como indicam as amplificações, o verde pode estar associado ao mundo materno e neste caso, poderia indicar que a sua agressividade está aprisionada pelo complexo materno.

Ao discutir esta questão CORNEAU diz: "Os filhos mal sucedidos, por falta de contato com sua força profunda, têm medo da intimidade. Essa força tem raízes na energia primitiva e na agressividade natural. A presença do pai tem, justamente, a função de permitir ao filho acesso a essa agressividade. Quando falta o pai, o filho não consegue o acesso à impulsividade própria de seu sexo. Ele sofrerá as interdições da mãe, que tolera mal as manifestações de selvageria instintiva... O amor materno muitas vezes leva a mãe a exigir de seu filho que seja

cortês e reservado, que não erga a voz e não bata a porta. É sua maneira de protegê-lo. Paradoxalmente, o animus da mãe empenha-se em quebrar a masculinidade do filho por meio de gestos e argumentos muitas vezes violentos." (CORNEAU, 1991, p.127).

O resultado desta constelação do complexo materno é a repressão da agressividade natural do filho. Neste caso, a agressividade recalçada pode procurar vasão através de diferentes situações:

1)A agressividade é devolvida para o interior e torna-se raiva de si mesmo. Toma a forma de sentimentos de culpa, pensamentos lúgubres, sarcasmo e comentários depreciativos que a pessoa dirige contra si, atos auto-destrutivos compulsivos (comer demais, roer unhas, machucar-se, arriscar-se demais) ou também na forma de uma depressão crônica.

2)A agressividade recalçada encontra um bode expiatório e cai em uma pessoa mais fraca ou em um grupo social que julga inferior.

3)A agressividade reprimida é transformada no culto ao opressor. O progenitor tirânico torna-se objeto de admiração e sua autoridade é considerada infalível. No plano coletivo torna-se a base para o facismo.

4)A agressividade é erotizada através de relações sadomasoquistas.

No caso de I., havia a predominância de uma atitude muito severa e descrente consigo mesmo. As idéias constantes de suicídio, a forma auto-punitiva como fazia exercícios físicos e impunha-se privações na sua dieta, a falta de prazer nas relações sexuais, etc, indicavam que sua agressividade estava direcionada de modo perigoso contra si mesmo.

A queixa inicial, o medo de perder o controle, pode ser um indicativo do quanto a agressividade reprimida estava pressionando a consciência em busca de integração. O medo inconsciente, revelava o perigo da erupção destes conteúdos de forma primitiva e destrutiva. Neste sentido, o fato dele ter tido a oportunidade de expressar a

agressividade dentro da relação terapêutica, parece ter sido importante para sua integração e redirecionamento.

A conscientização e a integração da agressividade reprimida é de extrema importância para a constituição da identidade masculina. "A repressão da energia ativa não é a solução. Quer queira, quer não, todo homem deve passar pela porta estreita da sombra que traz interiormente. Deve mergulhar em seu mundo arcaico. Deve liberar o João de Ferro. A tomada de consciência dessa sombra me parece a única solução possível para conduzir um homem ao controle dessa força potencial que é a agressividade. De fato, nós só podemos controlar aquilo que conhecemos intimamente, com nossas víceras, do mais profundo de nosso coração" (CORNEAU, 1991, p.139).

As figuras de sombra aparecem ao longo da série sob diversas formas e assumem um caráter mais humano e construtivo na figura fálica do sonho 28. No sonho 6 aparece como o boliviano que o segue, no 7 como o artista com o falo doente, no 14 como ladrões negros, no 19 como o tio depressivo, no 20 como o jogador agressivo e no 28 como o rapaz ruivo.

A projeção da sombra em estrangeiros ou em pessoas pertencentes a uma minoria é típico de uma consciência grupal, onde não consegue-se reconhecer o mal individual. "As minorias de todo povo, os estrangeiros, são os objetos dessa projeção; quando elas são de raça e nação diferentes, são especialmente adaptadas para esse efeito. Esse problema psicológico relativo às minorias tem suas variantes religiosas, nacionais, racistas e sociais, mas é sem exceção o sintoma de uma estrutura anímica coletiva dividida e cindida. Chineses, negros e judeus desempenham o mesmo papel de estranhos, assim como antes desempenhavam os prisioneiros de guerra e os náufragos." (NEUMANN, 1991, p.34).

No sonho 6 o contexto é grupal, ele está guiando um grupo de turistas que estão em uma espécie de museu. Outra vez aparece a imagem do vidro que coloca em evidência um traje pré-colombiano, uma roupa tribal que representa

valores coletivos. Trata-se portanto, de uma situação onde a persona está cristalizada (museu) e a figura de sombra aparece como contraponto, ameaçando o ego.

A mesma situação é repetida no sonho 14 onde está envergonhado por estar vestido, mas sem sapato. Aparecem os ladrões negros que pedem dinheiro e ele não quer dar. Em termos simbólicos o dinheiro pode ser interpretado como energia psíquica e neste contexto, o sonho pode estar indicando que para pisar no mundo com seus próprios valores é preciso dar mais energia para dimensão sombria.

No sonho 19 o aspecto sombrio aparece como o tio, apático e passivo que ressuscita. Este sonho é acompanhado por fantasias de suicídio e por um estado depressivo bastante acentuado. A ausência de aspectos agressivos na personalidade do tio pode indicar que a sua agressividade não está direcionada de forma criativa. O sonho seguinte (20) parece confirmar esta hipótese, pois o jogador agressivo é enterrado o que pode indicar que sua agressividade está sendo reprimida e mantida na sombra.

Já, no sonho 28, um dos últimos da série, a figura masculina esboça uma aproximação do ego e indica uma mudança de qualidade. O rapaz ruivo e com o pênis ereto traz a tona o símbolo do falo, que tinha aparecido anteriormente nos sonhos 3, 7 (de forma mutilada) e 26. Este parece indicar que a energia masculina está à disposição da consciência de forma criativa, pois ao contrário do homem primitivo do primeiro sonho, ela aparece aqui de forma direcionada.

Com relação ao simbolismo do falo MONICK diz: "Todo homem tem uma conexão pessoal com seu próprio órgão sexual, da qual raramente fala. Sua capacidade de transmitir a estrutura da vida a outra geração está intrinsecamente ligada à sexualidade. Seu falo expressa sua força criadora. É o meio de que ele dispõe para entrar no corpo, na realidade experimentada, de outrem. E é também um instrumento da sua paixão, aquele que proporciona o êxtase, e permite uma experiência, embora antecipada, de transcendência ontológica. Esses três elementos - criação,

junção com outrem e êxtase - são o terreno comum que aglutina os opostos - sensualidade e espiritualidade, fazendo do falo o símbolo unificador que é." (1993, p.19).

Como expressão do dinamismo masculino o falo aparece associado a várias divindades masculinas entre eles Apolo/Dioniso, Marte e Hermes/Mercúrio. Neumann faz uma distinção de valor entre o falo "superior", solar, representado por Apolo e o falo "inferior", ctônico, representado por Dioniso. Em oposição à ordem e à regularidade apolínea, Dioniso representa o êxtase, as emoções acima da razão e do pensamento. Neste sentido, está profundamente ligado ao feminino.

"Esquilo chamava Dioniso de 'o feminino'; Eurípedes, 'o estranho feminino'. As vezes ele é chamado de 'homem afeminado'. As seguidoras de dioniso o cercavam em sua vida erótica e em seu culto. Sua esposa (Ariadne), sua mãe (Sêmele), sua consorte (Afrodite) e suas sócias (ninfas e bacantes) constituíam seu ambiente. Seus adoradores eram mulheres de seus rituais e festas, que se expressavam em selvagem excitação em presença de representações itifálicas levadas em procissão... Os homens, em suas histórias eram sátiros, centauros, todos característicos de lascívia... Portanto, o masculino ctônico (falo) e o feminino ctônico (útero) estão juntos, expressando irracionalidade e orgia, unidos pela imagem de Dioniso." (MONICK, 1993b, p.111).

Como discutido anteriormente, Dioniso é também o deus desmembrado, o que foi cortado em pedaços e depois unificado. A imagem do falo desmembrado do sonho 7 parece ter alguma relação com a dimensão dionisiaca. No sonho ele masturba um rapaz em um banheiro amarelo, que é a cor de Apolo, e é neste contexto que ocorre o desmembramento. O dionisiaco parece contrapor-se a atitude apolínea, racionalista do consciente relativizando ou diminuindo o poder do falo "apolíneo".

Segundo MONICK, "remover, danificar ou ofender o falo é remover, danificar ou ofender no homem o senso mais profundo de si mesmo como pessoa do sexo masculino. Isso é castração, entendida psicologicamente... A castração como

metáfora refere-se ao medo mais profundo do homem de que sua masculinidade possa se perder ou ficar seriamente comprometida" (MONICK, 1993A, p.10-11).

O sonho 7 e suas associações levam a um momento de sua infância onde entrou em contato com o falo ctônico através do contato sexual prematuro. O efeito nefasto deste tipo de experiência para a criança tem sido discutido por vários autores. Como indica o sonho o dinamismo vital é atingido, adoece e é desconectado do corpo. Em termos psicológicos pode-se dizer que há uma cisão que precisa ser reintegrada.

A reação instintiva do homem diante do perigo da castração é a fúria. Esta indica que o homem está em contato pessoal e doloroso com um ferimento profundo e até mesmo com o perigo de "não-ser". O desmembramento, o ferimento e a fúria vingativa estão presentes no mito dionisiaco.

Dioniso como deus da natureza é também associado ao verde. Verde da vegetação e dos processos vegetativos. Neste sentido, a figura verde do sonho 1 pode ser vista como uma imagem do falo ctônico, ligado a força física e a agressividade.

O falo ctônico dionisiaco parece estar presente na imagem das garrafas verdes jogadas durante o carnaval do sonho 17. Estas expressam a ambigüidade de Dioniso, pois ao mesmo tempo que são femininas em seu aspecto continente, são também masculinas em seu aspecto fálico e penetrante. Já o carnaval, a festa da carne, está profundamente ligado aos rituais dionisiacos, onde através do êxtase orgiástico entrava-se em contato com o dinamismo da vida.

No esoterismo o sangue vital aparece contido em um recipiente verde. Para os alquimistas o ouro dos filósofos é o sangue do Leão Verde. Na lenda do Graal, este é representado como um vaso verde esmeralda. O feminino que contém o sangue vermelho do amor. A relação complementar entre verde e vermelho também pode ser percebida na série quando a figura verde do primeiro sonho é substituída pelo rapaz "vermelho" (ruivo) do sonho 28.

No conto "João de Ferro" de Grimms, João de Ferro é um ser primitivo e destrutivo que vive no fundo de um poço. Ele é resgatado pelo herói, o filho do rei, que passa a receber a sua ajuda para vencer as dificuldades da vida. João de Ferro tem os cabelos cor de ferrugem que "como os de Sansão, representam a força vital e instintiva, aquela que está em contato com a agressividade, o sexo e a energia bruta." (CORNEAU, 1991, p.127).

O vermelho é também associado a Marte, o deus grego da guerra: "Com sua luz avermelhada, ardente como uma chama, com o nome de **abrasado** que lhe foi dado em todas as línguas antigas, marte compõe o rosto da paixão e da violência, que a mitologia completa fazendo dele o deus da guerra...O indício particular da tendência associada ao astro é essa agressividade que irrompe no psiquismo raivoso da criança no momento da formação da sua dentição, dos primeiros exercícios da musculatura e da aprendizagem da coordenação motora. É a situação primeira do 'struggle for life' (luta pela vida), cheia de goelas, dentes e garras, em um mundo feito de riscos, quedas, ferimentos, cicatrizes, defesas, desafios e 'galos'. Ela se prolonga mais tarde através das competições, das rivalidades e das hostilidades, dentro das quais é preciso ganhar a vida, conquistar os lugares, defender os interesses, tratar de satisfazer os desejos e paixões, não sem se expor aos perigos." (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p.595).

Ao mesmo tempo que o rapaz ruivo do sonho 28 parece compensar uma certa passividade, ele indica também, que a energia masculina está mais próxima do ego ou, em outras palavras, que ela está a disposição da consciência. Este sonho, foi um dos últimos da série e do acompanhamento psicológico que logo em seguida foi interrompido, pois ele chegou a conclusão que era momento de agir, de ir a luta, procurar um emprego e viver sua vida. Foi o que de fato ocorreu.

Voltando ao símbolo do falo há ainda outro aspecto que precisa ser destacado, o de Hermes/Mercúrio. Em Hermes /Mercúrio o falo assume seu aspecto diretivo, fecundador e

criativo. Ele é o guia dos mortos no mundo subterrâneo, o que também lhe confere um caráter ctônico. Era cultuado como o deus da posse e deu origem às hermas, esculturas fálicas usadas para delimitar terrenos e indicar direções nas estradas. O sentido de posse é uma característica intrínseca dos padrões fálicos, que predispõe o homem a necessitar de seu lugar de entrada.

Ele é também o deus mensageiro, que faz a conexão entre o mundo divino e o humano. Ele fecunda os homens com as mensagens divinas e realimenta os deuses com as oferendas humanas. Este potencial para intermediar lhe dá o poder da cura, pois as doenças são tidas como consequência da desarmonia entre o homem e os deuses. O dom da cura está relacionado ao seu principal símbolo, o caduceu emblema universal da medicina. Este é um falo no qual se enrolam duas serpentes em sentido inverso indicando a união dos opostos.

Hermes é também o ladrão, o trapaceiro e o trickster. É aquele que através da sua sagacidade, engana e subverte a realidade. Ele é o grande brincalhão, o bobo da corte, aquele que faz rir. Ele irrompe como o Louco do Tarot possibilitando através do riso a integração de conteúdos inconscientes e a flexibilização do ego.

Os aspectos do falo ligados a Hermes parecem estar presente em alguns sonhos da série. No sonho 3 aparece como o embusteiro através da ereção pública e indesejada de I. Na adolescência a falta de controle sobre a ereção é experienciada como uma revelação. É um mistério do qual tem-se pouco conhecimento, que manifesta-se de forma inesperada causando medo, embaraço e evocando respeito. Esta é uma experiência típica de Hermes que surge do nada subvertendo a ordem, mas ao mesmo tempo trazendo uma mensagem divina; no caso, a essência masculina (Falo).

No sonho 11 aparece na atitude debochada do médico que faz piadas com os pacientes evocando riso e descontração. Transforma o ambiente rígido e frio do hospital propondo uma terapia através do riso. Ele faz com que eles (pacientes) brinquem de dar cambalhotas, o que é uma

possibilidade de virar o mundo de cabeça para baixo e subverter os valores de forma lúdica.

A figura de Hermes parece também estar presente na carta XII do Tarot de Marselha, o Enforcado. Ali, uma figura marota pendurada pelo pé esquerdo, de cabeça para baixo, parece rir do mundo. Segundo NICHOLS (1988), esta carta tem a função de lembrar o ego de que a fonte da vida psíquica está no inconsciente e de que de tempos em tempos, é preciso mergulhar fundo em suas águas para realimentar a consciência.

O brincar e o subverter a ordem são atributos tanto de Hermes quanto de Dioniso. "O deus brincalhão (tal como Hermes e Dioniso) é a fonte transpessoal de um estilo de vida especial e de um modo de sentir o mundo... Esse aspecto é sumamente real e permanece dentro do reino da experiência natural... Somente neste ponto cruzamos a fronteira de experiências baseadas nas impressões dos sentidos..." (KERÉNYI apud MONICK, 1993b, p.111). O brincar é um universo de experimentação que prepara o indivíduo para a vivência do novo, do criativo e do único em si mesmo.

"Em grupo ou sozinho, empurrar, derrubar, correr, saltar está na base de todos os jogos. Ou simplesmente girar e girar até ficar tonto e ver aquele estável mundo anterior dar voltas muito rápidas e incontroláveis, e aí rir de si mesmo ou dos outros que caíram. Balançar o corpo pendurando-se num galho de árvore, ficar de cabeça para baixo, invertendo o referencial das coisas, escorregar, atirar objetos o mais alto que se consiga para ver se chega ao fim do mundo - são movimentos que introduzem uma ordem nova, trazendo uma grande sensação de liberdade e competência humana, de domínio do corpo e do espírito sobre as interdições e o peso da matéria." (MARTINS, 1994, p.12).

O sonho 26 também apresenta uma situação lúdica: o médico brinca com um outro rapaz; empurram-se e enrolam-se pelo chão como dois garotos. Neste jogo aparece o falo, a excitação masculina, o prazer da luta e da exaustão física. É a virilidade que apresenta-se na figura do "médico que

brinca", o que pode indicar que através de uma inversão e flexibilização da sua ótica de vida, I. poderia ter acesso ao dinamismo masculino necessário a seu equilíbrio psicofísico.

A brincadeira leva ao riso e o riso a liberação do que estava reprimido. "A um dado momento uma outra coisa deverá irromper: aquela compreensão que ri do paradoxo de nossa própria loucura, que também é igual à de todos os homens. Aí, então, poderá surgir a compreensão de tudo aquilo que é rejeitado e inferior, um caminhar junto e mesmo uma vivência parcial desse mundo" (HILLMAN, 1984, p.80).

No sonho seguinte (27) uma menina convida I. a brincar. Ele está irritado e incomodado, pois não quer se entregar ao jogo. Aqui a figura feminina é uma criança, o que pode indicar um aspecto emergente da anima que origina-se no prazer do jogo e no riso. Porém, o sonho mostra que há ainda uma certa dificuldade em rir do mundo e de si mesmo.

Esta situação parece alterar-se nos últimos sonhos da série. No sonho 31 ele brinca com um gato que se transforma em um cachorro, no sonho seguinte brinca com o cachorro e no último sonho ele aparece transando com uma figura feminina bastante burlesca. Uma nova atitude emerge possibilitando um contato mais próximo com sua vida instintiva e com sua anima.

Como já foi dito, as transformações das figuras, tanto masculinas como femininas, foram acompanhadas por uma mudança significativa no seu modo de vida. O medo de perder o controle e a agressividade latente revelaram-se em potencial de realização e auto-afirmação.

Esta mudança parece ter sido possível graças ao potencial de I. para transpor dificuldades. Este potencial está representado em alguns sonhos que trazem uma situação de transposição de barreiras: o muro da escola que ele pula (sonho 9), sentar em cima da mesa do médico (sonho 16) e atravessar a ponte (sonho 25).

O movimento de I. foi inverso ao dos outros dois sujeitos. Ele começou o acompanhamento em uma fase de

tratamento, teve um episódio clínico (início de tuberculose) e depois entrou em um longo período de ausência de sintomas, que estendeu-se durante os 18 meses que seguiram o término do acompanhamento psicoterápico.

O início da tuberculose coincidiu com o final do tratamento contra meningite o que implicava na necessidade de retomar uma vida normal de trabalho, lazer, etc. Neste período ocorre o sonho 17, que traz a situação do carnaval onde é atacado por garrafas verdes, seguida por uma situação de guerra e um corpo carbonizado. Ele defende-se com um travesseiro o que pode significar uma tendência a permanecer inconsciente.

A relação deste sonho com o mito dionisiaco (discutida anteriormente) pode fornecer uma pista para o significado do corpo carbonizado. No mito, Dioniso é despedaçado pelos Titãs restando-lhe somente o coração que é salvo por Zeus. Este em sua fúria, fulmina os Titãs através de seu raio. Das cinzas que restam, Zeus cria o homem, e aquilo que era primitivo e destrutivo (Titãs) é humanizado e integrado.

O corpo carbonizado também pode ser associado ao nascimento de Asclépio, o deus da cura, que foi salvo do útero de sua mãe Corônis, quando esta se encontrava na pira funerária. Do corpo incinerado nasce o poder de cura, o que em termos psicológicos significa o dom de curar que tem aqueles que foram consumidos pelo fogo do sofrimento e conseguiram encontrar a luz na escuridão. Neste sentido, o sonho pode estar indicando uma perspectiva de cura.

É interessante fazer uma relação com o sonho nº13 de C.H. (sujeito-1) onde ele está em uma festa do vinho. Este sonho também foi acompanhado pelo aparecimento da tuberculose e, conforme a análise do mesmo, parece indicar uma nova espiritualidade, baseada em uma nova consciência que engloba o sombrio e o feminino. Os efeitos maléficos da sombra, que podem estar associados ao sintoma físico, tornam-se curativos ao serem considerados pela consciência.

A grande frequência de sonhos com situações de luta, conflitos e guerras antes de episódios sintomáticos, registrados também por outros sujeitos, pode levar a uma

interpretação da guerra como uma metáfora, bastante direta, do sistema imunológico. Porém, para uma análise psicológica, parece mais significativo o fato destes episódios estarem associados à emergência de conteúdos sombrios na consciência.

Em uma guerra há sempre o confronto de forças sombrias. O homem vê-se à frente com seu poder destruidor e, através do inimigo, com valores que não foram considerados pela consciência coletiva de seu povo. No sonho a guerra aparece primeiro em Recife (guerra de garrafas) e depois é deslocada para Beirute onde há uma guerra santa. Esta imagem pode indicar um conflito resultante da emergência da espiritualidade representada por Dioniso.

O comprometimento de I. com o processo terapêutico e com as imagens de seus sonhos parece ter contribuído de forma significativa para a seu restabelecimento psicofísico durante o período do acompanhamento psicológico. Porém, o padrão da manifestação dos sintomas manteve-se mesmo, ou seja, a doença tem atingido a cabeça e o sistema nervoso central. A perda de controle muscular tem sido crescente evocando de forma concreta a perda de controle sobre si mesmo²⁰. Este fato pode estar indicando que o conflito inicial continua a fazer pressão sobre a consciência.

²⁰ Estou fazendo referência a sua situação atual. (Fevereiro de 1996)

VII) Relação entre as séries e Conclusão:

Com base na análise realizada e levando em conta os cortes temáticos, é possível dizer que as três séries foram marcadas por constelações arquetípicas bem definidas. A série do sujeito um, pelo arquétipo da mãe em seu aspecto negativo, evoluindo para a constelação da anima e a integração do mundo masculino; a série do sujeito dois, pelo arquétipo da anima, em um movimento de diferenciação da sombra em conflito com a persona; e por último, a série do sujeito três, que retrata a constelação da sombra e um processo de diferenciação e integração dos aspectos masculinos e femininos da personalidade.

É importante enfatizar que a delimitação do grupo estudado, homens de orientação homossexual, surgiu aleatoriamente, ou seja, a partir do material disponível após o período de coleta de dados. Uma discussão aprofundada sobre a homossexualidade fugiria ao objetivo deste estudo, porém o material pode sugerir relações entre o complexo materno negativo, a homossexualidade e a AIDS..

Grande parte da literatura junguiana associa a homossexualidade masculina com uma constelação negativa do complexo materno. Este fato pode ser observado nas três séries analisadas, porém tanto para o sujeito 2 como para o sujeito 3 ele aparece como pano de fundo da situação psíquica geral e não como o arquétipo constelado no momento. Como o objetivo da análise era averiguar as constelações arquetípicas presentes em um momento de vida específico (infecção pelo HIV), foram consideradas as constelações referentes a esse momento. Desta forma procurou-se garantir que o eixo da análise permanecesse sobre a questão da AIDS.

Pode-se ainda questionar se a constelação do arquétipo materno negativo está relacionada a homossexualidade ou ao padrão simbólico da AIDS, como foi sugerido no capítulo III. O material coletado de sujeitos heterossexuais indica que esta constelação não é específica de homossexuais.

Neste sentido, qualquer tentativa de associar a AIDS com a homossexualidade devido a sua relação com o arquétipo materno negativo, pode ser uma generalização que exigiria uma fundamentação mais rigorosa. Já as relações com o padrão simbólico da doença parecem ser significativas e válidas conforme sugere a análise realizada.

Nos três casos está presente uma forte pressão do inconsciente no sentido da integração de conteúdos da sombra e da reestruturação da personalidade. Este fato parece corroborar a afirmação de PAIVA (1992) de que a AIDS, enquanto doença estigmatizante, pode estar relacionada com a constelação da sombra, com a emersão do "outro" como uma dimensão significativa para o indivíduo. Como indica a análise das séries, esta reestruturação parece ser vital para a saúde psicofísica dos sujeitos.

Uma das hipóteses iniciais é que haveria nos sonhos um movimento compensatório do inconsciente no sentido de uma adaptação à situação de vida marcada pela AIDS. Porém, os dados parecem indicar que o movimento compensatório não está relacionado à AIDS e sim a AIDS é que faz parte deste movimento. Ou seja, o que está sendo reestruturado é uma situação psicológica que é anterior a AIDS e para a qual a AIDS pode assumir um papel catalisador, enquanto símbolo de um processo emergente.

Fora a indicação, no sonho 14 de C., de uma dimensão espiritual que pode estar associado a uma tentativa de adaptação ao fim da vida, as outras constelações referem-se a estrutura geral da personalidade. O aprisionamento no mundo materno e a imaturidade psíquica de C.H., a identificação com a persona perfeita e a incapacidade de relacionamento de C, a rigidez de ego e a passividade de I. eram situações psicológicas anteriores a infecção pelo HIV. Todas estas situações representam uma cristalização do ego, que é o que parece estar sendo compensada nas constelações arquetípicas.

Neste contexto, a AIDS assume significações muito distintas para cada sujeito, pois funciona como um símbolo que dentro das diversas constelações arquetípicas revela

aspectos individuais. No caso de CH a sua "imunodeficiência psicológica" está relacionada a sua identificação com o complexo materno negativo, que o impedia de viver adequadamente como adulto e como homem. Para C. a sua imunodeficiência está relacionada a sua incapacidade de relacionar-se com o outro e de integrar conteúdos vitais para a personalidade. E para I. está relacionada ao dinamismo masculino reprimido e inconsciente que o impedia de integrar a vitalidade necessária à sua auto-afirmação. Os três eram imunodeficientes no sentido psicológico, pois a estrutura de personalidade cristalizada não oferecia mais resistência aos conteúdos da sombra que emergiam de forma destrutiva.

Outra hipótese levantada inicialmente é de que os sonhos pudessem representar simbolicamente os conflitos relativos à experiência de vida marcada pelo HIV/AIDS, entre eles, rejeição, medo da morte, exclusão social, adoecimento, etc. Mais uma vez a AIDS se insere em um contexto maior. Foram muito poucos sonhos que fizeram referências à AIDS ou aos conflitos associados à ela. Quando o fizeram, relacionavam-se às questões gerais que estavam sendo comentadas pelos sonhos e não a um conflito específico da vivência da AIDS. Por exemplo, no sonho 9 de C.H, a situação de doença e de morte não está relacionada a uma manifestação concreta da doença e nem a uma dificuldade consciente de aceitar a doença ou uma preocupação com a morte, mas sim, à constelação negativa do arquétipo materno. No sonho 15 de C., o único da série em que a AIDS é mencionada diretamente, ela aparece como símbolo de sua dificuldade de relacionamento e não como expressão de um conflito relativo à experiência da AIDS. Nos sonhos de I., a grande quantidade de imagens relacionadas ao médico e a situação de tratamento, pode ser uma referência e até uma compensação à sua atitude obstinada com relação ao tratamento. Porém, como indicou a análise da série de I., o contexto da cura tem um significado mais amplo do que o do tratamento contra AIDS.

As referências diretas à AIDS também foram muito escassas, o que parece estar relacionado a outro fato constatado por mim e por colegas que atendem pessoas infectadas pelo HIV. Há uma tendência da pessoa soropositiva de colocar a AIDS como centro de sua vida, o que passa a ser uma obsessão do Ego. A pessoa só fala de AIDS, só pensa em AIDS, só convive com pessoas com AIDS, só lê coisas sobre AIDS, etc. Toda energia psíquica é drenada pela imagem da AIDS e as outras questões da vida são colocadas de lado. Neste sentido, o inconsciente parece compensar a atitude consciente, desviando a atenção para as outras dimensões da experiência humana e diluindo a vivência da AIDS em um contexto de vida mais amplo.

Em seu estudo sobre sonhos de pessoas próximas da morte, FRANZ (1986) conclui que há uma tentativa do inconsciente de desviar a atenção da consciência no sentido da vida. Esta constatação parece ser válida também para as pessoas que estão infectadas pelo HIV, mesmo que não estejam próximas da morte. Este fato pode sugerir que técnicas terapêuticas que considerem os conteúdos do inconsciente, podem ser importante para o redimensionamento da AIDS na vida da pessoa e para o restabelecimento de seu equilíbrio psíquico. No caso específico do trabalho com os sonhos, foi possível observar o quanto as imagens oníricas puderam ampliar a visão do Ego e redirecioná-la no sentido de outras questões como: relacionamento, trabalho, espiritualidade, auto-realização, auto-afirmação e não só da doença.

Outra hipótese que este trabalho propõe-se averiguar, é a relação entre as imagens oníricas e seus significados, com os eventos somáticos da infecção pelo HIV. Nas séries oníricas estudadas, observou-se em momentos onde ocorreram sintomas físicos a constelação do Self e da sombra. Neste caso, a natureza do arquétipo constelado parece ser proporcional à gravidade do sintoma. A constelação do Self pode ser observada nos episódios de maior gravidade, tanto nos sujeitos estudados como nos que participaram da coleta de dados. A função agregadora e estruturante deste

arquétipo pode indicar um intenso movimento compensatório desencadeado por uma grande ameaça à vida. (FRANZ, 1992)

Já, a constelação da sombra parece estar diretamente relacionada a um sintoma. Ela pode ser observada durante o início de tuberculose de C.H. e I. e durante o desenvolvimento do sarcoma de C. Pode-se dizer que o próprio sintoma faz parte da manifestação destrutiva da sombra a nível somático. Contribui para esta hipótese a afirmação de VASCONCELOS (1991), de que forças destrutivas internas são liberadas no momento da infecção desencadeando o processo de morte. Neste caso, porém, as forças destrutivas da sombra estão relacionadas à sintomas isolados e não à morte.

A partir da análise dos dados constata-se também, que os sintomas podem ser relacionados com a situação psicológica predominante em cada sujeito. No caso de C.H., as doenças pulmonares podem ser uma expressão simbólica da asfixia provocada pelo complexo materno negativo. Para C. a doença na pele pode ser expressão do conflito entre a sombra e a persona. E para I., a perda de controle físico, a expressão da pressão dos conteúdos sombrios sobre a consciência.

A constatação de que eventos somáticos podem ser significativos para o processo de desenvolvimento psíquico, deu origem à medicina somática ou à psicossomática e tem sido seu objeto de estudo há muito tempo. Portanto, esta relação pode estar presente em qualquer doença física, não constituindo uma peculiaridade da AIDS.

A capacidade do indivíduo de integrar os conteúdos apresentados pelos temas oníricos, parece exercer certa influência sobre o aparecimento ou a remissão de sintomas. Nos casos estudados, percebe-se que os diferentes níveis de interação com as imagens dos sonhos, propiciaram resultados diversos. Tanto C.H quanto I., reagiram de forma positiva às propostas do inconsciente e conseguiram transformar a situação psicológica inicial. Esta transformação é perceptível na evolução das imagens oníricas e foi acompanhada por uma sensível melhora do estado de saúde,

assim como, por mudanças de atitude. Já no caso de C., a sua dificuldade de interação fez com que ele permanecesse impermeável aos conteúdos que emergiram do inconsciente, o que talvez tenha contribuído para o agravamento dos sintomas. O símbolo parece impor-se na esfera somática de forma dramática, o que corrobora com a hipótese de SIMONTON, de que o sintoma persiste enquanto o conflito subjacente a ele não for conscientizado. (apud CAPRA, 1988)

Dos três sujeitos, C. foi o que teve uma evolução mais rápida e definitiva da doença. Talvez, porque estivesse infectado há mais tempo que os outros e seu organismo já não respondesse com tanta eficiência à medicação. Porém, o que importa para uma análise psicológica, não é saber qual dos três viveu mais, mas sim como viveu.

Também sob este prisma, pode-se dizer que foi C. o que teve menos sucesso. Os últimos meses de sua vida foram de reclusão, solidão e vergonha. Se do ponto de vista físico a sua situação era irreversível, restava-lhe ainda a possibilidade de transformar sua situação psicológica, o que talvez resultasse em um final com menos sofrimento.

Já C.H., apesar das várias complicações clínicas e internações sucessivas, passou o último ano de sua vida de forma muito criativa. Ele comprou um apartamento e foi morar com um companheiro, desligou-se um pouco do mundo familiar, viajou várias vezes, conseguiu posicionar-se melhor perante a sua religiosidade e sua sexualidade, engajou-se em várias atividades de apoio a soropositivos e passou a dar palestras sobre a sua condição, em fim, manteve-se vivo e estimulado até a sua morte.

E por último, I. teve uma melhora significativa tanto do ponto de vista físico quanto psíquico. Apesar de permanecer aprisionado em uma situação psicológica regressiva e auto-destrutiva ao longo do acompanhamento psicológico conseguiu, reverter esta situação retomando seu trabalho e seus projetos de vida com muita energia. Durante dezoito meses não apresentou nenhum sintoma e conseguiu realizar um grande sonho, que era levar a mãe para conhecer a Inglaterra. Viveu este período com grande vitalidade e

otimismo. Atualmente está em tratamento, pois apresentou uma reação negativa a um medicamento, o que desencadeou uma série de distúrbios neurológicos.

Ao longo da análise das três séries fica claro o contorno específico que a AIDS vai assumindo em cada caso. Porém, o que há em comum para todos os sujeitos é que a infecção pelo HIV, parece ser um evento desencadeante de um amplo processo de transformação da personalidade. Esta constatação vai de encontro com a afirmação de FRANZ (1992) de que momentos de grandes transformações psíquicas podem ser acompanhados por eventos dramáticos, como acidentes, morte de um ente querido, doença, perda de emprego, etc, que intensificam o sofrimento. Neste sentido, pode-se dizer que a AIDS enquanto um símbolo, traz em si um poder transformador e criativo.

Também a nível coletivo a AIDS parece trazer uma possibilidade de renovação e de reestruturação da consciência coletiva. Nos quatorze anos de epidemia, a AIDS foi capaz de evocar questões que vão da sexualidade à religiosidade, de comportamentos marginais à política de saúde pública, da medicina ao esoterismo e assim por diante. Nos inúmeros congressos e encontros promovidos para discutir o assunto, vê-se médicos e cientistas sentarem-se lado a lado com prostitutas, homossexuais, usuários de drogas e outros grupos atingidos pela epidemia, procurando juntos uma solução para esta questão.

Nunca uma doença foi capaz de mobilizar tantos grupos sociais que puderam reagir de forma veemente contra o preconceito e a discriminação que a cercam. Este poder que a AIDS tem de agregar as mais diversas causas, dos mais diversos grupos em uma luta só, parece indicar um movimento de integração de valores antes desconsiderados pela consciência coletiva. Uma nova consciência parece poder emergir onde os opostos são vistos como parte de uma mesma unidade, onde a pluralidade e a ambigüidade do indivíduo é respeitada e cultuada.

É claro que o fenômeno da AIDS está inserido em um momento histórico onde vários fatos indicam o surgimento,

ou melhor, a necessidade de uma nova consciência. NEUMANN (1991) fala da "Nova Ética" resultante da emergência de uma atitude consciente diferenciada. Para ele o grande desafio do homem moderno é transcender a cisão da cultura judaico-cristã. A cisão entre Bem e Mal, entre claro e escuro, entre masculino e feminino, etc. Esta, só pode ser superada através do reconhecimento do "outro" em si, ou seja, da integração da sombra.

A não integração dos valores que foram banidos da consciência pela cultura moderna, pode ser desastrosa para a humanidade. As duas grandes guerras são exemplos do poder destrutivo, que uma civilização identificada com o Bem e o progresso guarda dentro de si.

A cultura ocidental encontra-se extremamente polarizada no pensamento positivista. A visão de mundo resultante desta polarização é catastrófica, pois reprime através da racionalização e da lógica causal, todos os fenômenos que não podem ser entendidos por esta ótica.

Desta forma, o homem moderno perdeu o contato com sua vida instintiva, com seus impulsos irracionais e com os seus sentimentos. O feminino está ausente, ou melhor reprimido. Em seu lugar surgem as teorias que "explicam" a vida de forma muito sintética e mecânica.

Segundo NEUMANN (1991) o perigo desta visão de mundo é uma identificação com o suprapessoal na figura dos valores coletivos. O estado de inflação resultante desta identificação, pode levar o homem a agir inconscientemente sem nenhum discernimento ético. A falta de contato com a dimensão instintiva e emocional conduzem a atos desumanos e destrutivos.

É neste contexto que surge a AIDS e com ela velhos valores morais são ressuscitados como forma de salvação. A metáfora da peste é evocada (SONTAG, 1989), fala-se de castigo de Deus, de castidade e fidelidade. O medo de Deus renasce e a queda do "super-homem" é eminente. A maior epidemia do século parece colocar em evidência as limitações e imperfeições da humanidade.

De repente, a AIDS parece mostrar para o arrogante mundo moderno que ainda há uma dimensão no homem, irracional, primitiva, sobre a qual pouco conhece e sobre a qual exerce muito pouco controle. A sexualidade e os comportamentos ligados a ela e ao uso de drogas, saem da clandestinidade e passam a ser discutidos pela ciência, que muitas vezes acaba reeditando a ótica da moral judaico-cristã.

O renascimento de uma atitude moral, mesmo que conservadora, pode indicar a necessidade do espírito coletivo de padrões que regulem seus comportamentos instintivos. Por outro lado, uma moral dogmática e repressora não irá contribuir para o desenvolvimento da consciência coletiva, pois tende a torná-la unilateralizada e perigosa. Assim, dentro de uma perspectiva de ampliação da consciência, ao evocar o questionamento moral, a AIDS pode ser vista como uma oportunidade para o homem moderno de posicionar-se conscientemente diante da sua vida instintiva.

Neste sentido, o mito de Dioniso tem muito a dizer a uma civilização apolínea. Os sátiros de sua corte, exibem sua natureza animal do ventre para baixo, relembrando ao homem a sua dimensão instintiva. O seu culto é conduzido pelas bacantes, mulheres ensandecidas que evocam a loucura e o êxtase que nasce da carne e da embriagues dos sentidos. E sua advertência é clara: quem não o cultua pode ser despedaçado.

As relações da AIDS com este mito são muitas. A sexualidade, o êxtase e a embriaguês das drogas, foram o berço onde nasceu esta epidemia. O deus desconsiderado parece revelar-se em seu aspecto destrutivo através da doença e da morte. O homem moderno e sobretudo a medicina apolínea é obrigada a amargar sucessivas derrotas de um vírus irracional e mutante; tendo que assistir estarrecida, a morte de milhares de jovens que são ceifados da vida de forma dramática.

O dionisiaco no homem parece exigir o seu quinhão e a AIDS parece colocar esta questão de forma contundente. Nos

sonhos das séries analisadas, como também daquelas que não foram analisadas, as referências a Dioniso são muitas. Elas aparecem como forma de compensação a uma atitude consciente extremamente apolínea, trazendo à luz uma nova possibilidade de relação com o mundo e consigo mesmo.

Dioniso o deus feminino, parece contribuir com a hipótese de que a AIDS é um fenômeno relacionado a emergência do feminino. A dimensão instintiva e irracional do homem precisa ser reintegrada e considerada pela consciência coletiva.

O impacto que a AIDS causou na humanidade ainda está longe de ser absorvido e entendido. Após anos de epidemia, o medo, a desinformação, a morte, o preconceito e a discriminação continuam impregnados nas representações desta doença. A medicina esforça-se para alcançar a cura e tem avançado muito neste sentido. Cabe então à psicologia, procurar desvendar os significados da AIDS para a consciência de nossa época.

Dentro dos limites deste trabalho, espero ter contribuído para a ampliação da discussão deste fenômeno. Que a reflexão, a partir das imagens oníricas de C.H., C. e I., possa acrescentar à compreensão da AIDS a visão do inconsciente e dar um passo a mais no sentido de seu significado.

"Portanto, como é a teoria que dá o valor e o significado que os fatos têm, ela freqüentemente é muito útil, ainda que parcialmente falsa; pois ela projeta luz sobre fenômenos a que ninguém dava atenção, obriga a examinar sob vários aspectos fatos que ninguém estudara antes, e estimula pesquisas mais extensas e bem sucedidas...é portanto dever moral do homem de ciência arriscar-se a cometer

erros e a sofrer críticas, para que a ciência avance sempre...Um escritor...atacou intensamente o autor, dizendo que este era um ideal científico bastante restrito e bastante mesquinho...Mas aqueles que possuem um espírito suficientemente sério e frio para não acreditarem que tudo o que escrevem é a expressão da verdade absoluta e eterna, aprovarão esta teoria, que coloca as razões da ciência bem acima da miserável vaidade e do mesquinho amor-próprio do sábio."

GUILLAUME FERRERO²¹

VIII - Referências Bibliograficas:

²¹ Extraído do livro Símbolos da Transformação, Jung, 1986.

ADLER, G. The Living Symbol. New York, Pantheon, 1961.

AMATUZZI, Mauro M. O Significado da Psicologia Humanista, Posicionamentos Filosóficos Implícitos. Arquivo Brasileiro de Psicologia, Rio de Janeiro, v.41, n.4, p.88-95 ,set/nov, 1989.

BAUER, J - Alcoholism and Women: The Background and the Psychology. Toronto, Inner City Books, 1982.

BLY, R. - João de Ferro, um Livro sobre Homens. Rio de Janeiro, Campus, 1991.

BOND, T. HIV Counselling. Cambridge, British Association for Counselling, 1992.

BOSNAK, R. -Sonhos de um paciente com AIDS. São Paulo, Paulinas, 1993.

CADERNOS PELA VIDDA. São Paulo, Grupo Pela VIDDA-SP, n.0, set.1990.

CADERNOS PELA VIDDA. São Paulo, Grupo Pela VIDDA-SP, n.2, ago.1991.

CADERNOS PELA VIDDA. São Paulo, Grupo Pela VIDDA-SP, n.3, dez.1991

CADERNOS PELA VIDDA. São Paulo, Grupo Pela VIDDA-SP, n.4, 1992.

CADERNOS PELA VIDDA. São Paulo, Grupo Pela VIDDA-SP, n.5, 1992.

CADERNOS PELA VIDDA. São Paulo, Grupo Pela VIDDA-SP, n.6, 1996.

CADERNOS PELA VIDDA. São Paulo, Grupo Pela VIDDA-SP, n.8,

jun. 1993.

CADERNOS PELA VIDDA. São Paulo, Grupo Pela VIDDA-SP, n.10,
dez.1993.

CADERNOS PELA VIDDA. São Paulo, Grupo Pela VIDDA-SP, n.13,
out. 1994.

CADERNOS PELA VIDDA. São Paulo, Grupo Pela VIDDA-SP, n.15,
mai. 1995.

CADERNOS PELA VIDDA. São Paulo, Grupo Pela VIDDA-SP, n.16,
set. 1995.

CAPRA, F. (1988) Sabedoria Incomum. 2.ed. São Paulo,
Cultrix, 1991.

CHEVALIER, J. ; GHEERBRANT, A. (1982) Dicionário de
Símbolos. 2.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1989.

CORNEAU, G. - Pai Ausente Filho Carente: O que aconteceu
com os homens?. São Paulo, Brasiliense, 1991.

EDINGER, E. F. - Bíblia e Psique, Simbolismo da
Individuação no Antigo Testamento. São Paulo, Paulinas,
1990.

ESPANHA. Generalitat de Catalunya. Departament de Sanitat i
Seguretat Social. Por un Futuro sin SIDA. No te
desintieras. 6.ed. Barcelona, 1994.

FALCONE, E. Apostila de Treinamento em DST/AIDS. São Paulo,
1985. 30p. Grupo Pela VIDDA-SP. /Datilografado/

FOULKES, D. A Psicologia do Sono. São Paulo, Cultrix, 1970.

FRANZ, M. L. V. - A Individuação nos Contos de Fadas. São

- Paulo, Paulinas, 1984.
- FRANZ, M. L. V. - A Interpretação dos Contos de Fadas. São Paulo, Paulinas, 1990.
- FRANZ, M. L. V. - A Sombra e o Mal nos Contos de Fada. São Paulo, Paulinas, 1985.
- FRANZ, M. L. V. - Puer Aeternus. A Luta do Adulto Contra o Paraíso da Infância. São Paulo, Paulinas, 1992.
- FRANZ, M. L. V. - On Dreams and Death: A Junguian Interpretation. Boston & London, Shambhala, 1986.
- FRANZ, M. L. V. - O Caminho dos Sonhos. São Paulo, Cultrix, 1992.
- FREUD, S. (1906-1908) .Gradiva de Jehsen e Outros Trabalhos. Rio de Janeiro, Ímago, 1976.
- FREUD, S. (1900) - A Interpretação dos Sonhos. 2.ed. Rio de Janeiro, Ímago, 1987.
- GALLBACH, M. R. - O arquétipo Materno na Gravidez , Um Estudo de Temas Oníricos na Abordagem Junguiana. Dissertação de Mestrado, IPUSP, 1990.
- GOLDBERG, C. D. ; FRANKHAM, D. C. - AIDS and the end of a group. Group Analysis, vol 23, n.1, p.45-53, 1990 (mar)
- GROESBECK, C. J. A Imagem Arquetípica do Médico Ferido. Junguiana Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, v.1, p.72-96, 1983.
- HALL, C. S. ; LINDZEY, G. Teorias de Personalidade. São Paulo, EPU, 1984.

- HALL, J. A. - Clinical uses of Dreams: Junguian Interpretation and Enactments. New York, Grune & Stratton, 1977.
- HARDING, M.E. - The Parental Image: Its Injury and Reconstruction. Londres, Longmans, 1965.
- HILLMAN, J. Estudos de Psicologia Arquetípica. Rio de Janeiro, Achiamé, 1981.
- HILLMAN, J. Re-visioning Psychology. New York, Harper, 1975.
- HILLMAN, J. Uma Busca Interior em Psicologia e Religião. São Paulo, Paulinas, 1984.
- JACKSON, G. A Tradição Secreta da Jardinagem, Padrões de Relacionamentos Masculinos. São Paulo, Paulus, 1994.
- JORNAL BRASILEIRO DE MEDICINA. Infecção pelo HIV. São Paulo, vol.66, n.3, mar. 1994.
- JUNG, C. G. (1960) A Natureza da Psique. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1986a.
- JUNG, C. G. (1954) Ab-reação, Análise dos Sonhos, Transferência. Petrópolis, Vozes, 1987.
- JUNG, C. G. (1964) Civilização em Transição. Petrópolis, Vozes, 1993.
- JUNG, C.G. (1951) AION, Estudos Sobre o Simbolismo do Si-Mesmo. Petrópolis, Vozes, 1990.
- JUNG, C. G. Dreams. Princeton, Princeton University Press, 1974.

- JUNG, C. G. - Fundamentos de Psicologia Analítica: As Conferências de Tavistock. Petrópolis, Vozes, 1972.
- JUNG, C. G. (1955-56) - Mysterium Coniunctionis. Petrópolis, Vozes, 1985.
- JUNG, C. G. (1954) - O Desenvolvimento da Personalidade. 4.ed. Petrópolis, Vozes, 1988.
- JUNG, C. G. (1944) - Psychology and Alchemy. 2.ed. London, Routledge & Kegan Paul, 1980.
- JUNG, C. G. (1958) - Psicologia da Religião Ocidental e Oriental. Petrópolis, Vozes, 1980.
- JUNG, C. G. (1911-12) - Símbolos da Transformação. Petrópolis, Vozes, 1986b.
- JUNG, C. G. (1959) - The Archetypes and the Collective Unconscious. 2.ed. Princeton, Princeton University Press, 1968
- JUNG, C. G. (1921) - Tipos Psicológicos. Petrópolis, Vozes, 1991.
- KÜBLER-ROSS, E. (1969) - Sobre a Morte e o Morrer. 3.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1987.
- KLUGER, H. Y. Arquetipal dreams and every day dreams: A statistical investigation into Jung's theory of the collective unconscious". IN: THE ISRAEL ANNALS OF PSYCHIATRY AND RELATED DISCIPLINES, Telaviv, 1975, v.13, n.1, 6-47.
- LEPARGNEUR, H. - O Doente, a doença e a morte ,

- implicações sócio culturais da enfermidade**. Campinas, Papyrus, 1987.
- LOCKHART, R. **Words as Eggs: Psyche in Language and Clinic**, 1989.
- MANKOWITZ, A. **Menopausa Tempo de Renascimento**. São Paulo, Paulinas, 1986.
- MARTINS, A. **O Humor**. São Paulo, Paulus, 1994.
- MATTOON, M.A. **El Analisis Junguiano de los Sueños**. Buenos Aires, Paidós, 1980.
- MEIER, C. A. - **Soul and Body**. San Francisco, The Lapis Press, 1986.
- MINDELL, A. - **O Corpo Onírico: O Papel do Corpo no Revelar de Si-mesmo**. São Paulo, Summus, 1989.
- MINDELL, A. - **Trabalhando com o Corpo Onírico**. São Paulo, Summus, 1990.
- MONICK, E. - **Castração e Fúria Masculina**. São Paulo, Paulinas, 1993a.
- MONICK, E. - **Falo a Sagrada Imagem do Masculino**. São Paulo, Paulinas, 1993b.
- NEUMANN, E. - **Psicologia Profunda e a Nova Ética**. São Paulo, Paulinas, 1991.
- NEUMANN, E. - **The Great Mother. An Analysis of the Archetype**. 2.ed. Princeton, Princeton Univ. Press, 1974.
- NEUMANN, E. - **The Origins and History of Consciousness**. New York, Pantheon, 1964.

- NICHOLS, S. - Jung e o Tarot. Uma Jornada Arquetípica. São Paulo, Cultrix, 1988.
- PAIVA, V. - AIDS, Convivência. Jornal do Conselho Federal de Psicologia. abr./mai., 1990.
- PAIVA, V. (org). Em Tempos de AIDS. São Paulo, Summus, 1992.
- PEREIRA, M. R. G. - Um espaço para a Individuação: O masculino e o feminino como pontes à unidade. Dissertação de Doutorado, IPUSP, 1990.
- POTAMINOU, A. - Somatization and Dream Work. Psychoanalytic Study of the Child. 1990, v.45, 273-292.
- PRINCE, P. N. ; HOFFMANN, R. F. - Dreams of the Dying Patient: An Exploration of Content. Omega: Journal of Death & Dying, 1991, v.23, n.1 , p.1-11.
- SCHMIDT, M. L. Aconselhamento Psicológico. Questões Introdutórias. IN ROSEMBERG, R. L. (org). Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa. São Paulo, EPU, 1987, p.14-23.
- SONTAG, S. A AIDS e suas metáforas. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- SPIGNESI, A. - Starving Woman: A Psychology of Anorexia Nervosa. Dallas, Spring, 1985.
- TSU, T. M. J. A. Análise de Sonhos de Gestantes: Um estudo sobre Regressão. Dissertação de Mestrado, IPUSP, 1990.
- VASCONCELOS, E. - AIDS: Repercussões Psicossociais. Jornal do CRP-06. São Paulo, nº72, p.6-7, jul/ago, 1991.
- WATER, H. - Vocabulário Fundamental de Psicologia. Lisboa,

Edições 70, 1978.

WHITMONT, E. C. - A Busca do Símbolo. Conceitos Básicos de Psicologia Analítica. São Paulo, Cultrix, 1990.